



## NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária

**AGRARIAN REFORM, FOOD SOVEREIGNTY AND THE MST: SOCIO-ENVIRONMENTAL IMPACTS OF AGROFUELS PRODUCTION IN THE PONTAL DO PARANAPANEMA REGION OF SÃO PAULO STATE, BRAZIL**

Elizabeth Alice Clements

**LUTAS E RESISTÊNCIAS NO CAMPO PARANAENSE E O PROJETO DATALUTA-PR**  
João Edmilson Fabrini, Djoni Roos, Erwin Becker Marques e Leandro Daneluz Gonçalves

**PELO ESPAÇO OU PELO TERRITÓRIO? POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO PARA SE COMPREENDER A TERRITORIALIDADE E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL**

Clayton Ferreira Dal Pozzo

**APORTES METODOLÓGICOS DE LA TEORÍA DEL DESARROLLO TERRITORIAL**

Maximiliano Piedracueva

**O DRAMA DA INSTALAÇÃO DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS NA MESORREGIÃO SUDESTE PARAENSE**

Glauca de Sousa Moreno e Gutemberg Armando Diniz Guerra

**DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, PLANEJAMENTO E PARTICIPAÇÃO**

Patrícia Cartes Patrício e João Carlos Costa Gomes

**MOVIMENTO ÉTNICO-SOCIOTERRITORIAL GUARANI E KAIOWA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: DISPUTAS TERRITORIAIS NAS RETOMADAS PELO TEKOKHA-TEKOKHARÁ**

Juliana Grasiéli Bueno Mota

**DINÂMICA AGRÁRIA E SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NO PANTANAL BRASILEIRO**

Onélia Carmem Rossetto e Eduardo Paulon Girardi

**CONTRADIÇÕES DO PROGRAMA SERGIPANO DE BIODIESEL**

Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque, Roberto Rodrigues de Souza e Maria José Nascimento Soares

**RESENHA: VIVIR BIEN ¿PARADIGMA NO CAPITALISTA?**

Hellen Charlot Cristancho Garrido

Jul./Dez.

# 2012



# **Revista NERA nº. 21**

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera>

**Editores**

**Djoni Roos**

**Eduardo Paulon Girardi**

**Camila Ferracini Origuéla**

**Bernardo Mançano Fernandes**

**NERA**

**Núcleo de Estudos,  
Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária  
Jul.-dez./2012**

# Revista NERA

## Editores Responsáveis

Djoni Roos  
Eduardo Paulon Girardi  
Camila Ferracini Origuéla  
Bernardo Mançano Fernandes

## Coordenação de publicação

Anderson Antônio da Silva	Janaina Francisca de Souza Campos
Carlos Alberto Feliciano	José Sobreiro Filho
Clifford Andrew Welch	Leandro Nieves Ribeiro
Djoni Roos	Rafael de Oliveira Coelho dos Santos
Estevan Leopoldo de Freitas Coca	Rodrigo Simão Camacho
Herivelto Fernandes Rocha	Tiago Egídio Avanço Cubas

## Conselho Científico

Anderson Antônio da Silva – FATEC (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Antonio Thomaz Júnior – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Ariovaldo Umbelino de Oliveira – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
Bernardo Mançano Fernandes – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Carlos Alberto Feliciano – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Ciro de Oliveira Bezerra – UFAL (Maceió, AL, Brasil)  
Clifford Andrew Welch – UNIFESP (São Paulo, SP, Brasil)  
Djoni Roos – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Eduardo Paulon Girardi – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
Emília de Rodat Fernandes Moreira – UFPB (João Pessoa, PB, Brasil)  
Eraldo da Silva Ramos Filho – UFS (Aracaju, SE, Brasil)  
Francilane Eulália de Souza – UEG (Formosa, GO, Brasil);  
Gláucio Marafon – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)  
Hervé Théry – USP (São Paulo, SP, Brasil) e CNRS (França)  
Isaías Tobasura Acuña – Universidad de Caldas (Manizales, Caldas, Colômbia)  
Janaina Francisca de Souza Campos – UNESP (Presidente Prudente, SP, Brasil)  
João Edmilson Fabrini – UNIOESTE (Mal. Cândido Rondon, PR, Brasil)  
João Cleps Júnior – UFU (Uberlândia, MG, Brasil)  
João Rua – UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)  
José Antonio Segrelles Serrano – Universidad de Alicante (Alicante, Espanha)  
Julio Cesar Suzuki – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
Luis Daniel Hocsmán - Universidad Nacional de Córdoba (Córdoba, Argentina)  
Matuzalem Bezerra Cavalcante – INEC (Rio Branco, AC, Brasil)  
Marta Inez Medeiros Marques – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
Neli Aparecida de Mello – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
Nelson Rodrigo Pedon – UNESP (Ourinhos, SP, Brasil)  
Noemia Ramos Vieira – UNESP (Marília, SP, Brasil)  
Paulo Roberto Alentejano – UERJ (São Gonçalo, RJ, Brasil)  
Rosa Maria Vieira Medeiros – UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil)  
Rosemeire Aparecida de Almeida – UFMS (Três Lagoas, MS, Brasil)  
Sam Moyo – African Institute for Agrarian Studies (Harare, Zimbábue)  
Sílvio Simione da Silva – UFAC (Rio Branco, AC, Brasil)  
Valéria de Marcos – USP (São Paulo, SP, Brasil)  
Víctor Martín Martín – Universidad de La Laguna (Espanha)  
Wilder Robles – University of Manitoba (Winnipeg, Canadá)

## Endereço

Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional, 19.060-900, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil  
FCT/UNESP – Bloco Docente I – Sala 19  
Fone: (18) 3229-5388 – Ramal: 5552

Site: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera> - e-mail: [revistanera@fct.unesp.br](mailto:revistanera@fct.unesp.br)

## Distribuída por



## Indexada por



## Ficha Catalográfica

Revista NERA. A.1, n. 1, 1998. Presidente Prudente: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – FCT/UNESP.

1998 – ano 1, nº. 1, nº. 2  
1999 – interrompida  
2000 – ano 3, nº. 3  
2001 – interrompida  
2002 – interrompida  
2003 – interrompida  
2004 – ano 7, nº. 4  
2004 – ano 7, nº. 5  
2005 – ano 8, nº. 6  
2005 – ano 8, nº. 7  
2006 – ano 9, nº. 8  
2006 – ano 9, nº. 9  
2007 – ano 10, nº. 10  
2007 – ano 10, nº. 11

2008 – ano 11, nº. 12  
2008 – ano 11, nº. 13  
2009 – ano 12, nº. 14  
2009 – ano 12, nº. 15  
2010 – ano 13, nº. 16  
2010 – ano 13, nº. 17  
2011 – ano 14, nº. 18  
2011 – ano 14, nº. 19  
2012 – ano 15, nº. 20  
2012 – ano 15, Edição Especial  
2012 – ano 15, nº. 21  
Semestral  
ISSN 1806-6755

# Sumário

---

## **APRESENTAÇÃO**

06

PRESENTACIÓN

PRESENTATION

**Djoni Roos**

---

## **AGRARIAN REFORM, FOOD SOVEREIGNTY AND THE MST: SOCIO-ENVIRONMENTAL IMPACTS OF AGROFUELS PRODUCTION IN THE PONTAL DO PARANAPANEMA REGION OF SÃO PAULO STATE, BRAZIL**

08

REFORMA AGRÁRIA, SOBERANIA ALIMENTAR E O MST: IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DA PRODUÇÃO DE AGROCUMBUSTÍVEIS NO PONTAL DO PARANAPANEMA REGIÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL

REFORMA AGRARIA, SOBERANÍA ALIMENTARIA Y EL MST: IMPACTOS SOCIOAMBIENTALES DE LA PRODUCCIÓN DE AGROCOMBUSTIBLES EN LA REGIÓN DE PONTAL DO PARANAPANEMA EN EL ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL

**Elizabeth Alice Clements**

---

## **LUTAS E RESISTÊNCIAS NO CAMPO PARANAENSE E O PROJETO DATALUTA-PR**

33

LUCHAS Y RESISTENCIAS EN EL CAMPO PARANAENSE Y EL PROYECTO DATALUTA-PR

STRUGGLES AND RESISTANCE IN CONTRYSIDE PARANAENSE AND THE PROJECT DATALUTA-PR

**João Edmilson Fabrini, Djoni Roos, Erwin Becker Marques e Leandro Daneluz Gonçalves**

---

## **PELO ESPAÇO OU PELO TERRITÓRIO? POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO PARA SE COMPREENDER A TERRITORIALIDADE E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL**

50

¿POR EL ESPACIO O POR EL TERRITORIO? POSIBILIDAD DE ARTICULACIÓN PARA COMPRENDER LA TERRITORIALIDAD Y LA FRAGMENTACIÓN SOCIO-ESPACIAL

FOR SPACE OR FOR TERRITORY? POSSIBILITY OF ARTICULATION TO UNDERSTAND THE TERRITORIALITY AN A SOCIO-SPATIAL FRAGMENTATION

**Clayton Ferreira Dal Pozzo**

---

- 69** **APORTES METODOLÓGICOS DE LA TEORÍA DEL DESARROLLO TERRITORIAL**  
CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS DA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO  
TERRITORIAL  
METHODOLOGICAL CONTRIBUTIONS OF TERRITORIAL DEVELOPMENT THEORY

**Maximiliano Piedracueva**

---

- 79** **O DRAMA DA INSTALAÇÃO DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS NA MESORREGIÃO  
SUDESTE PARAENSE**  
EL DRAMA DE LA INSTALACIÓN DE FAMILIAS DE AGRICULTORES EN LA RÉGION  
SUDESTE DE PARÁ.  
THE DRAMA OF THE INSTALLATION OF FARMING FAMILIES IN SOUTHEAST  
MESOREGION OF PARÁ

**Glauca de Sousa Moreno e Gutemberg Armando Diniz  
Guerra**

---

- 100** **DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, PLANEJAMENTO E  
PARTICIPAÇÃO**  
DESARROLLO RURAL SOSTENIBLE, PLANIFICACIÓN Y PARTICIPACIÓN  
SUSTAINABLE RURAL DEVELOPMENT, PLANNING AND PARTICIPATION

**Patrícia Cartes Patrício e João Carlos Costa Gomes**

---

- 114** **MOVIMENTO ÉTNICO-SOCIOTERRITORIAL GUARANI E KAIOWA NO ESTADO DO  
MATO GROSSO DO SUL: DISPUTAS TERRITORIAIS NAS RETOMADAS PELO  
TEKOHA-TEKOHARÃ**  
MOVIMIENTO ÉTNICO-SOCIOTERRITORIAL GUARANI Y KAIOWA EN EL ESTADO  
DE MATO GROSSO DO SUL: DISPUTAS TERRITORIALES EN LOS  
CAMPAMENTOS DE RETOMAS TEKHOHA-TEKOHARÃ

MOVEMENT ETHNIC SOCIO-TERRITORIAL GUARANI AND KAIOWA IN THE  
STATE OF MATO GROSSO DO SUL: TAKEN OVER BY THE TERRITORIAL  
DISPUTE TEKHOHA-TEKOHARÃ

**Juliana Grasiéli Bueno Mota**

---

- 135** **DINÂMICA AGRÁRIA E SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NO PANTANAL  
BRASILEIRO**  
DINÂMICA AGRARIA E SUSTENTABILIDAD SOCIOAMBIENTAL EN EL PANTANAL  
BRASILEÑO  
DYNAMIQUE AGRAIRE ET DURABILITE SOCIO-ENVIRONNEMENTALE DANS LE  
PANTANAL BRESILIEN

**Onélia Carmem Rossetto e Eduardo Paulon Girardi**

---

**CONTRADIÇÕES DO PROGRAMA SERGIPANO DE BODIESEL**

CONTRADICCIONES DEL PROGRAMA DE BODIESEL SERGIPE

**162** CONTRADICTIONS OF SERGIPE BODIESEL PROGRAM

**Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque Omena, Roberto Rodrigues de Souza e Maria José Nascimento Soares**

---

**RESENHA: VIVIR BIEN ¿PARADIGMA NO CAPITALISTA?**

**173** VIVER BEM: PARADIGMA NÃO CAPITALISTA?

LIVING WELL: NON CAPITALIST PARADIGM?

**Hellen Charlot Cristancho Garrido**

---

**COMPÊNDIO EDIÇÕES**

**181** COMPENDIO EDICIONES

COMPENDIUM EDITIONS

---

**COMPÊNDIO AUTORES**

**192** COMPENDIO AUTORES

COMPENDIUM AUTHORS

## APRESENTAÇÃO

O número 21 da Revista NERA, traz um conjunto de artigos que contribuem com o desafio de promover o debate crítico sobre temas relevantes à compreensão da questão agrária. Os nove artigos e a resenha que compõem este número, recobrem questões teóricas relacionadas ao conceito de território e espaço, desenvolvimento territorial e rural, soberania alimentar, questão agrária, reforma agrária, sustentabilidade socioambiental, agrocombustíveis, resistências camponesas e as lutas dos povos Guarani e Kaiowa. Os textos evidenciam, sobretudo, a conflitualidade e as disputas territoriais expressas no campo brasileiro e mundial. A partir desse panorama convidamos os leitores a explorarem os artigos publicados.

Elizabeth Alice Clements abre este número com o texto: “Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil”, no qual analisa os impactos socioambientais da indústria sucroalcooleira no Pontal do Paranapanema. A expansão da cana-de-açúcar, as alterações na paisagem rural, a degradação ambiental e os obstáculos ao desenvolvimento da reforma agrária decorrentes da política brasileira de benefícios às indústrias de agrocombustíveis são pontos discutidos pela autora. Por fim, o texto pontua que os vantajosos lucros das corporações dos agrocombustíveis no Pontal do Paranapanema e no Brasil, têm se realizado à custa do meio ambiente e dos membros pobres e marginalizados da sociedade.

A espacialização e territorialização das lutas camponesas no estado do Paraná são analisadas por João Edmilson Fabrini, Djoni Roos, Erwin Becker Marques e Leandro Daneluz Gonçalves no artigo “Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta/PR”. A partir de informações e dados coletados pelo Dataluta Paraná os autores exploraram as variadas formas em que se manifestam as lutas camponesas no estado, identificando os encontros pela posse da terra, preservação do ambiente e da biodiversidade, crédito agrícola, contra a construção de barragens e as disputas territoriais com o agronegócio como as mais frequentes. Como exemplar das disputas territoriais travadas entre campesinato e agronegócio no Paraná o texto enfatiza a ocupação da Estação Experimental da Syngenta Seeds em Santa Tereza do Oeste pelos integrantes da Via Campesina.

“Pelo espaço ou pelo território? possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial” é o artigo em que, Clayton Ferreira Dal Pozzo visa, a partir de uma leitura abrangente da geografia, verificar como os conceitos de espaço e território se articulam e se solidarizam ante a avaliação da realidade em sua transversalidade e multiescalaridade. O autor enfatiza que dessa ótica, os deslocamentos constantes de centralidade entre ambos e a supressão de um sobre o outro são reavaliados a partir de uma leitura integrada do território e do espaço. O texto sinaliza ainda que este recurso metodológico pode ajudar a fomentar lutas objetivando a superação das desigualdades socioespaciais.

Maximiliano Piedracueva em seu artigo “Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial”, aborda a problemática do enfoque territorial nos estudos sociais que possuem como objeto o meio rural ou a ruralidade. Segundo o autor, a ênfase reside na conceituação do território a partir de um enfoque teórico e metodológico. Ao analisar três trabalhos da academia uruguaia de diferentes áreas e distintas abordagens e confronta-las com a perspectiva de território trabalhada pelo geógrafo Bernardo Mançano Fernandes, o autor conclui que, a visão de território desenvolvida por este último traz elementos metodológicos substanciais que nutrem as visões e propostas trabalhadas no Uruguai

“O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense” é o artigo no qual Glaucia de Sousa Moreno e Gutemberg Armando Diniz Guerra apresentam uma análise das condições enfrentadas por 16 famílias camponesas para serem assentadas da reforma agrária na mesorregião sudeste paraense. Através das narrativas dos assentados os autores remontam a história vivenciada por estes camponeses durante o

processo de conquista e resistência na terra para revelar os elementos que permitiram a persistência das famílias durante o período de ocupação e acampamento.

Desenvolvimento rural sustentável na perspectiva da construção de um processo de planejamento participativo é a temática discutida por Patrícia Cartes Patrício e João Carlos Costa Gomes no artigo: “Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação”. Para os autores, os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos Rurais, em sua maioria, se afastam das propostas iniciais tendo como justificativa a necessidade de ação em uma realidade específica. O motivo elucidado no texto para tal distanciamento é o fato dos planos serem elaborados sem a devida participação dos agricultores assentados, resultando num plano carente de apropriação e distante de um efetivo processo de Desenvolvimento Rural Sustentável.

As disputas territoriais dos povos Guarani e Kaiowa frente ao agronegócio no estado do Mato Grosso do Sul é a temática abordada por Juliana Grasiéli Bueno Mota em seu artigo “Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado do Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekoharã”. A autora visa compreender os Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul na luta pela retomada de seus territórios tradicionalmente ocupados, *Tekoha-Tekoharã*, entendendo-os enquanto sujeitos de um movimento étnico-socioterritorial. O texto traz apontamentos das lutas Guarani e Kaiowa frente ao avanço da territorialização do agronegócio sucroalcooleiro, compreendendo os *Tekoharã*, “acampamentos” de retomadas e as grandes assembleias, *Aty Guasu*, enquanto territórios de resistência. O entendimento do espaço-tempo dos modos de vida Guarani e Kaiowa nos preceitos do *Teko Porã* e/ou *Nande Reko* (Bem Viver) também é uma preocupação da autora explícita no artigo.

Onélia Carmem Rossetto e Eduardo Paulon Girardi com o artigo “Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro” apresentam interessante análise da dinâmica agrária do Pantanal brasileiro com foco na porção mato-grossense. A abordagem tem como referência a sustentabilidade socioambiental, considerada pelos autores, como importante arcabouço teórico-metodológico em vista da constituição rural e do ecossistema frágil e particular do Pantanal, cujas terras vêm apresentando sinais de intensificação da antropização pela pecuária, atividade econômica dominante na região.

No artigo “Contradições do programa sergipano de biodiesel”, Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque Omena, Roberto Rodrigues de Souza e Maria José Nascimento Soares apresentam uma reflexão a cerca das contradições que envolvem o Programa Nacional para Produção e Uso do Biodiesel que se refletem no conjunto dos estados brasileiros por meio dos programas implantados com o mesmo objetivo, a exemplo do programa sergipano de biodiesel. Os autores salientam que as incoerências que circundam os programas envolvem diversos aspectos, mas a base é o modelo de políticas públicas rurais adotadas no país, que desarticuladas e desvinculadas do contexto, desconsideram a questão agrária.

Por fim, Hellen Charlot Cristancho Garrido apresenta a resenha do livro: “Vivir bien ¿paradigma no capitalista?”. A autora pontua que o livro mostra um panorama sobre o “El Vivir Bien” ou “Buen Vivir” que, cujo conteúdo, reivindica outras formas de ser e estar no mundo e fundamenta as lutas das comunidades camponesas e indígenas da América Latina. A autora salienta ainda que o “Vivir Bien” está sendo visualizado por intelectuais e políticos como alternativa para a construção de outro mundo possível frente às devastadoras consequências do desenvolvimento capitalista.

Esperamos que os artigos suscitem discussões e desde já os convidamos para submetê-las à Revista NERA. Aos autores deste número deixamos nosso agradecimento e o convite para publicação de novos resultados de suas pesquisas. Estendemos os agradecimentos e o convite para a publicação a todos os membros da comissão científica da revista NERA. Desejamos avançar na compreensão da questão agrária e, para tanto, o debate é fundamental.

A todos, boa leitura!

**Djoni Roos**  
Editor



# **Agrarian reform, food sovereignty and the MST: socio-environmental impacts of agrofuels production in the Pontal do Paranapanema region of São Paulo state, Brazil**

**Elizabeth Alice Clements**

Undergraduate in Global Studies at Vancouver Island University, BC, Canada  
Graduate Student in Geography at Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus  
Presidente Prudente.  
e-mail: liz.clements87@gmail.com

## **Abstract**

In Brazil, the expansion of sugarcane for ethanol production has fundamentally altered the rural landscape and represents a significant change in the trajectory of the country's rural development and agrarian reform policies. Current policies are highly skewed in favour of agrofuel industries and are denying landless rural workers and peasant families, like those of Brazil's Landless Workers Movement (MST), access to land. In addition to the heavy social costs, the agrofuel industry threatens the environment by polluting the air, water and land. This paper elucidates the socio-environmental impacts of the burgeoning sugarcane-ethanol industry in the Pontal do Paranapanema, a region in the extreme west of the São Paulo state with a long history of land-related conflicts. While corporations reap astronomical profits from the agrofuel industry, the costs of agrofuel expansion in the Pontal do Paranapanema and in Brazil have been disproportionately borne by the environment and the most impoverished and marginalized members of society.

**Keywords:** MST, Pontal do Paranapanema, agrarian reform, sugarcane, ethanol, agribusiness.

## **Resumo**

### **Reforma agrária, soberania alimentar e o MST: impactos socioambientais da produção de agrocombustíveis no Pontal do Paranapanema região do estado de São Paulo, Brasil**

No Brasil, a expansão da cana-de-açúcar para produção de etanol tem alterado profundamente a paisagem rural e representa uma significativa mudança na trajetória de desenvolvimento rural e políticas de reforma agrária para o país. As políticas atuais são altamente enviesadas em favor das indústrias de agrocombustíveis e estão negando aos trabalhadores rurais sem terra e as famílias camponesas, como as do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil (MST), o acesso à terra. Além dos pesados custos sociais, a indústria dos agrocombustíveis ameaça o meio ambiente com a poluição do ar, água e terra. Este artigo elucida os impactos sócio-ambientais da emergente indústria da cana-etanol no Pontal do Paranapanema, uma região no extremo oeste do estado de São Paulo com uma longa história de conflitos relacionados à terra. Enquanto as corporações colhem lucros astronômicos com a indústria dos agrocombustíveis, os custos da expansão dos agrocombustíveis na região do Pontal do Paranapanema e no Brasil têm sido desproporcionalmente suportados pelo meio ambiente e pelos membros mais pobres e marginalizados da sociedade.

**Palavras-chave:** MST, Pontal do Paranapanema, reforma agrária, etanol, cana de açúcar, agronegócio.

## Resumen

### Reforma agraria, soberanía alimentaria y el MST: impactos socioambientales de la producción de agrocombustibles en la región de Pontal do Paranapanema en el estado de São Paulo, Brasil

En el Brasil, la expansión de la caña de azúcar para la producción de etanol ha alterado profundamente el espacio rural y representa un cambio significativo en la trayectoria del desarrollo rural y las políticas de reforma agraria del país. Las políticas actuales están altamente sesgadas a favor de las industrias de agrocombustibles y están negando a los trabajadores rurales sin tierra y a las familias campesinas, como los del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST), el acceso a la tierra. Además de los grandes costos sociales, la industria de los agrocombustibles amenaza el medio ambiente con la contaminación del aire, el agua y la tierra. Este artículo expone algunos de los impactos socioambientales de la emergente industria de la caña-etanol en el Pontal do Paranapanema, una región localizada al extremo oeste del Estado de Sao Paulo, con una larga historia de conflictos relacionados con la tierra. Mientras las corporaciones cosechan lucros astronómicos con la industria de los agrocombustibles, los costos de la expansión de los agrocombustibles en la región del Pontal do Paranapanema y en el Brasil han sido desproporcionalmente soportados por el medio ambiente y por los miembros más pobres y marginados de la sociedad.

**Palabras-clave:** MST, Pontal do Paranapanema, reforma agraria, etanol, caña de azúcar, agroindustria.

## Introduction

In light of extreme increases in the price of oil in recent years and the commodity's inherent non-renewable nature, as well as the worldwide attempt to reduce carbon dioxide emissions and the greenhouse gas effect, agrofuels have become a topic of national and international attention. In Brazil, the growing international search for renewable energy and “green” solutions to global climate change has manifested itself in the transformation of one of the country's founding industries—sugarcane—into the primary source for the production of ethanol. Today, Brazil is second only to the United States as the largest producer of ethanol in the world<sup>1</sup>, producing 22.76 billion litres in 2011/2012 (CONAB, 2012), or almost 27% of the world's total – 84.5 billion litres (GRFA, 2012). 8.35 million hectares of the country's total arable land (estimated to be around 347 million hectares)<sup>2</sup> are currently planted with sugarcane (CONAB, 2012)<sup>3</sup> and there are expectations for the total planted area to expand to around 14 million hectares by 2020 (UNICA, 2008).

Wherever sugarcane can profitably be grown, the rapid expansion of sugarcane cultivation for ethanol production has fundamentally altered the rural landscape and changed the trajectory of the country's rural development and agrarian reform policies. Yet as the world's political and agro-industrial leaders hail the benefits of agrofuel as an answer to global reliance on non-renewable fossil fuels, the social, political and environmental costs of

<sup>1</sup> In 2006 the USA surpassed Brazil as the world's largest ethanol producer, producing over 18 billion litres. However, the primary feed-crop for ethanol in the USA is corn—Brazil is the largest producer of sugarcane ethanol in the world (UNEP, 2009).

<sup>2</sup> Unica and Conab (2008), published in *O Estado de S. Paulo*. Retrieved from: NEVES, Marcos Fava, CONEJERO, Marcos Antonio. In: *Estratégias para a Cana no Brasil*, 2009.

<sup>3</sup> Figures on the amount of land used to grow sugarcane in Brazil vary depending on the source. According to data from Brazil's Institute of Geography and Statistics (IBGE) the area planted with sugarcane in Brazil in 2011 was 9.6 million hectares (IBGE/SIDRA, 2012).

large-scale agrofuel production remain conspicuously absent from national and international public discourse.

The socio-environmental effects of the expansion of sugarcane for ethanol production are particularly evident in the Pontal do Paranapanema, a region in the extreme west of the São Paulo state with a long history of land-related conflicts. The rapid territorialization of sugarcane in the Pontal do Paranapanema over the last decade has added a new dimension to the agrarian question in the region, fundamentally altering the forms of production and involvement of both agribusiness and peasants in the regional political economy. Moreover, the rapid annexation of lands by sugarcane monoculture has escalated long-standing territorial disputes among the owners of large estates, agribusiness, and peasant movements active in the region – most notably, the MST, *o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, Brazil's largest and most successful agrarian reform movement.

In Brazil, growing global and national demand for agrofuel presents new opportunities and challenges. On one hand, the increased demand offers an opportunity for the country to amass incalculable national wealth and further expand its burgeoning economy. An analysis of the expansion of sugarcane production in the Pontal do Paranapanema on the other hand, shows how the increasing territorialization of sugarcane monoculture and, ultimately, the national and multinational agribusinesses that promote them, have a negative impact on the environment, poverty reduction, sustainable rural development, and the implementation of a socially just agrarian reform policy. Agribusiness expansion and increased production of sugarcane and ethanol in the Pontal do Paranapanema, as with the rest of Brazil, serves only to further concentrate control of land and thus economic and political power (FELÍCIO, 2009). This at the expense of the agrarian reform movement and the livelihoods of small-scale farmers and the more sustainable small-scale agriculture, sometimes called *agroecology*, making it more difficult to achieve local and national food sovereignty.

## The agrarian question in Brazil: historical evolution and recent changes

Historically, “the basic assumption of many rural development programs—that the ‘rural poor’ are ‘small farmers’—neglects the widespread and growing fact that the poorest of the poor are often landless” (RAMISCH, 2009, p. 330). Brazil, a country of nearly 200 million people, is one of the top ten industrial economies in the world and is a significant global producer of several agricultural products such as soybeans, sugar, corn, coffee, cotton and cocoa, poultry products, and orange concentrates. However, Brazil is also a country where more than 5 million families, many of whom were once small farmers and rural workers, are currently landless (WITTMAN, 2005) and where the gap between the rich and the poor is among the world's largest<sup>4</sup>. Behind the media headlines heralding the country's phenomenal economic growth, agricultural output, agrofuel producing capacity and GDP lays a long history deeply marked by colonial exploitation, rural oppression, dispossession and disenfranchisement, and an extremely inequitable and increasingly concentrated system of land ownership (WELCH, 2007). In Brazil, concentration of land ownership is among the highest in the world with between 35 and 45 percent of the land resting in the hands of just 1 percent of the population (CARDOSO, 2006)—much of it owned in relatively few large estates, known as *latifúndios*, which have historically left large tracts unproductive. In 2003, for example, some 85 percent of farms occupied just 20 percent of agricultural lands, while just 1.7 percent of farms (large landholdings over 1000 hectares) occupied close to 44 percent (WITTMAN, 2005). Today, just 1.5 percent of all rural land owners (over 1000 hectares) effectively occupy 52.6 percent of all agricultural lands (DATALUTA, 2012A).

<sup>4</sup> Of the 136 countries ranked by the CIA's *World Factbook*, Brazil has the 16th most inequitable distribution of family income, with a 2012 Gini index of 51.9. Retrieved from: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2172rank.html> [Accessed 10 November, 2012].

This grossly concentrated land structure has been a “foundation for the growth of stark inequalities in income, social status, education, health care, social services, participation in community affairs and access to the courts” (WOLFORD; WRIGHT 2003, p. xv). According to data of the International Fund for Agricultural Development (IFAD), about 35 per cent of the Brazilian population lives in conditions of extreme misery, subsisting on less than two dollars a day. The IFAD further reveals that in Brazil’s rural areas poverty affects over half of the population. Considering that approximately 19 per cent of all Brazilians—some 36 million people—live in rural areas, this means that about 18 million rural people live in abject poverty (IFAD, 2012).

Brazil is a country well endowed with rich agricultural lands and has the geographic capacity to address the structural inequality that reduces much of its population to a life of poverty and misery by redistributing some of these lands. In 2008, it was estimated that of the 347 million hectares of cultivatable land in Brazil, only 292 million hectares were classified as being utilized—211 million hectares for pasture lands and 71 million hectares for crops—leaving 55 million hectares idle.<sup>5</sup> However, rather than rectifying the country’s “extreme inequality of land tenure,” recognized as being “[o]ne of the main causes of poverty” (IFAD, 2012), consecutive governments, including the former administration of Luiz Inacio ‘Lula’ da Silva, have tended to favour only more of the bitter neo-liberal medicine and capitalist solutions to solve the very problems that capitalist and neo-liberal policies have themselves caused (OLIVIEIRA, 2006; 2010).

Since the final years of the military dictatorship in the 1980s the agrarian question became a major issue in Brazil, largely due to increasing mobilization and organization of peasant movements, like the MST. An agrarian reform movement that formed officially in 1984 in the southern Brazilian state of Paraná, the MST in 2010 had a membership of over 1.5 million and a presence in 23 of Brazil’s 27 states.<sup>6</sup> Frustrated by a political economy that has historically excluded the majority, along with neo-liberal and state-led rural development projects that have ignored the real needs of small farmers, rural workers and the landless, members of the movement decided to reclaim their right to have a place in the countryside by carrying out occupations of the country’s idle land. These occupations are the primary means of access to land for the landless in Brazil; they also manifest dramatic protests against the brutal social and economic inequality that characterizes much of the country’s political economy (FERNANDES, 2001).

The MST’s claims to lands occupied are legitimized by Article 186 of the Brazilian Constitution of 1988, which stipulates that all land, private property included, must serve a “social function”. According to Article 186:

A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

- I - aproveitamento racional e adequado;
- II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;
- III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho;
- IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores.

Thus, if land is left idle or unproductive, and if environmental degradation or poor labour relations by its current owners can be proven, then others can make a competing claim to the land by invoking this constitutional clause. The public nature of the land occupations, including the physical presence of landless encampments along highway right of ways, has succeeded in placing pressure on the government to fulfill its constitutional

<sup>5</sup> Unica and Conab (2008), published in *O Estado de S. Paulo*. Retrieved from: NEVES, Marcos Fava, CONEJERO, Marcos Antonio. In: *Estratégias para a Cana no Brasil*, 2009.

<sup>6</sup> Data retrieved from: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br) [Accessed 7 July, 2010].

obligation, and its promises of various administrations, to carry out long anticipated redistributive agrarian reform in the country.

Until recently, the MST has had little problem identifying unproductive and under-productive land that does not meet its “social” requirement as stipulated in the constitution. As such, the majority of MST occupations have traditionally taken place on unproductive *terras devolutas* (public lands), much of which has remained under the control of *latifundiários* (large land holders) and has not been processed for redistribution. Over the last decade, however, as economic globalization has increasingly allowed for the consolidation of multinational agribusinesses—such as Amyris, Monsanto, Syngenta, DuPont, Louis Dreyfus and Cargill—on Brazilian soil, the MST has been forced to adapt its strategies. Multinational agribusinesses have been eager to buy up the unproductive lands of the *latifúndios* with the goal of producing agricultural commodities for the global food industry. More recently, the agrofuel boom has sparked even more interest in Brazil’s fertile agricultural soils, provoking an influx of foreign direct investment (FDI) in the country’s profitable and fully competent sugarcane-ethanol industries. There has been a flurry of mergers and acquisitions among national and international firms in the energy, agriculture, biotechnology and chemical sectors, and today foreign corporations and capital control about 22 percent of Brazilian sugarcane and ethanol companies (GEIVER; JESSEN, 2010). Given the changing geopolitics of agricultural landownership and investment in Brazil, the land occupations of the MST today take place on both unproductive *latifúndio* lands and productive agricultural lands owned or occupied by foreign multinationals or their Brazilian partners and subsidiaries.

According to the 2012 report from the National Data Bank of the Struggle for Land (DATALUTA) over 8,536 land occupations were carried out between 1988 and 2011 involving the participation of 1,198,513 families. This number suggests that more than 5 million people participated as Brazilian families are said to include 5 people each. As a partial result of this mobilization, the landless movement helped win farms for more than 1,000,000 families in 8,951 agrarian reform settlements located all across the country (DATALUTA, 2012A). However, despite its success in acquiring land for millions of people, over 96,000 encamped families across the country still currently await government recognition (ORIGUÉLA, 2010) and data from the 2006 Agricultural Census of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) shows that the concentration of land ownership in Brazil has only continued to increase over the last 20 years (IBGE, 2006; HOFFMANN; NEY, 2010)<sup>7</sup>.

According to many analysts, fundamental changes to the historical land tenure system and current land use practices are essential to the equitable and just economic and social development of the country (FERNANDES, 1994; OLIVEIRA, 2001; BRADFORD; ROCHA, 2002; MST, 2010A). In a 2003 article that he wrote for the *Guardian*, then president ‘Lula’, asserted “agrarian reform is...fundamental if the Brazilian economy is to be rebuilt. And it will play a crucial role in making the country fully democratic.” However, due to the neo-liberal leanings of the former “Lula” administration, redistributive agrarian reform was subordinated to profit-taking. Moreover, the decision of the Lula government “não fazer a reforma agrária por meio da desapropriação, e sim, principalmente, por meio da regularização fundiária, gerou um problema para os movimentos camponeses que mais atuam nas ocupações de terra”—like the MST (FERNANDES, 2008, p. 81). As candidate, Lula had long supported radical agrarian reform. As president, however, his position shifted with his policies as pressures to pay down Brazil’s foreign debt, payback agribusiness supporters and consolidate Brazil’s energy independence through the expansion and intensification of the country’s ethanol industry led his administration to co-opt the social movements and design agrarian reform strategies that defused conflict such as the formal recognition of existing small farms. As a further consequence of Lula’s alliance with large national and transnational agribusinesses vast unproductive *latifúndio* lands—primarily pasture lands in the South-Central states of Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, and

<sup>7</sup> Brazil exhibits a Gini index of land concentration of 0.856 in 2006 (HOFFMANN; NEY, 2010).

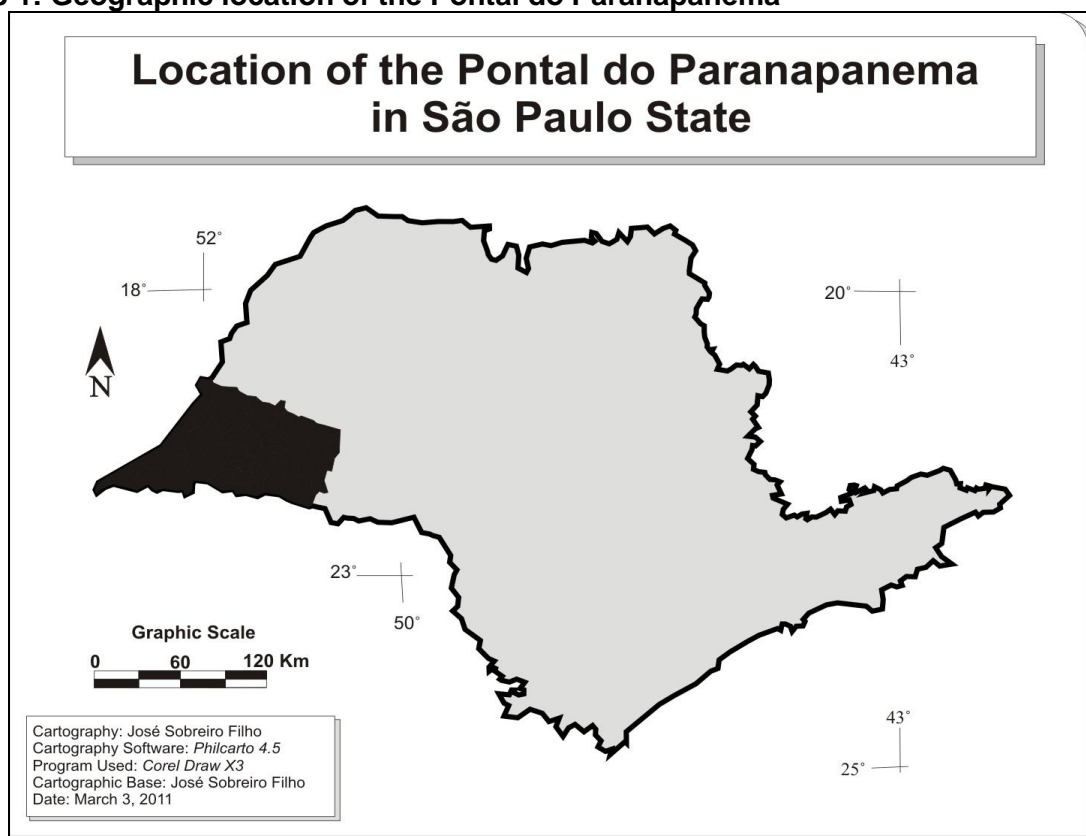
São Paulo—were transformed into large-scale monoculture of sugarcane for ethanol production, putting them out of reach of agrarian reform law.

### The agrarian question in the Pontal do Paranapanema: a history of “grilagem”

The Pontal do Paranapanema is a region situated in the extreme southwest of the São Paulo state where vast tracts of pastureland are being rapidly transformed into sugarcane monoculture (see Map 1). As a result of both the historical process of illegal occupation of the region’s lands and the recent rapid expansion of sugarcane in the region, the Pontal do Paranapanema has been one of the areas of greatest land conflict in Brazil.

Nestled between the state of Paraná to the south and Mato Grosso do Sul to the west, the region represents “one of the most outrageous examples of land fraud” (WOLFORD; WRIGHT, 2003, p. 301) in the history of São Paulo state—a process that began in earnest in the late-nineteenth century when the region began to be colonized. By all accounts the occupation of the region was characterized by exploratory and predatory land-grabs executed by pioneers and politically well-connected financiers with little regard for law, existing communities of indigenous inhabitants, or the environment (LEITE, 1998; SILVA; FERNANDES; VALANCIO, 2006; LEONIDIO, 2009). In order to understand the agrarian question in the Pontal and the current transformation of social, economic, political, territorial, and environmental realities in Brazil, it is useful to review the historical processes contributing to the land conflicts that mar the region today.

**Map 1: Geographic location of the Pontal do Paranapanema**



According to geographer José Ferreira Leite (1998), whose work is fundamental to analyzing the Pontal, the colonization of the region resulted from a particularly intense and protracted process of *grilagem*. The term *grilagem* “refers to the fraudulent appropriation of public or leaseholder lands” (MENDONÇA, 2009A, p. 68) through the falsification of land title documents and fabrication of illegal property registers. This process often occurred “with the

tacit collusion” of corrupt regional judiciaries (MENDONÇA, 2009A, p. 68), along with many prominent politicians and bureaucrats (LEITE, 1998). Through *grilagem* several high-ranking individuals reinforced their dominance as *fazendeiros*, *latifundiários*, or other types of land barons, concentrating in their hands not only territorial dominion but enormous economic and political power (FERNANDES, 1994; MENDONÇA, 2009A). “As a result of the historical linkages between [*grilagem*,] land concentration, and economic transformation in which workers were excluded from land access as a means to control labour” (WITTMAN, 2005, p. 97), a large portion of the region’s rural population has been dispossessed from its lands, subjected to a life of poverty and misery, and subordinated to the financial and political will of the *grileiros*.

The process of deconstructing and reconfiguring the region’s highly concentrated land ownership began in the 1980s when mobilization among social movements surged in the region. Most notable among these movements was the MST, which became the most active. In June, 1990 the MST carried out their first big occupation in the Pontal do Paranapanema municipality of Teodoro Sampaio, “iniciando o processo de territorialização de luta pela terra na região, causando um significativo impacto sócio-territorial” (FERNANDES; RAMALHO 2001, p. 241). Since 1985, more than 100 rural settlements have been created in the region with 6,257 families living on an area of 143,803 hectares (DATALUTA, 2012B). These agrarian reform settlements represent about 56% of the total number of settlements in the entire state of São Paulo, making the Pontal one of the regions in Brazil with the highest concentration of land settlements (FREITAS; SPAROVEK, 2008).

In the Pontal do Paranapanema the livelihoods of many rural families depend on the sale of milk produced from their small herd of dairy-cattle. About 11,358 litres of milk are produced by the settlements in Teodoro Sampaio each day. Regional dairy-processing plants buy the majority of the milk and the sales of milk and other produce by the settlers generate an average monetary income of about 622 reais per month. Dairy farming is the primary means of generating a stable income for settlers (SILVA, 2008). However, milk production represents only one facet of the agricultural activity that occurs on the settlements. Swine, poultry, eggs, and beef are also often produced and animal husbandry is combined with the production of several basic agricultural crops such as *mandioca*, sugarcane, cotton, maize, beans, coffee, pineapple, banana, castor bean, pumpkin and *acerola*.

The largest number of agrarian reform settlements are located in the municipalities of Mirante do Paranapanema with 1,625 families in 33 settlements and Teodoro Sampaio, with 21 settlements comprised of 865 families (DATALUTA, 2012B). In both municipalities the agrarian land settlements have not only entrenched new realities in the struggle for land, but improved the livelihoods of a large number of the settled families. They have also contributed significantly to the social and economic development of the towns in which they are situated, proving the value and importance of redistributive agrarian land reform to social equality and local food security in Brazil (RAMALHO, 2001; LEAL, 2003; SILVA, 2008). Insecurity has erupted in the region, however, with the explosion of agrofuel activity over the course of the past decade.

### **Agribusiness expansion in the Pontal**

The agrarian question in the Pontal calls for the *terras griladas* (fraudulently appropriated lands) to be returned to the State as *terras devolutas* (public lands). As of the year 2002, 1,200,000 hectares of agricultural land in the Pontal had been legally transferred to the government or were determined by the State to be *terras devolutas* (Global Exchange, 2002). The government, however, rather than fulfilling its obligation to distribute this land to landless families camped in the region, has chosen to withhold most of it for other purposes. Indeed, much of the conflict that continues between social movements like the MST and the *latifundiários* in the region can be linked to a single cause: “a lack of will and the avoidance of responsibility by the state government” (GLOBAL EXCHANGE, 2002, n/p).

The state has had the will, however, to support the expansion of sugarcane in the region. Instead of advancing a land reform agenda on the Pontal's *terras griladas*, the government has encouraged the spread of sugarcane plantations and the construction of sugar and ethanol processing plants (*usinas*). Taking advantage of the sugarcane frenzy that now characterizes the region, *latifúndio* owners with dubious land titles are more than happy to sell or lease large tracts of their land to the agribusinesses that have flocked to the region. These agribusinesses have the capital and the technology necessary to turn the region's vast tracts of unproductive or "degraded" pastureland into productive sugarcane monoculture. The claim of agribusiness to productivity is pushing out the MST and their claim to the land.

Aside from capital and technology, agribusiness has the support of the national and state government, and their respective financial institutions and investment agencies. In 2009, for example, Brazil's National Bank of Social and Economic Development (BNDES) issued over 6 billion *reais* (Brazilian currency symbolized by R\$ and worth about U\$ 0.50 each in 2012) in loans to major players in the country's sugarcane industry, including: Cosan (R\$ 635 million), Iaco Agrícola (R\$ 244 million), Brasken (R\$ 565 million), Bertin Group (R\$ 200 million), today incorporated as the Brazilian transnational corporation JBS-Fribo (which alone received R\$ 3.5 billion), and ETH Bioenergy controlled by another Brazilian TNC, the Odebrecht Group (R\$ 596 million) (SAKAMOTO, 2010; BNDES, 2012). BNDES is not only doling out exorbitant loans to national-based companies, it is also generously financing the activities of foreign transnational agro-corporations on Brazilian soil. Cargill, for example, received R\$ 160 million from the development bank in both 2009 and 2010, while the privately owned Norwegian company Umoe Bioenergy received \$R 96 million from the bank in 2011 (BNDES, 2012). Through the consistent and enthusiastic support of governmental policy and the significant largesse of national and foreign banks, firms, traders and organizations, the success, consolidation and continuity of the agrofuel industry in Brazil is ensured. In the Pontal, the Odebrecht Group and Umoe Bioenergy, which has recently finished constructing a *usina* in the region's municipality of Sandovalina, are especially important players with thousands of hectares of land owned and leased.

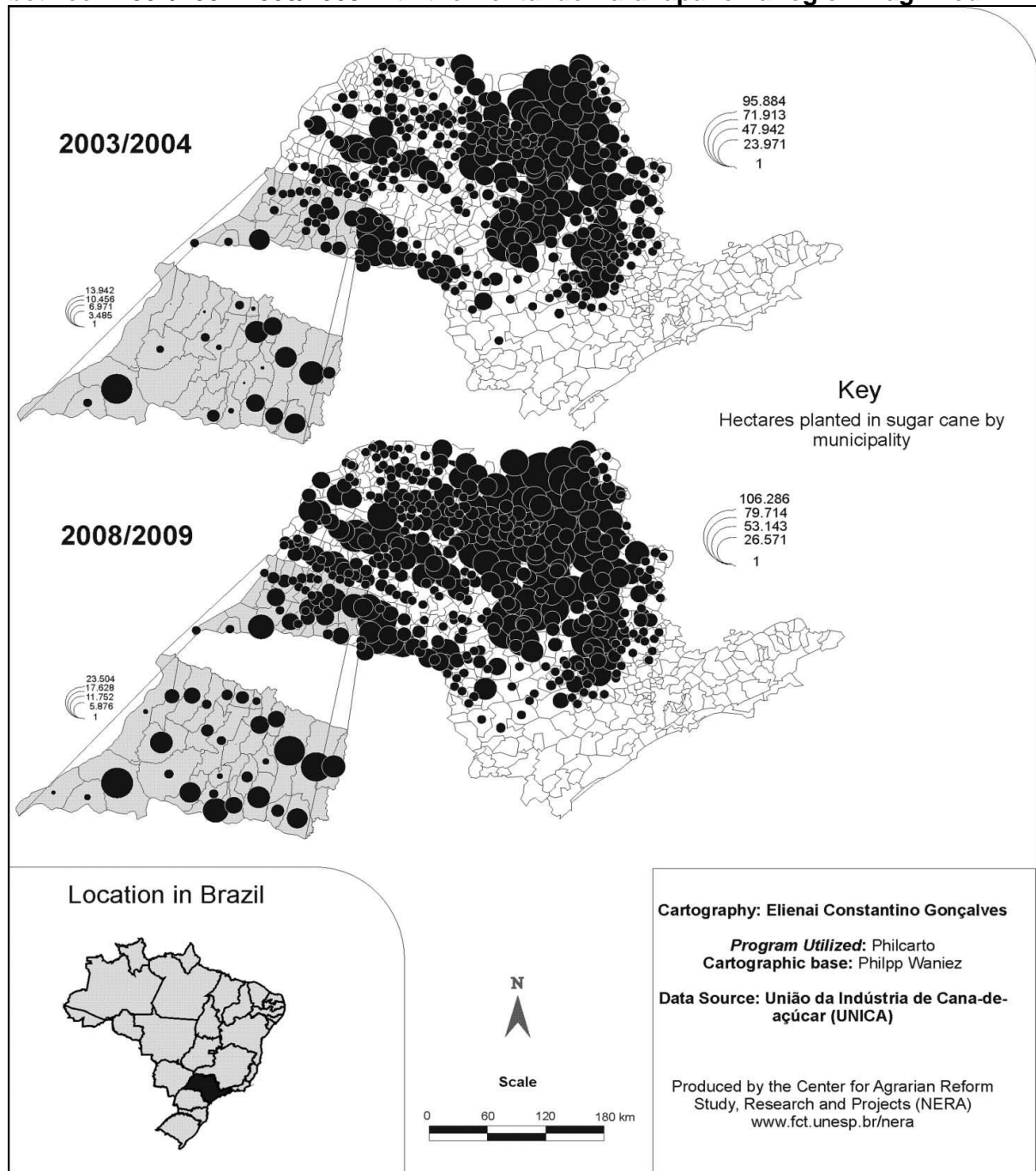
### **Expansion of sugarcane in the São Paulo state and the Pontal do Paranapanema**

Currently, São Paulo state dominates the country's sugarcane industry. Data from Brazil's National Supply Company (CONAB) verifies that in the 2011/2012 crop year the state produced 305,636,000 tonnes of sugarcane, equal to 54.5% of the country's total annual harvest (560,363,800 tonnes). In the same crop year 4.37 million hectares were used to cultivate sugarcane, an area equivalent to about 17.6% of São Paulo state territory (CONAB, 2012). As the country's leading sugarcane producing state, São Paulo is, consequently, also the country's leading ethanol source—producing 11,870,700,000 litres, or 50.5% of the country's total (23,491,182,600 litres) in 2011/2012 (CONAB, 2012).

As the sugarcane industry has expanded dramatically over the last decade, particularly in the western region of the state (see Map 2) the Pontal do Paranapanema has experienced the effect of the industry's insatiable quest for new sugarcane growing lands—economically, socially, politically, environmentally, and territorially. And yet, the Pontal region possesses the greatest potential for further sugarcane expansion in the entire São Paulo state (FERNANDES et al., 2010).



**Map 2: Expansion of sugarcane in São Paulo state and the Pontal do Paranapanema between 2004/2004-2008/2009 with the Pontal do Paranapanema region magnified**



**Source:** FERNANDES et al. 2010

Sugarcane production in the Pontal surged initially in the 1970s and 80s, spurred by the 1975 introduction of the federal government's National Alcohol Program (*Proálcool*). Developed in the context of soaring global oil prices, *Proálcool* sought to reduce the country's dependence on external petroleum imports by substituting petroleum use with alcohol (ethanol). The program gathered speed with the introduction of the first fully ethanol-powered vehicle in Brazil the following year – the Fiat 147. In terms of decreasing national dependency on petroleum imports bound to fuel the nation's vehicles, *Proálcool* has been extremely successful: Brazil has replaced nearly 50% of its gasoline consumption with ethanol (UNICA, 2008). Today, one can buy either pure ethanol or a 25% ethanol 75% gasoline blend at any of the fuelling stations in the country and approximately 90% of the

vehicles sold in Brazil are now *flex-fuel* vehicles, meaning that they can run on any mixture of both ethanol and gasoline (UNEP, 2009).

This success has not been realized without consequence. Some of the consequences of the advance of sugarcane monoculture, rarely presented to the public by politicians, agribusiness or the mainstream media, include environmental damage through the pollution of land, water and air, expropriation of land (MENDOÇA, 2009B) and subordination of peasants (FERNANDES et al., 2010), violations of workers' rights (MENDONÇA et al., 2012), increases in land prices and rents (WILKINSON; HERRERA, 2010), and reduced food production/security in many regions where the industry has been consolidated (OLIVEIRA, 2008; MST, 2010B).

Since 2002, agribusinesses have sought opportunities for profit in the Pontal do Paranapanema through the purchase of *latifúndios* or public land, *terras devolutas*, to cultivate the new “green gold” of sugarcane, or by buying or investing in existing or new *usinas*. Today, there are 26 sugarcane refineries in the western region of the state of São Paulo (including the administrative regions of Presidente Prudente, Dracena and Adamantina), according to data from the Union of Bioenergy Producers (UDOP).<sup>8</sup> More than half of these refineries are located in the municipalities of the Pontal do Paranapanema.

Constructed in 1975, the Alcídia distillery, located in the municipality of Teodoro Sampaio, is the oldest of the sugarcane refineries in the Pontal. ETH Bioenergy, a subsidiary of the Brazilian construction and engineering giant Grupo Odebrecht, bought Alcídia in 2007.<sup>9</sup> ETH has since completed construction of its second sugarcane refinery in the region, tellingly named the “Conquista do Pontal” (Conquest of the Pontal) in the municipality of Mirante do Paranapanema, and has future plans to construct refineries in the region's municipalities of Euclides da Cunha and Presidente Epitácio.

The social impacts of ETH's and other agro-energy corporations' activities in the Pontal are far-reaching. Agrarian reform policies and settlements are rapidly changing in ways that accommodate corporate imperatives and augment already exorbitant corporate gains, both politically and economically. From 2003 to 2008, for example, the area destined for sugarcane production in the Pontal do Paranapanema grew from 71,095 hectares to 152,027 hectares representing an exponential increase of 114%. The area devoted to land reform settlement, on the other hand grew from 127,438 hectares to 140,272 – a marginal growth of just 10% during the same 5-year period (FERNANDES et al., 2010).

In a 2009 article published in the online company journal *Odebrecht Edição Especial*, a different picture is painted, one of “beneficent biofuels”. Reiterating Grupo Odebrecht's perspective on the effects of the growing sugarcane-ethanol industry in the Pontal do Paranapanema, Ricardo Ardt euphemistically states:

A força do agronegócio, com colheita mecanizada de cana-de-açúcar, tecnologias agrícolas modernas e preservação ambiental já começa a movimentar a economia local, gerando trabalho, renda e impulsionando os serviços municipais de educação, saúde e saneamento. Com isso, dinamiza-se a produção dos assentamentos de reforma agrária espalhados na região nos últimos 20 anos. Após 50 anos de grilagem e invasões de terra, a turbulência agrária no Pontal diminui. (ARDT, 2009, n/p).

Ardt's use of the terms “agribusiness,” “modern agricultural technologies” (i.e. genetically modified varieties of sugarcane and agro-toxins) and “environmental preservation” present a proverbial paradox—agribusiness is profit driven; environmental

<sup>8</sup> Data retrieved from: [www.udop.com.br](http://www.udop.com.br) [Accessed 17 July, 2010].

<sup>9</sup> ETH Investimentos (81.09% Grupo Odebrecht and 18.91% Sojitz – a Japanese marketing company) currently holds a 65% share in ETH Bioenergy, followed by A BNDES Participações S/A – BNDESPAR – a subsidiary of the National Development Bank of Brazil – BNDES (16.33%); Ashmore, a London-based investment company (14.89%); Tarpon, a Brazilian investment company (2.79%) and minority shareholders (0.99%). Data retrieved from: [http://www.eth.com/relatorio2011eth/arq/ETH\\_RAS2010\\_simples.pdf](http://www.eth.com/relatorio2011eth/arq/ETH_RAS2010_simples.pdf) [Accessed 8 November, 2012].

preservation is and has always been secondary to the corporate bottom-line. “Modern agricultural technologies,” are not, as Ardt implies, aligned with “environmental preservation.” Over the last four decades the capitalist model of industrial agriculture has clearly demonstrated its incongruence with environmental preservation resulting, rather, in extensive deforestation, soil degradation, desertification and the contamination of a considerable portion of the world’s fresh water supply (MAZOYER; ROUDART, 2010). Modern “technological” fixes to the environmental problems that modern agricultural technology has caused are *not* solutions to the environmental challenges facing the region. Smaller-scale agricultural practices based on traditional local knowledge, polyculture and the principles of agroecology, on the other hand, represent an alternative that shows significant improvement in sustainability (i.e. rehabilitating soils, promoting biodiversity, placing less strain on scarce water supplies and requiring little-to-no fossil-fuels) (MST, 2007A).

Furthermore, Ardt’s implication that the “mechanization of sugarcane cutting” is “generating jobs” and “income” in the Pontal also fails to accurately describe the reality: mechanized sugarcane production requires well-trained workers and highly-skilled technicians to operate and maintain heavy machinery, while requiring relatively little manual wage labour. The sugarcane harvesting done by both ETH Bioenergia and Umoe Bioenergy in the Pontal, for example, is 100% mechanized, and thus the presence of these companies in the region does not necessarily translate into a significant number of jobs for sugarcane cutters or unskilled labourers. Moreover, production in the land reform settlements is not becoming more dynamic as a result of the presence of agribusiness in the region (FELÍCIO, 2012), and the “agrarian conflict” in the Pontal, has not “diminished”, as Ardt states, but rather, has been exacerbated and intensified by the powerful “force of agribusiness” and the expansion of the sugarcane-ethanol industry (ORIGUÉLA, 2011).

Despite the palpable realities observed and documented in the region by Antonio Thomaz Jr. (2007A; 2007B; 2009)<sup>10</sup> a researcher and professor of Geography at UNESP, Presidente Prudente, the encroachment of agribusiness and sugarcane monoculture onto the region’s “degraded” pasture lands continues, promoted and prolifically propagated by agro-energy corporations and regional and national governments under the pretence of “sustainable” rural development. Aside from being extremely profitable to the already affluent and politically powerful, the expansion of sugarcane is but part and parcel of a wider capitalist-driven political and ideological project that seeks to erase the history of territorial theft in the region by recognizing the false land titles of large landowners who plant sugarcane and sell-out to the agro-fuel industry (THOMAZ, 2007B).

### **Sugarcane monoculture: a threat to local food production**

In the Pontal do Paranapanema changes in land usage have, inevitably, affected dairy and beef production, which has been the crux of the region’s economy since the 1940s. The dairy-cattle industry began its ascent to economic prominence after the international market price of coffee took a dive in the early thirties. The devastating drop in the price of coffee made production of the former cash crop economically unviable and, subsequently, many large coffee plantations were transformed into pasture land for cattle. Agent Orange, a highly toxic chemical (used by the U.S military during the Vietnam War) was extensively employed as a defoliant to clear forests for new pastures (ITESP, 2000). By the time the MST arrived in the region in the 1980s “rivers were silting up, soils were becoming exhausted and the region had become vulnerable to prolonged droughts” (BRADFORD; ROCHA, 2001, p. 212). The land won by the MST in the Pontal do Paranapanema is considered to be “[p]erhaps the most environmentally damaged land that the MST has ever conquered [...] in Sao Paulo state” (BRADFORD; ROCHA 2001, p. 212).

<sup>10</sup> See also: (BARRETO et al. 2009); (FERNANDES et al. 2010); (ORIGUÉLA, 2011); and (FELÍCIO, 2012).

Ironically, sugarcane proponents consistently point to the degradation of the region's soils as a basis for justifying the expansion of sugarcane monoculture (THOMAZ JÚNIOR, 2009). Marcos Fava Neves, a University of São Paulo scholar closely aligned with the agro-fuels industry and the agrarian capitalist paradigm reiterates this argument: “O avanço das plantações de cana-de-açúcar majoritariamente sobre áreas de pastagens degradadas acaba favorecendo a produção de alimentos”, since it represents a rotation of cultures “necessária para renovação do solo” (NEVES, 2009, p. 8). A study by Freitas and Sparovek (2008) found that about 609,207 hectares, or approximately 43% of Pontal's total land area, was considered suitable for sugarcane expansion. According to the same study most of this land was “characterized by large extensive beef-cattle farms” (FREITAS; SPAROVEK, 2008, p. 90)

Changes from the pasturing practices that have long exploited the region's soils to other agronomic activities could bring significant benefits to exhausted soils; indeed, changes to the region's current land-use patterns are ecologically necessary. Sugarcane monoculture, however, relies on the heavy application of chemical pesticides, which only degrade the region's soils further and irrevocably damage the region's already precarious ecology, especially its water resources. “Growing demand for sugarcane in Brazil creates a consistent and strong pesticide market,” says Flavio Hirata of *Farm Chemicals International* (2006), pointing out a total pesticide sales increase of 355% for the sugarcane crop market between 1999 and 2005. Herbicides are the most common pesticide used on sugarcane and this culture alone accounts for 13% of the nation's total herbicide application (ALTIERI; BRAVO, 2009). While proponents of the sugarcane-ethanol industry tend to be acutely critical of the environmental damage caused by dairy and beef production, the reality is that chemical dependent sugarcane monoculture is hardly (if at all) better. A decade from now the lands currently occupied by sugarcane fields will be looking far less fertile and new lands will need to be sought out to replace them. Moreover, as sugarcane monocultures presently expand onto degraded pasturelands in the Pontal and elsewhere in Sao Paulo state, cattle-ranching operations are simply being displaced to even more ecologically sensitive areas in other states (NOVO et al. 2010).

In the Pontal, the contribution that the agrarian reform settlements make to regional food security cannot be overstated, and although much of the food produced on the settlements is for self-consumption, a significant amount of it is also destined for local markets. In Ricardo Ardt's 2009 article, José Ademir Infante Gutierrez, the mayor of Teodoro Sampaio, admitted that although the most impoverished families in the municipality are those living on the agrarian reform settlements, the settlement families are largely responsible for sustaining the region's two main grocery stores. While openly acknowledging the importance of the agrarian reform settlements to local food security, in the same article Gutierrez contradictorily maintains that ETH's sugarcane-ethanol mills (Aclídia and Conquista do Pontal) are the real impetus for the economic progress that is occurring in the region, enhancing and diversifying the local economy and creating new professional capacities and employment opportunities. Eduardo Piazzalunga, mayor of Mirante do Paranapanema, shares the paradoxical perspective of Gutierrez. “Com a instalação da ETH na região,” Piazzalunga explains, “estamos transferindo o foco da quantidade de assentamentos para a qualidade da produção. Vamos consolidar o assentado como produtor rural” (ARDT, 2009, n/p).

Governments and agribusiness commonly make use of a convenient “causal assumption” regarding agrofuel production and rural development: that partnerships between small landholders and agro-industrial companies are “effective and balanced” and present a solution to “the cash problem” faced by small farmers (FRANCO et al., 2010, p. 671). This assumption, often pre-emptively adopted, has become crucial to the endorsement of agrofuel production—globally, in Brazil, and clearly, in the Pontal do Paranapanema. Such idealistic causal supposition builds naturally on two essentially normative assumptions:

- 1) An agrofuel industry dominated and controlled by multinational corporations can incorporate small farmers into the production process “as labourers in large-scale

- mono-crop” plantations or “through contract-growing schemes” (FRANCO et al., 2010, p. 670) and;
- 2) Integration into the agro-fuel production process is desired by and beneficial to peasants.

The MST movement disputes such preconceptions and has adopted a more critical position in regards to agrofuel expansion and the (un)desirability of peasant “integration”. As justification for their opposition to agrofuels, members of the MST point to several negative aspects of agrofuel expansion, including: the ecological damage exacted by agrofuel mono-crops and their significant chemical and water requirements; the transference of productive agricultural land from food to fuel production; the suppression of national agrarian reform policies based on land expropriations and redistribution; and the unequal terms by which peasants are being integrated into the agrofuels economy, forced to give up varying degrees of autonomy in exchange for a small role in the corporate agenda as producers of raw materials (MST, 2007B; MST, 2010B; JUNIOR; ALBUQUERQUE, 2010).

In Ricardo Ardt’s article (2009), however, both Gutierrez and Piazzalunga suggest that the MST’s participation in the region’s agro-energy developments is a win-win situation for everyone involved. They suggest that the MST will not only benefit financially from integration into the agro-industrial complex, but improve their quality of life and social status by becoming a part of it. This simplistic view assumes that a better quality of life is gained only through the touted economic advantage of improved income realized by integration, ignoring many non-monetary values regarded as important in assessing that quality of life (i.e. autonomy over settlement lands, resources and alimentary production, environmental sustainability, preservation of traditional knowledge, community, and egalitarianism) that are compromised by integration. The expansion of sugarcane on the agrarian reform settlements poses a serious threat to the relative autonomy of the settlements.

### **Peasant-agribusiness partnerships: promises and disillusionment**

Sugarcane-ethanol production in the agrarian reform settlements is not a new development in the Pontal. The first attempt to grow sugarcane in the region’s settlements began in 1993 when ITESP—the São Paulo state government institution responsible for the regularization of lands and providing technical assistance to the land settlements—approved a proposal brought to it by the Alcídia mill. A joint-venture was established, with ITESP’s approval, between Alcídia and eleven families living on the Agua Sumida settlement in Teodoro Sampaio, who had agreed to rent part of their land to the mill to plant sugarcane. In 1995 the Department of Geography at UNESP carried out a study to assess the socio-economic impact of sugarcane production in the Aqua Sumida settlement. The study found that, in retrospect, most settlers regretted having ever agreed to grow sugarcane for the mill, although they had initially considered Alcídia’s offer as a good opportunity. The study concluded:

At the same time that sugarcane seemed to be the only economically viable alternative for the small producer on the settlement, it also condemned them to dependency, to a lack of participation, and a loss of autonomy as the mill alienated them from their land and subjected them to conditionals imposed exclusively by the company. (ANTONIO et al., abud FERNANDES et al., p. 804).

Despite the prudent observations of UNESP’s 1995 study, in 2004, the ITESP Foundation issued Regulation 77, which legally allowed sugarcane planting by the mills in the agrarian reform settlements. Today the so-called “partnerships” between agrarian reform settlers and sugarcane mills are realized as contractual agreements enabled by the magisterial means of ITESP’s Regulation 77. Despite the MST’s staunch opposition to

agrofuel expansionism, many individual MST families have been beguiled into renting or leasing part of their lot to the sugarcane mills. Contractors for São Paulo state sugarcane firms often offer “at least 60 percent more as a promised income” than that which “can be made with the predominate system in dairy farming” (NOVO et al., 2010, p. 782) and such “generous” offers often prove too difficult for some income-poor settlers of the MST to resist.

As of April 2007, data from ITESP showed that 492 settlement families had formed joint ventures with sugarcane firms in São Paulo state under the 2004 regulation. Of these families, 88 were located in the municipality of Teodoro Sampaio. ITESP data from April 2009 revealed that there were 822 settlement families with sugarcane production contracts in the Pontal do Paranapanema alone (FERNANDES et al., 2010). Most contracts drawn up by the mill’s promise that technical assistance will be provided for the settler by the mill and that the “mill will act as guarantor towards the Bank of Brazil, so that the farmer can get the plantation started. With the loans given to the settlers by the bank, they finance R\$ 14,000 (PRONAF D\*) per farm during the production cycle”<sup>11</sup> (FREITAS; SPAROVEK, 2008, p. 91). However, most settlers never actually see the bank loans. Instead, the loans are handed directly over to the mill, which, as guarantor towards the bank, is held responsible for the subsequent administration of the loan’s funds to the settlers.

As part of a 2008 study on the socio-economic impacts of sugarcane production in the Pontal, 76 settlers who were producing sugarcane in co-operation with the mills were interviewed by agronomists Freitas and Sparovek. Some 53 of the settlers interviewed were from settlements located in the municipality of Teodoro Sampaio. The study found that 67.7% of the interviewed families’ sugarcane income did not end up raising their total income and actually reduced their total income in some instances. The majority of interviewees were also dissatisfied with the outcome of their partnerships with the mills, feeling that the terms of the contracts were asymmetrically skewed in favour of the mills.

### **FAAFOP and the production of biodiesel in the Pontal**

While some MST members have been lured into the agro-fuels enterprise as contract sugarcane producers, others have been incorporated as contract-farmers of castor bean, oil palm or soy—the three main feed-crops used to produce biodiesel in Brazil. In 2008, for example, José Rainha, a former MST leader,<sup>12</sup> was given one million *reais* by the federal government to start a biodiesel project in the region’s settlements (INESC, 2008). Rainha’s project, initiated through his Settled Farmer’s Federation (FAAFOP), proposed the plantation of *mamona* (castor bean) by farm families in the region’s settlements, on an area of only one hectare per family lot. Judging by the number of families that enlisted in the project—nearly 1000 families from almost a quarter of the region’s then 109 settlements—Rainha’s castor-contracting project was relatively well-received by families in the Pontal, at least initially. Of the original 1000 families that enlisted themselves as castor-producers, by harvest time in 2009, only 760 retained involvement in the project. Following the 2009 harvest 800 tons of seed were sold to Brasbiodiesel, a new subsidiary of Grupo Bertin, which, according to Rainha had also agreed to purchase 50 per cent of FAAFOP’s 2010 yield (FERNANDES et al., 2010).

Contract-schemes between family farmers and biodiesel firms, such as between the members of FAAFOP and Brasbiodiesel, are supported by the federal government and facilitated through the National Programme for the Production and Use of Biodiesel (PNPB). Launched in 2004, the PNPB was an attempt by the government to “explicitly include...peasant agriculture within national energy policy” by providing incentives for firms to

<sup>11</sup> PRONAF D\*: The Brazilian National Programme for the Strengthening of Family Agriculture, credit line type D.

<sup>12</sup> The MST formally disowned José Rainha in 2007 due to his views on peasant involvement in agrofuel developments and his proximate and deferential alliance with agribusiness, which run directly counter to the official views and objectives of the MST on the above issues.

contract with family farmers for a percentage of their feedstock (FERNANDES et al. 2010, p. 808). Buying raw materials from family farmers allows for firms to accumulate Social Fuel Certificates, which in turn make the firms eligible for loans from Brazil's National Development Bank (BNDES), as well as for generous tax exemptions.

As a result of effective organization in co-operatives such as FAAFOP, peasants have increased their influence in regional politics, and in some cases, their personal incomes. However, the fact remains that peasants simply cannot compete with the economic and political clout of agribusiness, even when they are effectively organized. Government, banks, and industry have specifically formulated agrofuel policy in ways that ensure this structured lack of competitiveness. Through peasant-agribusiness “partnerships” the peasantry is being vertically “integrated” into the capitalist agro-energy production chain, ensuring the continuation of the peasantry as suppliers of the raw materials used by industry, while largely denying them the ability to add-value to the fruits of their labour. As peasant autonomy is being undermined, relations of dependency are being built and strengthened (FERNANDES et al., 2010). Despite a slew of policies, which explicitly attempt to foster the inclusion of small farmers, only a handful of large corporations concentrating on only one industrially grown feed-crop-soybeans-control Brazil's growing biodiesel market. Only a very small fraction of the biodiesel produced in Brazil is the product of castor or oil palm grown by small farmers, while industrially produced soy accounts for over 80% of the total (WILKINSON; HERRERA, 2010).

In the Pontal do Paranapanema an “effective and balanced” partnership between small-farmers and agribusiness has yet to be proven possible. The expansion of agribusiness in peasant territories in the Pontal ultimately means that agrofuel feed crops like sugarcane and castor are expanding to areas where food is currently cultivated—thus, representing a challenge to the implementation of a successful strategy for regional food security.

### **Agroecology, food sovereignty and the MST**

Data from the IBGE confirms that over 65 million Brazilians currently face food insecurity, almost one-third of the entire population (IBGE, 2010). Representatives of the Brazilian agro-energy industry persistently argue that food production in Brazil, and consequently food security, have not been compromised by the expansion of sugarcane for ethanol production. One of the leading proponents of this argument is the sugarcane industry association UNICA, whose more than 100 member companies represent over 50% of the ethanol and 60% of the sugar produced in Brazil. UNICA literature argues that relative to other agricultural activities, sugarcane occupies only a very small portion of land in Brazil — approximately 7.8 million hectares at the start of 2008 or 2.3 % of the country's arable land — and sugarcane for ethanol accounts for only half of the total — about 3.4 million hectares or about 1% of arable land (2008). While this assertion may hold as true when considered at a macro-level, when situated within unique geo-political dynamics of particular localities, like the Pontal do Paranapanema, such a bold assertion often fails to correspond with reality. In the Pontal expanding sugarcane production is occurring on land that could have otherwise been redistributed to landless peasant families and small farmers who would use it to produce food crops. In Brazil 70% of all the food consumed is produced by small farmers planting on only 30% of all the agricultural land (INESC, 2008). Thus, Brazil's food security — and potential food sovereignty — is largely dependent on small farmers, like those on the agrarian reform settlements of MST.

It is important to note here that food security and food sovereignty are two fundamentally different concepts, although they are sometimes used interchangeably in the literature. According to the United Nation's Food and Agricultural Organization (FAO, 1996), food security represents “a situation that exists when all people, at all times, have physical, social, and economic access to sufficient, safe, and nutritious food that meets their dietary

needs and food preferences for an active and healthy life.” On the other hand, food sovereignty is:

The peoples’ right to define their own policies and strategies for the sustainable production, distribution and consumption of food that guarantee the right to food for the entire population, on the basis of small and medium-sized production, respecting their own cultures and the diversity of peasant, fishing and indigenous forms of agricultural production, marketing and management of rural areas.<sup>13</sup>

The very concept of food sovereignty implies a revolutionary restructuring of the current international economy characterized by Ricardo’s theory of comparative advantage, recently rejuvenated by neo-liberalism and its three core-policy tenets—privatization, deregulation, and trade liberalization (DESMARAIS, 2007). As such, the term “food sovereignty” is carefully avoided in national and international policy debates by governments, agribusinesses and the global governance institutions—the International Monetary Fund (IMF), the World Bank (WB), and the World Trade Organization (WTO)—that instead promote “food security” as a strategic policy alternative consistent with global trade.

In contrast to food sovereignty, food security does not imply a moral need to address the structural issues that underlie rural poverty and hunger—such as the inequitable distribution of land and financial resources necessary to purchase and/or cultivate food. According to agribusiness, the IMF, WB and WTO, the issue of food security can be addressed by simply increasing food production (i.e. through the use of higher-yielding genetically modified seed varieties and improved chemical fertilizers and pesticides) or by increasing international imports of cheap food stuffs. However, Via Campesina (DESMARAIS, 2007), the MST<sup>14</sup> and a growing number of food policy specialists (HOLT-GIMÉNZ, 2009; ALTIERI, 2009) hold that food security at any level (local, national, or international) cannot be extricated from the more fundamental concept of food sovereignty. The *Final Declaration of the World Forum on Food Sovereignty* (2001) states that “[f]ood sovereignty is the means to eradicate hunger and malnutrition and to guarantee lasting and sustainable food security for all...peoples.”<sup>15</sup> Thus, the absence of food sovereignty is, ultimately, the cause of food insecurity.

Peasant movements and scholars from around the world are promoting agroecology, defined by Altieri (2002, p. 2) as “the application of ecological concepts and principles to the design and management of sustainable agroecosystems.” They are holding that this would be a primary means to address food insecurity and achieve food sovereignty. More than just an agroecological design science, agroecology is also “the integrative study of the ecology of the entire food system, encompassing ecological, economic and social dimensions” (FRANCIS et al., 2003, p. 100). As such, agroecology represents a truly holistic approach to food that recognizes the need for a more comprehensive understanding of global food politics. Indeed, the way in which food is produced is important, but so is *what* kind of food, *by* and *for whom* it is produced and under what conditions.

As an agricultural model, agroecology deviates from the conventions of industrial agriculture in virtually every aspect. It employs mixed modes of farming, using animal outputs as vital fertilizer inputs; requires the use of no synthetic pesticides and few-to-no fossil fuel inputs; involves the cultivation of diverse and productive systems of locally adapted polycultures; places intrinsic value on all of nature’s species (plant, animal and insect) as opposed to just those with instrumental or commercial value to humans; and emphasizes a return to natural soil-nutrient cycling processes. While combining elements from both

<sup>13</sup>World Forum on Food Sovereignty. Final Declaration. Havana, Cuba, September 7, 2001. Available from: <http://www.ukabc.org/havanadeclaration.pdf> [Accessed 15 October, 2010].

<sup>14</sup> Personal correspondence. 07/08/2010 Escola Nacional Florestan Fernandes.

<sup>15</sup>World Forum on Food Sovereignty. Final Declaration. Havana, Cuba, September 7, 2001. Available from: <http://www.ukabc.org/havanadeclaration.pdf> [Accessed 15 October, 2010].



traditional and contemporary systems of agricultural knowledge, agroecology places the utmost value on the traditional agricultural knowledge of small farmers themselves.

The farmers' own knowledge forms the fundamental basis upon which agroecological principles can be adopted and/or adapted to meet the specific needs of individual families dictated by the ecology and agricultural requirements of their location. It has been said that the MST “não tem uma visão da agroecologia pois não existe somente uma visão de agroecologia.”<sup>16</sup> For the MST<sup>17</sup>, Vía Campesina (2009) and innumerable leading scholars and agronomists (ALTIERI, 1999; ROSSET, 2000; CARVALHO, 2003), agroecology is an alternative to current exploitative land use practices that represents perhaps the only potential means of solving the triumvirate of imminent global crises—food, environmental and energy—that currently threaten our collapse as a species.

In the Pontal do Paranapanema, the ability of MST settlements to implement agroecological initiatives is significantly jeopardized by the lack of credit and financial assistance available to settlement families. Better access to small loans and credit support programs for peasant farmers is imperative to the implementation of an agroecological model of agriculture that will sustain the land, the families and local markets. Increased financial support for settlers would help to ensure the recuperation of soils and forest-cover in the region, while assisting families in transitioning their farms to agroecological models that some estimates show can be “200 to 1000-per-cent more productive per unit area [than large farms]” (ROSSET, 2000). It can take many years, however, for an income-poor farmer to fully establish a productive agroecological farming operation, which is additionally dependent upon the quality of existing soils, infrastructure and the knowledge of a settler (GUTIERRES, 2006). The creation of food-bearing forest-like ecologies is part of any agroecological vision and such a feat, naturally, takes time to grow into fruition.

The cutting irony is that while billions of dollars are assiduously doled out to the agro-fuels industry and entrepreneurs with proposals to practice chemical-intensive industrial agriculture, there is little-to-no meaningful assistance for small farmers who want to practice ecological agriculture. Thomaz Jr. explains:

O fato é os camponeses que estão longe de dispor de apoio e de políticas efetivas de estímulo à produção de alimentos, semelhantes às facilidades que os empresários canavieiros têm, para se apoderarem dos recursos do PRONAF-D, via esquema de *barriga de aluguel*, no qual os assentados cumprem o papel de viabilizar a utilização desses recursos para o plantio de cana-de-açúcar. Nesse sentido, se, na prática, há facilitação para a obtenção dos recursos do PRONAF, o qual, para todos os efeitos, está vinculado ao nome dos assentados e, no final de contas, vai figurar nas estatísticas como usuários de recursos públicos – portanto, integrados às políticas de inserção dos camponeses aos recursos públicos –, de fato, isso se dá em detrimento do tão sonhado apoio para a produção de alimentos da cesta básica das famílias trabalhadoras. (THOMAZ JR., 2007B, p. 28).

Perhaps the greatest threat to the successful implementation of agroecology, however, is the dramatic loss of elementary knowledge regarding natural ecology by both rural and urban peoples alike. This process is what David Ehrenfeld, a professor of biology at the School of Environmental and Biological Sciences, Rutgers University, New Jersey, has called “forgetting.”<sup>18</sup> “The more advances we make,” says Ehrenfeld, “the more we forget” begging the fundamental question, “What use is our expensive technology in a sea of ignorance?” (1993, p. 71). Renowned Indian physicist and human rights activist, Vandana Shiva expands on Ehrenfeld's astute inquest:

<sup>16</sup> Personal correspondence. 07/08/2010 Escola Nacional Florestan Fernandes.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> For a more complete discussion on the concept of “forgetting,” see: EHRENFELD, David. *Beginning Again: people and nature in the new millenium*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 65-72.

As certain disciplines and specializations in science spin profits through commercialization, others are neglected, even though they are essential to the foundations of a knowledge system.... As molecular biology becomes a major source of techniques for the biotechnology [and agrofuel] industry, other disciplines of biology shrivel up and die. We are on the verge of losing our ability to tell one plant or animal from another, and of forgetting how the known species interact among themselves and with their environment. (SHIVA, 1997, p. 16).

Indeed, even though industrial agriculture is characterized by biological, cultural and intellectual heterogeneity, it has been reduced to its “production” characteristic, the mere sum of its costly technological and industrial inputs. The strict uniformity required by and characteristic of an agro-industrial model attempts to delegitimize all other traditional and indigenous forms of knowledge, while alienating people from their land, the food that they consume, and, ultimately, one another. Therefore, education in agroecology is necessary to the revival of traditional farming practices that cultivate both biological and cultural diversity, foster the growth of a sense of community and allow for the establishment of more harmonious relations between diverse peoples and their environments.

The MST’s goal of gaining access to agricultural land in order to work, make a decent living and guarantee local food security is correlated with the movement’s wider objective to live on the land in a way that will recuperate degraded soils and damaged ecologies and sustain, not just their immediate nutritional needs, but also the productive capacity and ecological integrity of the land, imperative to the subsistence of future generations. The MST’s struggle is about far more than just land; it is about maintaining autonomy over lands its members acquire including the modes of production that occur within the geographical parameters that define their territories. At its core it is a struggle against neo-liberalism in all its many forms, requiring an advancement of a radically alternate ideological vision based on socialist values seen as fundamental to the construction of a more fair and equitable society.

## Conclusion

This article has attempted to elucidate the ways in which the global “agrofuel boom” is altering the trajectory of agrarian reform policy and undermining local food security in Brazil. Redistributive agrarian reform is essential to reach a more sustainable social and economic development of the country that has the potential of embracing more of the country’s vast and polarized population. However, the territorialization of agro-energy corporations threatens the realization of a socially just agrarian reform. Current policies favour agrofuel industries and limit landless rural workers and peasant families’ access to land. The expansion of sugarcane monocultures, particularly in São Paulo, the county’s largest sugarcane producing state, is occurring even on stolen land that properly should be public land available for land redistribution. In addition to these heavy social costs, the agrofuel industry threatens the environment by polluting the air, water and land.

In the Pontal do Paranapanema the increasing territorialization of the agro-energy corporations has come at the direct cost of food security for thousands of men, women and children who remain living in MST encampments – not to mention thousands more potential consumers of their production – in anticipation of government recognition and the attainment of land usage rights. Close to 3,000 MST families are currently encamped in the state of Sao Paulo and of these, 400 are living in encampments in the Pontal do Paranapanema (ORIGUÉLA, 2010).

Agrofuel derived from sugarcane or other plant-based crops will never be able to fulfil the insatiable and ever-growing need for fuel that a wasteful individual-car model of transportation demands. The current biofuel boom represents yet another short-term capitalist “solution” to the global energy/environmental crises, attempting to justify and temporarily sustain unsustainable levels of global consumption. The real solution to the

current global energy/environmental crises involves a dramatic decrease in demand globally, provoked by a profound paradigmatic shift towards more sociologically and environmentally mindful and harmonious ways of thinking and living in the world. The indispensable transformation in individual consumption patterns would inevitably have to correspond. Ironically, the discussion of real solutions to the imminent global energy/environmental crises remain virtually absent from the fervent international political discourse of “beneficent biofuels.” Global “climate change is,” as well-known author and activist Walden Bello so eloquently explains: “[...] the end point of the arrogant modernist dream of creating an artificial environment based on an imperialist industrialization process to supplant an ecology rooted in a more harmonious relationship between community and biosphere based on smallholder agriculture”. (BELLO, 2007, p. 3).

Agroecology represents a sustainable alternative to the current agro-industrial model of agriculture that is largely responsible for the displacement of millions of indigenous peoples and small farmers globally, as well as the social impacts of these displacements. The conventional agro-industrial model is a significant player contributing to the complexities that have resulted in our current environmental crisis. An agroecological model reinforces the value of traditional agricultural knowledge based on a fundamental understanding of local ecology—that is, the numerous and complex interrelations among humans, their local geographic and climatic environments and the unique and diverse species and geological processes that exist and have naturally evolved over a millennia within those environments. Unlike modern agricultural practices, agroecology is chemical-free, utilizes systems of polyculture and crop rotation and requires few-to-no fossil fuels. While large agribusinesses focus on cultivating chemical-dependant monocultures for export, small farmers, like those on the land reform settlements of the MST, are responsible for Brazil’s level of food sovereignty producing over two-thirds of all the fruits and vegetables consumed by Brazilians on less than one-third of all the agricultural land. However, in and of itself, agroecology is not a solution to the structural problems that are the real causes of hunger, poverty, and environmental degradation.

Ultimately, hunger results from poverty, and is exacerbated by inequitable systems of national and regional food distribution, and a lack of access to land is at the heart of these processes. Thus, simply producing or importing more food is not a solution to hunger. In order to address hunger, Brazil’s skewed and highly inequitable systems of agriculture and land distribution must first be fundamentally restructured in ways that could result in the added benefit of permanently reducing rural poverty. Members of the MST hold that without land, the rest is meaningless. Redistributive agrarian reform is a prerequisite to the realization of food sovereignty in Brazil.

## References Bibliographic

ALTIERI, Miguel. A. **Applying agroecology to enhance the productivity of peasant farming systems in Latin America**. *Environment, Development and Sustainability* 1, 1999. p. 197–217. Available from: <http://agroeco.org/doc/LApeasantdev.pdf> [Accessed 20 October, 2010].

\_\_\_\_\_, Miguel. A. **Agroecology: principles and strategies for designing sustainable farming systems**. *The Newsletter of CCOF*. v. xix n. 3, Fall 2002, p. 2-5. Available from: [http://www.ccof.org/pdf/nl\\_fall02.pdf](http://www.ccof.org/pdf/nl_fall02.pdf) [Accessed 20 October, 2010].

\_\_\_\_\_, Miguel. A. **Agroecology, small farms, and food sovereignty**. *Monthly Review*. v. 61, n. 3, 2009. Available from: <http://monthlyreview.org/2009/07/01/agroecology-small-farms-and-food-sovereignty> [Accessed 10 October, 2010].

ALTIERI, Miguel. A; BRAVO, Elizabeth. The ecological and social tragedy of crop-based biofuel production in the Americas. In: Jonasse, R. (ed.) **Agrofuels in the Americas**. Food

First Books, Oakland: CA, 2009. p. 15-24. Available from: [http://www.foodfirst.org/files/pdf/Agrofuels\\_in\\_the\\_Americas.pdf](http://www.foodfirst.org/files/pdf/Agrofuels_in_the_Americas.pdf) [Accessed 14 June, 2010].

ARDT, Ricardo. **Uma nova energia no Pontal**. Odebrecht Informa Online, Edição Especial: Productive Inlução Social. 2009. Available from: <http://www.odebrechtonline.com.br/materias/01701-01800/1757/> [Accessed 15 July, 2010].

BARRETO, Maria Joseli; THOMAZ JUNIOR, Antonio; OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. **O discurso ideológico do agronegócio e a expansão do capital sucroalcooleiro na região do Pontal do Paranapanema**. XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária. São Paulo, 2009. p. 1-22.

BELLO, Walden. **Forward**. In: DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: globalization and the power of peasants**. Halifax, NS: Fernwood, 2007.

BNDES. **O Banco Nacional do Desenvolvimento**. Available from: [http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/BNDES\\_Transparente/Consulta\\_as\\_operacoes\\_do\\_BNDES/setorprivado.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/BNDES_Transparente/Consulta_as_operacoes_do_BNDES/setorprivado.html) [Accessed 10 November, 2012].

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO – CONAB. 2º Levantamento de Cana-de-Açúcar - Agosto/2012. 2012. Available from: [http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/12\\_09\\_05\\_09\\_11\\_59\\_boletim\\_cana\\_portugues\\_-\\_agosto\\_2012\\_2o\\_lev.pdf](http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/12_09_05_09_11_59_boletim_cana_portugues_-_agosto_2012_2o_lev.pdf) [Accessed 5 November, 2012].

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. 1988. **Da Ordem Econômica e Financeira**. Capítulo III—Da Política Agrícola e Fundiária e da Reforma Agrária: Artigo 186. 1988. Available from: [http://www.dji.com.br/constituicao\\_federal/cf184a191.htm](http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf184a191.htm) [Accessed 15 December, 2011].

CARDOSO, Fernando Henrique. **The accidental president of Brazil: A Memoir**. New York: Public Affairs, 2006.

CARVALHO, Horacio Martins de; **Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra. **Brasil – Relatório DATALUTA 2011**. Presidente Prudente: NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – FCT/UNESP. Outubro de 2012A. Available from: [http://docs.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta\\_brasil\\_2011.pdf](http://docs.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta_brasil_2011.pdf) [accessed 10 August, 2012].

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: globalization and the power of peasants**. Halifax, NS: Fernwood, 2007.

EHRENFELD, David. **Beginning Again: people and nature in the new millennium**. New York and Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 65-72.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Apontamentos para ampliar a compreensão da questão agrária do século XXI**. XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009, pp. 1-18.

\_\_\_\_\_, Munir. Jorge. **Campesinato e capital no Pontal do Paranapanema: conflitos e perspectivas**. Revista Pegada Eletrônica (Online), v. 13, p. 42-60, 2012.

FAO – Food and Agricultural Organization. **Rome Declaration on World Food Security and World Food Summit Plan of Action**. Rome. November 13-17, 1996.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Especialização e territorialização de luta pela terra: a formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado São Paulo**.

Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pos-Graduação em Geografia Humana da USP. São Paulo, março de 1994.

\_\_\_\_\_, Bernardo Mançano. **A Ocupação como forma de acesso à terra.** In: XXIII, Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos, 2001, Washington – DC, 2001.

\_\_\_\_\_, Bernardo Mançano. **O MST e as reformas agrárias do Brasil.** Observatorio Social de America Latina. ANO IX, n. 24, October 2008. p. 73-85.

FERNANDES, Bernardo Mançano; RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Luta pela terra e desenvolvimento rural no Pontal do Paranapanema.** Estudos Avançados. v. 15, n. 43, 2001. p. 239-254.

FERNANDES, Bernardo Mançano; WELCH, Clifford Andrew; GONÇALVES, Elienai Constantino. **Agrofuel policies in Brazil: paradigmatic and territorial disputes.** Journal of Peasant Studies. v. 37, n. 4, 2010. p. 793-819.

FRANCIS, C.; RICKERL, D.; LIEBLEIN, G.; SALVADOR, R.; GLIESSMAN, S.; Wiedenhoef, M., Breland, T.A., Simmons, S., Creamer, N., Allen, P., Harwood, R., Altieri, M., Salomonsson, L., Flora, C., Helenius, J., and Poincelot, R. **Agroecology: the ecology of food systems.** Journal of Sustainable Agriculture. v. 22, n. 3, 2003. p. 99-118.

FRANCO, Jennifer; LEVIDOW, Les; FIG, David, GOLDFARB, Lucia; HONIKE, Mireille; and MENDONÇA Maria Luisa. **Assumptions in the European Union biofuels policy: frictions with experiences in Germany, Brazil and Mozambique.** The Journal of Peasant Studies. v. 37, n. 4, 2010. p. 661–98.

FREITAS, F. L. M.; SPAROVEK, Greg. **Sugarcane expansion near to agrarian reform settlements: a case study of Pontal, Brazil.** The International Archives of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences. v. XXXVII, 2008. p. 89-93. Available from: [http://www.isprs.org/proceedings/XXXVII/congress/8\\_pdf/1\\_WG-VIII-1/17.pdf](http://www.isprs.org/proceedings/XXXVII/congress/8_pdf/1_WG-VIII-1/17.pdf) [Accessed 10 September, 2010].

GEIVER, Luke; JESSEN Holly. (eds). **International ethanol report: 2010.** Ethanol Producer Magazine. July 2010. Available From: [http://www.ethanolproducer.com/article.jsp?article\\_id=6696&q=&page=3](http://www.ethanolproducer.com/article.jsp?article_id=6696&q=&page=3) [Accessed 15 November, 2010].

GLOBAL EXCHANGE. **MST activists continue to be victims of political persecution in the State of São Paulo.** 7 June, 2002. Available from: <http://www.globalexchange.org/news/mst-activists-continue-be-victims-political-persecution-state-s%C3%A3o-paulo> [Accessed 13 May, 2010].

Global Renewable Fuels Alliance – GRFA. **Global ethanol production to reach 85.2 billion litres in 2012.** 26 July, 2012. Available from: [http://www.globalrfa.com/pr\\_062612.php](http://www.globalrfa.com/pr_062612.php) [Accessed 5 November, 2012].

GUTIERRES, Ivani (ed). **Agroecologia militante: contribuições de Enio Gutierrez.** 1. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2006.

HIRATA, Flavio. **Sugarcane's sweet success.** Farm Chemicals International. December 2006. Available from: <http://www.farmchemicalsinternational.com/globalmarkets/latinamerica/brazil/?storyid=49> [Accessed 25 October, 2010].

HOFFMANN, Rodolfo; NEY, Marlon Gomes. **Estrutura fundiária e propriedade agrícola no Brasil, grandes regiões e unidades da federação.** Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO - escritório regional para América Latina e Caribe) e NEAD/ MDA. 2010.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **From food crisis to food sovereignty: the challenge of social movements.** *Monthly Review.* v. 61, n. 3, 2009. Available from: <http://monthlyreview.org/2009/07/01/from-food-crisis-to-food-sovereignty-the-challenge-of-social-movements> [Accessed 10 October, 2010].

IBGE—Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006.** 2006. Available from: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/agropecuaria\\_o.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/agropecuaria_o.pdf) [Accessed: 3 July, 2010].

IBGE. **Insegurança alimentar diminui, mas ainda atinge 30,2% dos domicílios brasileiros.** *Comunicação Social,* 26 November, 2010. Available from: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_imprensa.php?id\\_noticia=1763](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=1763) [Accessed 15 October, 2012].

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática. 2011. **Produção Agrícola Municipal.** Available from: <http://www.sidra.ibge.gov.br/> [Accessed 5 November, 2012].

IFAD—International Fund for Agricultural Development. **Rural poverty in Brazil.** Available from: <http://www.ruralpovertyportal.org/country/home/tags/brazil> [Accessed 20 October, 2012].

INESC—Instituto de Estudos Socioeconômicos. **O MST chega à encruzilhada. Carta Capital.** August 2008. Available from: <http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-gerais/2008/agosto/o-mst-chega-a-encruzilhada> [Accessed 17 June, 2010].

ITESP—Fundação Instituto das Terras do Estado de São Paulo. **Pontal Verde: Plano de Recuperação Ambiental nos Assentamentos no Pontal do Paranapanema.** Série Cadernos ITESP/Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. n. 2, July 1998. Sao Paulo: ITESP. 2nd. Edition, 2000.

\_\_\_\_\_. **Plantio de culturas.** Portaria Itesp n. 77, 2004.

JUNIOR, Plácido; ALBUQUERQUE, Renata. **Áreas das enchentes são marcadas pelo monocultivo da cana.** 12 July, 2010. Available from: <http://www.mst.org.br/node/10245> [Accessed 27 July, 2010].

LEAL, Gleison Moreira. **Impactos socioterritoriais dos assentamentos do município de Teodoro Sampaio – SP. Presidente Prudente.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, 2003.

LEITE, José Ferrari. **A ocupação do Pontal do Paranapanema.** São Paulo: Editora Hucitec/Fundação Unesp, 1998.

LEONIDIO, Adalmir. **Violências fundadoras: o Pontal do Paranapanema entre 1850 e 1930.** *Ambiente & Sociedade.* Campinas, v. XII, n. 1, jul-dez. 2009, p. 37-48. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v12n1/v12n1a04.pdf> [Accessed 16 May, 2010].

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MENDONÇA, Maria Luisa. The environmental and social consequences of “green capitalism” in Brazil. In: JONASSE, Richard (ed.). **Agrofuels in the Americas.** Oakland: CA, Food First Books, 2009A, p. 65-75. Available from: [http://www.foodfirst.org/files/pdf/Agrofuels\\_in\\_the\\_Americas.pdf](http://www.foodfirst.org/files/pdf/Agrofuels_in_the_Americas.pdf) [Accessed 15 May, 2010].

\_\_\_\_\_. Impactos del monocultivo de caña para la producción de etanol. In: **Acúcar Rojo Desiertos Verde.** FIAN Internacional, FIAN Suecia, HIC-AL, SAL, 2009B, p. 123-126.

MENDOÇA, Maria Luisa; PITTA, Fábio T.; XAVIER, Carlos Vinicius. **The sugarcane industry and the global economic crisis.** Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2012.

MST—O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Experiências mostram a força e o potencial da agroecologia.** Jornal Sem Terra. Número 270, March 2007A. Available from: <http://www.mst.org.br/jornal/270/destaque> [Accessed 13 May, 2010].

\_\_\_\_\_. Pela transformação da agricultura brasileira Jornal Sem Terra. Número 270, March 2007B. Available from: <http://www.mst.org.br/jornal/270/editorial> [Accessed 13 May, 2010].

\_\_\_\_\_. **Reforma agrária: por justiça social e soberania popular.** *MST: Lutas e Conquistas.* 2nd Edition. January 2010A. Available from: <http://www.mst.org.br/sites/default/files/MST%20Lutas%20e%20Conquistas%20PDF.pdf> [Accessed 28 May, 2010].

\_\_\_\_\_. **Cana-de-açúcar: altos impactos socioambientais.** 26 February, 2010B. Available from: <http://www.mst.org.br/node/9156> [Accessed 28 May, 2010].

NEVES Marcos Fava; CONEJERO, Marcos Antonio. **Estratégias para a cana no Brasil: um negócio classe mundial.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

NOVO, Andre; JANSEN, Kees; SLINGERLAND, Maja; and GILLER, Ken. **Biofuel, dairy production and beef in Brazil: competing claims on land use in São Paulo state.** *Journal of Peasant Studies*, v. 37, n. 4, 2010. p. 769-92.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos Avançados.** v. 15, n. 43, 2001. p. 185-206.

\_\_\_\_\_. **"Não reforma agrária" do MDA/INCRA no governo Lula.** *Reforma Agrária*, v. 33, p. 165-201, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os agrocombustíveis e a produção de alimentos.** Folha de S.Paulo, 17 April, 2008, A3.

\_\_\_\_\_. **Questão da aquisição de terras por estrangeiros no Brasil - um retorno aos dossies.** *Agrária (São Paulo. Online)*, v. 12, p. 3-113, 2010.

ORIGUÉLA, Camila Ferrancini. **Ocupações de terra em 2010: Algumas Considerações e Perspectivas.** Boletim DATALUTA – Artigo do mês: October 2010. ISSN 2177-4463 NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária. Available from: [www.fct.unesp.br/nera1](http://www.fct.unesp.br/nera1) [Accessed 17 July, 2010].

\_\_\_\_\_. **Paradigma e metodologia da questão agrária: uma análise das ocupações de terras no Brasil com ênfase para o Pontal do Paranapanema.** 2011. 98 f. Monografia de bacharelado. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade do Estado de São Paulo, Presidente Prudente. Available from: [http://docs.fct.unesp.br/grupos/nera/monografia/mono\\_camila\\_ferracini\\_2011.pdf](http://docs.fct.unesp.br/grupos/nera/monografia/mono_camila_ferracini_2011.pdf) [Accessed 11 November, 2012].

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Os impactos socioterritoriais dos assentamentos no município de Mirante do Paranapanema – SP.** Dissertação 231 de Mestrado defendida junto ao programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente. 2001.

RAMISCH, Joshua. Rural development. In: Paul Haslam, Jessica Schafer, Pierre Beaudet (eds.). **Introduction to international development: approaches, actors, and issues.** Toronto: Oxford University Press, 2009, p. 323-343.

ROSSET, Peter. **Kicking the chemical habit.** The New Internationalist. Issue 323, May 2000. Available from: <http://www.newint.org/issue323/kicking.htm> [Accessed 6 October, 2010].

SAKAMOTO, L. (ed). **O Brasil dos agrocombustíveis: impactos das lavouras sobre a terra, o meio e a sociedade - Cana 2009.** ONG Repórter Brasil, January 2010. Available from: [http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/o\\_brasil\\_dos\\_agrocombustiveis\\_v6.pdf](http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v6.pdf) [Accessed 12 August, 2010].

SHIVA, Vandana. **Biopiracy: the plunder of nature and knowledge.** Boston: South End Press, 1997.

SILVA, Anderson Antonio da. **Multidimensionalidade dos assentamentos rurais no município de Teodoro Sampaio.** Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP. Presidente Prudente, 2008.

SILVA, Anderson Antonio da; FERNANDES, Bernardo Mançano; and VALENCIANO, Renata Christiane (Eds.). Desenvolvimento territorial e políticas públicas no Pontal do Paranapanema. In: **RIST-Relatório de impactos socioterritoriais.** Presidente Prudente, São Paulo, 2006. p. 57-89.

SILVA, Luiz Inacio Lula da. **Brazil's experiment shows full democracy requires social justice.** In: The Guardian. 12 July 2003. Available from: <http://www.guardian.co.uk/politics/2003/jul/12/brazil.world> [Accessed 15 November, 2010].

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **Não há nada de novo sob o sol num mundo de heróis! (A civilização da barbárie na agroindústria canavieira).** Pegada (UNESP), v. 8, p. 5-25, 2007A. Available from: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA82/1Texto-Thomaz.pdf> [Accessed 28 August, 2010].

\_\_\_\_\_. **Agronegócio alcoolizado e culturas em expansão no Pontal do Paranapanema! Legitimação das terras devolutas/improdutivas e neutralização dos movimentos sociais.** Presidente Prudente, 2007B. Available from: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/GeografiadoBrasil/AgronegocioAlcoolizado.pdf>. [Accessed 28, August, 2010].

\_\_\_\_\_. **Nova fase do conflito pela posse da terra no Pontal do Paranapanema: estratégia de classe entre latifúndio e capital agroindustrial canavieiro.**



Revista Pegada, Presidente Prudente, v. 10 n. 1, 2009. p. 01-14. Available from: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA101/01thomaz.pdf> [Accessed 18 July, 2010].

UDOP—União dos Produtores de Bioenergia. Available from: <http://www.udop.com.br/index.php?item=unidades&regiao=CS&estado=SP> [Accessed 17 July, 2010].

UNEP—United Nations Environmental Program. **Towards sustainable production and use of resources:** assessing biofuels. October 2009. Available from: [http://www.unep.fr/scp/rpanel/pdf/Assessing\\_Biofuels\\_Full\\_Report.pdf](http://www.unep.fr/scp/rpanel/pdf/Assessing_Biofuels_Full_Report.pdf) [Accessed 28 April, 2010].

UNICA—União de Indústria de Cana-de-Açúcar. **Sugarcane industry in Brasil:** ethanol, sugar, bioelectricity. 2008. Available from: <http://sugarcane.org/resource-library/books/UNICAs%20Institutional%20Folder.pdf> [Accessed 25, October 2012].

VIA CAMPESINA. **Small scale sustainable farmers are cooling down the earth.** Via Campesina Views. Jakarta, December 2009. Available from: <http://viacampesina.net/downloads/PAPER5/EN/paper5-EN.pdf> [Accessed 15 October, 2010].

WELCH, Cliff. **Globalization and the transformation of work in rural Brazil:** agribusiness, rural labor unions, and peasant mobilization. *International Labor and Working Class History*, v.70, p. 35 - 60, 2007.

WILKINSON, John; HERRERA, Selena. **Biofuels in Brazil:** debates and impacts, *Journal of Peasant Studies*, v. 37, n. 4, 2010. p. 749-768.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality:** resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil. *Revista NERA—ANO 8*, n. 7, 2005. p. 94-111.

WOLFORD, Wendy; WRIGHT, Angus. **To inherit the earth:** the Landless Movement and the struggle for a new Brazil. Oakland: CA, Food First Books, 2003.

## **Lutas e resistências no campo paranaense e o projeto Dataluta-PR**

### **João Edmilson Fabrini**

Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *campus* de Marechal Cândido Rondon  
Coordenador do Laboratório e Grupo de Pesquisa de Geografia das Lutas no Campo e na Cidade – GEOLUTAS  
e-mail: joao.fabrini@unioeste.br

### **Djoni Roos**

Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – FCT  
Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA e do Laboratório de Geografia das Lutas no Campo e na Cidade – GEOLUTAS  
e-mail: djoni\_roos@yahoo.com.br

### **Erwin Becker Marques**

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *campus* de Marechal Cândido Rondon  
Membro do Laboratório de Geografia das Lutas no Campo e na Cidade – GEOLUTAS  
e-mail: erwinmarques@yahoo.com.br

### **Leandro Daneluz Gonçalves**

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *campus* de Francisco Beltrão  
Membro do Laboratório de Geografia das Lutas no Campo e na Cidade – GEOLUTAS  
e-mail: le.daneluz@gmail.com

## **Resumo**

Este artigo trata da espacialização e territorialização das lutas camponesas no estado do Paraná a partir de informações e dados coletados pelo Dataluta-PR entre os anos de 2006 e 2008. O Dataluta-PR é parte da Rede Dataluta dedicada à constituição de um banco de dados da luta pela terra realizada pelos diversos movimentos sociais do país. Observou-se que as lutas camponesas no Paraná se manifestam de variadas formas, sendo as mais frequentes, os enfretamentos pela posse da terra, preservação do ambiente e da biodiversidade, crédito agrícola, contra a construção de barragens e o agronegócio. Neste contexto de lutas foi enfatizada a ocupação da Estação Experimental da Syngenta em Santa Tereza do Oeste pelos integrantes da Via Campesina. Esta ocupação é exemplar das disputas territoriais travadas entre campesinato e agronegócio no Paraná.

**Palavras-chave:** campesinato, Dataluta-PR, lutas, resistências, campo paranaense.

## **Resumen**

### **Luchas y resistencias en el campo paranaense y el proyecto Dataluta-PR**

En este artículo se refiere a la espacialización y territorialización de las luchas campesinas en el estado de Paraná a partir de la información y los datos recogidos por Dataluta-PR entre los años 2006 y 2008. El Dataluta-PR es parte de la red Dataluta dedicada a la creación de una base de datos de la lucha por la tierra en manos de diversos movimientos sociales en el país. Se observó que las luchas campesinas en el Paraná, manifiesto en

muchos sentidos, el más frecuente, los enfrentamientos por la tenencia de la tierra, la preservación del medio ambiente y la biodiversidad, el crédito agrícola, contra la construcción de presas y la agronegocio. En este contexto de la lucha se hizo hincapié en la ocupación de la estación experimental de Syngenta en Santa Tereza do Oeste por los miembros de Vía Campesina. Esta ocupación está cerrado y copia de las disputas territoriales entre los campesinos y los agronegocio en Paraná.

**Palabras-clave:** campesinado, Dataluta-PR, luchas, resistencias, campo paranaense.

### Abstract

#### Struggles and resistance in countryside paranaense and the project Dataluta-PR

This article deals with the spatialization and territorialization of peasant struggles in the state of Paraná from information and data collected by Dataluta-PR between the years 2006 and 2008. The Dataluta-PR is part of the Network Dataluta dedicated to the creation of a database of the struggle for land held by various social movements in the country. From the data collected by Dataluta-PR was possible to analyze and discuss the history of peasant struggles in the state, focusing mainly on the clashes occurred between the years 2006 and 2007. It was observed that the peasant struggles in Paraná manifest in many ways, the most frequent, the confrontations over land ownership, environmental preservation and biodiversity, agricultural credit, against the construction of dams and agribusiness. In this context of struggle was emphasized the occupation of Syngenta's experimental station in Santa Tereza do Oeste by members of Via Campesina. This occupation is locked copy of territorial disputes between peasants and agribusiness in Paraná.

**Keywords:** peasantry, Dataluta-PR, struggles, resistance, countryside paranaense.

### Introdução

A espacialização das lutas camponesas no campo paranaense está relacionada à trajetória de apropriação concentrada da terra e à modernização conservadora iniciada em meados da década de 1960. A concentração de terras e a modernização conservadora foram responsáveis pela expropriação e migração de milhares de camponeses paranaenses para cidades, Amazônia e Paraguai.

No contexto das transformações e resistências no campo paranaense estão inseridas lutas que apresentam conteúdos diversos e se manifestam de variadas formas, dentre as quais se destacam as lutas pela posse camponesa da terra através de ocupações de latifúndios ou empresas ligadas ao agronegócio; de denúncias por parte de ilhéus e pescadores proibidos de permanecerem nas novas Unidades de Conservação da Natureza; de ocupações de empresas por indígenas atingidos pela construção de obras e barragens; de ações judiciais de direito territorial e étnico perpetradas pela Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses e por quilombolas contra empresas do setor madeireiro; de protestos em defesa da biodiversidade e do meio ambiente; de bloqueios de estradas para reivindicar políticas agrícolas, melhores preços e condições de produção para a agricultura familiar.

Para registrar e analisar os desdobramentos destas lutas no espaço geográfico paranaense foi elaborado o projeto Dataluta-PR, vinculado ao Laboratório de Geografia das Lutas no Campo e na Cidade (GEOLUTAS) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). O Dataluta-PR é parte de um projeto mais amplo que forma a Rede Dataluta dedicado à constituição de um banco de dados das lutas pela terra realizadas pelos diversos movimentos sociais do Brasil.

## A trajetória de lutas dos camponeses do Paraná

As lutas pela terra no Paraná não são um fenômeno recente e várias regiões do estado estão marcadas por elas. No processo de expansão contraditória e desigual das relações capitalistas de produção é possível verificar a espacialização das lutas, apreender sua dinâmica social e compreender a organização espacial do campo paranaense.

Na década de 1950, o Norte do Paraná foi uma região de intensos conflitos com a formação da chamada “Guerrilha de Porecatu”, quando os camponeses-possesores se armaram para manter as terras devolutas de Jaguapitã e Porecatu sob seu domínio e posse, pois o governo do estado havia repassado estas terras a grandes proprietários rurais. Diante de tal situação, o Partido Comunista apoiou os camponeses que lutavam contra os despejos e buscavam garantir as condições objetivas de seu modo de vida, dependente de sua manutenção na terra (BONIN et al., 1991). Assim, os camponeses negavam a proletarização de suas famílias e a expansão das relações capitalistas no campo.

Ainda na década de 1950, o Sudoeste também se tornou uma região de lutas e conflitos, quando os camponeses-colonos foram expulsos de suas terras através de manobra empreendida pelo governo estadual, que concedeu terras “devolutas” a uma empresa colonizadora. Organizados em “Assembleias Gerais do Povo” e “Juntas Governativas”, os camponeses avançaram sobre a cidade de Francisco Beltrão, expulsaram as autoridades constituídas e tomaram a estação de rádio da cidade. Medidas para resolver os problemas vieram com a “militarização da questão agrária” e a criação do Grupo Executivo de Terras do Sudoeste do Paraná (GETSOP), no início dos anos 1960. (BONIN et al., 1991).

No final da década de 1970, o Oeste paranaense constituiu-se noutra região de lutas no estado com a mobilização dos pequenos agricultores expropriados pela barragem de Itaipu. Organizados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), formaram o Movimento Justiça e Terra, que reivindicava a justa indenização das terras, hoje alagadas pelo reservatório de Itaipu. Nesta luta destacaram-se a ação de alguns Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs) e pastores adeptos da Igreja Luterana na mobilização dos expropriados (BONIN et al., 1991; FERREIRA, 1987; GERMANI, 2003). Nesta luta, foram montados acampamentos e diariamente realizadas assembleias, que permitiram obter experiência política e reivindicar direitos sociais em época de exceção do regime militar, iniciado em 1964.

Essas experiências de lutas foram fundamentais para o surgimento de um forte movimento de agricultores sem terra na região Oeste, em 1981: o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná (MASTRO). O MASTRO se constituiu em nova forma de luta dos camponeses, pois enquanto no Movimento Justiça e Terra os camponeses lutavam para garantir a indenização das terras inundadas pelo Lago de Itaipu, no MASTRO, a luta era também pela reforma agrária. O MASTRO inspirou o surgimento de diversos movimentos de sem-terra organizados em regiões do Paraná. Assim em 1983 surgiram outros movimentos de sem-terra no estado como o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Litoral (MASTEL), Movimento dos Agricultores Sem Terra do Centro Oeste (MASTRECO), Movimento dos Agricultores Sem Terra do Norte do Paraná (MASTEN) e o Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Sudoeste do Paraná (MASTES). Este último organizou-se, principalmente, com o apoio da CPT e da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR)<sup>1</sup> (BONIN et al., 1991; FERREIRA, 1987).

Assim, os camponeses sem-terra se organizaram em diversos movimentos regionais, pois a maioria dos STRs possuía uma prática assistencialista e não de defesa dos interesses da classe camponesa (BONIN et al., 1991). Uma das exceções foi à atuação do STR de Medianeira que participou das mobilizações para organização dos sem-terras, atingidos pela barragem de Itaipu, no MASTRO (LIECHESKI, 2000). Posteriormente, com a

<sup>1</sup> A ASSESOAR é uma entidade fundada por padres belgas pertencentes a ala progressista da Igreja Católica possuía entre outros objetivos a formação de lideranças comunitárias e promoção do desenvolvimento com o trabalho de organização dos pequenos agricultores.

eleição de diretorias oposicionistas, outros sindicatos se embrenharam nas lutas mais combativas dos camponeses.

Os movimentos de sem-terras que surgiram no início da década de 1980 eram estabelecidos regionalmente e possuíam pouca comunicação entre eles ou com as demais lutas camponesas no estado. Mais tarde, porém, esses movimentos impulsionaram o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que unificou essas diversas frentes de luta pelo ideal da reforma agrária, elegendo como palavra de ordem, “sem reforma agrária não há democracia”.

Em 1984 foi realizado em Cascavel o primeiro encontro de caráter nacional dos camponeses organizados nestes movimentos regionais, com a participação de camponeses organizados em outros estados do país (SP, MS, RS, SC). Neste encontro foram definidos os princípios e as formas de luta dos camponeses organizados no emergente Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. As ocupações foram definidas como a principal forma de luta no I Congresso dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, realizado em Curitiba em 1985, quando foi também definida uma Coordenação Nacional.

O MST espacializou-se através de ações massivas, com ocupações e acampamentos em latifúndios nos mais variados municípios do estado do Paraná e em todo o Brasil. A maior ocupação de terra no Brasil foi realizada no Paraná, em 1996, quando mais de 3.000 famílias em marcha acamparam na fazenda Giacomet-Marodin (atual fazenda Araupel), com cerca de 85.000 ha, no município de Rio Bonito do Iguaçu. Resultante desta ocupação, parte do latifúndio Giacomet-Marodin foi conquistado pelos sem-terra e transformado nos assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire. Posteriormente, em 2005, foram assentadas mais 1078 famílias nas terras desapropriadas da fazenda Araupel formando o assentamento Celso Furtado no município de Quedas do Iguaçu.

Na década de 1980 as regiões paranaenses que mais se destacaram pelas lutas no campo foram as mesorregiões Oeste, Sudoeste e Centro-Sul. Posteriormente, no final da década de 1990 o Noroeste paranaense se destacou nas mobilizações, principalmente nos municípios de Querência do Norte, Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Isabel do Ivaí e Marilena, onde ocorreram ocupações, manifestações, despejos e violências generalizadas, inclusive com assassinato de lideranças dos sem-terra.

O início da década de 2000 foi marcado por intensos conflitos no campo paranaense e diversas regiões se destacaram, sobretudo, aquelas que passaram por um importante processo de modernização da agricultura mais intenso como o Oeste e o Norte. A partir de 2005 a região Oeste tem sido espaço caracterizado por conflitos diversos, onde se destaca uma força social conservadora em torno da Sociedade Rural do Oeste do Paraná (SRO) no combate às lutas dos camponeses, principalmente dos sem-terra.

A partir de 2005, as mobilizações no campo paranaense apresentaram maior diversidade social e política, dentre as quais se destacam a dos sem-terra, mulheres camponesas, pequenos agricultores, indígenas, ilhéus, pescadores, dentre outras. Os camponeses vinculados à Via Campesina e ao MST têm realizado um conjunto de ações recentes que são respondidas com violência pelos grandes proprietários de terra e setores do agronegócio, como ocorreu na ocupação da Estação Experimental da Syngenta Seeds em que Valmir Mota de Oliveira, o Keno, coordenador estadual do MST, foi assassinado em 2007. O conflito da Syngenta será tratado num item específico a diante.

As lutas e mobilizações camponesas não se realizam exclusivamente pela ocupação de grandes propriedades. Muitas destas lutas são realizadas nas cidades para a denúncia de violências sofridas, ocupações de órgãos públicos, marchas e caminhadas, atos públicos, dentre outras. As mobilizações também não estão restritas aos interesses imediatos dos sem-terra, pois eles realizam ocupações de praças de pedágio e fechamento de rodovias como forma de protesto à privatização do patrimônio público, quando as rodovias foram entregues às empresas privadas, no período do governo Jaime Lerner.

Outra importante manifestação camponesa foi realizada no Dia Internacional da Mulher de 2007, quando a construção da igualdade de gênero também foi anunciada como demanda das mulheres camponesas. Nesta ocasião, as manifestantes fecharam as vias de trânsito em frente à fábrica de agrotóxicos Nortox, localizada em Londrina e celebraram um

ato de repúdio à passagem do presidente estadunidense George Walker Bush pelo Brasil. O movimento também elaborou um documento intitulado “Carta das Mulheres Camponesas do Paraná à Sociedade”, na qual se referiram aos crimes ambientais, à privatização das sementes, a organismos geneticamente modificados e ao aquecimento global. Verifica-se assim que a luta camponesa assumiu novas dimensões e incorporou a luta pela preservação ambiental e biodiversidade que estão sendo ameaçadas pela expansão do capitalismo no campo.

Outra luta recente preocupada com a preservação da natureza ocorreu em março de 2006, na Celebração das Águas às margens do Rio Tibagi, para comemorar o Dia Internacional das Águas e de Luta Contra as Barragens (14 de março). Esta mobilização foi organizada pela CPT, Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e pescadores. A Rede Ecovida de Agroecologia também contribuiu na luta pela preservação da natureza, elaborando carta de repúdio à medida que permitiu o cultivo de plantas transgênicas nas zonas de amortecimento das unidades de conservação.

Além da luta ambiental realizada pelos camponeses no estado do Paraná, ocorreram várias outras, organizadas principalmente pela Via Campesina e pelo Fórum Oeste da Agricultura Familiar voltadas contra os transgênicos e empresas multinacionais. Nestes enfrentamentos foram denunciadas as estruturas de dominação dos camponeses engendradas no processo de produção e manipulação de sementes transgênicas, como aconteceu na V Jornada de Agroecologia realizada em Cascavel, em 2006. Por meio destas manifestações os camponeses também divulgaram a produção de sementes crioulas e a retomada dos valores camponeses.

Outro exemplo de luta em defesa da biodiversidade foi o protesto organizado pela Via Campesina durante a realização da Confederação das partes para Preservação da Biodiversidade (COP-8) no município de Pinhais, em 2006. A proteção da biodiversidade significa para o camponês a preservação de seu modo de vida, pois a pesquisa e produção de transgênicos são entendidas pelos movimentos sociais como fruto dos interesses capitalistas que resultam na subordinação e expropriação do campesinato.

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) coordenou também protestos em Laranjeiras do Sul, Guaraniaçu e Guaíra em maio 2006. Os manifestantes criticaram o Estado e o agronegócio que, segundo eles, incentivam o plantio de organismos geneticamente modificados que danificam a saúde dos consumidores e excluem “a pequena propriedade de incentivos econômicos do governo, além de concentrar renda, destruir o meio ambiente e gerar desemprego”. (O PARANÁ, 25/05/2006, p. 11). Vigílias em frente às agências do Banco do Brasil, bloqueio das rodovias BR-163, PR-182 e da ponte Ayrton Senna – que liga o estado do Paraná ao de Mato Grosso do Sul – também foram estratégias empregadas pelo MPA para cobrar o prolongamento do pagamento de dívidas agrícolas; estabelecimento de juros fixos nos financiamentos e subsídios; garantia de preços mínimos, comercialização e crédito.

Outras lutas que merecem destaque foram a dos ilhéus e pescadores atingidos pela criação do Parque Nacional de Ilha Grande e construção do canal de navegação no lago de Itaipu. Estes ilhéus fecharam por várias vezes a ponte Ayrton Senna, em Guaíra. Os pescadores e ilhéus estão organizados na Associação dos Pescadores e Ilhéus de Ilha Grande (APIG) e nas Colônias de Pescadores, principalmente a Z-13 de Guaíra. As principais reivindicações estavam voltadas para as indenizações da posse de terra na Ilha Grande e pela construção do canal de navegação que destruiu o habitat natural da íctiofauna resultando numa diminuição dos cardumes de peixes no Lago de Itaipu. A conquista dos ilhéus atingidos com a formação do Parque Nacional de Ilha Grande ocorreu depois de muitas mobilizações e ações judiciais que garantiu em média R\$ 9.000,00 por família.

Os indígenas do Norte e Oeste do Paraná também fizeram manifestações pela demarcação de suas terras e contra a invasão feita pelos fazendeiros e empresas. No Oeste, a luta dos indígenas é contra a Itaipu, e ocorreu com a ocupação do Parque Nacional do Iguaçu. Os indígenas vêm na demarcação de suas áreas o único modo de conseguirem sobreviver e manter o pouco do que resta de sua cultura e seu modo de vida, frente à

expansão capitalista que vem expulsando-os de suas áreas de origem. Para eles, a Itaipu não reconhece a sua identidade indígena e negligencia seus problemas.

Em Tamarana houve disputa entre os Caingangues da Reserva Indígena de Apucarantina e a Companhia Paranaense de Energia (COPEL) decorrente da construção e operação da Usina hidrelétrica Apucarantina. Os indígenas demandavam a indenização de R\$ 29 milhões pelos danos ambientais, culturais e sociais sofridos. Para pressionar a negociação com a empresa, os indígenas ocuparam a usina hidrelétrica e ameaçaram colocar fogo na mesma com o uso de barris de óleo diesel. Conforme as lideranças indígenas, 20% do valor indenizado seria destinado às famílias e o restante aplicado na melhoria da reserva como bem comum (agricultura e reflorestamento). Entretanto, o acordo firmado entre a COPEL e os indígenas estabeleceu indenização na casa de R\$ 14 milhões.

Protestos e fechamentos de rodovias, linhas férreas e agências do Banco do Brasil também foram organizadas pelos Sindicatos Rurais Patronais com a participação de pequenos agricultores, em 2006. Estes protestos aconteceram em todo o Paraná, mas as maiores concentrações foram nas regiões Oeste e Norte do estado. Eles reivindicavam uma política cambial que atendesse aos interesses dos produtores rurais, bem como a renegociação das dívidas com os bancos.

Chamou atenção o fato dos produtores rurais se organizarem e protestar de forma semelhante aos movimentos populares, ou seja, com o fechamento de rodovias e agências bancárias. Outra característica destas manifestações é o fato dos grandes proprietários atraírem os pequenos agricultores com o discurso de que os benefícios da luta seriam estendidos a todos.

Em 2006 os pequenos agricultores também se manifestaram na cidade de Curitiba no 12º Grito da Terra para cobrar o aumento do valor destinado ao Fundo de Aval para a safra 2006/2007, orçada em R\$ 11 milhões pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Cobraram também apoio na formação do Conselho de Administração da Central de Abastecimento (CEASA) em Ivaiporã e um programa de regularização fundiária no estado a ser feito pelo Instituto de Terras, Cartografia e Geociências (ITCG).

Mas, as lutas recentes desenvolvidas no Paraná que geram maior repercussão foram aquelas relacionadas à reforma agrária, ocupações de terra e manifestações contra o agronegócio, realizadas por diversos movimentos de sem-terras. Dentre os movimentos de sem-terras que mais se destacaram pelos protestos no estado do Paraná estão: MST, Via Campesina, Movimento de Libertação dos Sem-Terra (MLST) e Movimento dos Agricultores Sem-Terra (MAST). Suas ações resultaram em ocupações de terra, fechamento de rodovias, liberação do pedágio de estradas privatizadas e acampamento em margem de rodovias, principalmente nas regiões Oeste, Centro e Norte do Paraná.

Esta diversidade de lutas pode ser verificada na ação dos sem-terra vinculados ao MLST do Oeste do Paraná que acamparam, em 2006, em frente à fazenda Jaborandi no município de Lindoeste para pressionar a desapropriação daquela área pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Acrescente-se à luta do MLST as manifestações na Câmara dos Deputados em Brasília que teve repercussão nacional neste mesmo ano. Além de manifestações realizadas por movimentos já consolidados, houve no estado do Paraná, acampamentos e protestos por parte de movimentos “independentes”.

As lutas dos sem-terra contra o agronegócio têm recebido dura reação dos proprietários rurais como foi o caso do confronto violento entre os participantes da I Jornada de Educação na Reforma Agrária e os membros da Sociedade Rural do Oeste do Paraná (SRO). O confronto ocorreu com o bloqueio da rodovia pelos ruralistas que visavam barrar a passagem dos sem-terra em marcha à fazenda experimental da Syngenta Seeds em Santa Tereza do Oeste. O então coordenador do MST na região Oeste do Paraná, Keno Oliveira, afirmou que a marcha tinha intenção pacífica. “A maior prova de que não tínhamos nenhuma intenção de violência é que não revidamos. Essa agressão é o comportamento típico dos latifundiários [...] não vamos nos intimidar diante de um pedaço do lixo do agronegócio”. (FOLHA DE LONDRINA, 01/12/2006, p. 9).

Por sua vez, o então Presidente da SRO Alessandro Meneghel, afirmou que se:

O governo não cumprir as reintegrações, nós vamos fazer com as nossas próprias mãos [...] Os sem-terra são uns vagabundos. Não tem um assentamento que deu certo. Eles já receberam R\$ 60 bilhões do governo federal. O que fizeram com esse dinheiro? (FOLHA DE LONDRINA, 01/12/2006, p. 9).

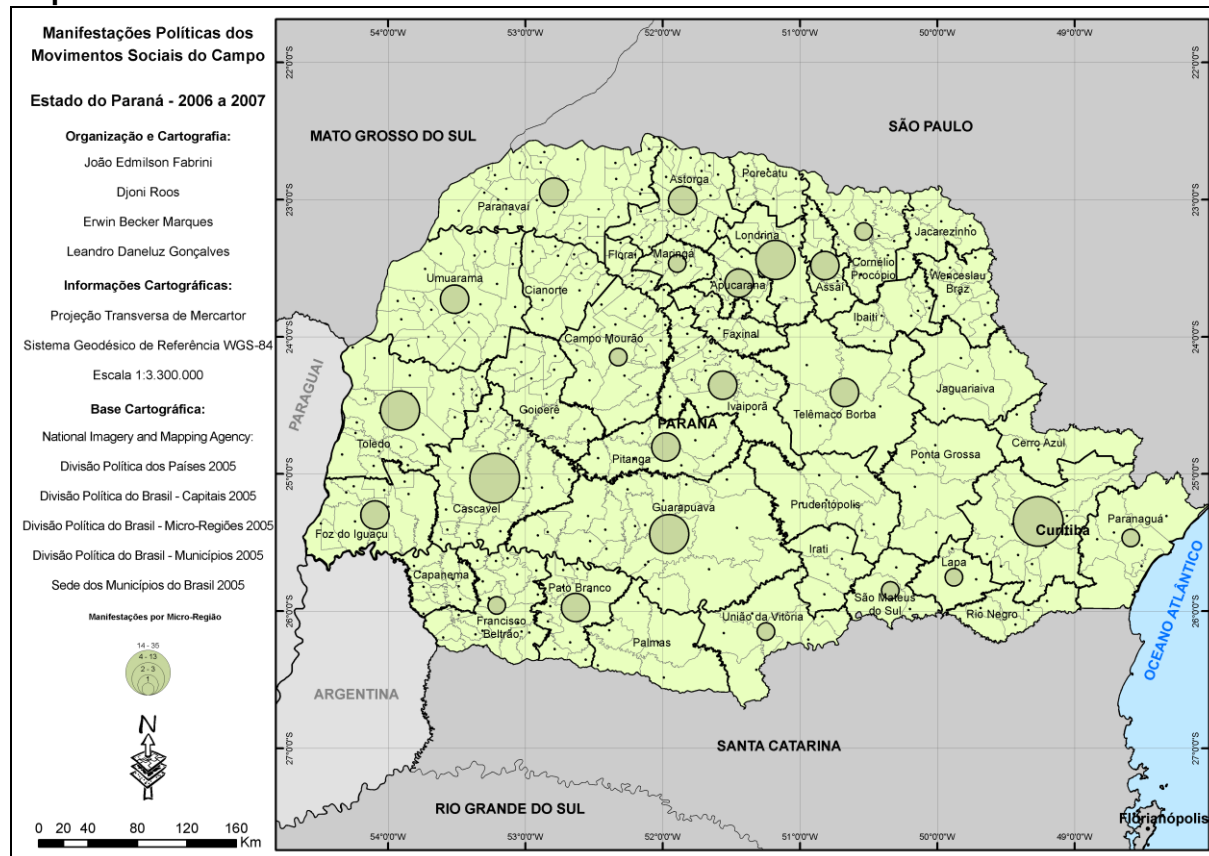
Outra reação da SRO contra os movimentos sociais do campo ocorreu em 2006, quando proprietários rurais, num total de 100 pessoas, bloquearam a BR-277 no município de Céu Azul em protesto à ameaça de ocupação da fazenda Quatro Irmãos por sem-terras do MST. A SRO e os Sindicatos Rurais Patronais voltaram a interromper o tráfico em setembro de 2006, desta vez em Cascavel, na PR-163 e na BR-369, protestando contra o que consideraram “omissão” do Estado em cumprir as decisões judiciais de reintegração de posse de 68 propriedades no Paraná (FOLHA DE LONDRINA, 14/09/2006, p. 8). Enquanto os ruralistas esperavam a reintegração de posse dos imóveis ocupados, os movimentos sociais do campo pressionaram os órgãos públicos pela desapropriação da terra e o assentamento dos sem-terra.

As reações contra as ocupações e lutas dos sem-terra também foram promovidas pelos fazendeiros vinculados à União Democrática Ruralista (UDR) que reagiram às ações dos movimentos camponeses através de uma agenda de mobilizações “em defesa do direito de propriedade, que eles consideram ameaçado pela decisão do presidente Lula de mudar os índices de produtividade no campo para fins de reforma agrária”. (O PARANÁ, 5/12/2006, p. 8).

Para “avaliar” a situação e embates travados em torno das ocupações de terra pelos movimentos sociais, a Assembleia Legislativa do Paraná criou, em 2006, uma Comissão Especial de Inquérito. Os sem-terra criticaram a criação da Comissão, inclusive impedindo as diligências dos deputados às propriedades ocupadas, alegando que os trabalhos eram presididos por deputados comprometidos com o setor ruralista e o agronegócio, o que serviria para incriminar os sem-terra.

Em síntese, dentre as lutas e manifestações recentes dos movimentos camponeses no Paraná reivindica-se a desapropriação de terras; renegociação das dívidas dos pequenos agricultores; maior oferta de crédito aos assentados; atualização dos índices de produtividade; melhoria da infraestrutura dos assentamentos; distribuição de alimentos, assistência médica aos acampamentos; revisão dos laudos de produtividade das propriedades vistoriadas; reestruturação do INCRA; revisão da decisão do Tribunal de Contas da União que suspendeu os convênios entre o INCRA e empresas de assistência técnica rural que auxiliariam no planejamento agrário de mais de 18 mil assentados. O mapa a seguir (mapa 01), espacializa as manifestações no campo ocorridas no período de 2006 à 2007 no estado do Paraná.



**Mapa 01**

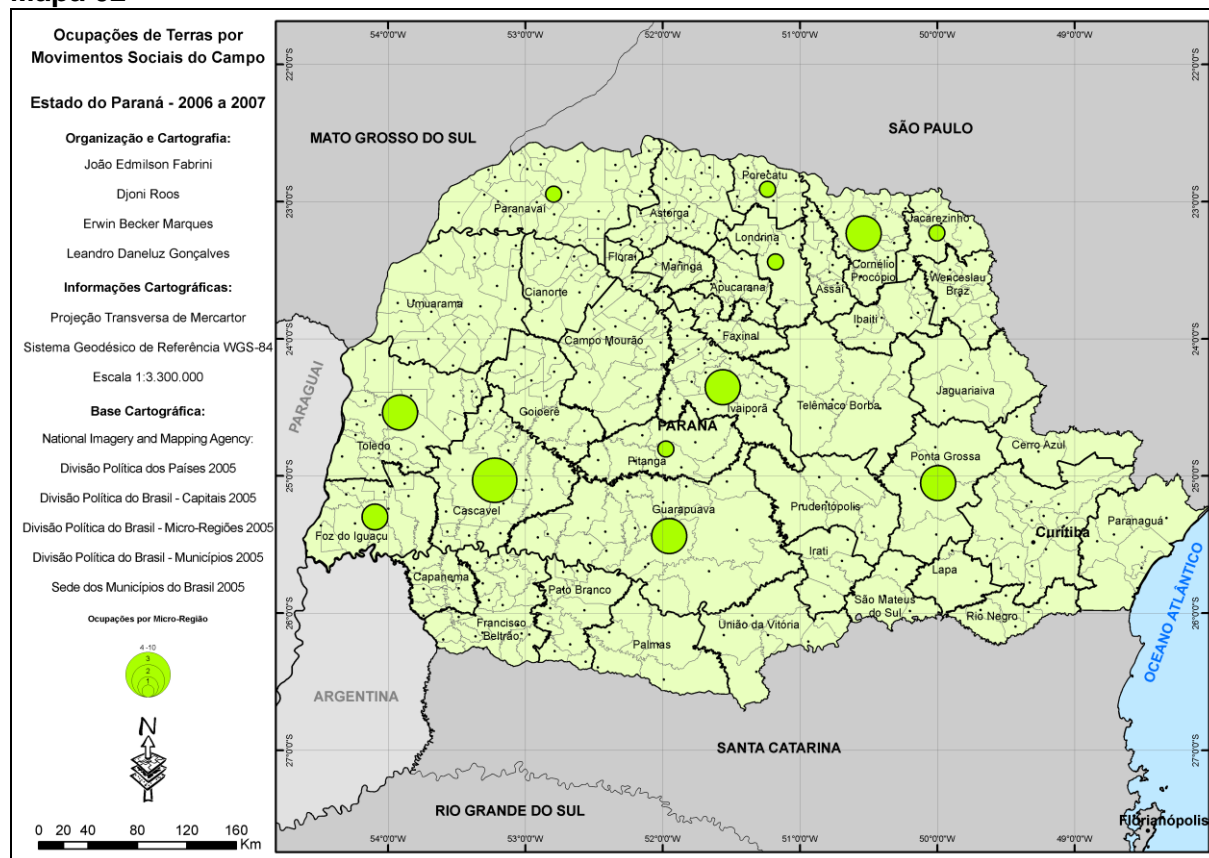
Fonte: DATALUTA-PR.

**As ocupações de terra no Paraná**

As ocupações de terra constituem uma prática forjada nas experiências de luta dos sem-terra para solapar a estrutura agrária baseada na concentração que garante poder às elites e segmentos dominantes do campo. Entretanto, a “espinha dorsal” das classes hegemônicas no campo que é a propriedade concentrada, ainda não foi quebrada pela ação dos camponeses através de ocupações de terra para realização da reforma agrária.

A ocupação se configura como um instrumento essencial da luta pela terra, visto que é através dela que a luta se espacializa e os camponeses conquistam seus territórios. Ao referir-se a espacialização da luta pela terra Fernandes (1996, p. 136) afirma: “Espacializar é registrar no espaço um processo de luta”. A ocupação é um pré-requisito para a espacialização e territorialização dos sem-terra, pois a partir da terra conquistada se desdobram novas lutas num processo que se realiza no enfrentamento entre a territorialização das relações capitalistas e camponesas.

As ocupações de terra são instrumento de luta dos sem-terra e sua realização é, geralmente, marcada por enfrentamentos com policiais e pistoleiros das fazendas nas “reintegrações” de posse. No Paraná, no decorrer dos anos de 2006 e 2007 ocorreram várias reintegrações de posse, contudo os sem-terra resistiram aos despejos através de novas ocupações. No mapa a seguir (mapa 02) verificam-se as regiões paranaenses que se destacaram pelas ocupações de terra no período de 2006 a 2007. Por outro lado, neste período não foram registradas grande quantidade de ocupações em regiões consagradas pelas histórias de luta, como nas mesorregiões Noroeste e Sudoeste do Paraná.

**Mapa 02**

**Fonte:** DATALUTA-PR.

As ocupações de terra no período de 2006/2007 se concentraram nas microrregiões de Cascavel, Toledo, Guarapuava, Ponta Grossa, Ivaiporã, Cornélio Procópio e não necessariamente ocorreram em propriedades diferentes. Um importante exemplo dessa luta foi a ocupação de uma área da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em Ponta Grossa e da Fazenda Experimental da Syngenta Seeds em Santa Tereza do Oeste, em 2006, ocupada diversas vezes pelos sem-terra até sua desapropriação e destinação pelo governo do Paraná ao Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) para realização de pesquisas.

### **Ocupação da Syngenta: conflito entre agronegócio e camponeses sem-terra**

Dentre as recentes ocupações de terra no Paraná, teve grande repercussão aquela realizada por cerca de 1.000 integrantes da Via Campesina na Unidade Experimental da Syngenta Seeds, em Santa Tereza do Oeste. A área da Unidade Experimental possuía 143 hectares e estava localizada na “zona de amortização ambiental” em torno do Parque Nacional do Iguaçu onde a Syngenta realizava pesquisas com Organismos Geneticamente Modificados (OGMs), prática não permitida pela legislação ambiental.

A Syngenta Seeds é uma empresa transnacional sediada na Suíça que atua na pesquisa, inovação e difusão biotecnológica no setor do agronegócio. Ela é uma das líderes mundiais na área do agronegócio e destaca-se na pesquisa e produção de sementes comerciais. A companhia é líder em “Proteção de Cultivos”, ou seja, pesquisa e comércio de agrotóxicos, e ocupa a terceira posição no *ranking* do mercado de sementes de alto valor agregado. Suas vendas globais chegaram em 2007 a aproximadamente US\$ 9,2 bilhões. A empresa foi criada a partir da fusão das empresas Novartis e Zeneca em fevereiro de 2001 e atualmente está presente em 90 países. Considerando as empresas antecessoras, a

Syngenta está presente no Brasil há cerca de 80 anos, produzindo “defensivos” agrícolas e sementes (SYNGENTA, 2008).

A Syngenta tornou-se mais conhecida pela realização de pesquisas com Organismos Geneticamente Modificados, sobretudo na produção de sementes para grandes culturas agrícolas, hortaliças, flores e beterraba açucareira. No Brasil, a Syngenta possui dois centros de pesquisas localizados em: Santa Tereza do Oeste/PR e Uberlândia/MG. A estrutura da empresa é formada ainda por duas unidades de beneficiamento: Matão/SP e Ituiutaba/MG. Há também a estação experimental de sementes de flores e vegetais, localizada em Itatiba/SP (SYNGENTA, 2008).

A estação de pesquisa de Santa Tereza do Oeste estava há 20 anos realizando estudos com sementes híbridas de milho e soja para a região Sul do Brasil. Desenvolviam ainda atividades de melhoramento genético para cultivos convencionais e transgênicos. Em março de 2006, a Syngenta foi multada em R\$ 1 milhão pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) por infringir a lei 10.814 de 15 de dezembro 2003 que proibia, em seu artigo 11, o plantio de sementes transgênicas nas áreas de Unidades de Conservação (UC) e respectivas zonas de amortecimento. A infração se refere ao cultivo/experimento de transgênicos (soja e milho), na unidade de Santa Tereza do Oeste, localizada na “zona de amortização ambiental” do Parque Nacional do Iguaçu, que conforme previa a legislação brasileira, compreendia um raio de 10 km. Além da multa, em maio de 2006 o IBAMA apreendeu os 12 hectares plantados com transgênicos.

No dia 19 de maio de 2006 o IBAMA determinou a colheita das plantações de soja e milho transgênicos que havia no campo experimental da Syngenta, os produtos foram apreendidos e armazenados na Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (COODETEC), que foi escolhida pela justiça como depositária das sementes. O chefe do escritório regional do IBAMA em Cascavel, Walter Gonçalves dos Santos Filho ao falar a respeito da estação de pesquisas de Santa Tereza disse que ‘a área foi embargada. Fica proibido qualquer pesquisa com organismos geneticamente modificados. (O PARANÁ, 20/05/2006, p. 9).

No dia 14 de março de 2006, uma semana antes da aplicação de multa à Syngenta pelo IBAMA, 1.000 integrantes da Via Campesina ocuparam a estação experimental da Syngenta localizada em Santa Tereza do Oeste (foto 01). A ocupação da área teve como objetivo chamar a atenção da sociedade para os crimes ambientais contra a biodiversidade que a transnacional estava cometendo. Na estação de pesquisa ocupada, os camponeses montaram o acampamento “Terra Livre”.

**Foto 01: Ocupação da estação experimental da Syngenta pelos integrantes da Via Campesina**



Fonte: O Paraná, 15/03/2006.

A partir da ocupação da área da Syngenta, os sem-terra passaram a ser duramente combatidos pela empresa e pela SRO, fundada para defender os interesses dos grandes proprietários fundiários do Oeste do Paraná. Para os setores proprietários e dominantes da região Oeste foi uma afronta dos sem-terra ocupar uma área destinada à pesquisa e localizada entre as terras mais férteis do país e próximas à cidade de Cascavel, importante centro de produção, consumo e circulação de mercadorias, pois nessa perspectiva, a área com este potencial produtivo deveria ser destinada ao agronegócio.

Entretanto, a retirada dos produtos geneticamente modificados da área não significou o fim da luta dos camponeses na Estação Experimental da Syngenta, pois os sem-terra reivindicavam também a desapropriação da área em favor da criação de um Centro de Estudos em Agroecologia. Assim, 80 famílias permaneceram acampadas por mais de dois meses na área até serem despejadas, quando a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) alterou o raio da “zona de amortecimento ambiental” do Parque Nacional do Iguaçu de 10 quilômetros para 500 metros. Após a alteração do raio da Zona de Amortecimento, a justiça ordenou a desocupação da área pelos sem-terra. Assim, a alteração da abrangência da Zona de Amortecimento Ambiental do Parque Nacional do Iguaçu, serviu aos interesses da Syngenta, obrigando a retirada dos sem-terra da área.

Os sem-terra deixaram a área e se instalaram na faixa de domínio da PR-163 em frente ao campo experimental. Decididos a reivindicar a desapropriação da fazenda experimental, os sem-terra reocuparam a área depois de uma semana: “Vamos ocupar quantas vezes for necessário, até conseguirmos a desapropriação da área, disse um dos coordenadores estaduais da Via Campesina e que lidera a ocupação em Santa Tereza”. (O PARANÁ, 14/11/2006).

Após a reocupação o governo do Paraná, na época, iniciou o processo de desapropriação da estação através da assinatura de decreto que transformava a fazenda experimental de OGMs em “[...] área de pesquisa, ensino e extensão voltada ao desenvolvimento de modelos agrícolas sustentáveis”, justificando a desapropriação à “[...] significância e fragilidade do maior e mais importante remanescente de floresta estacional semidecidual do país, constituído pelo Parque Nacional do Iguaçu”. (O PARANÁ, 14/11/2006).

A área foi identificada pela Secretaria de Agricultura do estado do Paraná como local ideal para instalação do Centro de Pesquisa em Agroecologia, sendo sua criação aprovada pela Assembleia Legislativa do estado. Para fundamentar a desapropriação, o governo estadual levou em consideração o artigo 23 da Constituição Federal, que outorga aos estados a competência para “[...] proteger as paisagens naturais notáveis e o meio ambiente, combater a poluição em qualquer de suas formas e preservar as florestas, a fauna e a flora” (BRASIL, 1988).

A desapropriação da área da Syngenta gerou indignação por parte dos ruralistas da região Oeste do Paraná. Organizados na SRO, os ruralistas bloquearam com tratores e demais máquinas a BR-277 a fim de impedir que os participantes da “I Jornada de Educação na Reforma Agrária”, ocorrida em Cascavel no mês de novembro de 2006, realizassem a marcha até a fazenda experimental da Syngenta, resultando em confronto violento, conforme referido anteriormente.

No início de 2007 o desembargador Marcos Fanchin determinou a suspensão dos efeitos do decreto que desapropriava a área para a criação de um Centro de Pesquisa em Agroecologia, alegando desvio de finalidade. A justificativa do desembargador foi de que ao invés de implantar centro de pesquisa, ensino e extensão, a área havia sido ocupada por membros da Via Campesina. O governador do estado, na época Roberto Requião, reagiu à decisão judicial:

Se a Syngenta fizesse o que fez aqui na Suíça, seu país de origem, todos os seus administradores estariam na cadeia. O Governo do Estado desapropriou o espaço de uma empresa infratora, evitou um conflito com os movimentos sociais e vê, pelo menos num primeiro momento, sua medida ser derrubada no Judiciário. Na Suíça, não aconteceria isso. Vamos

continuar na nossa posição de defesa do interesse público. Vamos recorrer. (PARANÁ, 2007).

Os sem-terra reocuparam novamente a área em 2007 e passaram a produzir sementes crioulas. Após um ano da primeira ocupação, os integrantes da Via Campesina comemoraram a produção de alimentos para sua subsistência e de excedentes para a comercialização pelas 70 famílias acampadas. Durante o período do acampamento as famílias demonstraram preocupação ecológica plantando cerca de 3.000 mudas de espécies nativas na área ocupada, espécies estas impedidas de serem cortadas por força da lei.

Embora estivessem produzindo na área da Syngenta, em abril de 2007, a Justiça do Paraná determinou a retirada das famílias acampadas diante das pressões da classe ruralista pela reintegração de posse. Mas os acampados permaneceram na área até julho do mesmo ano, quando os sem-terra decidiram pela desocupação pacífica, dirigindo-se para o assentamento Olga Benário, próximo à estação experimental.

Em outubro de 2007 membros da Via Campesina voltaram a ocupar a estação experimental da Syngenta com cerca de 150 pessoas. No mesmo dia da ocupação cerca de 40 homens fortemente armados tentaram expulsar os sem-terra da área. Nesse confronto violento, duas pessoas morreram: Valmir Mota de Oliveira, mais conhecido como Keno, coordenador estadual do MST na Região Oeste do Paraná e o segurança Fábio Ferreira da empresa “NF Segurança”. Além disso, vários sem-terra saíram feridos do confronto, sendo hospitalizados na cidade de Cascavel.

Segundo a Via Campesina, a empresa de segurança “NF Segurança” agia como uma milícia armada a serviço da Sociedade Rural do Oeste e do Movimento dos Produtores Rurais (MPR). Deve-se mencionar que lideranças do MST e da Via Campesina na região Oeste já vinham sofrendo perseguição e intimidação por parte de “milícias” privadas contratadas pela SRO e pelo MPR, a fim de combater as ocupações de terra na região.

No início do ano de 2008 os membros da Via Campesina desocuparam pacificamente a Estação Experimental da Syngenta, quando novamente, se transferiram para o Assentamento Olga Benário. Como a impunidade campeia, a Syngenta saiu isenta das acusações de assassinato e os “seguranças” da “NF Segurança” foram postos em liberdade após ficarem apenas dez dias detidos.

Assim, verifica-se que a empresa moderna, transnacional e vinculada ao agronegócio recorre à violência para fazer valer a acumulação capitalista, articulando relações de produção modernas e pesquisa científica com práticas semelhantes à “acumulação primitiva”.

Porém, a persistência dos camponeses pela conquista da área da Syngenta fez com que em outubro de 2008 a empresa assinasse cessão da área de 127 hectares ao estado do Paraná, que delegou a administração da área ao IAPAR em parceria com a Via Campesina, sendo utilizada para a produção de sementes crioulas e distribuição entre os camponeses, visando a construção de um projeto soberano para a agricultura. Assim, a área anteriormente destinada aos experimentos transgênicos foi convertida pela luta em área de reforma agrária.

Entretanto, em vista de mudanças na conjuntura política do estado do Paraná com a posse do governador Carlos Alberto Richa (Beto Richa – PSDB) em 2011, o seu secretário de agricultura, Norberto Ortigara, declarou que a estação do IAPAR de Santa Tereza do Oeste, deve passar por redefinições a fim de atender outros setores agrícolas, indicando que poderá dedicar-se ao atendimento de produção agrícola convencional. Neste sentido, a luta dos camponeses será a garantia das conquistas alcançadas com a desapropriação da área da Syngenta em Santa Tereza do Oeste.

## **O Dataluta-PR: banco de dados da luta pela terra no Paraná**

Nesta quadra de lutas e resistências no campo paranaense, apresentada anteriormente, surgiu a necessidade de criar um banco de dados, o Dataluta-PR, para



registrar e subsidiar a análise dessa realidade na perspectiva da espacialização e territorialização destas lutas. O Dataluta-PR está vinculado à Rede Dataluta, sediado no Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Presidente Prudente e se dedica ao levantamento de informações sobre as lutas no campo desenvolvidas por meios dos movimentos camponeses no Brasil.

O banco de dados é resultado da coleta de informações da luta pela terra e representa as diversas lutas ocorridas no campo nas escalas nacional, estadual e microrregional. Na escala nacional há o Dataluta-Brasil; na estadual existe o Dataluta/Paraná, São Paulo, Minas Gerais, etc. Cada núcleo de pesquisa utiliza diferentes fontes, como as do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), da Associação Nacional dos Órgãos Estaduais de Terra (ANOTER), da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Ouvidoria Agrária do Ministério do Desenvolvimento Agrário e dos movimentos sociais. Os dados do Dataluta-PR são coletados a partir de informações veiculadas em jornais de circulação estadual (Folha de Londrina) e regional/Oeste (Gazeta do Paraná e O Paraná).

A elaboração do banco de dados na escala estadual percorre o seguinte caminho: escolha dos jornais que servirão como fonte; recorte dos jornais com matérias que tratam das lutas no estado; leitura semanal desses recortes; recolhimento dessas informações como: data da realização da luta, local/município, número de famílias ou de participantes, movimento, inserção dos dados em um banco de dados e digitalização dos recortes de jornais.

Os dados coletados dos jornais Folha de Londrina (Londrina), O Paraná e Gazeta do Paraná (Cascavel) no período de 2006/2007 permitiram verificar, como destacado anteriormente, que as principais lutas realizadas neste período tiveram como motivações a conquista da terra, obtenção de recursos financeiros, assistência técnica e infraestrutura para agricultura camponesa e a preservação da biodiversidade, dentre outras. A partir das diferentes demandas verificou-se também a presença de variados movimentos, dos quais se destacaram a Via Campesina, MST, MLST, MAST, pescadores, ilhéus e STRs.

Neste período ainda, foi possível verificar que as lutas no campo paranaense se espacializaram principalmente nas regiões Oeste, Norte e Centro-Sul, além de Curitiba, sede do governo estadual e onde encontros e protestos são estrategicamente organizados. As lutas também se realizaram nestas regiões em vista da concentração fundiária e existência de propriedades rurais improdutivas, pela organização dos sem-terra que protestam e exigem do Estado solução do problema da posse da terra e o atendimento de outras reivindicações.

A forma mais frequente de manifestação foi o bloqueio do tráfego de rodovias e ferrovias, caminhadas, protesto em frente a órgãos públicos, empresas privadas e estatais, templos religiosos e praças públicas, ocupação de bancos e órgãos públicos. Às vezes o protesto tomou a forma de ato comemorativo, culto, encontro político ou científico, greve ou reunião. Estas táticas foram empregadas tanto por movimentos sociais e trabalhadores rurais “independentes” quanto por entidades de classe vinculadas aos ruralistas e aos produtores rurais (tabela 1).

**Tabela 1 – Movimentos em Ocupações e Manifestações – Paraná (2006/07)**

Movimentos/entidades de classe	Manifestações	Ocupações
MST/Via Campesina	70	32
SRP/SRO/Produtores Rurais	37	-
MLST	5	4
Indígenas	5	2
Pescadores/ilhéus	4	-
Sem-Terra “independentes”	1	2
CPT	3	-
MAST	-	2
CUT	1	1

FETAEP/STRs/CONTAG	3	-
CETA – Movimento Assentados, Acampados e Quilombolas.	-	1
FETRAF	1	-
União Geral dos Trabalhadores	1	-
MPA	1	-
A-PROLI	1	-
Assentados	1	-
Coordenação dos movimentos sociais	1	-
Cortadores de cana	1	-
<b>Total</b>	<b>136</b>	<b>44</b>

**Fonte:** Dataluta-PR. **Org.:** Autores.

Verificou-se também que a luta pela terra se deu pela organização dos camponeses nos movimentos sociais. Nesse processo de enfrentamento à ordem expropriatória e desigual, há movimentos que atuam em vários estados e países (MST, Via Campesina) e há aqueles de ação local, ambos assentados no território, como é o caso dos ilhéus e indígenas.

Muitos estudiosos e movimentos camponeses têm valorizado as ações de massa e em grande escala com a realização de grandes ocupações, manifestações, encontros, marchas, eventos e mobilizações variadas que geram um “fato político” e repercussão. As pequenas manifestações acabam sendo depreciadas e consideradas isoladas, não portadoras de potencial transformador da sociedade.

O exemplo típico de movimentos sociais camponeses de escala nacional que oferece maior resistência à opressão engendrada na produção capitalista é o MST. O fato de o movimento ser espacializado nacionalmente e articulado a outros movimentos, inclusive de outros países, tem trazido importantes resultados e conquistas para os camponeses.

Segundo Fernandes e Martín (2004), o fato de o MST possuir uma ação nacional a partir de uma base territorial faz dele um movimento socioterritorial, organizado em rede em 23 unidades da federação. Até 1984, as lutas dos sem-terra eram “isoladas” e foram articuladas nacionalmente, quando foi fundado o MST em Cascavel/PR. Antes desta data haviam movimentos pontuais e localizados, o que dificultava a ampliação das lutas e conquistas.

Mesmo reconhecendo as diversas escalas de luta (local, regional, nacional e mundial) que se implicam e imbricam-se, Fernandes e Martín (2004) analisam as lutas dos camponeses a partir do nexa da espacialização das lutas, de modo que os movimentos espacializados, de lastro e abrangência nacional são considerados socioterritoriais, e aqueles que esboçam resistência local são entendidos como movimentos isolados, indicando que estas seriam formas menos eficientes para alcançar seus objetivos. Ao tratar das ocupações de terra realizadas pelo MST, Fernandes (2001) afirma:

Com essas práticas, os sem-terra reúnem-se em movimento. Superam bases territoriais e fronteiras oficiais. Na organização da ocupação massiva, agrupam em famílias de vários municípios e de mais de um Estado, quando em áreas fronteiriças. Desse modo, rompem com localismos e outras estratégias advindas de interesses que visam impedir e/ou dificultar o desenvolvimento da luta pelos trabalhadores. (FERNANDES, 2001, p. 72-73).

Fernandes e Martín (2004), ao referirem-se aos movimentos socioterritoriais, ou seja, aqueles articulados nacionalmente como portadores de um conteúdo questionador da ordem capitalista dominante, como verificado anteriormente, reportam-se ao pensamento de Foucault, enfatizando que a geografia das confrontações locais de poder foi problematizada por este estudioso no livro *Microfísica do Poder*, possibilitando compreender que a produção e resistência camponesa fazem surgir uma geografia característica e peculiar do campo. Os autores também citam Lefebvre para apontar a necessidade de reconhecimento das forças locais na compreensão dessa realidade.

Assim, a escala de ação dos camponeses se amplia pelos movimentos, mas é preciso considerar que estes se alimentam de uma “energia” local, do território. O assentamento, o acampamento e os grupos de pequenos agricultores, por exemplo, se constituem como parte do território que alimentam e oxigenam ação de movimentos e entidades nacional ou internacionalmente organizadas. Por isso pode-se afirmar que o território se constitui como base de ação das forças camponesas organizadas.

## Considerações finais

No decorrer da elaboração do Dataluta-PR (2006/2007) foi possível verificar que ocorreram diversas manifestações camponesas espacializadas no estado do Paraná, onde se destacam as lutas promovidas pelos movimentos populares. A partir das diferentes demandas verificou-se também a presença de variados movimentos.

Foi possível verificar também por meio da coleta de informações e dados jornalísticos que as lutas recentes no campo paranaense apresentam espacializações e características variadas. As principais regiões de lutas camponesas são as regiões Oeste, Centro-Sul e Norte. Dentre as principais lutas realizadas destacam-se aquelas relativas à conquista da terra; preservação da biodiversidade; obtenção de recursos financeiros; assistência técnica e infraestrutura para agricultura camponesa.

Constatou-se ainda que as lutas dos camponeses não são necessariamente locais e ligadas aos seus interesses corporativos e imediatos. São lutas contra a estrutura de dominação engendradas no processo ampliado de acumulação capitalista. Assim, o projeto Dataluta/Paraná tem possibilitado a coleta de informações e dados que permitem visualizar a espacialização e territorialização das lutas camponesas no estado.

## Referências bibliográficas

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras. 1999.

\_\_\_\_\_. **Resgatar os princípios organizativos**. São Paulo. MST. 2001.

BONIN, Anamaria A. et. al. **A luta pela terra no Paraná recente**. In: PAZ, Francisco. Cenários de Economia e Política - Paraná. Curitiba. Prephácio. p. 119/143. 1991.

BONIN, Anamaria A. et. al. **Movimentos sociais no campo**. Curitiba: Criar Edições. 1987.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da república federativa do Brasil**: Promulgada em 5 de Outubro de 1988. Organização do texto por Juarez de Oliveira. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.814, de 15 de dezembro de 2003. Estabelece normas para o plantio e comercialização da produção de soja geneticamente modificada da safra de 2004 e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 dez. 2003, p. 01.

DATALUTA. (Banco de Dados da Luta Pela Terra). **Relatório de Pesquisa**. Presidente Prudente: Nera. 2001 a 2007.

ESTERCI, Neide et. al. Assentamentos rurais: um convite ao Debate. *In*: Revista da ABRA (Associação Brasileira Reforma Agrária). **Assentar, assentados e assentamentos**: solução ou atenuante. Campinas, ABRA, v. 22, 1992. p. 07-15.

FERNANDES, Bernardo M. **MST: formação e territorialização**. São Paulo: Hucitec. 1996.



\_\_\_\_\_. **Gênese e desenvolvimento do MST.** São Paulo: MST. 1998.

\_\_\_\_\_. **Questão agrária, pesquisa e MST.** São Paulo: Cortez. 2001.

FERNANDES, Bernardo M. MARTÍN, Jean Y. **Movimento socioterritorial e globalização.** Digitado: Presidente Prudente. 2004.

FERREIRA, Ângela D. D. Movimentos sociais rurais no Paraná – 1978-1982. In: **Movimentos sociais no campo.** Curitiba: ed. da Universidade Federal do Paraná, 1987. p. 09 – 50.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina:PR, 2006-2007.

GAZETA DO PARANÁ. Cascavel:PR, 2006- 2007.

GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados, terra e água: o conflito de Itaipu.** 2. ed. Salvador: EDUFBA/ULBRA, 2003

GÖRGEN, Frei Sérgio A., STEDILE, João P. (Orgs.). **Assentamentos: resposta econômica da reforma agrária.** Petrópolis: Vozes. 1991.

LIECHESKI, Eliane. **A contribuição do sindicato dos trabalhadores rurais de Medianeira nas lutas dos trabalhadores rurais do oeste do Paraná.** Relatório 53 f. (iniciação científica em geografia), Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, departamento de Geografia, Marechal Cândido Rondon, PR, 2000.

MARQUES, E. B. **A espacialização das ocupações de terra no estado do Paraná (1988-2006) e os limites da luta pela reforma agrária.** Monografia 110f. (licenciatura em geografia), Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, PR, 2008.

MARTINS, José de S. **Os camponeses e a política no Brasil.** 4 ed., Petrópolis: Vozes. 1990.

\_\_\_\_\_. **O poder do atraso.** São Paulo: Hucitec. 1994.

\_\_\_\_\_. **Reforma agrária: o impossível diálogo.** São Paulo: Edusp. 2000.

MEDEIROS, Leonilde S. **Reforma agrária: concepções, controvérsias e questões.** www.dataterra.org.br. 1993.

MST. **Encontro Nacional dos Sem-Terra.** Cascavel: MST. 1984.

\_\_\_\_\_. **Construindo o caminho.** São Paulo: MST. 1986.

\_\_\_\_\_. **Reforma agrária: por um Brasil sem latifúndio.** São Paulo: MST. 2000.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **A geografia das lutas no campo.** São Paulo: contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. Geografia e território: desenvolvimento e contradições na agricultura. In: XII **Encontro Nacional de Geografia Agrária.** n, 12, Águas de São Pedro/Rio Claro: IGCE, p.24-51. 1994.

\_\_\_\_\_. **Modo de produção capitalista e agricultura.** São Paulo: Ática. 1986.

O PARANÁ. Cascavel:PR, 2006-2007.

PARANÁ. **Agência Estadual de Notícias.** 2007. Disponível em: <<http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2008.

PAZ, Francisco. **Cenários de economia e política:** Paraná. Curitiba: Prephácio. 1991.

SILVA, José G. da. **A modernização dolorosa:** estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores no Brasil. Rio do Janeiro, RJ. Zahar Editores, 1981. 192 p.

SYNGENTA. **Histórico.** 2008. Disponível em: <[http:// www.syngenta.com.br/historico](http://www.syngenta.com.br/historico)>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2008.

# **Pelo espaço ou pelo território? Possibilidades de articulação para se compreender a territorialidade e a fragmentação socioespacial<sup>1</sup>**

**Clayton Ferreira Dal Pozzo**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente  
e-mail: cltdp@yahoo.com.br

## **Resumo**

Visando uma leitura abrangente da Geografia e uma análise que não se limita à conjuntura dos processos socioespaciais torna-se necessário verificar como os conceitos de espaço e território se articulam e se solidarizam ante a avaliação da realidade em sua transversalidade e multiescalaridade. Desse ponto de vista, os deslocamentos constantes de centralidade entre ambos e a supressão de um sobre o outro são reavaliados a partir de uma leitura integrada do território e do espaço. Este recurso metodológico pode ajudar a fomentar lutas objetivando a superação das desigualdades socioespaciais.

**Palavras-chave:** produção do espaço, produção do território, territorialização-desterritorialização-reterritorialização, territorialidade, fragmentação socioespacial.

## **Resumen**

### **¿Por el espacio o por el territorio? Posibilidad de articulación para comprender la territorialidad y la fragmentación socio-espacial**

Para un abordaje más amplio de la ciencia geográfica y una mirada más allá de la coyuntura de los procesos sócio-espaciales, urge analizar cómo los conceptos de espacio y territorio si articulan y si solidarizan. Ésta perspectiva permite evaluar la realidad en su transversalidad y multiescalaridad. Bajo esa mirada, desplazamientos constantes de centralidad entre ambos y las supresiones de uno sobre el otro son retomados y repensados desde una lectura del territorio y del espacio integrados y como un recurso metodológico que ayuda a orientar las luchas para superar las desigualdades sócio-espaciales.

**Palabras-clave:** la producción de espacio, la producción de territorio, territorialización-desterritorialización-reterritorialización, territorialidad, fragmentación socio-espacial.

## **Abstract**

### **For space or for territory? Possibility of articulation to understand the territoriality and a socio-spatial fragmentation**

The relationship between space and territory concepts contributes to a comprehensive reading of Geography and a conjunctural-structural analysis of the socio-spatial processes. Thus the displacement of centrality and the suppression of one over the other are

---

<sup>1</sup> Texto apresentado como critério de avaliação final à Disciplina “Teoria dos Territórios e da Questão Agrária”, ministrada pelos Professores Bernardo Mançano Fernandes e Carlos Alberto Feliciano, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

reevaluated from an integrated analysis of both. This methodological resource can help guide the struggles to overcome the socio-spatial inequalities.

**Keywords:** production of space, production of territory, territorialization-deterritorialization-reterritorialization, territoriality, socio-spatial fragmentation.

## Introdução

O embate entre espaço e território, dois conceitos-chave da ciência geográfica, constitui o objetivo central deste artigo.

No âmbito da produção científica recente, tem havido um deslocamento constante de centralidade, ora privilegiando o conceito de espaço e secundarizando o conceito de território, ora privilegiando o conceito de território e secundarizando o conceito de espaço.

Em menor medida, esses termos tendem a ser empregados como sinônimos, contribuindo para fomentar confusões teórico-conceituais.

Com base nisto, de que modo esses conceitos se expressam? Quais as semelhanças e as diferenças que os caracterizam?

Além disso, quais as implicações para o conceito de espaço, no atual momento da ciência geográfica, em que o conceito de território, em consonância com sua expressiva centralidade, esboça *status* de uma metanarrativa, na qual, a totalidade enseja ser explicada por sua intermediação?

Orientando-se por essas questões iniciais, o artigo também busca estabelecer relações com a noção de territorialidade, bem como, com o processo de fragmentação socioespacial que se expressa, sobretudo, em cidades de porte médio a padrões metropolitanos, como um dos instrumentos que promovem, na perspectiva do controle social, a manutenção e neutralização das desigualdades sociais.

Esperamos contribuir com o debate que busque repensar o método geográfico à luz de uma abordagem que privilegie - de modo aberto, solidário e integrador - a leitura territorial indissociável à leitura espacial e vice-versa, de modo a fomentar lutas entorno de níveis mais elevados de justiça social como perspectiva da emancipação socioespacial.

## Pelo espaço: desfazendo algumas confusões entorno do espaço como palco e entre espaço e natureza

Temos querido provar que tôdas as nossas intuições<sup>2</sup> só são representações de fenômenos, que não percebemos as coisas como são em si mesmas, nem são as suas relações tais como se nos apresentam, e que **se suprimíssemos nosso sujeito**, ou simplesmente a constituição subjetiva dos nossos sentidos em geral, **desapareceriam** também tôdas as propriedades, todas as relações dos objetos no espaço e no tempo, e também **o espaço e o tempo**, porque tudo isto, como fenômeno, não pode existir em si, mas somente em nós mesmos. (KANT, 1965, p. 51-52, grifos nossos).

(...) se vírmos o espaço e o tempo como construções sociais (o que implica a **rejeição** das teorias absolutas do espaço e do tempo atribuíveis a Newton e Descartes) a produção do espaço e do tempo terão de ser incorporadas ao pensamento utópico. (HARVEY, 2006, p. 239, grifos nossos).

<sup>2</sup> Segundo Kant (1965, p. 29-30, 80-81), a intuição é a representação concebida a partir da relação com os objetos (que são dados mediante a sensibilidade humana) numa relação imediata. Quando as intuições são pensadas/mediatizadas e, portanto, empiricizadas, os conceitos podem ser formulados.

'To produce space': this combination of words would have meant strictly nothing when the philosophers exercised all power over concepts. **The space of the philosophers could be created only by God, as his first work**; this is as true for the God of the Cartesians (Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibniz) as for the Absolute of the post-Kantians (Schelling, Fichte, Hegel). (LEFEBVRE, 1992, p. 73, grifos nossos).

**No começo era a natureza selvagem**, formada por objetos naturais [coisas], que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos (...).

(...)

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. **É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.** (SANTOS, 2008, p. 63, grifos nossos).

Partindo-se da “produção do espaço” de Lefebvre (1992; 2006) e do espaço como construção social (HARVEY, 2006), Carlos (2007, p. 47) compreende que o espaço é uma produção social que pode ser apreendido como “processo e movimento”; Massey (2008, p. 15-31) o reconhece “como dimensão do social” em processo de construção e que se constitui a partir de interações e da “coexistência da heterogeneidade”. Por sua vez, Santos (2008, p. 109) o considera como a “síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais”.

A partir desses aspectos, bem como, a partir dos excertos acima, quais implicações se apontam ao se afirmar que o espaço, bem como, o tempo, são construções sociais? Baseando-se em Kant (1965), podemos considerar que essa afirmação implica, em princípio, que o espaço e o tempo *em si* ou, em outros termos, desprovidos de sujeitos sociais, perdem o sentido ontológico e, portanto, perdem a razão de ser enquanto materialização histórica das relações sociais.

Na inexistência do tempo e do espaço, consubstancia-se o substrato material, síntese de um conjunto de coisas inomináveis ou “obras” espontaneamente distintas e criadas pela natureza, como sugere Lefebvre (1992, p. 70; 2006). Segundo Santos (2008, p. 131), com a natureza “inteiramente natural, teríamos, a rigor, uma diversificação da natureza em estado puro”.

Somente a partir da existência de sujeitos cognocentes e suas relações sociais - considerando suas intuições sensíveis e ações empíricas, nos termos de Kant (1965) - bem como, a interferência desses sujeitos com a natureza natural, é que o significado conceitual de espaço e de tempo pode ser atribuído, experienciado e transformado.

Nesses termos, o espaço e o tempo não são coisas em si e, em discordância da perspectiva da primeira face do espaço de Raffestin (1993), não estão dados, pois, do ponto de vista ontológico, são condições subjetivas da sensibilidade (no processo de representação dos fenômenos) e da experiência para com a realidade empírica dos objetos (KANT, 1965, p. 39-40).

Em algumas passagens, Kant (1965) sugere a separação entre o espaço e os objetos quando, por exemplo, afirma que “todas as coisas, como fenômenos externos, estão justapostas no espaço” (KANT, 1965, p. 39). Afirmações como esta, ainda que possam ser relativizadas considerando outras passagens desta mesma obra, tende a propiciar interpretações apressadas do espaço, como receptáculo ou palco para o qual os objetos e ações se expressam.

Não se trata, portanto, de considerar o espaço apenas como condição pelo qual os fenômenos e as ações possam se realizar, como sugere Kant (1965, p. 37-38) e, de certo modo, Raffestin (1993, p. 46-47), mas, numa perspectiva social (e relacional) de sua construção, o espaço também é o meio e o produto no processo de “reprodução das relações sociais” (CARLOS, 1999, p. 63).

Com base nesses aspectos concordamos, em parte, com as críticas de Saquet (2007, p. 77) quando aponta algumas limitações da noção de espaço de Raffestin (1993, p. 223) sem considerar, plenamente, a articulação das duas faces do espaço, como propostas pelo autor.

Em consonância a isso, podemos incorrer em erros ao afirmar que o espaço, para Raffestin, é palco, suporte, um ponto de apoio à qual as ações se projetam e, portanto, “preexiste a qualquer ação” como um “dado”, uma matéria-prima ou recurso com valor de uso, estritamente (RAFFESTIN, 1993, p. 34-48, 143-144). Apesar da ênfase na direção dessa perspectiva, devemos asseverar que o autor não se limita a ela, considerando-a apenas a primeira das duas faces do espaço à qual nomeclaturou de “espaço real ‘dado’” (RAFFESTIN, 1993, p. 48).

Para Raffestin (1993), a segunda face do espaço refere-se ao “plano do conteúdo”:

(...) constituído pelas superfícies, pelas distâncias e propriedades **reorganizadas**, que têm seu significado dado pelos atores sociais. Dessa forma, em estreita relação com o espaço real, há um “espaço abstrato” simbólico, ligado à ação das organizações. É de certa forma, o **espaço relacional “inventado” pelos homens** e cuja permanência se inscreve em escalas de tempo diferentes do espaço real “dado” (RAFFESTIN, 1993, p. 48, grifos nossos).

Contudo, a primeira face do espaço de Raffestin tem, inadvertidamente, influenciado na fundamentação teórico-conceitual de algumas pesquisas, sobretudo, àquelas que elegem o território como conceito explicativo central e que se fundamenta na subalternização e/ou desvalorização da noção ou conceito de espaço.

A pesquisa realizada por Bombardi (2004) é emblemática nesse sentido. Ao analisar o processo de territorialização camponesa, Bombardi (2004, p. 34-47) destaca, apoiando-se em Raffestin (1993), que o espaço não é uma massa amorfa, mas um meio natural não homogêneo já dado, em ratificação à concepção de espaço real “dado” de Raffestin (1993, p. 46-47). O espaço, portanto, tornar-se-ia apenas uma das pré-condições para que o território possa se realizar.

Considerando as intencionalidades das pesquisas, o ponto de partida pode, rapidamente, ser deslocado do espaço - o espaço palco, dado, área composta por uma distribuição diferencial de recursos (em supressão/negação às teorias do espaço socialmente produzido ou como construção social) - para a análise da construção social do território.

Nesses termos teríamos, preponderantemente, uma leitura territorial da realidade já que o espaço (como área ou substrato material) tornar-se-ia uma condição subjacente. Propondo desfazer esse tipo de confusão e, portanto, aberto a novos questionamentos, consideramos mais razoável estabelecer, como um possível ponto de partida para a análise da realidade, a dimensão da natureza natural criadora de coisas ou da natureza pura, segundo Santos (2008), e que, deste modo, não se confunde com uma perspectiva de espaço como construção social.

O espaço como construção social pressupõe a produção do espaço e que tem, como ponto de partida, a natureza fornecedora de valores de uso que será apropriada pela prática espacial, ou seja, pelo ser humano - o ser natural e social que trabalha para produzir coisas (produtos) e criar obras (LEFEBVRE, 1992, p. 70-71; 2006) - mediante o emprego de técnicas.

O conceito de espaço permite religar “o mental e o cultural, o social e o histórico” reconstituindo-se a tríade **descoberta – produção – criação**: Descoberta de espaços até então desconhecidos dos continentes e do cosmos; Produção espacial organizada de acordo com as necessidades e conhecimentos de cada sociedade; Criação de obras como a paisagem e a cidade (LEFEBVRE, 2006, grifos nossos)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Cf. Prefácio não paginado em Lefebvre (2006) e/ou versão original em francês, em Lefebvre (2000).

Com base nesses aspectos, a natureza (ou, se quiser, o espaço-natureza) não se confunde com a “natureza do espaço” formado, historicamente, a partir do acúmulo de resultados materiais obtidos pelas ações humanas e que, hoje, é “animado pelas ações” que “lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade” (SANTOS, 2008, p. 106).

Em outros termos, a natureza - como objeto natural ou complexo de coisas – está contemplada nos sistemas de objetos, transformando-se em (e interagindo com os) objetos técnicos. A indissociabilidade solidária e contraditória entre os sistemas de objetos e os sistemas de ações, forma o espaço. Nessa perspectiva, o espaço pode ser visto como totalidade<sup>4</sup> num incessante processo de transformação (SANTOS, 2008, p. 63, 118-120).

### **Pelo território articulado ao espaço: cindindo a totalidade do espaço para se compreender a conflitualidade em movimento**

Como afirma Santos (2008, p. 118), embora se admita a cisão como procedimento necessário para se compreender o espaço como totalidade em movimento (ou em processo de totalização), os esfacelamentos da realidade (abordagem de fatos mais ou menos isolados, estudos de caso, recortes teórico-conceituais e/ou empíricos, etc.) pouco significam se não se pretende estabelecer articulações mais amplas com essa perspectiva de totalidade<sup>5</sup>.

Por outro lado, é possível realizar uma análise geográfica de uma totalidade desprovida de movimento (totalidade produzida, totalidade-produto) considerando a perspectiva da análise da paisagem ou da configuração territorial<sup>6</sup> e que, portanto, não se confunde (ainda que se possam estabelecer associações) com a análise da produção do espaço (SANTOS, 2008, p. 119-120).

A cisão pressupõe abordar o processo de produção do espaço na perspectiva de seus fracionamentos o que, em grande medida, possibilita analisar os conflitos, inerentes às frações do espaço em movimento, nem sempre são possíveis de serem apreendidos, de modo detalhado, a partir da análise, tão somente, do espaço como totalidade.

A análise dos conflitos a partir do espaço fracionado possibilita recolher elementos que expressam, de modo a delinear/delimitar/definir e diferenciar, os territórios, produto dos conflitos. Em outros termos, recorta-se o espaço por um conjunto de territórios tensos e, portanto, densamente conflitivos, marcando-se “um campo de correlação de forças” em “busca de hegemonia” (MOREIRA, 2007, p. 81).

O território tende a imprimir, portanto, noções de limite que “mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 153). Com isso, podemos afirmar que o processo de definição de um território envolve, a princípio, o seu processo de diferenciação e confronto, solidário ou de modo antagônico, com os demais territórios (em relação de contiguidade, descontinuidade e/ou em sobreposição ao primeiro), permitindo identifica-lo e qualifica-lo no

<sup>4</sup> Santos (2008, p. 270, grifos nossos) reconhece três níveis de totalidade, quais sejam: O **mundo** como “primeira totalidade, empiricizadas por intermédio das redes”; O **território** como “segunda totalidade, determinado pela formação socioespacial de um Estado-nação “resultante de um contrato” e limitado por fronteiras”; E, por fim, o **lugar** como “terceira totalidade”, na qual, os “fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças à ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade”.

<sup>5</sup> Em outros termos, não se trata apenas de conhecer o todo pela análise das partes e conhecer as partes pela análise do todo, mas sim, do ponto de vista da análise da produção do espaço, “reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes” (SANTOS, 2008, p. 120) que caracterizam o espaço.

<sup>6</sup> Segundo Santos (2008, p. 62), “configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima”.

seio da reorganização dos territórios em zonas (territórios-zona<sup>7</sup>) e/ou em redes (territórios-rede<sup>8</sup>) nos termos desenvolvidos por Haesbaert (2010, p. 79 et seq).

Partindo desses aspectos, esboçam-se três processos principais que permitem diferenciar o território do espaço. Em síntese, o território se diferencia do espaço por explicitar alguns elementos que não se revelam no espaço de modo detalhado, quais sejam, as **relações de poder**, a construção de **identidades**, e “o movimento de **territorialização**, **desterritorialização** e **reterritorialização**” (SAQUET, 2009, p. 82, grifos nossos).

Devemos levar em consideração, ainda, que apenas descrever o território em si, não revela, suficientemente, os conflitos e a diferença que o caracteriza. Significa analisar o processo de produção de uma determinada fração do espaço, mas não o processo de produção do território, em termos de relações de poder, de identidades e de movimento, contextualizados no espaço como totalidade.

Essa perspectiva de análise reforça uma leitura espacial estritamente fragmentada ou, em outros termos, tende a confundir o território com as formas espaciais e os objetos geográficos desprovidos das relações de poder (SOUZA, 2009, p. 61) o que, em grande medida, distancia-se tanto de uma leitura do espaço como totalidade em movimento, quanto de uma leitura do território como recortes espaciais definidos por identidades, conflitos e limites, também em movimento.

Tendo em vista superar esse tipo de fragmentação, o qual, pode reforçar perspectivas de territorialismos, localismos, nacionalismos, etc., pela importância do espaço como totalidade, Massey (2008, p. 29-31, 109-110, 264-265) propõe a ideia de conectividade espacial<sup>9</sup> e de coetaneidade<sup>10</sup>.

Por intermédio desses dois princípios (e em incorporação ao pensamento utópico), o espaço comparece como uma rede relacional à qual tende agregar as diversidades/heterogeneidades em sua multiescalaridade e em benefício da construção de uma política mais abrangente e aberta a uma justiça socioespacial continuamente mais ampla.

Com base nisto, conflitos eminentemente pontuais/circunscritos no âmbito, portanto, de necessidades preponderantemente locais, tem pouco poder de oferecer “muita esperança para uma política mais ampla” (MASSEY, 2008, p. 256). Como possibilidade de outra perspectiva:

A topografia é muito diferente quando o local (e, concomitantemente, o global) é pensado relacionalmente. Neste caso, cada luta local já é uma conquista relacional, baseada tanto dentro quanto para além do “local”, e é internamente múltipla. (...). **A potencialidade, então, é para que o movimento para além do local seja, antes, um movimento de expansão e encontro ao longo de linhas de equivalência construída com componentes de multiplicidades internas de outras lutas locais.** A construção de tais equivalências é, em si mesma, um processo, uma negociação, um envolvimento de práticas políticas e imaginações em que o fundamento é buscado através do que as lutas locais podem construir como

<sup>7</sup> Malhas ou tessituras que conformam práticas espaciais que podem se expandir ou se restringir, porém, tendendo a se circunscrever a um determinado reduto territorial (territorialismo). Além disso, esses territórios tendem a estabelecer poucos contatos externos ou, em outros termos, tendem a controlar/restringir conexões com os demais territórios.

<sup>8</sup> Articulação de pontos ou nós geograficamente dispersos, porém, que refletem um maior dinamismo em termos de conectividade espacial, conformando um tipo de experiência territorial relativamente integrada e, portanto, multiescalar e multidimensional de espaço.

<sup>9</sup> Para Massey (2008, p. 266), para que a conectividade espacial ocorra é imprescindível que o espaço se perspetive como relacional, aberto e em processo incessante de construção. A abertura significa, necessariamente, oposição e rejeição quanto às diversas formas representativas de individualismos/comunitarismos que envolvem conectividades fechadas e reacionárias.

<sup>10</sup> Segundo Massey (2008, p. 109-110), a coetaneidade implica uma postura de reconhecimento, respeito e envolvimento entre trajetórias (de projetos de sociedade) que contemplam certo grau de autonomia entre si.



uma causa comum diretamente contra um antagonista. (MASSEY, 2008, p. 256-257, grifos nossos).

De um modo geral, Massey (2008, p. 256-266) não retira a força e as possibilidades que as lutas legítimas, sobretudo, entorno de conflitos entre (e disputas pelos) territórios podem proporcionar para as classes/grupos menos favorecidos. Contudo, a autora questiona o ínfimo efeito do caráter pontual/localista da luta, por consequência de uma desagregação, no que se refere à conectividade espacial e a uma proposição política mais abrangente.

Como meio de se evitar o descenso, o retraimento, a neutralização e a perda de significados da luta, podemos considerar a possibilidade de superação, a partir das noções desenvolvidas por Haesbaert (2010, p. 79, 306), dos “territórios-zona” pelos “territórios-rede”.

As conflitualidades dos territórios devem, necessariamente, superar o caráter contingencial e individualista, em termos de aprisionamento/circunscrição a uma determinada área e às pessoas que nela vivem (território-zona), por uma conectividade espacial entre os territórios, condicionada às atividades políticas de legitimação das ações cooperativas e emancipatórias envolvendo os diversos grupos ou segmentos sociais induzidos a processos de subalternização (território-rede).

Nesse sentido, a luta pelo território pode comparecer como um meio de superação dos localismos, mas nunca como um fim em si mesmo, na perspectiva do necessário e único trunfo. Deve-se levar em consideração, portanto, a responsabilidade da dimensão territorial em relação ao projeto de construção de uma ação política continuamente mais ampla.

Uma proposta de conceituação que se aproxima dessa perspectiva refere-se à ação dos “movimentos (socioterritoriais) territorializados” proposto por Fernandes (2005), pois, os movimentos socioespaciais que se adjetivam nesse sentido, têm, não apenas o território como trunfo, sobretudo, do ponto de vista mais emblemático da luta pela terra rural ou pela habitação urbana, mas também, perspectivando a emancipação social, buscam o espaço como essencial e imprescindível, tendo em vista, a construção de um território que se projeta em todas as dimensões do espaço: espaço social, espaço político, espaço econômico, espaço cultural e simbólico, etc. Nesse sentido, os movimentos (socioterritoriais) territorializados tendem a atuar:

(...) em diversas macrorregiões e formam uma rede de relações com estratégias políticas que promovem e fomentam a sua territorialização. Todos os movimentos territorializados começam como movimentos isolados. Estes ao se territorializarem e romperem com a escala local, se organizam em redes e ampliam suas ações e dimensionam seus espaços. (FERNANDES, 2005).

Com base na análise das formas organizativas do MST, Fernandes (1998) aproxima alguns elementos processuais que permitem adjetiva-lo como um movimento socioterritorial, pois:

A forma de organização social e a estrutura apresentadas são frutos de quase vinte anos de lutas pela terra, pela reforma agrária e pela democracia. É importante destacar que tanto essa forma como essa estrutura estão em movimento constante, portanto, elas se transformam no dia-a-dia da luta. Nesses anos o MST tornou-se muito mais que um movimento social. Podemos denominá-lo como movimento socioterritorial, por sua práxis na luta pela terra, na conquista de frações do território. Todavia, ainda não construímos um conceito capaz de dar conta da dimensão que o MST tomou em todo esse tempo de luta. Essas lutas se dimensionaram para a conquista das condições básicas do desenvolvimento social e econômico: educação, saúde, política agrícola etc. (FERNANDES, 1998).

Embora o autor aponte para a necessidade de outra construção conceitual, o processo de “conquista das condições básicas do desenvolvimento social e econômico” (FERNANDES, 1998) considerando-se o território como trunfo e a contínua construção dos espaços de socialização política<sup>11</sup>, são argumentos que reforçam o poder explicativo da noção de movimentos socioterritoriais e, portanto, podem contribuir para perspectiva-la como conceito.

A partir desses aspectos, é necessário enfatizar que a possibilidade de fracionamento do espaço (enquanto procedimento que propicia analisar os confrontos/conflitos dos processos de territorialização) para compreendê-lo em sua totalidade não se confunde com a perspectiva de toma-lo estritamente de modo fragmentado (e, portanto, correndo-se o risco de reafirmar territorialismos) e sem um necessário compromisso em estabelecer conexões com a totalidade.

O espaço, como totalidade, tem os territórios e suas conflitualidades como elemento imprescindível. Nesse sentido, o território, como fração do espaço<sup>12</sup>, contribui com o processo de composição e transformação da totalidade o que, em grande medida, perspectiva a realização de análises que possibilite avaliar o seu grau de interdependência e de autonomia frente aos demais territórios e sua expressão no processo de composição da totalidade do espaço.

Torna-se premente, portanto, realizar uma abordagem que considere os territórios e suas conflitualidades sem secundarizar ou suprimir a perspectiva da produção do espaço como reunião e legitimidade da multiplicidade dos territórios.

Tendo em vista a soberania das populações que vivenciam processos de subalternização, o território deve ser o meio (sobretudo, como espaços identitários e para a realização da vida), mas não o fim em si mesmo. A soberania tem como ponto de partida o controle do território, mas ela deve ter a pretensão de se realizar, de modo estratégico, no espaço como forma de projetar a ascensão e a legitimidade dessa soberania e com o objetivo de consolidar o contraterritório.

## Pelo contraterritório: síntese da luta pela alternativa não-capitalista

Diferentes processos conflitivos de territorialização se confrontam na busca por autonomia de frações do espaço socialmente produzido e que se voltam para o uso e o consumo preponderantemente segmentado e/ou classista. Nesse sentido, o território, como construção social, se inscreve “num *campo de forças*” de “relações socioespaciais” sendo, portanto, o produto e a condição da territorialização (SAQUET, 2007, p. 127) permeado por relações de poder (SOUZA, 2009, p. 59), bem como, sendo expressão dessas mesmas relações de poder.

Além disso, os territórios, formados a partir da ação sistemática de determinadas práticas espaciais, pode comparecer como expressão de **redes**<sup>13</sup> diferenciadas, do ponto de

<sup>11</sup> Os espaços de socialização política inicialmente se consubstanciaram a partir do final da década de 1960, com uma mudança de ótica da Igreja Católica que, em decorrência de um descrédito mais acentuado no projeto falacioso de sociedade engendrado pelo Regime Militar no Brasil (à qual, hipoteticamente, poderia garantir um processo de desconcentração fundiária como política de combate à pobreza e a desigualdade no país), vão fomentar a criação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) para socializar e compartilhar experiências com o objetivo de organizar e politizar os trabalhadores rurais no processo de confronto com uma realidade de concentração fundiária e um modelo de desenvolvimento agrário do tipo patronal. Desses espaços de socialização política criaram-se condições para o surgimento do MST. Para saber mais, ver Fernandes, 1998).

<sup>12</sup> Segundo Fernandes (2008), a “formação de territórios é sempre um processo de fragmentação do espaço”.

<sup>13</sup> Com base em Raffestin (1993, p. 156), a rede pode ser formada pelo processo de articulação de pontos - “locais de poderes” e de referência que simbolizam a posição de atores individuais ou coletivos - que não se opõem, mas sim, agem, estrategicamente, de modo a situar o Outro, ou seja,

vista funcional e hierárquico (RAFFESTIN, 1993, p. 7-8, 151, grifo nosso) que contribuem para ordenar esses territórios “segundo a importância dada pelos indivíduos e/ou grupos às suas diversas ações” permitindo “assegurar o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído” (RAFFESTIN, 1993, p. 151).

A partir de um quadro de “controle” (RAFFESTIN, 1993, p. 58, 151) e “domínio” (MAQUIAVEL, 1998) que, em geral, implica em “soberania” (GOTTMANN, 1973, p. 4 et seq) de um lado e “subalternidade” (FERNANDES, 2009, p. 200) de outro, ratifica-se as desigualdades no que se refere às relações de poder que permeiam a formação dos territórios.

Com base nesses aspectos, podemos caracterizar, grosso modo, dois tipos de territórios que se contrapõem. De um lado, o território hegemônico, que se desdobra em territórios dominantes e territórios dominados, este último, em geral, subalternos aos territórios dominantes. De outro lado, o contraterritório – os territórios de resistência aos processos de subalternização comandados pelos territórios dominantes.

Em benefício dos territórios dominantes (como o território do agronegócio) e em detrimento dos territórios dominados (como o território dos produtores integrados, subalternizados pelos ditames das agroindústrias), ambos, contraditoriamente, se solidarizam para formar o **território hegemônico**, ou seja, o território que se subordina, preponderantemente, pelas relações capitalistas de produção.

Por outro lado, os territórios de resistência (como o território do campesinato), à qual, buscam outro modelo de sociedade com base na unidade familiar, na cooperação, na soberania e na emancipação social e por meio de relações não-capitalista de produção para a construção da liberdade, tendem a esboçar a ideia de um **contraterritório**<sup>14</sup>, ou seja, um território construído em oposição aos moldes, estabelecidos pelo território hegemônico, de projeto de sociedade integrada ao modo capitalista de produção.

Podemos considerar que, de um lado, os territórios dominantes e territórios dominados (síntese do território hegemônico) e, de outro, os territórios de resistência (síntese do contraterritório) caracterizam três “formas-conteúdo” distintas, nos termos desenvolvidos por Santos (2008, p. 124-126), que participam, influenciam e representam a totalidade, em seu processo de totalização.

Como se tratam de diferentes formas-conteúdo, os processos de territorialização que as caracterizam, também tendem a se diferenciar a partir de determinadas combinações da TDR (Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização)<sup>15</sup> ou da “des-re-territorialização” (HAESBAERT, 2010, p. 61) o que, em grande medida, dinamiza o sentido relacional e classista (e, portanto, conflitual e desigual) dos territórios. Em outros termos:

(...) territorializar-se envolve sempre uma relação de poder, ao mesmo tempo concreto e simbólico, e uma relação de poder mediada pelo espaço, ou seja, um controlar o espaço e, através deste controle, um controlar de processos sociais, é evidente que, como toda relação de poder, **a territorialização é desigualmente distribuída entre seus sujeitos e/ou classes sociais** e, como tal, haverá sempre, lado a lado, ganhadores e perdedores, **controladores e controlados**, territorializados que desterritorializam por uma reterritorialização sob seu comando e desterritorializados em busca de uma outra reterritorialização, de resistência e, portanto, distinta daquela imposta pelos seus desterritorializadores.

Esta constatação, muito mais do que um mero jogo de palavras, é extremamente importante, pois implica identificar e colocar em primeiro plano os sujeitos da des-re-territorialização, ou seja, quem des-territorializa quem e com que objetivos. Permite também perceber o sentido relacional

---

“aquele que pode nos prejudicar ou nos ajudar, aquele que possui ou não tal coisa, aquele que tem acesso ou não a tal recurso”.

<sup>14</sup> Noção desenvolvida pelo Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes em aula ministrada para a disciplina “Teoria dos Territórios e da Questão Agrária”, realizada na Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, no dia 11 de abril de 2011.

<sup>15</sup> Cf. Deleuze e Guattari (1976) e Raffestin (1984).

desses processos, mergulhados em teias múltiplas onde se conjugam permanentemente distintos pontos de vista e ações que promovem aquilo que podemos chamar de **territorializações desterritorializantes e desterritorializações reterritorializadoras** (HAESBAERT, 2010, p. 259, grifos nossos).

Em consonância com essas argumentações e com outras passagens, em Haesbaert (2010, p. 252-259, 312-315), propomos, de modo aberto a questionamentos, três combinações processuais que, mais diretamente, se associam às formas-conteúdo dos territórios em questão:

- Territórios dominantes como expressão da **territorialização des-reterritorializante**. Combinação processual em que grupos ou classes sociais detêm muito controle sobre o território, sobretudo, em termos de autonomia, poder político e socioeconômico para iniciar e conduzir processos de desintegração de territórios (desterritorialização para si ou para outros grupos) e/ou estruturar/articular/constituir novos territórios (reterritorialização), objetivando contemplar novas estratégias de controle e dominação territorial.
- Territórios dominados como expressão da **territorialização desterritorializadora**. Combinação processual em que grupos ou classes sociais, de forma induzida, submetem-se a um precário controle sobre o território e, portanto, tendem a estar numa condição de subalternidade frente aos territórios dominantes. Além disso, assume-se, nesses territórios, o risco de desterritorialização como a perda das condições materiais do território e/ou indução a um processo de circunscrição territorial mais acentuado remetendo-se, portanto, às noções de inclusão social precária ou de segregação socioespacial, impostas por uma correlação desigual de forças entre dominantes e dominados.
- Territórios de resistência (contraterritório) como expressão da **des-territorialização reterritorializante**. Combinação processual em que grupos ou classes sociais, embora mais ou menos submetidos a uma condição territorial precária (características de processos de desterritorialização) e, portanto, detendo um médio ou baixo nível de controle sobre o território, não abrem mão da perspectiva da reinserção/reestruturação/rearticulação nos/dos territórios, tendo em vista, o pleno controle sobre os mesmos.

Ainda, no que se refere ao contraterritório, embora possam predominar os efeitos de uma territorialização desterritorializadora, a dimensão utópica e o acionamento da práxis dos sujeitos e grupos que compartilham das qualidades deste território, permitem projetar a reterritorialização em outros moldes, ou seja, a partir do acesso a um território-rede em suas múltiplas escalas, em detrimento e superação da desterritorialização (HAESBAERT, 2007, p. 68), e um acesso pelo espaço, como totalidade em movimento, na perspectiva de um projeto de sociedade não-capitalista.

Esses argumentos reforçam a ideia de que, no território hegemônico, as relações de poder que se estabelecem estão baseadas numa dissimetria, nos termos propostos por Raffestin (1993, p. 36), ou seja, tendem a favorecer o desenvolvimento dos territórios dominantes (pela ênfase ao reconhecimento de suas próprias necessidades) em detrimento dos territórios dominados.

Por outro lado, o contraterritório tende a estar baseado em relações de poder que perspectivam a simetria e que, portanto, a valorização das diferenças, do pluralismo socioeconômico e cultural e o “reconhecimento das necessidades do Outro” (RAFFESTIN, 1993, p. 36) compõem elementos imprescindíveis para a coexistência e emancipação social.

**Territorialidade como escala das práticas espaciais: perspectiva para uma identificação e análise de territorialismos (no território) e da fragmentação socioespacial (entre os territórios)**

Na perspectiva de se pensar e analisar os territórios – frações do espaço – religados ao espaço como totalidade em movimento podemos considerar que a formação dos territórios é concomitante ao processo de construção social do espaço, ininterruptamente ressignificado pelo confronto entre os territórios de dominação, territórios dominados e contraterritórios, em formação/movimentação.

Essa argumentação, no entanto, se contrapõe à proposição de Raffestin (1993, p. 143-144) quando afirma que “o espaço é anterior ao território” quando, na verdade, se trata de uma mudança de escala de abordagem ao se privilegiar a análise de um processo (espacial) ou de outro (territorial), mas não da preexistência do espaço em relação ao território na qual, posteriormente, será construído por um ator sintagmático, segundo o autor.

Gottmann (1973) avança nessa questão quando articula os conceitos de espaço e de território sem haver supressão ou preexistência de um processo ou de outro. Nesse sentido, para Gottmann, a articulação das ações dos sujeitos e dos objetos, sob o princípio de soberania, tende a expressar determinadas formas de organização espacial em movimento que se opõe e se distinguem do ponto de vista territorial.

Os territórios, dessa perspectiva, são desdobramentos dos processos de produção do espaço. Além disso, as qualidades territoriais, segundo Fernandes (2005), contribuem para compor e completar o conteúdo do espaço. Nesse sentido, o espaço e o território são indissociáveis sendo que o “processo de territorialização é um dos produtos socioespaciais do movimento e das contradições sociais” (SAQUET, 2007, p. 127).

Para Santos (2008), na perspectiva do espaço de governança, o território se estabelece como conjunto de objetos naturais e técnicos que se configuram em determinada área. Além disso, o território também é a extensão de área na qual as relações sociais se realizam, mas também, produzem e ressignificam o território.

Nesse sentido, imbricando-se o território e o sentimento de pertencer ao território (que se traduz em “identidade”) têm-se o “território usado” (SANTOS, 2007, p. 14) como categoria de análise e “sinônimo de espaço geográfico” (SANTOS e SILVEIRA, 2003, p. 20) criando-se “uma solidariedade orgânica”, ou seja, “o conjunto sendo formado pela existência comum dos agentes exercendo-se sobre um território comum” (SANTOS, 2002, p. 109).

Desta perspectiva, o território usado (segunda totalidade), para Santos (2008) e Santos e Silveira (2003, p. 301) é uno - tratando-se da formação socioespacial de um país - e que, do ponto de vista analítico, pode ser abordado em suas frações.

Na abordagem territorial de Santos e Silveira (2003) em que, de certo modo, confunde-se com o espaço geográfico, há pouca possibilidade de empregar o conceito de território em sua multiescalaridade (tendo-se que recorrer, assumindo-se o risco da perda do potencial explicativo, a outras escalas conceituais como, por exemplo, a escala do lugar) o que, em grande medida, tende a dificultar a análise das conflitualidades no interior do território usado, como totalidade.

O confronto e a desigualdade, na perspectiva de Santos e Silveira (2003), se dão entre as frações do território (sempre no singular), num processo de diferenciação espacial no interior do território usado, e não entre os territórios (no plural) que compõe o espaço como totalidade, em concordância com nossa argumentação inicial.

De outra perspectiva analítica (e considerando a multiescalaridade e as conflitualidades inerentes aos territórios), Fernandes (2008; 2009, p. 206-210, grifos nossos) propõe uma tipologia de territórios - tendo em vista, não diluir a diversidade dos territórios apropriados, dominados e/ou em disputa - à qual se desdobra em três partes: O **primeiro território** é formado pelo espaço de governança, representado, em síntese, pela União, pelos Estados e pelos Municípios; O **segundo território** é formado pelas propriedades privadas capitalistas e não-capitalistas. Além disso, o segundo território, no âmbito das propriedades privadas, se caracterizam por serem frações do primeiro território; Por fim, o **terceiro território** é formado pelo espaço relacional, o território dos fluxos e das ações agindo nos demais tipos de territórios. O terceiro território, portanto, permite assegurar que haja transversalidade e indissociabilidade entre os três tipos de territórios.

O território abordado apenas na perspectiva do espaço de governança tende a ser utilizado, segundo Fernandes (2009, p. 200), “como forma de ocultar os diversos territórios e garantir a manutenção da subalternidade entre relações e territórios dominantes e dominados” distanciando-se, portanto, da perspectiva da diferencialidade, das diversidades e conflitualidades de uma abordagem que envolva as “disputas territoriais”.

Além disso, o sentido relacional permite superar a ideia de território, tão somente, caracterizado pelo “enraizamento, estabilidade, limite e/ou fronteira” e perspectiva-lo como um processo em movimento (HAESBAERT, 2007, p. 56) e que, portanto, as conexões entre objetos e relações sociais – na unidade entre o tempo histórico e o tempo coexistente (SAQUET, 2007, p. 131) - tornam-se elementos imprescindíveis para a formação territorial.

Deste modo, permite-se perspectivar uma leitura do território não somente como expressão da territorialização, desterritorialização e reterritorialização (processos fundamentais da dinamicidade e do constante construir-desconstruir-reconstruir territorial) - mais bem detectáveis no tempo de média e longa duração (tempo histórico) – mas também, como manifestação das territorialidades, nas quais, podem ser traduzidas pelo conjunto de práticas espaciais realizadas no tempo de curta duração (tempo coexistente), ou seja, no tempo do cotidiano ou da vida cotidiana dos sujeitos e grupos sociais envolvidos pelas rotinas de suas atividades diárias.

O território (forma-conteúdo) pode ser caracterizado a partir da indissociabilidade entre a prevalência de um tipo de combinação do movimento de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (processos) e suas respectivas territorialidades (práticas). Nesse sentido:

**A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas**, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço (...) (SAQUET, 2007, p. 129, grifos nossos).

As territorialidades se expressam, portanto, a partir das práticas espaciais (dos diferentes sujeitos e grupos sociais) que se efetivam durante o uso e consumo do território e, de um modo geral, corroboram, em maior ou menor grau (de acordo com o impacto socioespacial ocasionado por essas práticas), com o processo de produção do território.

Além disso, as territorialidades - de acordo com as intencionalidades das relações de poder em questão e pela ação sistemática no tempo de médio ou de longa duração - podem ser designativas de processos socioespaciais reveladores de diferentes combinações da territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Em outros termos, segundo Raffestin:

(...) **a territorialidade (...) reflete a multidimensionalidade do “vivido”** territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.

(...)

A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. (...). É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros atores (RAFFESTIN, 1993, p. 158-161, grifos nossos).

Raffestin (1993, p. 161) ressalta ainda que alguns elementos do território, como malhas e redes, “criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e os grupos devem assumir” e, desse ponto de vista, o território tende a segregar “sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem”.

O território, nesse sentido, é:

(...) **um produto “consumido”**, ou, se preferirmos, um produto vivenciado por aqueles mesmos personagens que, sem haverem participado de sua elaboração, o utilizam como meio. É então todo o problema da territorialidade que intervém permitindo verificar o caráter simétrico ou dissimétrico das relações de poder. **A territorialidade reflete**, com muita segurança, **o poder que se dá ao consumo** por intermédio de seus “produtos” (RAFFESTIN, 19993, p. 8, grifos nossos).

A noção de territorialidade, em grande medida, reforça o caráter relacional e, portanto, multidimensional e multiescalar, do território, pois, ela reflete, a partir das argumentações de Raffestin (1993), o caráter territorial no plano do vivido, ou seja, como meio territorial que se volta para o uso, e como produto territorial que se volta para o consumo.

As dimensões do uso e do consumo do território se expressam, sobretudo no tempo de curta duração, por meio de territorialidades, às quais, são reveladas a partir da análise das práticas espaciais dos sujeitos e grupos sociais.

As territorialidades, a partir da análise das práticas espaciais, podem ser reveladoras de um conjunto de interações socioespaciais que, permeadas por relações de poder, tendem a expressar noções mais ou menos bem definidas de limite, bem como (e de acordo com as intencionalidades do projeto territorial), de determinado nível de controle social sobre o território.

Do ponto de vista territorial, a noção de controle social se estabelece entorno da noção de controle disciplinar do espaço ou da “sociedade disciplinar” (FOUCAULT, 1977; 1979) ou, ainda, de modo a atualizar o debate na perspectiva do território-rede, da “sociedade de controle” (DELEUZE, 1992).

Do ponto de vista do controle social, seu exercício se dá, sobretudo, pelo emprego de determinados mecanismos (informacionais, técnicos, arquitetônicos ou, ainda, procedimentos normados, simbólico-representacionais, etc.) que podem ser combinados, objetivando garantir os efeitos que, deles, se esperam.

Ao abordar a noção de controle social e seus mecanismos, Aguilera (2003, p. 44), Koerner (2006, p. 235-237) e Salazar et al (2002) destacam alguns efeitos dos dispositivos de segurança privada (que, em geral, compreendem o conjunto de práticas de vigilância e videovigilância, controle e monitoramento dos fluxos, etc.) como o fato de controlar/restringir determinados tipos de ações consideradas suspeitas ou, ainda, induzir os indivíduos a realizarem determinados tipos de comportamentos previamente estabelecidos.

Em geral, os efeitos esperados dos mecanismos de controle social tendem a restringir possibilidades mais amplas de se estabelecer contatos e compartilhamentos de significados entre as diferenças que compõem a diversidade social dos territórios, tendo em vista, não somente garantir níveis mais elevados de segurança territorial, mas também, garantir a racionalidade do consumo socioespacialmente segmentado e classista dos territórios o que, em grande medida, reforça a perspectiva dos territorialismos em detrimento do espaço como totalidade.

Com base nessas perspectivas, a territorialidade, portanto, não designa apenas o uso e o consumo, mas também, é a expressão do controle social, nas quais, se realizam no território. Associado a isso, Haesbaert (2010, p. 86-89), ao analisar os resultados de pesquisas de Sack (1986), esboça a ideia de que, pela territorialidade, como prática de poder, o território torna-se um instrumento de poder, em termos de padronização (no âmbito de suas características internas) e de classificação (para com outros territórios).

Nesse sentido, todos os que habitam nos limites do território tendem:

(...) **a ser vistos como “iguais”, tanto pelo fato de estarem subordinados a um mesmo tipo de controle (interno ao território) quanto pela relação de diferença que, de alguma forma, se estabelece**

**entre os que se encontram no interior e os que se encontram fora de seus limites.**

Por isso, toda relação de poder espacialmente mediada é também produtora de identidade, pois controla, distingue, separa e, ao separar, de alguma forma nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais. E vice-versa: todo processo de identificação social é também uma relação política, acionada como estratégia em momentos de conflito e/ou negociação. (HAESBAERT, 2010, p. 89, grifos nossos).

Nesses termos, as territorialidades compõem como um campo de correlação de forças acionado a partir de práticas espaciais relacionadas ao uso, consumo e controle, por vezes, ininterrupto, de determinadas frações do espaço, designando o modo como essas frações devem ser apropriadas e/ou consumidas.

Como mecanismo de padronização e de classificação, as territorialidades tendem a cindir os territórios na perspectiva de separar aqueles que são “iguais”, do ponto de vista socioeconômico e cultural, daqueles que são diferentes.

As territorialidades, nesse sentido, podem contribuir com o processo de reprodução do idêntico (do ponto de vista dos sujeitos e grupos sociais), bem como, no âmbito da repetição de estilos, padrões e comportamentos.

Por meio delas, podem-se firmar relações de pertencimento e reconhecimentos que potencializem a perspectiva de uma “sociabilidade segmentada”, nos termos estabelecidos por Sobarzo (2004), nessas frações que compõem o espaço.

Com base nesses aspectos, a análise das territorialidades, em grande medida, também pode ser reveladora de processos de fragmentação socioespacial que, mais intensamente, se esboçam a partir de espaços urbanos de padrões metropolitanos e, em menor medida, em cidades de porte médio.

Nesse sentido, ao expressar, no âmbito do uso e do consumo do espaço urbano, tendências de controle/restrições dos contatos e do não compartilhamento de experiências e significados entre os diferentes segmentos sociais que compõem a diversidade da cidade, as territorialidades, em grande medida, reforçam os territorialismos que, em médio e longo prazo, podem ser consubstanciados por processos de fragmentação socioespacial.

A fragmentação socioespacial, entre outros aspectos, tende a ser representativa de determinados tipos de sociabilidades que se orientam “pela negação do outro e pela negação da alteridade e, conseqüentemente, tende a promover significativas rupturas entre as diferenças” (DAL POZZO, 2011, p. 27). Nesse sentido, a fragmentação socioespacial:

(...) teria condições de promover novos modos de estruturação de espaços urbanos de porte médio a padrões metropolitanos, nos quais, a indiferença, o não diálogo e a manutenção e reprodução de iniquidades sociais caracterizar-se-iam como alguns de seus valores fundantes, nas últimas décadas. (DAL POZZO, 2011, p. 27).

Além disso, o processo de fragmentação socioespacial pode ser considerado a partir de realidades urbanas em que há alterações na intensidade e na qualidade das interações socioespaciais, em termos de seletividade espacial e de uma relativa anulação entre as parcelas que compõem o espaço urbano (SOUZA, 2008, p. 56-58).

Em outros termos, a separação entre grupos sociais de níveis socioeconômicos distintos tende a ser revelada não apenas no âmbito da moradia (inclusive a presença/ausência, bem como, a qualidade de infraestrutura e equipamentos urbanos de uso coletivo no entorno de *habitat* urbanos distintos - caracterizados pela articulação entre processos de autoss segregação e de segregação imposta, nos termos propostos por Corrêa [2005]), mas também, no âmbito do uso e do consumo segmentado da cidade.

Os espaços autoss segregados, como os loteamentos fechados e condomínios horizontais (formas representativas da autoss segregação), compõem como um tipo de *habitat* urbano emblemático na qual um determinado tipo de territorialismo pode se realizar, tendo em vista, que nesses espaços:



(...) **no sólo no possibilita una mayor interacción social dentro de él sino que contribuye para quebrar las interacciones con los otros**, los que están del otro lado del muro, **sobre todo con aquéllos no reconocidos como iguales**. En este sentido, puede afirmarse que en estos pedazos del espacio urbano existe, como en toda la ciudad, la tendencia al individualismo, sin embargo, su diseño urbano, la forma en que se insertan en el espacio urbano y **las prácticas socioespaciales derivadas de esta morfología, disminuyen las posibilidades de convivencia y encuentro entre sujetos sociales de diferentes segmentos socioeconómicos e intereses culturales**. (SOBARZO e SPOSITO, 2003, p. 38, grifos nossos).

O territorialismo, nesse sentido, pode ser visto na perspectiva de um modo de reprodução das relações sociais na medida em que, por uma relação dissimétrica de poder, desvalorizam o espaço como diversidade e como totalidade pela reafirmação do território, numa espécie de busca por “autonomia”. Segundo Souza (2000), baseando-se no pensamento autonomista crítico de Castoriadis (1983; 1990), a pretensão de “autonomia” de espaços autosssegados:

(...) não representa a liberdade de **fazer com os outros** e o interesse pela cidade, mas sim isolamento e defesa de privilégios auferidos nos marcos de uma sociedade caracterizada por uma brutal desigualdade de oportunidades e por uma enorme [di]ssimetria estrutural de poder. [Além disso] (...) a “autonomia” de um grupo em detrimento da solidariedade e às expensas dos interesses de um coletivo mais amplo é nada mais que um corporativismo espacial reacionário. (SOUZA, 2000, p. 206-207, grifos do autor).

Podemos considerar que esses argumentos, contudo, não se restringem aos espaços autosssegados, pois, possibilitam, de certo modo, abranger outras formas e processos socioespaciais que perspectivam o controle dos fluxos, como os territórios comandados pelo narcotráfico, e o afastamento socioespacial para com as diferenças, ensejado em espaços de consumo bastante exclusivos, como clubes, *shopping* centers e determinados estabelecimentos de ensino privados.

Com base nesses aspectos, o conjunto de territorialidades (práticas), incluso, os mecanismos de controle social, que se manifestam de modo a articular, em médio e longo prazo, expressões da fragmentação socioespacial (processo), tende a esfacelar a unidade territorial da cidade (forma-conteúdo) reestruturando-a por um conjunto de territorialismos (modo de reprodução das relações sociais) o que, em grande medida, promove a neutralização/afastamento de uma concepção política de cidade menos desigual e, portanto, menos injusta.

Além disso, a indiferença, representada por territorialismos e expressa pela fragmentação socioespacial, pode ocasionar, em médio e longo prazo, alterações na percepção das desigualdades sociais dos territórios que compõem a cidade.

Com isso, podemos considerar que há uma tendência de que as percepções dessas desigualdades convertam-se, meramente, em observações tautológicas e de compaixão, ambas, inseridas num quadro de impotência política frente às prementes questões sociais envolvendo os grupos socioeconomicamente menos favorecidos.

## Considerações finais

Pelo espaço ou pelo território? Em busca de uma resposta a essa pergunta, procuramos trazer alguns elementos que reforçam a ideia de que, pelo método geográfico, não podemos abrir mão de nenhum desses conceitos, ainda que eles necessariamente se diferenciem, entre outros aspectos, por contemplar escalas de abordagem distintas.

De acordo com a escala de abordagem a ser privilegiada numa análise, portanto, justifica-se a necessidade da adoção de uma determinada ênfase a um desses conceitos, muito embora, devam ser tomados os devidos cuidados de não ocasionar subalternização ou supressão de um sobre o outro.

Nesses termos, se optarmos somente pelo espaço, há pouca abertura para o detalhamento da produção dos territórios e de seus conflitos, o que, em grande medida, pode ocasionar um distanciamento para com os sujeitos e grupos sociais, envolvidos nesse processo.

Como consequência, corre-se o risco de que o espaço se constitua como uma totalidade supressora de seus sujeitos e suas identidades territoriais e, portanto, alheio às necessidades de se analisar e debater questões sociais e espaciais mais prementes ao plano da vida cotidiana.

Se optarmos somente pelo território, poderá haver uma análise mais detalhada da produção dos territórios e da expressão de seus conflitos, bem como, da caracterização das territorialidades dos sujeitos e grupos sociais que usam, consomem e ressignificam os territórios.

Contudo, uma análise dos territórios destituída de uma análise do espaço como totalidade, pode contribuir para reforçar territorialismos, pois, ratifica-se, de modo tendencial, o processo de valorização de determinadas frações do espaço em detrimento do espaço como totalidade. Além disso, reforçam-se perspectivas de análises territoriais – frações da totalidade – descontextualizadas ou desprovidas de uma totalidade em movimento.

Baseando-se nesse aspecto, e na atual tendência de se tomar o conceito de território como elemento central da análise geográfica (subalternizando ou suprimindo o conceito de espaço), podemos considerar que há certa fragilidade em toma-lo como uma metanarrativa capaz de dar conta de explicar a totalidade em movimento.

De modo semelhante, essa fragilidade também é válida considerando o conceito de espaço tomado como elemento central, ao qual, venha a suprimir ou desvalorizar o conceito de território, bem como, a leitura geográfica dos conflitos territoriais.

Com isso queremos destacar que, embora a ênfase possa ser colocada sobre o espaço ou sobre o território, de acordo com a escala de abordagem a ser privilegiada para a análise geográfica, torna-se imprescindível a necessidade de se buscar articulações entre esses conceitos, tendo em vista, recolher elementos para se avaliar o movimento da totalidade.

O reconhecimento da necessidade de articulações entre espaço e território, reforça o caráter de indissociabilidade, bem como, de centralidade equânime entre os mesmos. Além disso, uma leitura geográfica orientada por essa perspectiva tende a valorizar a multiescalaridade e a multidimensionalidade inerente ao processo de produção do espaço e dos territórios.

Trata-se de uma opção de abordagem que vai do espaço como totalidade aos territórios como frações do espaço e vice-versa, acompanhando o movimento relacional da produção dessas escalas conceituais, tendo em vista, o fomento de análises que contribuam para superar, de modo mais estrito, os territorialismos e, de modo mais abrangente, a fragmentação socioespacial, ou seja, determinados modos de reprodução das relações sociais e de processos socioespaciais mais amplos que tendem a promover um nível mais acentuado de desconexão entre os territórios e que, portanto, não valorizam um projeto espacial abrangente, em termos de justiça social e de emancipação socioespacial.

Além disso, uma análise na qual se estabeleça a centralidade pela relação entre espaço e território pode contribuir, não somente para perspectivar a superação de territorialismos e da fragmentação socioespacial, mas também, para ampliar o significado teórico-conceitual e, sobretudo, para perspectivar a prática da construção social, do contraterritório.

Nesse sentido, a ideia que se esboça não é somente a de expressar uma alternativa reterritorializante - no âmbito do confronto com o território hegemônico - por um modo não-capitalista de produção, mas também, de se realizar no espaço, reconhecendo-o como

trunfo necessário para que o contraterritório possa se firmar como totalidade e como possibilidade de superação do território hegemônico.

## Referências bibliográficas

AGUILERA, Alfonso Valenzuela. Límites, segregación y control social del espacio. **Ciudades**. Puebla, México: Red Nacional de Investigación Urbana, n. 59, p. 44-48, jul-set, 2003.

BOMBARDI, Larissa Mies. **O Bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “Novas” contradições do espaço. In: DAMIANI, Amélia Luisa; \_\_\_\_\_; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Orgs.). **O espaço no fim de século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. Diferenciação socioespacial, escala e práticas espaciais. **Cidades**. Presidente Prudente: GEU, vol. 4, n. 6, p. 45-60, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. Pouvoir, politique, autonomie. In: **Le monde morcelé – Les carrefours du labyrinthe III**. Paris: Seuil, 1990.

\_\_\_\_\_. Socialismo e sociedade autônoma. In: **Socialismo ou barbárie: o conteúdo do socialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Territórios de autosegregação e de segregação imposta: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos**. Presidente Prudente, 2011, 316 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 219-226.

FERNANDES, Bernardo Mançano. A territorialização do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil. In: **Revista NERA**, Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

\_\_\_\_\_. Entrando nos territórios do Território. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Orgs.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 273-302.

\_\_\_\_\_. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais. **Revista NERA**. Presidente Prudente: NERA, n. 6, p. 14-34, jan-jun, 2005.

\_\_\_\_\_. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão popular, 2009. p. 197-215.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GOTTMANN, Jean. **The significance of territory**. Charlottesville: The University Press of Virginia, 1973.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Berta K. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

KANT, Emmanuel. **Crítica da razão pura**. 4ª. ed. São Paulo: Brasil Editora, 1965.

KOERNER, Andrei. Direito, regulação e governamentabilidade. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Orgs.). **O legado de Foucault**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006. p. 223-240.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Grupo “As (Im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4ª Ed. Paris: Anthropos, 2000). Primeira versão: Fev. 2006.

\_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. 4ª Ed. Paris: Anthropos, 2000.

\_\_\_\_\_. **The production of space**. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOREIRA, Ruy. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, Milton; BECKER, Berta (Orgs.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 72-108.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. Territorializzazione, deterritorializzazione, riterritorializzazione e informazione. In: TURCO, Angelo (Org.). **Regione e regionalizzazione**. Milano: Angeli, 1984, p. 69-82.

SACK, Robert. **Human Territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SALAZAR, Alexis Romero; ROQUE, Raima Rujano; DEL NOGAL, José Alfredo. Control social: nuevas realidades, nuevos enfoques. **Espacio Abierto**, Maracaibo, Venezuela: Asociación Venezolana de Sociología, v. 11, n. 4, p. 665-680, out-dez, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. O dinheiro e o território. In: \_\_\_\_\_; BECKER, Berta K. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAQUET, Marcos Aurelio Saquet. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão popular, 2009. p. 73-94.

\_\_\_\_\_. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SOBARZO, Oscar. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. Presidente Prudente, 2004. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP.

\_\_\_\_\_; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Urbanizaciones cerradas: reflexiones y desafíos. **Ciudades**. Puebla, México: RNIU, n. 59, p. 37-43, jul-set, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão popular, 2009. P. 57-72.

# Aportes metodológicos de la teoría del desarrollo territorial<sup>1</sup>

**Maximiliano Piedracueva**

Licenciado en Ciencias Sociales por FCS. Universidad de la República.

Maestrando en Ciencias Agrarias en Facultad de Agronomía, UdelaR.

Docente e investigador en UdelaR.

e-mail: maxipc85@gmail.com

## Resumen

El presente trabajo aborda la problemática de los estudios sociales con enfoque territorial que tienen como objeto de estudio lo rural o la ruralidad. El énfasis puesto recae en la conceptualización de *lo territorial* desde un enfoque teórico y metodológico. Para ello se analizan tres trabajos de la academia uruguaya provenientes de distintas áreas y con distintos enfoques, al tiempo que se los aborda desde la perspectiva de territorio presentada por Bernardo Mançano Fernandes. Se concluye en el trabajo que la visión de territorio desarrollada por este geógrafo brasileño aporta elementos sustanciales en términos metodológicos que nutren las visiones y propuestas manejadas en el Uruguay.

**Palabras-clave:** desarrollo, rural, territorio.

## Resumo

### Contribuições metodológicas da teoria do desenvolvimento territorial

Este trabalho aborda a problemática dos estudos sociais com abordagem territorial que possuem como objeto de estudo o meio rural ou a ruralidade. A ênfase reside na conceituação de território a partir de um enfoque teórico e metodológico. Para tanto, se examinam três trabalhos da academia uruguaia de diferentes áreas e com diferentes abordagens, que por sua vez são abordados a partir da perspectiva do território apresentada por Bernardo Mançano Fernandes. Neste trabalho conclui-se que a visão de território desenvolvida pelo geógrafo brasileiro traz elementos metodológicos substanciais em termos metodológicos que nutrem as visões e propostas tratadas no Uruguai.

**Palavras-chave:** desenvolvimento, rural, território.

## Abstract

### Methodological contributions of territorial development theory

This paper deals with the problem of social studies with a territorial approach that aim to study the rural or rurality. The emphasis lies in the conceptualization of territorial from a theoretical and methodological approach. This work examines three Uruguayan academics works from different areas and with different approaches, while they are approached from the perspective of territory by Bernardo Fernandez Mançano. The paper concludes that the vision of the Brazilian geographer brings substantial methodological elements that nourish methodological terms visions and proposals handled in Uruguay.

**Keywords:** development, rural, territory.

<sup>1</sup> Artículo producido en el marco del Projeto CAPES/PFG 014/2011 – UNESP/UDELAR, “Questão agrária e desenvolvimento territorial rural no Brasil e Uruguai”.

## Introducción

El presente trabajo pretende dar pie a la discusión metodológica sobre los estudios de la cuestión agraria, particularmente en lo que refiere al estudio del avance del agronegocio. Para ello se tomarán como marco de referencia diferentes propuestas de *territorios* intentando mostrar la polisemia del concepto y de sus implicancias metodológicas. En este sentido el trabajo se divide en una primera parte que comenta, de manera breve, los estudios sobre el agronegocio y la cuestión agraria en el Uruguay. En una segunda parte se discuten algunas acepciones del concepto de *territorio* y cómo este ha sido utilizado en los estudios antes tratados. En la tercera sección se desglosan algunas de las principales categorías analíticas utilizadas bajo el eje *territorial*; y en cuarto lugar se dará una discusión sobre las implicancias metodológicas del debate anterior. El objetivo de este escrito es generar una discusión académica que exceda lo estrictamente conceptual y teórico, trasladando el actual debate sobre cuestión agraria al espacio del conocimiento, para ello, no sólo es relevante la definición precisa de conceptos sino que debe pensarse en cómo esos conceptos resultan útiles al trabajo científico.

## Enfoque

Previo al desarrollo de los apartados señalados se esbozarán algunas ideas que permitirán guiar la lectura del presente trabajo. En un primer término se dirá que el eje de este escrito es básicamente teórico y conceptual, y por lo tanto, no se realizarán apreciaciones sobre elementos empíricos referentes a la situación de la cuestión agraria actual. En un segundo lugar debe señalarse que el esfuerzo estará en el concepto de *territorio* y no tanto así en el de agronegocio, que si bien es también un concepto polisémico, se argumentará aquí que el concepto de agronegocio puede incluirse en el concepto de territorio, o por lo menos se adelantará que el agronegocio es un tipo de territorialidad. En un tercer lugar debe atenderse que el espíritu y la justificación de este trabajo refiere al auge de los estudios territoriales sobre el medio rural. En las últimas décadas la cuestión agraria clásica se ha enmarcado en un debate académico sobre territorios, tanto en modo analítico como en términos prescriptivos y descriptivos. De esta manera no sólo la academia ha instaurado un nuevo concepto, sino que los gobiernos han tomado ese legado y lo han integrado en sus políticas públicas. Es en este contexto que aquí se plantea que ante la cuestión agraria actual, entendida como la lucha de poder entre dos actores agrarios y rurales, las grandes empresas capitalistas y la agricultura familiar, puede servirse de la visión territorial como marco teórico-metodológico de aproximación si, y sólo si, se acepta que las teorías sobre los territorios y el desarrollo territorial no son teorías de primer orden todo explicativas, sino que resultan instrumentos prácticos de delimitación conceptual y metodológica.

En último lugar conviene señalar que el marco establecido de cuestión agraria pertenece a quien escribe estas líneas – pues así entiende el estudio sobre lo rural - más no necesariamente es el enfoque dado en los trabajos que se presentarán, algunos de los cuales se enmarcan en una visión de desarrollo rural como modelo de convivencia entre formas capitalistas y no capitalistas de producción.<sup>2</sup>

La dinámica del trabajo se basa en un análisis de tipo dialéctico en el cual se intercambia con las unidades seleccionadas a partir de las tres variables seleccionadas: objeto, concepción y función. Se ha utilizado para ello el Método Comparativo Constante.

## Los estudios sobre agronegocio, cuestión agraria y desarrollo rural en Uruguay

<sup>2</sup> Enfoque que podría denominarse como capitalismo agrario.

En este apartado se trabajará, al estilo de una muestra, con algunos de los trabajos realizados en el Uruguay que abordan la problemática rural desde un enfoque territorial. Previo a conceptualizar la idea de territorio, se seleccionan aquellos trabajos que incluyen en su postura la idea de territorio, y por lo tanto, se asumirá que tienen una visión territorial aquellos trabajos que explicitan tal hecho. No se pretende realizar un análisis del discurso ni del contenido en sentido estricto, simplemente se señalarán las ideas que esconde la palabra territorio en cada caso. Para ello se han seleccionado tres<sup>3</sup> trabajos de académicos que se entienden representativos de la visión territorial rural en el Uruguay, estos son: “Desarrollo y territorios rurales: Reflexiones sobre las propuestas del Banco Mundial” de Alberto Riella; “Territorios en conflicto. Reestructuración productiva y producción familiar en el campo uruguayo” de Virginia Rossi; y “Sistematización de experiencias de desarrollo rural con enfoque territorial en los departamentos de Montevideo, Paysandú y Tacuarembó” de Miguel Vassallo y Pedro de Hegedüs. La selección de estos escritos se realiza entendiendo que sus autores son quienes manejan con mayor fuerza la visión territorial sobre el desarrollo rural. A su vez se han seleccionado artículos que refieren al desarrollo rural desde un análisis de políticas públicas; este criterio es simplemente un arbitrio que permite la conmensurabilidad de las posturas.

De modo de ordenar la lectura de los trabajos se trabajará en torno a las siguientes dimensiones: 1- objeto de estudio; 2- concepción de desarrollo; 3- concepción de territorio; 4- función normativa-prescriptiva del concepto.

### **“Territorios en conflicto: Reestructuración productiva y producción familiar en el campo uruguayo”**

#### 1- Objeto de estudio.

El objeto de estudio del trabajo seleccionado puede delimitarse como el rol de las políticas públicas hacia el desarrollo rural en el marco de una transformación productiva del país en la cual las grandes empresas capitalistas, en distintas modalidades, habilitan y promueven el desplazamiento de la agricultura familiar. El trabajo es racconto de la evolución de la estructura productiva del Uruguay en cuanto a incorporación de tecnología se refiere. A través de dicho trabajo se analizan los nuevos impulsos hacia la agricultura familiar y cuáles son las debilidades del mismo.

#### 2- Concepción de desarrollo y territorio.

La concepción implícita de desarrollo puede vincularse a su vez con la concepción implícita de territorio. Si bien el artículo habla de *territorios en conflicto* no se encuentra una definición clara y concreta de qué se entiende por el término, empero, puede seguirse la siguiente frase como un esbozo sobre el tema:

A nivel de las intervenciones territoriales concretas, es necesario superar las dificultades que surgen para intervenir en forma integral, articulando esfuerzos y superando la forma tradicional/sectorial, focalizada en el desarrollo empresarial y por rubro, y enfocada desde instituciones únicas. (ROSSI, 2010, p. 106).

<sup>3</sup> No se intenta con esta selección ser representativos de la visión académica uruguaya ni de todos los/as investigadores/as que abordan el tema. Se ha dejado de lado los trabajos sobre desarrollo territorial que no refieren estrictamente a lo rural, así como también a trabajos e investigadores/as que han abordado el tema pero de manera intermitente. En última instancia el intento es de reflexión conceptual y no de un diagnóstico académico.



El vínculo entre territorio e integralidad es uno de los aspectos más sobresalientes en la literatura especializada, en ese sentido la concepción de territorio se asemeja a la idea de sistema y de un funcionamiento integral del mismo. A su vez, se entiende que la idea de territorio es vinculada con la idea de local, esto es que se entiende por territorios a pequeños espacios habitados y no se hace referencia directa a territorios inmateriales, a territorios de agricultura o agronegocio.

### 3- Función descriptiva-prescriptiva.

En el artículo no se puede encontrar un uso descriptivo del concepto de territorio, esto en el sentido de que no existe una caracterización territorial sino que se brindan características del agro uruguayo a nivel nacional, sin explicitar que se entienda por ello que se describe el territorio. La implicancia metodológica de esta visión es que el análisis del territorio se complementa con el análisis de lo nacional y regional. A su vez, la unidad de análisis no es *el territorio* sino las relaciones entre agricultura familiar y empresas capitalistas.

En cuanto al uso prescriptivo se utiliza la concepción de territorio como marco; esto es que si se acepta que el territorio es un espacio de tipo local que implica un sistema integrado, entonces las intervenciones en dicho territorio deben ser con una perspectiva territorial, esto es, reconocer las especificidades del territorio y su integralidad.

“Las estrategias de intervención necesarias para el desarrollo de la agricultura familiar implican cambiar el abordaje del asesoramiento técnico tradicional y contemplar diferentes niveles de acción en forma simultánea: el sistema territorial o local; el sistema familia-explotación (OSTY, 1978, p. 21); y el sistema de producción” (ROSSI, 2010, p. 107).

De cara a la identificación de las categorías de análisis debe pensarse que el territorio es un espacio en el que interactúan los capitalistas y la agricultura familiar. Las relaciones entre estos actores pueden tener un eje territorial, nacional, global.

## **“Desarrollo y territorios rurales: Reflexiones sobre las propuestas del Banco Mundial”**

### 1- Objeto de estudio.

El objeto de estudio del trabajo, señalado de manera explícita, son los organismos multilaterales. El contenido de este objeto se desglosa en las estrategias de desarrollo que engloban las estrategias de desarrollo rural; esto es, se analiza las posturas macro de desarrollo que delinear las distintas estrategias concretas de desarrollo rural. En el objeto de estudio señalado no se encuentra una referencia específica al concepto de territorio ni al de desarrollo territorial. Estas apreciaciones se realizan al finalizar el documento. En concreto, el trabajo de Riella expone la visión implícita en las políticas diseñadas en consonancia con el Banco Mundial, y posteriormente esboza la visión del autor sobre el concepto de desarrollo territorial rural. Un segundo objeto de estudio es la población y los territorios rurales; esto en base a que cuando se refiere a las estrategias de desarrollo rural del BM se refiere a las estrategias dirigidas a toda la población rural, no sólo a la agricultura familiar o asalariados rurales.

### 2- Concepción de desarrollo y territorio.

En el trabajo no se encuentra una conceptualización de territorio, pero sí se encuentra una definición un tanto detallada de la idea de desarrollo territorial. Por desarrollo el autor entiende que es “un proceso social que tiene una importante base territorial, una relativa subordinación a los acontecimientos del mundo natural y un componente sociológico esencial: la participación de grupos sociales enraizados cultural y materialmente en el territorio, fundamentalmente nos referimos a los campesinos e indígenas.” (RIELLA, 2008, p.

132). Según este argumento continúa en su concepto diciendo que la idea de *territorial* “debe partir reconociendo que el territorio está estructurado en base a sus conflictos y que todos los agentes tiene legitimidad para defender sus puntos de vista. En este sentido, la búsqueda del Desarrollo Territorial Rural es un proceso de cambio social que necesariamente altera la estructura y distribución de los recursos materiales y simbólicos del territorio.” (RIELLA, 2008, p. 132).

De este modo el concepto de desarrollo territorial implica el reconocimiento de conflictos entre actores, implica la participación, implica en cierta medida la integralidad; implica cambio social.

### 3- Función descriptiva-prescriptiva.

Las referencias al Desarrollo Territorial Rural son, en su mayoría prescriptivas. Si bien el objeto de estudio se centra en el análisis de las estrategias del BM, en la sección final el autor dedica su tiempo a argumentar cuál sería la visión más acertada sobre el desarrollo de los territorios rurales. “De esta forma se podría efectivizar un modelo de desarrollo rural alternativo que aprovechara las ventajas del crecimiento y el stock de recursos naturales a favor del desarrollo democrático de la sociedad. (RIELLA, 2008, p. 132)”.

Incluso en su definición de desarrollo, los componentes normativos se hacen muy presentes; desarrollo implica democracia, implica equidad, redistribución. En términos de aspectos metodológicos, esta definición de territorio significa que el territorio es uno y que éste es modificado según las relaciones de fuerza que existan en el mismo. Por ejemplo, podría decirse que los territorios rurales son delineados por la postura del BM; pero el territorio sigue siendo el mismo. En este eje el análisis debe centrarse en los actores que ya existen en ese territorio, en su historia, en sus vínculos extra-territoriales. Se obtiene una idea clara de lo que implica el desarrollo territorial, no obstante no se tienen insumos para delimitar el territorio.

## **“Sistematización de experiencias de desarrollo rural con enfoque territorial en los departamentos de Montevideo, Paysandú y Tacuarembó”**

### 1- Objeto de estudio.

El trabajo realizado por Vassallo y de Hegedüs se diferencia de los anteriores puesto que es, más que un artículo académico, un trabajo de consultoría. Empero este detalle, se encuentran en el escrito las características propias de un trabajo académico. A partir de ello, entonces, el objeto concreto de estudio del trabajo son las experiencias de desarrollo rural de tres departamentos y su análisis se da en base al enfoque de Desarrollo Rural con enfoque Territorial manejado por IICA. En este sentido el *objeto* concreto son políticas públicas de desarrollo.

### 2- Concepción de desarrollo y territorio.

La extensión del trabajo seleccionado ayuda sobremanera a los objetivos de este escrito. En este caso, los autores exponen de manera concisa cuál es su visión sobre desarrollo rural: “Por Desarrollo Rural entendemos ‘el pasaje de un estadio de desarrollo de un espacio rural, caracterizado por condiciones donde predominan las Necesidades Básicas Insatisfechas, en forma individual y colectiva, a otro estadio con condiciones que permiten un mejor desarrollo de las personas por una mayor satisfacción de las Necesidades Básicas, a través de un proceso basado en la participación creciente de la población implicada en la gestión económica y social.’ Vassallo (2001).” (VASSALLO; HEGEDÜS; 2005, p. 54). Bajo esta definición, el desarrollo rural se diferencia del desarrollo agrario y el desarrollo agropecuario; en sí incorpora dimensiones extra-producción y relaciones económicas. A su

vez es un pasaje entre dos situaciones, de una peor a una mejor, y que ese pasaje implica la participación de los involucrados.

En cuanto a la visión territorial se hace referencia como un complemento de la visión de desarrollo, en palabras de los autores el Desarrollo Rural con Enfoque Territorial “permite entender y gestionar el desarrollo más eficientemente” (VASSALLO; HEGEDÜS; 2005, p. 55). En otro pasaje relatan “simultáneamente, la noción de “territorio” procura compensar las visiones sectoriales, que generalmente tienden a maximizar solamente la productividad y la competencia.” Con ello se hace referencia a la idea de sistema y de integralidad. Por otra parte la idea de *contemplar al territorio* significa atender a lo global y a lo específico de cada territorio; esto es reconocer que cada territorio es moldeado de manera distinta por los actores que en él actúan.

Por territorio, entonces, entienden a regiones. Estas pueden ser de escala local, nacional, regional. Explicitan que la delimitación depende de distintas variables, y que en última instancia, refieren al alcance del estudio. En este sentido la idea de territorio es también la idea de un espacio geográfico concreto (espacio físico) en el cual se dan determinadas relaciones entre variables.

### 3- Función descriptiva-prescriptiva.

La función del concepto de desarrollo rural con enfoque territorial es básicamente prescriptiva. Esto de manera de que se parte de una definición de DRET abstracta y a través de ella se intenta analizar las experiencias de desarrollo implementadas; la evaluación de dichas estrategias presupone que la visión acertada es la DRT y por lo tanto se evalúa en qué medida las estrategias se ajustan a esa visión.

De igual modo existe un uso descriptivo del concepto puesto que la *evaluación* implica aplicar y operacionalizar el concepto. En cuanto a este uso el desglose del DRET se vincula a distintos aspectos y distintas teorías; por ejemplo, a las teorías de construcción de ciudadanía, las teorías del desarrollo local, las teorías del capital social, las teorías de la *coopetencia* y el desarrollo económico local, teorías económicas de competitividad, entre otras. En este marco el enfoque metodológico de lo territorial se da en delimitar algunas dimensiones de análisis y en delimitar el espacio geográfico de estudio. Las estrategias de cara al desarrollo, servidas del enfoque territorial, pueden estribar en distintos aportes de otras teorías y enfoques, por ejemplo, el desarrollo territorial se alcanza a través de una determinada visión del capital social y de la participación ciudadana; éstas últimas son teorías en sí.

### “La visión de lo territorial”

En el apartado anterior se ofreció un breve resumen de tres visiones de territorio y desarrollo territorial. En el primer caso se maneja la idea de territorio como espacio de análisis sin mención a la idea de desarrollo territorial, y de hecho el objeto de estudio es la cuestión agraria. En el segundo se hace una mención explícita a la idea de desarrollo territorial y en cómo ésta es una manera adecuada de encarar el desarrollo de los espacios rurales. El tercer trabajo expone detalladamente la idea de desarrollo y cómo esa idea se modifica al pensarse desde un enfoque territorial. En síntesis, se entiende que los tres trabajos integran en su lenguaje y en su conceptualización la idea de territorio y que ello tiene implicancias para el desarrollo teórico de la problemática rural puesto que normativamente indican qué es lo que debería desarrollarse. No obstante ello, y en términos metodológicos más concretos, no se encuentran muchos elementos de cara a comprender en base a qué se define un territorio. En la jerga sobre el desarrollo territorial impera la idea de que los territorios son definidos por los actores que se encuentran en el mismo; quien aquí escribe entiende que en los estudios sobre desarrollo territorial predominan las delimitaciones arbitrarias del territorio.

En esta disyuntiva se tomará el aporte de Mançano Fernandes en su definición de territorio y en relación a la aplicación concreta de este concepto. Como se planteó al inicio, la utilidad de reflexionar sobre el concepto de territorio es debido al creciente uso en la academia, al creciente uso en las políticas públicas, y a la polisemia del mismo. Se entiende, junto con Mançano Fernandes que “territorio es un término autológico. Construirlo significa dominarlo. Se puede hasta decretar el fin de los territorios, lo que significa construir un nuevo territorio.” (FERNANDES, 2004, p. 28) De este modo, y en tanto se pretende contar con elementos metodológicos que ayuden a la definición de un territorio (como paso previo a poder describirlo) se comparte la postura de que:

El concepto de territorio puede significar el espacio físico en diversas escalas: desde el espacio geográfico de una nación, de una región, de un estado, de una microregión, de un municipio, de un barrio, de una calle, de una propiedad, de partes de una vivienda. Ese es su sentido absoluto, objetivo, concreto, material y localizado. El concepto de territorio puede significar también espacios sociales en sus diversas dimensiones: culturales, políticas, económicas, históricas, o sea, las relaciones sociales en su complejidad, espacialidad y temporalidad. Incluso en el plano de las ideas, de la construcción de conocimientos y sus diferentes lecturas de las realidades, del sentido y del significado, de las divergencias y convergencias, del diálogo y del conflicto. Ese es su sentido relacional, subjetivo, abstracto, representable e indeterminado. Por lo tanto, tenemos territorios en movimiento. (FERNANDES, 2004, p. 28).

Si bien lo anterior puede resultar demasiado abarcativo, y por lo tanto, que no define nada en concreto; se resalta la idea implícita en la palabra territorio: un territorio es una construcción de relaciones; ésta puede darse a nivel material o simbólico. En este esquema se podrá definir un territorio en cuanto se definan las relaciones de poder que existen en determinados espacios físicos. En extremo, podría decirse que el intento de definir el concepto de desarrollo territorial es, en sí mismo, una territorialización; esto pues al definir conceptos que guían políticas se está colocando, implícita o explícitamente, determinado componente de poder. En este sentido quizás es que se ha analizado la visión de desarrollo del Banco Mundial en el trabajo de Riella, se quiere decir, en qué medida la definición conceptual brindada por los organismos multilaterales implica un determinismo material.

De modo de comprender las afirmaciones previas se comenzará por un análisis del concepto de territorio, y para ello se entiende pertinente tomar un concepto previo: el espacio. Podría decirse que un espacio se convierte en territorio cuando en él ingresa determinada ideología y determinadas relaciones de poder, en ese momento se está territorializando el espacio. Por espacio debe entenderse “como un conjunto de sistemas de objetos y sistemas de acciones, que forman el espacio de modo inseparable, solidario y contradictorio” (SANTOS, 1996, p. 51. En FERNANDES; s/d: p. 3). La transformación de ese espacio en determinada dirección va generando un determinado territorio. En términos operativos, un territorio puede estar o no vinculado a un espacio geográfico, y puede incluir o no otros territorios. El concepto de fondo es que al momento de pensar en desarrollo territorial debe pensarse que la definición de territorio no es algo subjetivo de cada espacio sino que depende de las relaciones de poder establecidas en un determinado espacio, esto porque territorializar significa conquistar a través de determinada ideología. En este sentido un territorio municipal, por ejemplo, puede contener distintos territorios en su interior; del mismo modo un determinado espacio rural puede contener distintos territorios.

Con anterioridad se mencionó que el trabajo de Riella exponía que tener en cuenta la dimensión territorial implicaba atender a las relaciones de poder entre diversos actores, y que un proceso de desarrollo territorial implicaba la destrucción o transformación de dichas relaciones. Para el caso aquí señalado (Mançano Fernandes) la propuesta es que los territorios se construyen, y que la construcción de un territorio implica la destrucción de otro territorio. Por ejemplo

Tenemos entonces una disputa entre el capital y el campesinado. Las propiedades campesinas y las capitalistas son territorios distintos, son totalidades diferentes, donde se producen relaciones sociales desiguales, que promueven modelos opuestos de desarrollo. (FERNANDES, s/d: p. 6).

El estudio de las luchas territoriales entre capitalismo y campesinado requiere de un definición previa y delimitación de cuáles son esos territorios. En primer término debe señalarse que los territorios pueden ser materiales e inmateriales. “La construcción de un territorio material es el resultado de una relación de poder que está sustentada por el territorio inmaterial como conocimiento teoría o ideología.” (FERNANDES, s/d: p. 6) Dentro de los territorios materiales se diferencian tres:

- Los territorios jurídicos, por ejemplo: país, estados, provincias, municipios.

“El primer territorio es el espacio de gobernanza de la nación. Es el punto de partida de la existencia de las personas. En éste se constituyen otros territorios producidos por las relaciones de las clases sociales”. (FERNANDES, s/d: p. 10).

- Los territorios generados en base a las relaciones sociales que determinan el régimen de propiedad privada, en la actualidad, territorios capitalistas y no capitalistas.

“Todos los sistemas políticos crean propiedades con diferentes formas de organización del espacio.” (FERNANDES, s/d: p. 11).

- Otros territorios controlados por otros tipo de relaciones de poder, éstos son construidos en el primero o segundo territorio.

El tercer territorio es el espacio relacional considerado a partir de sus conflictualidades y reúne todos los tipos de territorios. El carácter relacional, por unir las propiedades fijas y móviles, promueve el movimiento de expansión y reflujo. (FERNANDES, s/d: p. 14).

En los territorios de segundo y primer orden es donde podemos encontrar la territorialización de los terceros, por ejemplo, el territorio del agronegocio se desarrolla en un territorio material jurídico y a su vez en un territorio de determinadas relaciones sociales en torno a la propiedad privada. En concreto se quiere decir que el territorio jurídico, por ejemplo un departamento, puede ser territorializado por el agronegocio, por el Estado o por movimientos de agricultura familiar. Según quién instale las relaciones de poder será la forma en que se organice ese territorio.

## **Aportes metodológicos**

La particularidad de la tipología de Mançano Fernandes recae en que su definición de los territorios es en base a su funcionalidad, esto es, se definen según las relaciones sociales que los integran. Desde esta perspectiva, entonces, el desarrollo rural territorial requiere de la definición y delimitación de los tres territorios que lo componen. La identificación de los mismos brindará insumos sobre cómo funcionan los mismos, cuáles son las relaciones imperantes, hasta dónde llegan las distintas territorialidades, cuáles son los actores claves, en qué espacios materiales y simbólicos se encuentran los conflictos. Si bien con esos elementos aún no se ha dicho nada sobre qué significa desarrollo, sí se cuenta con elementos concretos, operacionalizables, que sirvan de guía al momento de pensar en que determinada población cuenta o no con las condiciones necesarias para su desarrollo. Habiendo definido los territorios materiales se podrá, entonces, conocer el territorio inmaterial que impera.

Pienso el territorio inmaterial con la misma lógica del territorio material, como la determinación de una relación de poder. Esta determinación debe entenderse como definir, significar, precisar una idea o pensamiento, de modo de delimitar su contenido y convencer a los interlocutores de su validez. (FERNÁNDES, s/d: p. 15).

Retomando los planteos anteriores y las posturas de territorio y desarrollo territorial manejadas por los autores uruguayos, la postura de Mançano Fernandes cobra un lugar de importancia en tanto aporta elementos teóricos-metodológicos de modo de operativizar la abstracción de *territorio*. En este sentido, se puede definir desarrollo de distintas maneras y en base a distintos valores éticos e ideológicos, se puede proponer un desarrollo en base a la agricultura familiar, en base a los asalariados, en base a la tierra, en base a la industria, etc., lo característico de lo territorial entonces no es su finalidad sino el modo en que se generan y reproducen determinadas relaciones sociales.

Es de este modo entonces que la discusión sobre la categoría *territorio* se vuelve apremiante. En el continente se manejan distintas maneras de abordar el desarrollo territorial, podría decirse que las estrategias del BM construyen la territorialidad de los organismos multilaterales, que el avance del agronegocio construye una territorialidad propia en detrimento de la agricultura familiar, que la academia en su afán de reflexionar está, a su vez, construyendo nuevos territorios; y en ese esquema el concepto de territorio se torna en un concepto vacío y de fácil uso, un concepto que todos lo comparten, que implica consensos, alianzas. En distancia de esas proyecciones, en este trabajo se intenta plasmar que pensar el desarrollo desde lo territorial implica, necesariamente, ir en contra de otros territorios -materiales e inmateriales- intentando con ello que el uso de este concepto no se una categoría legitimadora y reproductora; incluso, como parafrasea Mançano Fernandes a Dos Santos, si fuese necesario, debería generarse un territorio nuevo en el que no existiera la idea de territorio.

## Conclusiones

Las conclusiones de este trabajo dan cuenta de que la inclusión de categorías a diversos temas de análisis es, y debe ser, un proceso de constante reflexión. En concreto aquí se eligió la temática de lo rural y específicamente la idea de desarrollo rural. Las distintas propuestas que analizan el desarrollo rural con un enfoque territorial toman a la categoría territorial como algo dado, ya definido y conocido, y como un concepto teórico de tipo normativo, esto es: cómo debería ser el desarrollo para que sea territorial.

El problema observado en ese contexto es que los territorios en los cuales se piensan o analizan procesos de desarrollo no son delimitados en términos metodológicos y por tanto operativizar las variables a nivel territorial no es tarea sencilla. Esto es que, por ejemplo, difícil es *medir* el capital social de un territorio cuando no se conoce cuál es el territorio. Con estas cuestiones que complejizan el estudio de lo rural muchas veces la delimitación del territorio es arbitraria y refiere a espacios físicos o a territorios delimitados administrativamente. Este tipo de delimitación es, según aquí se ha expuesto, un tipo de territorialidad y por tanto es válido; no obstante utilizar este tipo de delimitación y operativización no difiere de un estudio común de desarrollo.

De tal modo es que se entiende relevante la reflexión sobre qué se entiende por territorial, qué alcance tiene tal conceptualización y por tanto qué formas toman las variables en estudio dentro de tal o cual territorio. A su vez desde esta óptica *el territorio* es una variable más y no algo dado, estático y constante.

En síntesis, el territorio es una construcción conceptual de análisis y de delimitación de un campo de estudio al mismo tiempo que es una variable central en el análisis de las relaciones que se dan en un objeto de estudio determinado. Por tanto debe problematizarse la inclusión de lo territorial en los estudios sobre el desarrollo rural, definir cuál es ese

territorio que se pretende estudiar, cuáles son las variables que lo delimitan y cómo la existencia o no de tal o cual territorio influye en el objeto de estudio seleccionado.

### Referencias bibliográficas

FERNANDES, B. M. **Território, teoria y política**. www.fct.unesp.br/nera.

FERNANDES, B. M. **Sobre la tipología de los territorios**. disponible en www.fct.unesp.br/nera. 2009.

SCHEJTMAN; A. Y BERDEGUÉ, J. **Desarrollo Territorial Rural**, FIDA, Chile. 2004.

RIELLA, A. **Desarrollo y territorios rurales**: Reflexiones sobre las propuestas del Banco Mundial. FLACSO. 2008.

RIELLA, A. Y MASCHERONI, P. **El efecto de la forestación en la calidad del empleo rural**. Ed. CSIC – Udelar. Mdeo, 2008.

ROSSI, V. Territorios en conflicto. Reestructuración productiva y producción familiar en el campo uruguayo. **Pampa**. Revista Interuniversitaria de Estudios Territoriales, año 6, nº 6, Santa Fe, Argentina, UNL (pp. 89-111). 2010.

ROSSI, V. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya**. Revista Nera, Año 13, Nº 16, P. 63-80. 2010. Disponible en: [http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/16/10\\_rossi.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/16/10_rossi.pdf).

VASSALLO, M. HEGEDÜS, P. **Sistematización de experiencias de desarrollo rural con enfoque territorial en los departamentos de Montevideo, Paysandú y Tacuarembó**. Montevideo, IICA. 2005.

VASSALLO, M; TADEO, J. Políticas Sectoriales y Desarrollo Rural. MGAP y Colonización. Desarrollo Rural con Enfoque Territorial. En: **Anuario de OPYPA**, 2009.

VASSALLO, M. **Desarrollo Rural**: Teorías, enfoques y problemas nacionales. Facultad de Agronomía, 2001, Cap. 6, pág. 139-167. 2001.

# **O drama da instalação de famílias agricultoras na mesorregião sudeste paraense**

**Glaucia de Sousa Moreno**

Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável  
Docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Pará.  
e-mail: gmoreno@ufpa.br

**Gutemberg Armando Diniz Guerra**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Universidade Federal do Pará  
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural  
e-mail: gguerra@ufpa.br

## **Resumo**

O presente artigo foi desenvolvido com o objetivo de demonstrar a expressão do sofrimento vivenciada por assentados de reforma agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na mesorregião Sudeste Paraense, Brasil. Pretende-se revelar os elementos que permitiram a resistência de 16 famílias de migrantes oriundos principalmente do nordeste brasileiro, durante um ano e nove meses de luta em acampamentos e ocupações para conseguirem um lote de 25 hectares no assentamento Palmares II no qual vivem desde 1996. Para obtermos os elementos contidos nas entrevistas usamos a análise de conteúdo resgatado através de narrativas contadas pelos assentados com o intuito de remontar a história vivenciada por estas famílias durante o processo de conquista e resistência na terra.

**Palavras-chave:** reforma agrária, movimento social, memória, Brasil.

## **Resumen**

### **El drama de la instalación de familias de agricultores en la región sudeste de Pará**

Este artículo fue desarrollado con el objetivo de demostrar la expresión de sufrimiento experimentado por los agricultores de la reforma agraria del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST), en la región sudeste de Pará, Brasil. Se tiene la intención de revelar los factores que hicieron que la resistencia de 16 familias de los migrantes, principalmente en el nordeste de Brasil, un año y nueve meses de lucha en los campos y ocupaciones para obtener un lote de 25 acres en asentamiento Palmares II donde han vivido desde 1996. Para obtener la información contenida en las entrevistas se utilizó el análisis de contenido redimidos a través de narraciones contadas por los agricultores con el fin de trazar la historia experimentada por estas familias durante el proceso de conquista y resistencia en la tierra.

**Palabras-clave:** reforma agraria, movimiento social, memoria, Brasil.

## **Abstract**

### **The drama of the installation of farming families in Southeast Mesoregion of Pará**



This paper objective is to demonstrate the suffering expression lived by assentment agrarian reform people of the Landless Workers Movement (MST) of Pará southeastern mesoregion, Brazil. It propose to reveal the factors which made the resistance of 16 migrant families, mainly from the northeast of Brazil, during one year and nine months of fighting in camps and occupations to get a 25 hectares lot in Palmares II settlement, in which they live since 1996. To obtain the elements contained in the interviews was made the use of oral history and collective memory of the settlers in order to trace the history experienced by these families during the process of conquest and resistance in the land.

**Keywords:** agrarian reform, social movement, memory, Brazil.

## Introdução

Este artigo encontra-se dividido em duas partes: a primeira trata do processo de luta e conquista da terra retratando o processo de sofrimento e dificuldades inerentes desse percurso, apresenta-se como se deu a implantação do MST na mesorregião sudeste paraense, através de um recorte histórico e cenário econômico da região durante a década de 90 do século XX. Em seguida trata especificamente do processo de ocupação da Fazenda Rio Branco, que em 1996 foi desapropriada e deu origem ao Assentamento Palmares II, localizado no município de Parauapebas, Estado do Pará. O processo de ocupações e acampamentos até conseguirem a desapropriação da área durou um ano e nove meses, de junho de 1994 a março de 1996. É sobre este período que se refere este artigo, e demonstram-se, através da memória dos entrevistados, as condições de sofrimento e dificuldades consideradas por eles no processo de conquista da terra.

Na segunda parte apresentam-se as conquistas alcançadas pelos sujeitos, passada a fase do sofrimento, representado pelo medo, ausência de alimentos, e condições precárias de moradia embaixo da lona preta, nos acampamentos. Metaforicamente intitula-se essa segunda parte “nem tudo são espinhos”. Apresentam-se os porquês do enfrentamento dessas condições adversas, em quais objetivos estes sujeitos se amparam para ter forças e continuar resistindo até contra a força brutal de confrontos armados com a polícia, como aconteceu no triste episódio do Massacre de Eldorado dos Carajás. Apresenta-se nesta parte a extraordinária manifestação humana da vontade de ser feliz e de recomeçar quando qualquer esperança parece morta, corroborado por Sawaia (2009).

Desta maneira, apesar do chamado sofrimento vivenciado por estes sujeitos da reforma agrária, os dados obtidos nesta pesquisa apontam para uma experiência cujos ganhos sociais são relevantes, principalmente no que diz respeito à organização contra-hegemônica de caráter emancipatória que estes sujeitos defrontam. Os ganhos emancipatórios se circunscrevem em aprendizado do trabalho coletivo, politização dos assentados, acesso à educação e saúde, garantindo plena inserção na sociedade e saindo da condição de invisibilizados que enfrentaram enquanto estavam nas periferias das cidades ou embaixo da lona preta nos acampamentos.

Para tessitura deste artigo foram entrevistados 16 assentados moradores do assentamento Palmares II. O objetivo das entrevistas não eram produzir uma amostragem quantitativa, mas qualitativa, que expressasse a história de vida das pessoas, a vivência no acampamento e posteriormente no assentamento Palmares II ao longo de quinze anos da existência do mesmo.

## A luta pela terra no Pará e no assentamento Palmares II

O MST começou a inserir-se no espaço social do estado do Pará através de um processo de luta pela terra. Os primeiros trabalhos de organização foram feitos por sem-terra vindos dos estados de Goiás, Maranhão, Ceará e Pernambuco. O apoio de Sindicatos dos Trabalhadores Rurais vinculados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e de

militantes da CPT foram as principais referências que os sem-terra tiveram no início da articulação de apoio à instalação do MST no Pará, que “introduziu inovações ao repertório de ação coletiva dos camponeses e das entidades sindicais” (ASSIS, 2007, p. 153).

Quando o MST chegou aqui na região o SERPAJ<sup>1</sup>, naquela época era uma entidade forte na região e fazia debate com a sociedade, com os movimentos sociais e os bairros carentes. E foi nós do SERPAJ que apoiamos a vinda do MST para a região. Na chegada deles a gente deu hospedagem, deu apoio nas entradas, indicando aos integrantes a procurar a própria igreja ou outros movimentos sociais (...). (LOPES FILHA, liderança do MST, entrevista realizada em março de 2010).

O marco inicial para o nascimento do MST no Pará é representado pela ocupação da Fazenda Ingá no Município de Conceição do Araguaia, Região Sudeste do Pará, no dia 10 de Janeiro de 1990. Em torno de cem famílias ocuparam uma área da Fazenda Ingá, enquanto outra parte desse latifúndio de quinze mil hectares estava ocupada por posseiros, que vinham enfrentando jagunços e resistindo na terra. Iniciam-se, assim, as ações do MST no Pará: sem-terra lutando junto com posseiros em um dos estados de maior violência contra os trabalhadores rurais.

Em julho de 1990, 150 famílias ocupam a Fazenda Canarana, também no Município de Conceição do Araguaia. No final do ano de 1990 o MST inicia o trabalho de base na Microrregião de Marabá<sup>2</sup>, segundo documentos produzidos pelo próprio movimento e representantes do MST no Pará. Segundo a afirmação de Souza (2010), a consolidação do MST no Pará se deu em 1996 concomitantemente com a criação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Pará (FETAGRI) Regional Sudeste<sup>3</sup>, criada pelo movimento sindical representado pela FETAGRI Pará.

Apoiados pela CPT os militantes do MST intensificaram os trabalhos de base na microrregião de Marabá. No dia 16 de julho de 1992<sup>4</sup>, quinhentas e quarenta e oito famílias sem-terra ocuparam a Fazenda Rio Branco<sup>5</sup>, no Município de Parauapebas, latifúndio de vinte e dois mil hectares. A desocupação da Fazenda Rio Branco foi imediata. A ação de despejo aconteceu no decorrer da ocupação: enquanto algumas famílias ainda chegavam para ocupar, outras já estavam sendo despejadas. A Polícia agiu rapidamente e, com o apoio dos jagunços da fazenda, apreenderam as ferramentas dos trabalhadores.

Em 1992, um dos trabalhos que eles fizeram aqui na região, [que] foi a primeira ocupação massiva que o MST fez. Nesse tempo teve todo um trabalho antes dessa ocupação, que é um dos caracteres do movimento. E aí, de fato, [era para] consolidar nessa região através da Rio Branco que eles ocuparam na época, e imediatamente foram despejados. Então eles vieram, para a porta do INCRA, ocuparam o INCRA e ficaram instalados nas dependências do INCRA. E depois se juntaram ao sindicato, outros sem-terra também, se juntaram e ficaram acampados na porta do INCRA. Foi a partir daí que nós, eu e outros, ingressamos. Íamos para lá ajudar e

<sup>1</sup> Serviço de Paz e Justiça, ligado a Igreja Católica.

<sup>2</sup> A microrregião de Marabá segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é uma das microrregiões do Estado brasileiro do Pará pertencente à mesorregião Sudeste Paraense. A mesma é composta por cinco municípios: Brejo Grande do Araguaia, Marabá, Palestina do Pará, São Domingos do Araguaia e São João do Araguaia.

<sup>3</sup> A FETAGRI regional sudeste do Pará tem área de abrangência nos municípios que compõem a mesorregião sudeste do Pará pelos critérios do IBGE, sendo a mesma composta por 39 municípios divididos em 7 microrregiões: Conceição do Araguaia, Marabá, Paragominas, Parauapebas, Redenção, São Felix do Xingu e Tucuruí.

<sup>4</sup> No cenário nacional, em 1992 o MST criava o Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA), congregado na Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB). No mesmo ano, no Estado do Pará o movimento ainda estava se estruturando.

<sup>5</sup> Ocupação que dará origem posteriormente ao assentamento Palmares II, lócus desta pesquisa.

fomos convidado para fazer parte do movimento. (LOPES FILHA, liderança do MST, entrevistada em março de 2010).

Desta forma, as ocupações da Fazenda Ingá e da Fazenda Rio Branco podem ser consideradas marcos iniciais para a implantação do MST no Estado do Pará, serviram de experiência para o movimento se adaptar a uma região de altos índices de violência contra os camponeses e com forte e imediata reação dos latifundiários e do Estado. Independente desses fatores os integrantes do movimento não se intimidaram, pelo contrário ganharam motivação e continuaram a lutar para conseguir desapropriar os latifúndios improdutivos na região. Um dos aspectos que aparecem claramente no discurso do militante é o seu engajamento enquanto quadro o que se dá no processo mesmo da ação coletiva promovida pela organização, no caso a ocupação. Pode-se concluir que os quadros vão se forjando na própria disputa pela terra, essência e razão da organização. A ação coletiva é momento de luta, mas também momento de formação de quadros, de conscientização política, de construção da coesão do grupo.

Lançando mão da análise da realidade, a cidade de Conceição do Araguaia foi escolhida pelos integrantes do movimento para iniciar a instalação do MST no estado do Pará, devido a alguns fatores que a cidade apresentava. Na época em que o movimento Sem Terra estava se estruturando, o município de Conceição do Araguaia apresentava a maior concentração de latifúndios do estado do Pará áreas que ultrapassavam 600 módulos rurais. A população da cidade era composta majoritariamente por migrantes dos estados de Goiás e Maranhão que migraram anteriormente a esse período para trabalharem na extração da borracha. No Sul e Sudeste do Pará, parte da população é de migrantes<sup>6</sup> que vieram para a região em busca de trabalho e melhores condições de vida, ora atraídos pelo extrativismo vegetal, em outro momento pelo extrativismo mineral principalmente do ouro e diamante, mais tarde pelos incentivos governamentais de ocupação da Amazônia, e no século XXI os grandes projetos mineradores que cercam a região e atraem milhares de pessoas.

O que temos de preponderante na mesorregião Sudeste Paraense é que partes dos migrantes tornam-se mão de obra barata para grandes fazendeiros, ou donos de grandes áreas de castanhais ainda no final do século XX, período de intensa migração. Estas pessoas ao chegarem ali têm o sonho de se tornarem proprietários de terras, e saírem da condição de subalterno/subordinado. Não é o que acontece, pois eles são vencidos pela lógica do capital que os coopta para ser mão de obra fácil e barata, com longas jornadas de trabalho<sup>7</sup>.

No momento em que estas pessoas cansam de estar na condição de subalternos e encontram-se amparadas por um movimento social organizado que defenda seus interesses de classe, eles se unem, formam grupos, e vão fazer ocupações para lutar pela reforma agrária, direito de posse da terra e possibilidade de restauração de suas autonomias. Esses são os fatores que possibilitaram a instalação inicial do MST na Região Sudeste Paraense, onde havia grande contingente populacional de migrante de todas as regiões do Brasil que estavam buscando conquistar estes ideais. Em 1994, pessoas com este perfil irão compor a luta pela conquista da terra no assentamento Palmares II como descrito detalhadamente no próximo subitem deste trabalho.

Haja vista que neste momento histórico os sujeitos a que ora nos referimos, em sua maioria já haviam vivenciado os vários ciclos econômicos da região: extrativismo vegetal (madeira) e mineral (ouro e diamante), porém sem garantia de sucesso; estes, na década de 90 do século XX encontravam-se descapitalizados, residindo em áreas periféricas ou invasões, nas cidades de Marabá, Parauapebas e Curionópolis.

No Pará o movimento é composto por aqueles que são **sem-terra de condição social**, que são a maioria dentro dos assentamentos do MST. São aqueles que se juntaram

<sup>6</sup> Ver Atlas da Questão Agrária Brasileira (GIRARDI, 2008).

<sup>7</sup> Vide relatório de pesquisa “Perfil dos proprietários e empresários da lista suja do trabalho escravo contemporâneo”, sob autoria de Regina Landim Bruno, 2008.

à luta do movimento por plena necessidade de ter um lugar para viver com qualidade de vida.

O termo necessidade, no contexto da união de pessoas ao MST, tem o sentido de carência de bens fundamentais à satisfação humana. Essa necessidade tornada coletiva do grupo de trabalhadores somada à luta do movimento resulta em estratégias de pressão sobre o estado para atender as causas sociais. É também uma estratégia de proteção, pois quanto maior o número de envolvidos em realizar um acampamento, maior é a sensação de segurança frente à possível represália da polícia ou de jagunços dos fazendeiros.

Os **sem-terra de condição política**, representados por aqueles que são militantes do movimento, que abraçam a luta do MST, que vestem a camisa do movimento, são aqueles que ocupam ou já ocuparam cargos de liderança ou em coordenações, que viajam de lugar para outro na tentativa de engajar cada vez mais pessoas à luta do MST.

### **Triste partida, dura chegada**

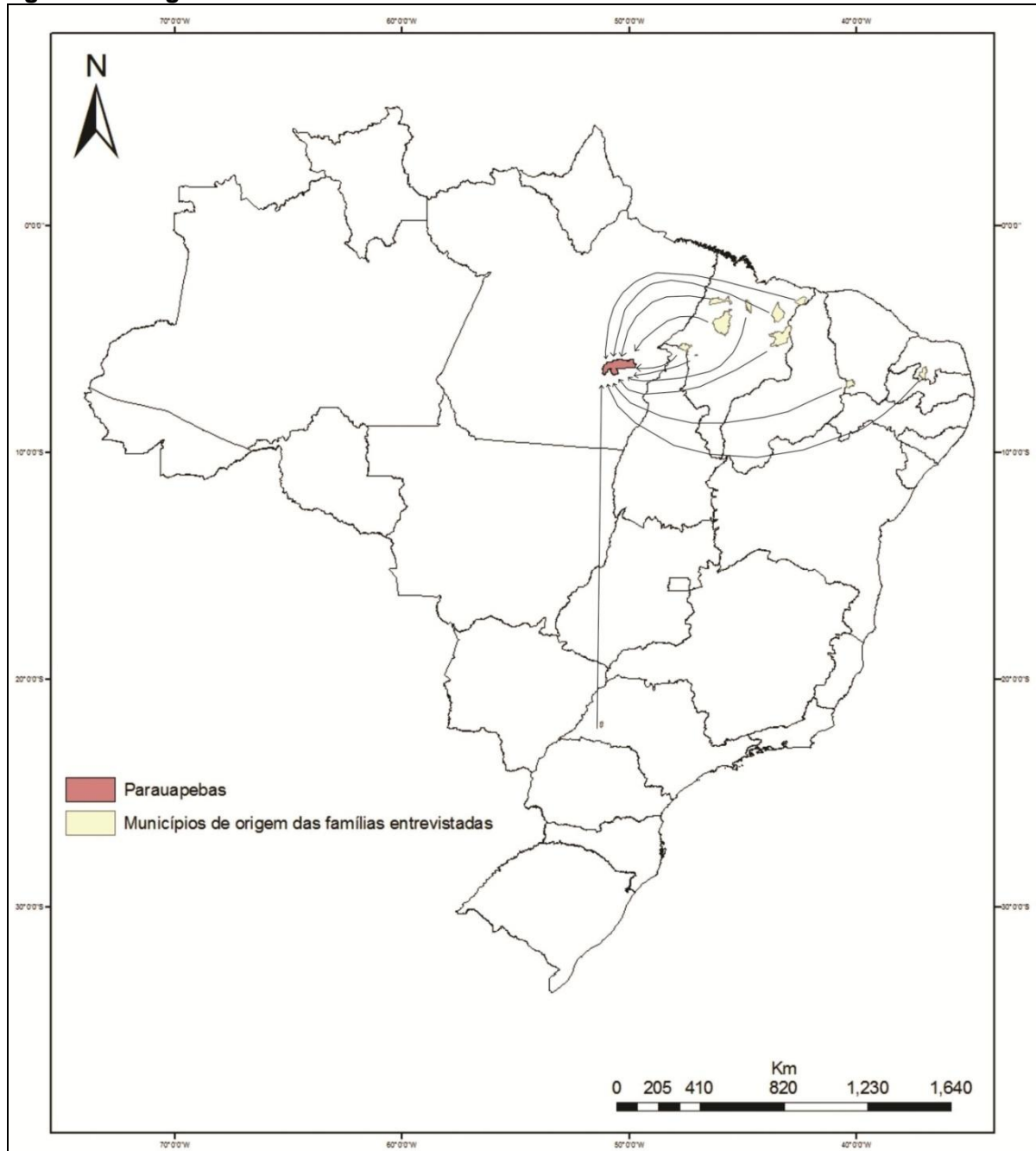
A dramaticidade do processo migratório pode ser reconhecida tanto em textos acadêmicos (FURTADO, 1982; HEBETTE, 1991; LENA; OLIVEIRA, 1991; TURNER, 1961; VELHO, 1972) quanto em textos ficcionais internacionais (PESSOA, 1981; STEINBECK, 2008), ou brasileiros consagrados (MELO NETO, 1994; RAMOS, 1984a, 1984b), quanto, ainda, no cancionário popular expresso em poesia ou música (ASSARÉ, 1978; GONZAGA, s/d; GUERRA, 2002).

No caso dos textos acadêmicos, cumprindo os estatutos da ciência positivista, o sofrimento de assalariados do mundo rural aparece traduzido em números que demonstram o processo de dominação do capital sobre o trabalho em termos de salários, horas de trabalho, más condições de transporte, moradia, escolaridade, insalubridade e falta de cumprimento de normas de segurança. No caso de camponeses com a perspectiva de autonomia, o investimento tem sido feito para lhes dar acesso aos bens de produção dos quais tem sido desprovidos por conta da configuração que vem sendo dada ao mundo moderno em termos da distribuição do espaço entre o campo e a cidade como se esta fosse uma lógica inexorável (ABRAMOVAY; SACHS, 1995, p. 13).

A contribuição da psicologia social, que apesar de tímida e carente em referenciais teóricos sobre o contexto rural, nos ajuda a entender como estes sujeitos encaram essas situações de dificuldade, que por eles próprios foi denominada de sofrimento. Segundo Sawaia (2002), quando se analisa a condição de milhares de pessoas excluídas, sem acesso à vida digna, não se fala apenas de classe social, mas de subjetividade que sofre pela impossibilidade de agir, enclausurada por sentimentos como o medo, a vergonha, a humilhação dentre outros. Na condição dos Sem Terra, a “sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão”.

Relatos de ocupantes de assentamentos rurais, que passam por diversas dificuldades que ultrapassam as condições precárias de sobrevivência nos acampamentos, foram recolhidos em entrevistas feitas com camponeses no conflituado Estado do Pará são particularmente marcantes quanto às dificuldades encontradas desde a partida do local de origem, em geral estados do Nordeste (Figura 01), até a chegada aos locais das moradias obtidas por longos processos de disputa.

A figura 1 mostra de que estados brasileiros nossos entrevistados saíram e para onde eles se dirigiram neste caso o assentamento Palmares II, pertencente ao município de Parauapebas.

**Figura 1 – Origem dos assentados entrevistados.**

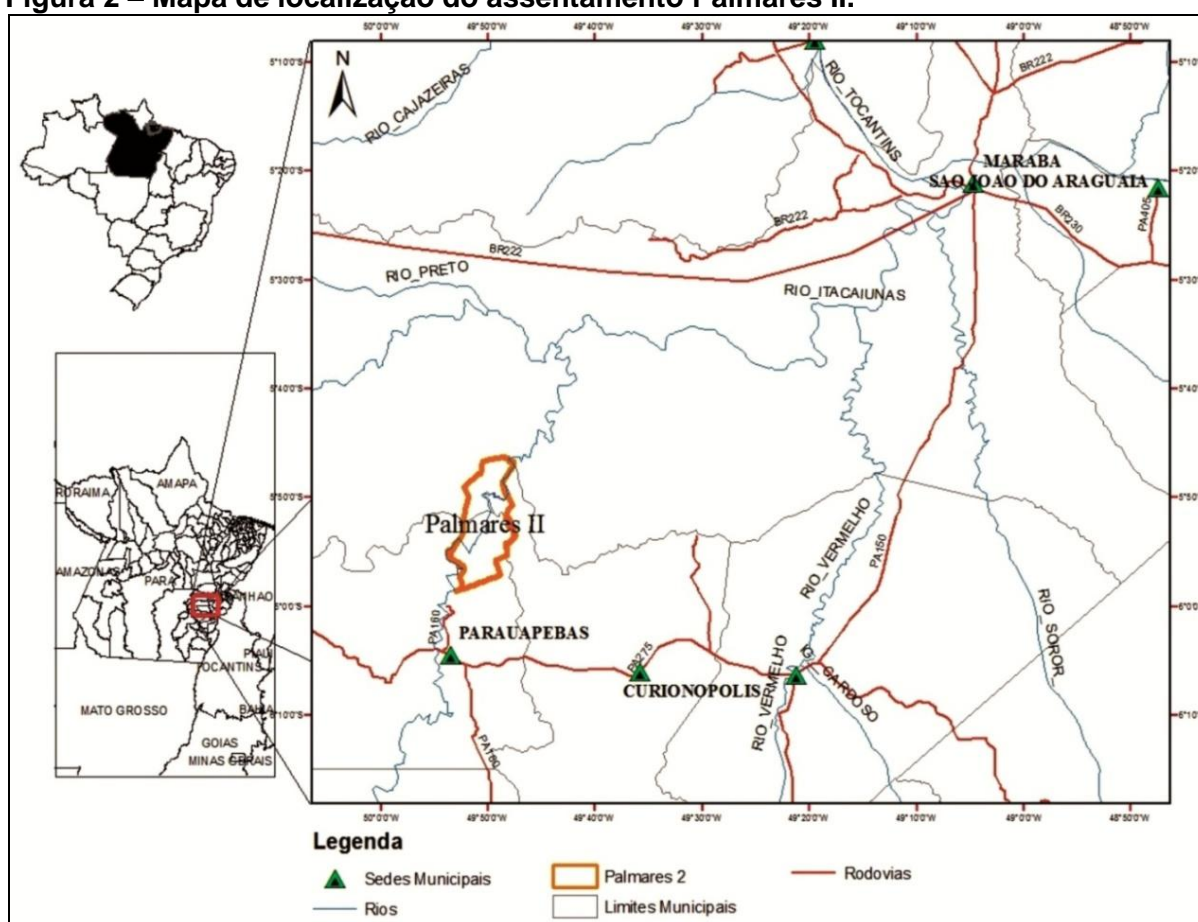
**Confeção:** Rogério Bordalo, 2011.

Em que pese a existência de literatura que valoriza o sentimento humano evidenciado no processo de luta (ANDRADE, 2007, p. 447) a redução do problema fundiário à obtenção da terra em que se possa produzir e estabelecer moradia tem feito negligenciar o lamento que se manifesta quando dos relatos do cotidiano que vai desde a saída das áreas de origem, o deslocamento por lugares insalubres e hostis, até o estabelecimento em um espaço a ser apropriado e transformado em condições dignas e com um mínimo de qualidade de vida: proximidade da estrada, iluminação elétrica, escola e posto de saúde. Em outras palavras, o discurso de vencedor que possa ser identificado nas falas de lideranças exitosas, é carregado de significados que remontam aos momentos de dificuldade, quebrando a linearidade que costumam ter os discursos biográficos (BOURDIEU, 1986, p. 69).

O que se pretende levar em conta neste artigo são as diversas contingências que vão se acumulando em um sofrido e incerto processo de tentativa de estabelecimento de um local de moradia, trabalho e convivência que se arrasta por meses, e às vezes por anos. No caso específico, cada um dos elementos diferenciais que se constituem em elementos de coesão, são amalgamados por um grau de consciência e voluntarismo trabalhados conscientemente pela liderança, sem que se tenha nenhuma certeza de que venha a se consolidar um comportamento político solidário e consequente. Estes elementos vão surgindo no discurso, e se consolidando em dados de pesquisa, demonstrando que há mais dificuldades do que sugere o discurso dos opositores, minimizando a têmpera dos que se engajam nesta empreitada para conseguir um espaço para o estilo de vida camponês, ou mesmo que se admita, uma possibilidade de sobrevivência econômica a partir da obtenção de um lote de terra e o estatuto de beneficiário da reforma agrária.

O tom de dificuldades é encontrado em relatos dos participantes do MST, nos quais este artigo se baseia, a partir do registrado em entrevistas realizadas junto a 14 chefes de famílias e 2 mulheres do Assentamento Palmares II, localizado no município de Parauapebas (Figura 2). As entrevistas foram devidamente gravadas e o critério de escolha dos entrevistados foi o tempo em que estes estavam assentados. Os entrevistados eram pessoas que estavam no assentamento desde sua formação, com o objetivo de remontar o passado e compreender o processo histórico desde o acampamento até o dia em que conquistaram o direito a terra, constituído em assentamento após o massacre de Eldorado dos Carajás<sup>8</sup>. Este assentamento dispõe de área total de 15.484 hectares, com 517 famílias assentadas em lotes de 25 hectares, distribuídos por meio de sorteio.

**Figura 2 – Mapa de localização do assentamento Palmares II.**



**Confecção:** Rogério Bordalo, 2010.

<sup>8</sup> Assassinato de 19 camponeses pela Polícia Militar, em confronto durante manifestação, na PA 150, no dia 17 de abril de 1996.

O tamanho do lote é, certamente, um dos primeiros elementos distintivos da satisfação ou insatisfação que possam ter os assentados, o que se dá pelo número de famílias envolvidas no processo, e um espaço idealizado como viável enquanto módulo que permita a uma família viver e produzir satisfatoriamente.

A primeira ocupação do MST relacionada com o Assentamento Palmares aconteceu no município de Parauapebas no dia 26 de junho de 1994, contando com 2.500 famílias. O local desta ocupação foi o “Cinturão Verde”, uma área de 411.946 hectares, pertencente à Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Os sem terra ficaram acampados nesta área durante três dias. Nesta área de preservação ambiental da CVRD foram erguidos barracos cobertos com lona preta, mas em poucos dias estes foram destruídos, pois chegou uma ordem judicial para que a área fosse desocupada.

O número de pessoas mobilizadas e o das que efetivamente garantem a permanência no futuro assentamento chama a atenção e indica o quanto de descarte ocorre entre um momento e outro. Apesar do esforço e sofrimento de todos, apenas um quinto obtém o direito à terra.

Expulsos desta área no dia 29 de junho de 1994, os sem terra dirigiram-se para a cidade de Parauapebas e foram para a praça pública situada em frente da sede da prefeitura municipal, onde fizeram um novo acampamento. Neste acampamento houve desistência por parte de algumas famílias e a entrada de outras, a maioria vinda de outros 11 estados brasileiros, mas particularmente do Maranhão: “a vida no acampamento obriga pessoas das mais diversas origens, com experiências pessoais diferentes, a conviverem umas [com as outras], num espaço físico restrito” afirma Turatti (2005, p.93), ao se referir aos acampados do MST no estado de São Paulo.

Estas pessoas entraram no acampamento da Palmares, devido não ter outra perspectiva de vida após o fechamento do Garimpo de Serra Pelada<sup>9</sup>. Como demonstra o trecho a seguir:

A gente morava lá, vivia de garimpo, aí quando a gente chegou em Parauapebas que viu a movimentação, a gente entrou no movimento e ficou. Não desistimos e estamos até agora. A gente já sabia que o garimpo não ia funcionar mesmo, e aí a gente apelou em conseguir um pedaço de terra e trabalhar sossegado. (SILVA, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

É recorrente a referência ao garimpo como atrativo para a chegada das pessoas à região, ou como se nessa atividade estivessem anos a fio. Há indagações que persistem como a de que origem teriam os pais e avós destes migrantes? Terá sido mera contingência a escolha pela terra a plantar e estabelecer como ponto de moradia e trabalho, ou há uma matriz psicossocial que os atrai para esta saída como camponeses? A análise da trajetória destes indivíduos pode oferecer pistas, como demonstrou Bringel (2006, p. 199) de que são camponeses sofrendo ciclos de migrações em busca de terra ou de trabalho.

Alguns dias depois de estarem em frente à prefeitura de Parauapebas, as famílias sem terra solicitaram transporte para irem até Marabá, e foram prontamente atendidas pelo prefeito em exercício (1993 – 1996), Francisco Alves de Sousa, conhecido como “Chico das Cortinas”. Dia 5 de julho de 1994, as famílias chegaram a Marabá, e fizeram um novo acampamento, desta vez no pátio da sede do INCRA SR-27, iniciando-se negociações, que não avançaram. Com o impasse, os sem terra decidiram mudar de tática e enviar representantes a Brasília, para negociar com representantes do INCRA Nacional. Como forma de aumentar a pressão, resolveram ocupar a sede do INCRA de Marabá por dois dias. Acabaram ficando durante cinco meses, acampados em um pequeno terreno ao lado do INCRA.

Neste acampamento as famílias não tinham como cultivar a terra. Sobreviviam das cestas básicas enviadas pelo governo:

<sup>9</sup> Em 1992 todas as atividades de extração do garimpo estavam paralisadas, pois o governo não renovara a autorização e o garimpo voltara a ser concessão da Companhia Vale do Rio Doce.

(...) aí quando o governo mandava um pouco de rancho que era muito pouco, [olha] tinha muitas vezes que dividia 3 colheres de café para cada um, um pacote era dividido para 3 ou 4 famílias e dividia tudo certinho, tinha vez que uma barra de sabão era para 3 famílias. E as vezes eu via situação de umas pessoas e o que eu não ia precisar dava para fulano, e nas casas que tinham muitas crianças eu deixava até o café e um pouquinho de açúcar para eles. (LIMA, assentado em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

A exiguidade dos alimentos exige estratégias de solidariedade para permitir a resistência prolongada. Para complementar a alimentação alguns pais de famílias faziam trabalhos temporários pelas redondezas do acampamento, para sanar algumas das dificuldades encontradas durante as etapas de acampamento.

(...) a vida no acampamento é uma vida muito cruel. A gente aguenta e suporta, porque tem o desejo de ganhar o pedaço de terra e não tem condições de comprar mesmo, aí a gente pega e resiste mesmo, para poder conseguir as coisas. (LIMA, assentado em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

Tem-se que ficar presente no acampamento mesmo que as condições de alimentação não sejam suficientes, o que leva a que as famílias desenvolvam estratégias de revezamento entre seus membros, de forma que uns ficam, e outros saem para procurar recursos que amenizem a precariedade das instalações e do fornecimento de nutrição. Talvez seja um dos mais duros momentos do processo político. Mais do que isso, é preciso ficar para tomar decisões junto com as outras famílias e as lideranças:

(...) foi tudo muito difícil, a vida financeira quando a gente estava lá dentro. Aí troca de acampamento, a gente acampou em frente à Câmara, depois a gente voltou para aquele Zé de Areia que chamam ali onde é a Vila Rica, depois foi que a gente se removeu para dentro da terra, na época. Hoje a gente está aqui, mas é muito sofrimento no acampamento. (MARTINS, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

A trajetória até se fixar em um assentamento é errática, tensa, exige resistência, tolerância, coesão:

Quando a gente estava no acampamento era ótima, como um dia desses eu falei com o menino que agora está lá na feira, o Gustavo. Ele era acostumado lá no meu barraco, andar lá por dentro comendo, tudo junto, aquele amor, e é por isso que conquista porque todo mundo tem um objetivo só, que é a terra, aí qualquer outra coisa que você vai juntar, com amor ali você consegue, agora se começasse a puxar para um lado e para o outro nós não estaríamos aqui. (MARIA, assentada em Palmares II, entrevistada em julho de 2010).

É das dificuldades indicadas no trecho acima que se forjam as amizades, a solidariedade, a coesão que vai amalgamar o grupo, que vai dar liga para as ações e passos seguintes.

Como nada se resolvia, os camponeses resolveram voltar a Parauapebas e ficaram, inicialmente, em frente ao portão de entrada da Floresta Nacional de Carajás. Após serem expulsos deste local pela polícia, foram para a frente da Câmara Municipal de Parauapebas onde permaneceram até o dia 20 de janeiro de 1995, quando se deslocaram para outra área, indicada pela prefeitura, nas proximidades da cidade, conhecida como Zé de Areia, onde ficaram de janeiro até maio de 1995. Todo o processo de busca se dá, portanto, concreta e simbolicamente frente às instituições, às claras, com demandas postas diante de



símbolos da racionalidade jurídico-administrativa que deveria dar conta de fazer valer os direitos de cidadania dos pleiteantes a ela.

Nessa nova área as famílias sem terra puderam organizar produções agrícolas, pois esse novo acampamento era em uma área rural próxima à cidade de Parauapebas:

Nessa época tudo era coletivo, tudo era por grupo. Um dia era um grupo, outro dia era o outro grupo que vigiava os acampamentos que as vezes, tinha as atividades e tinha que resolver os problemas que acontecia dentro do acampamento. E a gente amontoava aquele pessoal e ia lá para a reunião resolver, tudo era coletivo. Ai, tinha a corrente que era a entrada e a saída do acampamento e cada dia era um grupo que ia lá fazer a corrente para não ficar entrando pessoas estranhas, e a corrente servia para controlar a entrada. As vezes chegava pessoas que eram estranhas, a gente tinha que se informar, decidir o que ia fazer. (...) no período do acampamento era tudo coletivo, para fazer um barraco era coletivo, para fazer qualquer coisa era coletivo. (...) foi colocado um coletivo de mulheres para fazer uma horta coletiva, eu participei, mas foi poucos dias, Porque aí bagunçou, também a gente mudou. (SANTANA, assentada em Palmares II, entrevistada em julho de 2010).

Com esta declaração podemos observar que desde o período de mobilização até o acampamento o MST consegue instituir entre seus acampados, iniciativas coletivas, inspiradas em ações ocorridas contemporaneamente<sup>10</sup>, haja vista que neste período o grupo de indivíduos encontra-se coeso devido ao objetivo comum de conquista da terra, mas também, neste momento, da necessidade de segurança e de afirmação do grupo perante os seus oponentes.

Decorridos 5 meses de acampamento na área chamada de Zé de Areia, inicia-se um processo de negociações com o governo estadual, representado na época pelo médico Almir Gabriel. Porém, como das outras vezes, nada se resolveu. No dia 14 de maio de 1995, quase um ano após terem ocupado o “Cinturão Verde”, os sem terra resolveram ocupar uma área da Fazenda Rio Branco. A mesma já tinha uma parte comprada pelo Governo Federal para assentar outros camponeses, em 1992.

O novo acampamento que se iniciava era denominado de:

Vila da Barata: (...) lá na Vila da Barata que chamam hoje de vila da Palmares I. Que foi a área que a gente acampou também depois do Zé de Areia, a gente foi removido para lá, de lá a gente se mudou para a vila da Palmares em definitivo, e aí a gente trabalhou uns dias lá com a horta coletiva, mas rapidinho a gente mudou para a vila. (LIMA, assentado em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

Da declaração acima podemos ver que as ações coletivas eram tanto de avanço (ocupação) como de recuos (remoção), mas o discurso é feito na 1ª pessoa do plural (a gente – nós) expressando um sentimento de grupo. Verifica-se também que as ações coletivas não ocorrem da interação dos membros do grupo de camponeses com eles mesmos, mas com outros atores presentes, sejam do estado, professores, polícia, prefeitura. A ação coletiva tem, portanto, um caráter público, uma vez que se dá como processo político que passa por disputas em que a representatividade e representações sociais estão em jogo. Nos acampamentos duradouros que aconteceram em áreas rurais, várias ações coletivas aconteceram:

(...) quando a gente mudou para a Vila da Barata aí a gente construiu também uma escola para as crianças, pois elas não podiam ficar sem

<sup>10</sup> Ainda nesta declaração observam-se preceitos de uma sociedade igualitária e soberana, pregados pelos que compõem o MST, presentes no cotidiano dos acampados, pois eles conseguem viver segundo o que é pregado pela liderança do movimento.

estudar. Aqui mesmo na Palmares II, no início a escola era feita de palha que a gente construiu, o povão fez. As vezes tinha uma pessoa que estava doente e não podia fazer o barraco dele. A gente se juntava e ia lá fazer o barraco daquela pessoa. (...) até chegar no assentamento tudo era feito no mutirão. (BRITO, assentado em Palmares II, entrevistado em janeiro de 2010).

O que se expressa como coletivo de importância são atividades associadas à reprodução social do grupo em patamares que correspondem aos seus níveis de reivindicação de aspectos importantes como educação, saúde, moradia, emprego. À precariedade das construções físicas, marcadas pela pobreza e insalubridade do material (barraco, palha de coco, lona preta), sobrepõe-se a valorização do gesto solidário, o fazer juntos, o dividir, o partilhar o pouco de que dispunham, a segurança, a trincheira...

(...) tinha um grupo às vezes de 10 pessoas ou de 15. Ai fazia o barracão igual esse daqui. Ai ficava 10 pessoas ou 20, aí se fosse para outro lugar lá tinha que fazer outro barraco. A gente sempre fazia de palha; ai quando não fazia de palha botava a lona por cima que era muito quente, mas tinha que ser, pois havia lugares que não tinha palha de coco, ai era na lona, mais a lona esquentava demais. (FERREIRA, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

As descrições dão detalhes da precariedade e da promiscuidade, mas também da criatividade que faz recorrer a soluções alternativas, ao uso do material que se pode ter à mão, seja ele externo como o plástico negro, seja autóctone, como a palha do coco babaçu.

(...) a primeira roça que a gente fez lá na Vila da Barata foi coletiva. Era uma grupo de 7 ou 8 homens que se juntaram e fizeram 4 linhas de roça. Roçaram e derrubavam no coletivo e depois dividiram, na hora de colher e tudo ficou individual. Mas todo o trabalho até o plantio eles fizeram juntos. (SANTANA, assentada em Palmares II, entrevistada em julho de 2010).

Desta vez os agricultores estavam totalmente determinados a não sair da terra, e ficaram neste acampamento de maio a outubro de 1995, quando decidiram iniciar uma marcha a pé até Belém, distante aproximadamente 800 km de onde estavam. Saíram no dia 10 de outubro e quando chegaram a Eldorado dos Carajás foram convidados a formar nova comissão para participar de outra reunião com o INCRA, novamente em Brasília.

Durante essa caminhada na PA-150, as famílias se submetiam às intempéries da natureza, dormiam na beira da estrada em barracões improvisados, “comendo mandioca assada na beira da estrada, acampando debaixo da lona”.

Nós fizemos uma caminhada antes de chegar no 30 (Curionópolis), o povo veio de Brasília atender nós, lá no meio da estrada, o Evaldo Cardoso que era o chefe lá representante do governo, veio “decretadinho” a atender nós, no meio da estrada (...). (LIMA, assentado em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

O desenho do confronto estava dado. Desta vez, finalmente, depois de um ano e quatro meses de luta, os sem terra conseguiram que fosse desapropriada outra parte da Fazenda Rio Branco, que recebeu o nome de Assentamento Palmares em homenagem à resistência de Zumbi, líder dos escravos que fugiam do cativo no século XVII e ao Quilombo de Palmares, o maior de todos os quilombos que existiram na história do país. Em 11 de março de 1996, foi assinada a portaria de criação do PA Palmares, e em 13 de dezembro de 2001, houve o desmembramento do PA Palmares II e Palmares Sul ou Palmares I como é mais conhecido, dando origem à área deste estudo.

Logo após a liberação da portaria de criação do assentamento Palmares II, pouco mais de 1 mês depois (17 de abril de 1996), aconteceu o massacre de Eldorado dos

Carajás, em que dezenove trabalhadores sem-terra foram mortos em decorrência da ação da polícia do estado do Pará. O confronto ocorreu quando os sem-terras que estavam acampados na região resolveram fazer uma marcha em protesto contra a demora da desapropriação de terras na região.

Em que pese o objetivo original da pesquisa ter sido identificar as ações coletivas praticadas pelos assentados naquele que se transformara em um assentamento emblemático do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Estado do Pará (MORENO, 2011), foi recorrente nas falas dos entrevistados a descrição do sofrimento para chegarem a ter os lotes onde vivem. Esta recorrência se deveu em particular a uma indução por uma das questões que demandava o relato sobre os momentos considerados mais difíceis de suas trajetórias enquanto parte do movimento dos sem terra. Verificou-se que as respostas vieram expressas como sofrimento físico e psicológico, na relação com a natureza, com os outros assentados, com representantes do estado e com a direção do próprio movimento. Este sofrimento se expressa praticamente como a moeda com a qual pagaram o acesso à terra, mas não se esgota nos passos que foram obrigados a seguir para chegarem onde se encontram. Recortando as passagens mais acentuadas por estas pessoas sobre os momentos mais difíceis desta trajetória, pode-se construir este texto como um exercício de análise desta vivência. “Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetivos que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26). A reflexão de Halbwachs nos remete à construção da memória como elemento que faz sentido na relação com o outro. Sentir-se bem com as lembranças é sentir-se bem no contexto social em que se vive e os elementos de exaltação do vivido têm significado por conta da referencia social em que se constituem. Neste sentido, o sofrimento por uma causa é uma construção social que pauta o comportamento das pessoas e as faz evocá-lo como algo vivido positivamente como preço do que se pretendia conquistar.

O critério para selecionar as famílias entrevistadas, foi buscar aquelas que participaram desde o período da ocupação, pois somente estas pessoas que vivenciaram essa trajetória poderiam relatar como foi a vivência no acampamento, nas ocupações e marchas que fizeram até conseguirem a desapropriação da Fazenda Rio Branco. Para encontrar essas famílias teve-se que sair procurando pelo assentamento, e para isso, primeiramente visitou-se cada região do assentamento, depois em cada região identificou-se cinco famílias que tivessem o perfil de terem vivenciado todo o processo.

As falas analisadas revelam a permanência de uma referência que se constrói a partir do esforço para a obtenção da terra no contexto da reforma agrária no Brasil, o que se traduz como luta e resistência, no discurso dos assentados. Como o processo de ocupação e acampamento em Palmares II se deu na década de 90 do século XX, faz-se uso de elementos da memória e análise de conteúdo como recursos da pesquisa. A memória, como propriedade de conservar informações, remete a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p. 423). Para coletar estas informações fez-se três visitas prolongadas durante dez dias cada uma, ao assentamento, durante os meses de janeiro, junho e julho do ano de 2010.

As entrevistas com os assentados aconteceram todas no assentamento, a maioria delas na casa dos próprios assentados, sendo que apenas 2 assentados foram entrevistados na sede da associação do assentamento. O conteúdo destas entrevistas pautou elementos ligados à memória dos assentados entrevistados, pois essa representa a capacidade de armazenamento de informações adquiridas ao longo do tempo, devido sua importância para os estudos referentes à história de vida através do registro da história oral

As entrevistas ilustram as repetidas e prolongadas atividades que deveriam ser cumpridas no processo de disputa: “... marchas de ocupação, todos eles, tudo que foi ocupação que teve de INCRA, marcha para Brasília, ocupação em Belém, passeata, para tudo enquanto eu já fui, participei de tudo, todas elas...”. (CORREIA, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

Nestas atividades, as dificuldades enfrentadas durante o período de reivindicação objetivando a obtenção da terra se convertiam em esforços: “Na época a gente foi de Parauapebas, aliás, do Zé de Areia até Eldorado, de pé nessa estrada. A gente foi numa marcha e era época de inverno”. (LIMA, assentado em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

Insere-se, neste discurso, como primeiro elemento, a distância entre os dois municípios de Eldorado e Parauapebas, ressaltando-se a saída de uma localidade onde tinham se abrigado, o que representa aproximadamente 30 quilômetros entre um ponto e outro. Em seguida, para dar idéia do grau de dificuldade para percorrer esta distância, o entrevistado diz que esta foi percorrida a pés, em marcha cadenciada, sob chuva. Continuando, fala das condições em que ficaram alojados:

O barracão era só uma lona, os caibros atravessados com uma lonazona jogada por cima e no inverno lá ventava muito. O vento forte chega arrastava a lona bem no meio aí pá..pá... e todo mundo estava no meio da chuva. Não tinha para onde correr! Tinha que ficar lá, mesmo! Então o sofrimento era grande, mas o objetivo era conquistar um pedaço de terra, aí a gente tinha que ficar, né! Se desistisse não ganhava, né? Aí a gente, graças a Deus, deu uma de duro e chegamos lá. (LIMA, assentado em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

Os elementos dramáticos elencados nesta fala, ressaltando os rigores da natureza representados pelas intempéries da chuva e do vento, a vibração do material precário utilizado para a construção do abrigo (lona e caibros), acenam para o merecimento do que estavam pretendendo (a terra), embora não se encerrem apenas ali os seus sofrimentos. As condições deste enfrentamento levam ao esgotamento físico e psicológico: “As dificuldades foram grandes, a humilhação foi grande, não foi fácil, não! A gente só permaneceu porque fez opinião. Eu pelo menos fiz opinião, mesmo, tinha o objetivo de conquistar a terra”. (SOUZA, assentado em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

A força do processo de mobilização está centrada no objetivo que nos discursos aparece clara e recorrentemente definido: a conquista da terra: “Aí tinha companheiro que não aguentava, mas tinha outros que iam até o fim, aí quando o governo teve dó disse: leva para o hospital, vamos embora pro hospital. Aquela história”. (MARTINS, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

Os casos de doença são absorvidos pelos camponeses como de outra natureza, podendo ser justificados com apelações de ordem sobrenatural, reforçados principalmente quando eventos mais densos, como foi o caso do massacre, permite uma associação como a que segue:

A gente já foi para Belém em marcha, para a curva do “S”. Não chegamos até mesmo a curva do S. Na época em que a gente fez a marcha, a gente foi até em Eldorado, pertinho já. Ai meu esposo adoeceu, ficou ruim, aí tivemos que voltar, retornar. No dia que nós retornamos, no outro dia teve o massacre. Foi Deus mesmo! Morreram muitas pessoas e a gente estava de plano de ir até o final, se não fosse ele adoecer. (SANTANA, assentada em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

O motivo que os teria trazido para o Movimento dos Sem Terra foi o fechamento do garimpo de Serra Pelada, exaurida a extração do ouro. É uma sequência de perdas que vai se acumulando e amalgamando a necessidade de uma ação coletiva. Dez assentados afirmam que vieram por este motivo (o encerramento das atividades da mina de ouro), sendo que outros quatro disseram ter vindo pela influência de outros parentes que já se encontravam no entorno da cidade de Parauapebas, trabalhando em fazendas. Dois assentados justificaram a vinda com o propósito de melhorar as condições de vida da família. Em todas as justificativas, pode-se ler que as condições de vida se degradaram, levando-os a buscar uma alternativa. Em outras palavras, é a condição degradada pela

perda do emprego ou das possibilidades de manter um nível de produtividade satisfatório que leva ao engajamento no MST e não a atração romantizada pela terra. Entretanto, no deixar a atividade anterior, há uma perda, um vácuo entre uma atividade e outra. De certa forma, deixar uma atividade para iniciar outra é um salto no escuro.

Há, portanto, antecedentes de enfrentamentos decorridos durante as sucessivas migrações de um estado para outro, de uma cidade para outra, até conseguirem a desapropriação da área e chegar à nova morada.

Após o sorteio dos lotes, que irá determinar a localização geográfica em que cada família ficará, inicia-se a etapa de construção das casas e a implantação da primeira roça. O sorteio, em si mesmo, se traduz na partilha de outras dificuldades, conforme se pode ver na fala abaixo: “Até porque meu lote não é adequado. Porque meu lote é um morro muito acidentado, ele não tem uma área plana. E como os lotes foram no sorteio, ninguém teve culpa. Ninguém, porque foi sorteado, tinha que contar com a sorte”. (SILVA, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

O relevo e o que ele implica em termos de construção civil, de manejo das atividades cotidianas, vão se acumulando e se revelando ao mesmo tempo como construído em uma perspectiva em que há componentes que não se pode escolher ou adequar de imediato, mas que foram postos como possíveis de superar em uma ação conjunta dos que os mobilizaram para este fim.

O acesso aos lotes, em condições precárias, implica em um processo de adaptação que se dá com a contração de endemias:

Depois que eu cheguei aqui eu peguei 20 malárias e meu esposo 25. Porque a gente entrou bem no início, a gente ganhou a terra, com 8 dias a gente entrou para a terra, fomos logo para dentro da terra, fizemos um barraco lá embaixo, aí pegamos malária pra caramba aí. E nós já estava com roça e com as coisas, e não queria abandonar, porque tanto sofrimento depois que a gente está na terra não vai abandonar. (SANTANA, assentada em Palmares II, entrevistado em julho de 2010).

“Entrar bem no início” significa o contato direto com outros elementos da natureza que estão sendo modificados e implicando em desajustes ambientais dos quais o camponês vai sofrer as consequências. A malária tem uma sintomatologia que implica um grau de debilidade acentuado, e permanecer na terra, mesmo com estes achaques, exige uma determinação incomum. No contexto dos discursos, contrair malária é argumento e indicador de mérito para receber o lote. O número de ocorrências, talvez exagerado pelos narradores, indica a ênfase no sofrimento. A moradia e a produção entram no discurso como elementos dados, igualmente, mas o que aparece, na fala acima, é uma construção que se faz como uma totalidade que compreende o barraco (a moradia), a roça (produção) e o desejo de permanência (pertencimento). Abandonar a terra depois de todo este investimento seria aumentar o sofrimento e não cumprir o objetivo a que se propôs.

Em outro caso analisado, é a cobrança de uma sociabilidade que se manifesta pelo acesso físico: “Ainda hoje, depois de 15 anos desde a época que a associação tinha trator, tinha tudo, que eu pedi que fizesse um pedaço de estrada para mim, até hoje nunca fizeram, e meu lote não tem estrada, é isolado”. (SILVA, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

Reconhece-se, neste discurso, um tom de cobrança pessoal (um pedaço de estrada para mim) e uma distância da responsabilidade de construir conjuntamente. Há a explicitação de outro que constrói que é demandado para construir para ele e sua família. Este outro é expresso como sendo a Associação, e os seus administradores que não atendem aos seus pedidos. É outra forma de lamento do abandono a que estão submetidos, mesmo depois de terem cumprido um longo percurso de mobilização, doutrinação, manifestações públicas em marchas, acampamentos, ocupações de estradas e organismos governamentais:

O mais difícil depois que a gente chegou para cá, foi tudo. Estrada que nós não tinha, energia não tinha, a vida financeira também toda bagunçada porque a gente acampado um tempão sem trabalhar e chegar numa terra sem condição é muito difícil, então foi tudo, tudo foi difícil, eu acho que eu conto uma coisa assim muito difícil pois desde o início eu estou aqui. A gente adoeceu, não tinha estrada. Essa estradinha aqui era só um ramal de madeireiro, aí a gente tinha que ir lá para a outra estrada e esperar carro que era muito difícil também, então tudo foi difícil. (CORREIA, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

O rol de mazelas a que se submete um sem terra é muito bem enumerado pela entrevistada acima, listando algumas delas de forma a que se possa ter uma idéia clara do que significa o percurso de um pleiteante a beneficiário da reforma agrária. Estas etapas são penosas porque as famílias não dispõem de recursos financeiros para adquirir os insumos necessários para o andamento destas atividades, e com isso precisam improvisar extraíndo da natureza o que for possível para garantir a permanência, reprodução e segurança da família na nova morada. A perspectiva deste grupo, porém, foi construída com marcos em um coletivismo idealizado com referência em doutrina socialista inspiradora do movimento, o que aparece justificado na fala de uma liderança:

Trabalhar de forma cooperada e unificada, a fim de encontrar uma forma melhor e mais fácil. Mas aí foi tudo bem. Pelejamos, levantamos o coletivo, aí quando chegamos a base, nós temos que centralizar nos grupos? Temos, escolhemos um lote dos nossos para a gente colocar, isso aí todos os lotes nós empregamos num só processo, você está entendendo? Você não diga que o lote era seu, mas sim coletivo. O lote é nosso. (MARTINS, assentado em Palmares II, entrevistado em junho de 2010).

O sentimento dos que estão na base não corresponde, necessariamente, ao que diz a liderança, conforme declara Brito, assentado em Palmares II, entrevistado em janeiro de 2010:

Pra mim o mais difícil, só foi esse coletivo que foi feito, pois a gente perdeu de tudo. Aí quando eu botei a foice no mato e derrubei mais de 1 alqueire de terra, e comprei minhas vaquinhas, aí melhorou bastante! Até hoje a gente toma um leitinho delas, aí. Aí eu ia empastar a terra toda e não empastei, deixei essa reserva aqui porque na hora que precisa um cipó, vai aí; na hora que quer uma varinha para pescar, vai aí. O clima é bom demais, aí tem uns bichinhos que ficam cantando e a gente acha bom. E quando alguém dá um tiro aí para dentro, corre eu e meus dois vizinhos que nós viemos juntos do Maranhão e demos sorte de ficar um do lado do outro aqui. (BRITO, assentado em Palmares II, entrevistado em janeiro de 2010).

A pretensão ao estilo de vida camponês - em que a proximidade da natureza e autonomia são elementos constitutivos fundamentais - ainda que passe por um período de conversão para atuar em conjunto, para maior eficácia do ato de ocupação, não implica em uma adesão plena ao coletivismo, nem se traduz em segurança, conforme demonstra o último período de sua fala. Há, nesta declaração, um caráter gregário pela proximidade do vizinho, oriundo de um mesmo estado da federação, ao mesmo tempo em que se manifesta a importância da autonomia do processo produtivo que contraria a doutrina da organização na qual se engajou para obtenção do lote.

Resgatar esses elementos que remontam essa história só foi possível graças a memória dos assentados entrevistados, onde: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 1994, p. 55), e em cada entrevista foi possível montar peça a peça desse “quebra cabeça” que representa o sofrimento e dramaticidade que fazem parte do processo de conquista de terra por meio da reforma agrária no Brasil.

## Nem tudo são espinhos

Apesar do sofrimento narrado no item anterior que é representado pelos acontecimentos que antecedem a conquista da terra e o conjunto de dificuldades envolvidas neste processo, por outro lado, após essa etapa, tem-se uma conjuntura representada pela desapropriação da área, sorteio dos lotes e construção de infraestrutura produtiva que proporciona a permanência dos assentados no assentamento e consequentemente inserção na rede de comercialização local ou regional.

Decorrido o sorteio dos lotes a próxima etapa é a construção das casas. Cada família se dirige para seu lote e inicia uma etapa da resistência na nova morada, estruturando as casas para abrigo da família, seguida da inserção da primeira roça. Neste período, no ano de 1996, os assentados foram beneficiados com os créditos de fomento e alimentação, no valor de R\$ 850,00 (oitocentos e cinquenta reais), utilizados principalmente para a aquisição de ferramentas para desenvolver o trabalho no campo.

No mesmo ano foi liberado o crédito habitação no valor de R\$ 2.000,00 (dois mil reais), utilizado para a construção de casas na agrovila do assentamento. Em 1997 conquistaram o crédito na modalidade custeio<sup>11</sup> da safra de 1997/1998, através do Banco do Brasil e em 1998 fizeram a aquisição de crédito para custeio da safra 1998/1999 pelo Banco da Amazônia (BASA). Ambos foram contratados em cédula coletiva, pois o banco exigia que fosse feito em grupo de dez famílias.

O início do assentamento foi marcado por atividades que proporcionaram a estruturação física e financeira das famílias, de um período entre 1996 a 2000. Os esforços eram para garantir a permanência dos assentados e para isso foi construído posto de saúde, escolas, áreas de lazer, igrejas, uma infraestrutura mínima que garantisse a permanência das pessoas, a contar com a liberação dos créditos financeiros que garantiram a reprodução das famílias, através de atividades produtivas (cultivos e criações).

Os assentados conquistaram em 1998, o financiamento PROCERA teto II, junto ao Banco do Brasil, para compra de equipamentos agroindustriais, tratores e implementos agrícolas, caminhões, veículo utilitário, construção de açudes para recria e engorda de peixes, construção de pocilga para criação e engorda de suínos, construção de aviários para engorda de frango, aquisição de matrizes de bovino de aptidão leiteira e instalação e funcionamento de uma horta (COOMARSP, 2005).

Ainda no assentamento, observou-se a retomada das ocupações e manifestações, forma de ação coletiva que se instaura objetivando pressionar o Estado para que algumas benfeitorias ocorram no assentamento. Essas benfeitorias são conseguidas aliadas à luta pela terra, que é o esforço para continuar produzindo, dispor de qualidade de vida para a família e diminuir o abandono de lotes justificado pela falta de infraestrutura. As imagens a seguir demonstram as conquistas dos assentados em Palmares II, após ocupação seguida de fechamento da estrada de Ferro Carajás.

---

<sup>11</sup> Modalidade custeio do Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária (PROCERA).

**Figura 4 – Benefeitorias conseguidas após ocupação na Ferrovia Carajás, ano 2008.**

**Legenda:** A) posto de abastecimento de água; B) posto de saúde; C) Escola de ensino fundamental e médio; D) praça pública na vila do assentamento.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2010.

As imagens de conquistas corroboram o lado positivo do sofrimento, justificam o merecimento delas como algo que chega pelo investimento custoso, trabalhoso, penoso. O pagamento pelo sofrimento descrito detalhadamente nas prolongadas manobras e negociações coletivas valorizam a construção de um território sacralizado pela penitência, pela purificação, pela santificação promovida pelo sofrimento.

### Considerações finais

O grau de sofrimento manifestado pelos camponeses que passaram por processos migratórios que implicaram no envolvimento em ações coletivas de apropriação de terra são representados pelos dramas humanos relevados no confronto dos assentados com as ações governamentais. As intempéries da natureza (chuva, ventos, umidade, luminosidade e calor do sol) associadas à insalubridade dos acampamentos prolongados, precariedade de serviços das áreas ocupadas, as tensões psicológicas das disputas com outras categorias sociais como fazendeiros, pistoleiros, polícia, agentes fundiários, justiça, técnicos, assessorias de apoio ao movimento social, em longas negociações e ações que implicam em *stress* e esforço humano, são aspectos não desprezíveis a serem considerados quando



do atendimento a estes que reivindicam melhores condições de vida, no marco legal da constituição brasileira e no que consiste em legitimidades nos padrões contemporâneos.

Estes aspectos se revelam nas falas de camponeses submetidos a processos de disputa pela terra e deveriam ser observados pelos organismos governamentais e não governamentais que tratam de políticas públicas voltadas para o meio rural. Possíveis traumas em crianças, adolescentes, adultos e idosos com sequelas pela intensidade e gravidade variáveis deveriam ser avaliados, uma vez que podem refletir comportamentos comprometidos pelo *stress* a que estão submetidos. Danos irreparáveis do ponto de vista da saúde física e mental precisam ser melhor avaliados para a devida indenização, nos caso em que couber, ou para que se montem dispositivos de atendimento preventivo que evitem este grau de desgaste destas populações.

Na prática, o que tem ocorrido é a negação da cidadania pelo não cumprimento das obrigações do estado no que se refere ao disposto na constituição no que concerne aos serviços básicos de educação, saúde, previdência social, transporte, apoio ao processo produtivo e de comercialização, além do desgaste em demorados processos de negociação por direitos que deveriam estar disponíveis, em particular para categorias produtoras, como é o caso dos agricultores familiares em suas diversas formas de manifestação (extrativistas, ribeirinhos, quilombolas, caboclos, caiçaras, pescadores e sem terra). Agravam-se estes efeitos se considerados que o processo de modernização da agricultura, sob formas espúrias de apropriação do espaço, o tornam concentrado e sob domínio e procedimentos anacrônicos ao mundo contemporâneo, submetendo, pela desigualdade, grande parte da população ao desconforto e pobreza.

### Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo; SACHS, Ignacy. Habitat: a contribuição do mundo rural. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 9, n. 3, 1995, p. 11-16.

ANDRADE, M. P. Conflitos agrários e memória de mulheres camponesas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis v. 15, p. 445-451, 2007.

ASSIS, William Santos. **A construção da representação dos trabalhadores rurais no sudeste paraense**. 2007. 242p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2007.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá eu que eu canto cá**. Petrópolis, Vozes, 1978.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, Paris, 1986, N° 62, p.69-72.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BRINGEL, Fabiano. **Rumos, trechos e borocas. Trajetórias e identidades camponesas de assentados rurais no Sudeste do Pará**. Belém: Programa de Pós Graduação em Agricultras Amazônicas/Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural/Universidade Federal do Pará, 2006 (Dissertação de Mestrado).

COOMARSP (Cooperativa Mista dos Assentamentos de Reforma Agrária do Sul e Sudeste do Pará). **Plano de recuperação do assentamento Palmares II**. Marabá-PA: COOMARSP, 2005. 70p. Trabalho não publicado.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Proposição teórico-metodológica de uma Cartografia Geográfica Crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira**. Presidente Prudente: UNESP/NERA, 2008. 347p.

GONZAGA, Luiz. **50 anos de chão**. Manaus, BMG/RCA, s/d. (3 Compact Discs, v. 2).

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. O êxodo rural no cancioneiro popular. Triste partida, de Patativa do Assaré. **Trilhas** (Cascavel), Belém, Pará, v. 3, n. 1, p. 23-34, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª edição. São Paulo: Editora Vértice, 1990. 189p.

HEBETTE, Jean (Org). **O cerco está se fechando**. Rio de Janeiro/Petrópolis/Belém, VOZES/FASE/NAEA-UFPA, 1991.

IBGE. **Censo Populacional**: contagem da população 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. 523p.

LENA, Philipe; OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. (orgs.) **Amazônia: a fronteira 20 anos depois**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1991 (Coleção Eduardo Galvão).

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina e outros poemas para vozes**. 34 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

MORENO, Gláucia de Sousa. **Ação coletiva e luta pela terra no assentamento Palmares II, Pará**. (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Agriculturas Amazônicas). Belém: NCADR/PPGAA/UFPA, 2011.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1981.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 42 ed. Rio, Ed. Record, 1984a. 213 p.

RAMOS, Gracliano. **Vidas Secas**. Rio: São Paulo, Ed. Record, 1984b.

SAWAIA, Bader Burihan. **Introdução: Exclusão ou Inclusão perversa?** Em Sawaia, B. B. (Ed.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SAWAIA, Bader Burihan. **Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social**. *Psicologia e Sociedade*, v. 21,2009. p. 364-372.

STEINBECK, John. **As vinhas da Ira**. São Paulo: Editora Record, 2008.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. **Os filhos da lona preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST**. São Paulo: Alameda, 2005. 114p.

TURNER, Frederick Jackson. **Frontier and section selected essays**. (S.I) : Prent-hall, 1961. 171p.

VELHO, Octavio Guilherme. **Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do Processo de penetração numa área da Transamazônica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972. 178 p.

**Lista de entrevistados**

ALMEIDA, Guiomar Ribeiro de. Assentada de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote da assentada, em Junho de 2010.

BRITO, José Dalvino. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Janeiro de 2010.

CARNEIRO, Vandeilson dos Santos. Presidente da APROCPAR. Entrevista concedida a G.S.M., na sede da COOMARSP, em Janeiro de 2007.

CÉLIA, Maria. Assentada de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote da assentada, em Janeiro de 2010.

CORRÊA, Floriano dos Santos. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Junho de 2010.

CRUZ, Rosa do Carmo. Assentada de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote da assentada, em Janeiro de 2010.

DIOGO, José. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Novembro de 2007.

FERREIRA, Ayala L. Dias. Direção estadual do MST. Entrevista concedida a G.S.M., na secretaria estadual do MST em Marabá, em Março de 2010.

FERREIRA, Cláudio. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Junho de 2010.

FRANÇA, Luiz Barbosa de. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Junho de 2010.

LEITE, Edmilson Francisco dos Santos. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Julho de 2010.

JESUS, Sebastião. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Novembro de 2007.

LIMA, Galdino Pereira. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Julho de 2010.

LOPES, Levanir. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Julho de 2010.

LOPES FILHA, Izabel. Coordenação estadual do MST. Entrevista concedida a G.S.M., na secretaria estadual do MST em Marabá, em Março de 2010.

MARTINS, Domingos David. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Junho de 2010.

MARTINS, Miguel. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Novembro de 2007.

MONTEIRO, Airtton Alves. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Julho de 2010.

NUNES, José. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Novembro de 2007.

PEREIRA, Giselda Coelho. Direção estadual do MST. Entrevista concedida a G.S.M., na Universidad Agrária de La Habana em San Jose de las Lajas – La Habana, em Agosto de 2010.

REZENDE, José. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Novembro de 2007.

ROSA, Antonio Menezes. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Julho de 2010.

SANTANA, Francisca Costa. Assentada de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote da assentada, em Julho de 2010.

SANTOS, José dos. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Novembro de 2007.

SARMENTO, Zulmira. Assentada de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote da assentada, em Janeiro de 2010.

SILVA, Antonio Francisco Costa da. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Junho de 2010.

SOUSA, José Viana de. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Julho de 2010.

SOUZA, Maria Raimunda César de. Direção Nacional do MST. Entrevista concedida a G.S.M., na secretaria estadual do MST em Marabá, em Março de 2010.

SOUZA, José Lima. Assentado de reforma agrária no assentamento Palmares II. Entrevista concedida a G.S.M., no lote do assentado, em Janeiro de 2010.

TROCATE, Charles. Coordenação Estadual do MST. Entrevista concedida a G.S.M., na sede da COOMARSP, em Janeiro de 2007.

WAMBERGUE, Emanuel. Ex-dirigente fundador da Comissão Pastoral da Terra. Comunicação pessoal. Marabá. 2007.

# Desenvolvimento rural sustentável, planejamento e participação

## **Patrícia Cartes Patrício**

Doutoranda em Agronomia pela UFPEL  
Cooperada da Ambiens Sociedade Cooperativa  
e-mail: patricia@coopere.net

## **João Carlos Costa Gomes**

Doutor em Agronomia pela Universidad de Córdoba Espanha (1999)  
Orientador e Professor do Corpo Permanente da Pós Graduação em Sistemas de Produção  
Agrícola Familiar da UFPEL  
Chefe Adjunto de Transferência de Tecnologia – Embrapa Clima Temperado  
e-mail: costa.gomes@cpact.embrapa.br

### **Resumo**

O presente artigo discorre sobre o desenvolvimento rural sustentável, na perspectiva de construção de um processo de planejamento participativo. Parte-se da constatação de que os Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos, em sua maioria, se afastam das suas propostas iniciais tendo como justificativa a necessidade de ação em uma realidade específica. Isso ocorre em função de os planos serem elaborados sem a devida participação dos principais interessados, os agricultores assentados, o que, como produto, resulta um plano carente de apropriação pelos atores protagonistas distanciando-os de um efetivo processo de Desenvolvimento Rural Sustentável.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento rural sustentável, planos de desenvolvimento sustentável de assentamentos, planejamento participativo, participação.

### **Resumen**

#### **Desarrollo rural sostenible, planificación y participación**

Este artículo aborda el desarrollo rural sostenible, con miras a la construcción de un proceso de planificación participativa. Se inicia con la observación de que el Desarrollo Sostenible Planes para los Asentamientos, en su mayoría se apartan de sus propuestas iniciales que tienen que justificar la necesidad de actuar en una realidad concreta. Esto se debe a los planes están elaborados sin la participación adecuada de los principales interesados, los agricultores colonos, que, como un producto, que resulta un plan que carece de una clara propiedad de los actores clave de distanciamiento de un proceso efectivo para el Desarrollo Rural Sostenible.

**Palabras-clave:** Desarrollo rural sostenible, planes sostenibles de desarrollo de los asentamientos, planificación participativa, participación.

### **Abstract**

#### **Sustainable rural development, planning and participation**

This article discusses the sustainable rural development with a view to building a participatory planning process. It starts with the observation that the Sustainable Development Plans for Settlements, mostly deviate from its initial proposals having to justify

the need for action in a specific reality. This is due to the plans are drawn up without proper participation of key stakeholders, farmers settled, which, as a product, a plan lacking clear ownership by key actors distancing them from an effective process for sustainable rural development.

**Keywords:** Sustainable rural development, sustainable development plans settlements, participatory planning, participation.

## Introdução

*A democracia moderna pressupõe a existência de divergências e conflitos de interesses entre as partes envolvidas em uma negociação e as situações de confronto não podem ser identificadas como anomalias do processo, mas como elementos intrínsecos da pluralidade de interesses. (STROH, 1992).*

O presente trabalho tem por objetivo discorrer sobre os conceitos e os conflitos envolvidos nos termos Desenvolvimento Rural Sustentável, Processos e Metodologias de Planejamento Participativo e sua prática, na perspectiva dos Planos de Desenvolvimento Sustentável de Assentamentos – PDAs.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA demanda dos assentamentos de reforma agrária a elaboração de um documento orientador do processo de organização social e produtiva dos projetos de assentamento, o PDA. Nesse documento deve ser possível a visualização da representação dos meios: físico, social e econômico da área a ser ocupada pelos assentados da reforma agrária. Por concepção, deve ser produto de uma construção coletiva dos assentados que serão os beneficiários; é o marco do início do processo de desenvolvimento do assentamento, constitui-se, portanto, uma ferramenta de planejamento para os Projetos de Assentamentos (PA).

É por meio do PDA que se organiza o uso do espaço, com indicação das vias de acesso, infraestrutura a serem instaladas, áreas comunitárias, de reserva legal e de preservação permanente, para moradia e produção. O PDA ainda descreve as atividades produtivas a serem desenvolvidas no assentamento, as ações necessárias à recuperação e à preservação do meio ambiente, os programas sociais e de infraestrutura básica. Toda a elaboração do plano deve contar com a participação das famílias assentadas (INCRA, 2010).

O PDA é um instrumento de vital importância, pois tem como produto estudos que fundamentam a realização dos projetos técnicos e das atividades a serem planejadas e executadas nas áreas de assentamento. Tornando-se, assim, uma peça fundamental ao monitoramento e à avaliação dessas ações, as quais devem ser articuladas com o processo econômico local e com formas de organização social e política. Ele dessa forma, é o fio condutor para distribuição justa e igualitária de políticas públicas para o desenvolvimento socioeconômico e a diminuição das desigualdades no campo.

Para a elaboração do PDA há um roteiro básico (Anexo II da Norma de Execução/INCRA/Nº02/2001, revogada pela NE Nº39/2004) que reúne os elementos essenciais à construção de planos de desenvolvimento para os projetos de assentamento em áreas de reforma agrária. O roteiro prevê que haja uma rigorosa observância à diversidade de casos compreendida pelos diferentes biomas existentes, com ênfase para os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais da área em estudo.

Nesse roteiro são previstas ações e orientações quanto à metodologia a ser utilizada na elaboração do PDA, e orienta que esta deva ser participativa e que os assentados sejam colocados como protagonistas no processo de elaboração e execução do plano. Orienta, ainda, em relação às informações gerais que este deve conter quanto a: (i) caracterização do projeto de assentamento; (ii) informações a serem apresentadas no diagnóstico relativas

à área de influência do projeto de assentamento; (iii) diagnóstico do projeto de assentamento; e (iv) plano de ação para o desenvolvimento do projeto de assentamento.

As metodologias utilizadas para elaboração dos Planos de Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos em sua maioria são métodos como o Diagnóstico Rápido Participativo – DRP e suas variadas técnicas. Essas técnicas prevêm a participação do público alvo, porém em si não garante a sua efetiva participação, pois, quem estabelece o grau de participação é a equipe técnica que irá conduzir o processo de elaboração do plano. Cabe lembrar que o DRP é um instrumento para a fase de diagnóstico, ou seja, a parte inicial de processos de planejamento. Porém em alguns casos há uma supervalorização da fase do diagnóstico em detrimento das etapas de elaboração de propostas e plano de ação, os quais são objetivo fim de qualquer plano.

Mesmo com as orientações do roteiro prevendo a participação dos assentados como protagonistas, a metodologia utilizada para a elaboração dos PDAs fica a critério da equipe que irá desenvolver o trabalho. Observa-se que as metodologias utilizadas, as quais deveriam contemplar a plena participação, acabam por acolher até mesmo elaboração técnica sem a participação efetiva dos assentados, os quais, muitas vezes, são reunidos apenas no início do processo de elaboração do plano e no final para demonstração do conteúdo do documento. Para relegar a participação a um plano secundário, as justificativas apoiam-se em aspectos como: tempo curto para elaboração do PDA; vinculação desse documento à liberação de créditos; e a diversidade cultural que caracteriza o grupo de agricultores assentados.

Independente do método utilizado verifica-se que o planejamento não tem sido assimilado pelos assentados, o que mostra que esses PDAs com o tempo perdem seu caráter e proposta de condução a um processo de desenvolvimento com sustentabilidade. Esse procedimento se reflete diretamente no sucesso ou não dos assentamentos. Diante disso, essa perda da proposta de sustentabilidade se caracteriza em uma fragilidade nas ações da política de reforma agrária.

Além da escolha da metodologia de planejamento participativo, entende-se que o processo participativo a ser assumido se torna de vital importância para a condução dos assentamentos à proposta de desenvolvimento sustentável almejada.

Tal realidade aponta para a necessidade de se identificar alternativas que propiciem a superação dos problemas econômicos, sociais e ambientais gerados pelos processos produtivos atuais. Demonstra, ainda, a indispensabilidade de trabalhos orientados por metodologias de planejamento que facilitem a compreensão e a ação sobre as questões ambientais e produtivas, por meio “da transformação e enriquecimento de conceitos teóricos e práticos interdisciplinares e indicadores de processos, importantes para conduzir, normatizar e avaliar uma prática de planejamento para o manejo integrado dos recursos naturais” (LEFF, 2006).

O recorte temático proposto neste artigo tem como ponto de partida uma reflexão sobre o desenvolvimento rural sustentável, cuja efetivação não pode prescindir do planejamento, aqui em específico do planejamento participativo.

## **Desenvolvimento sustentável**

O termo “desenvolvimento sustentável” tem suas origens a partir da conferência de Estocolmo em 1972 que foi precedida no período por diversas reuniões pelo mundo. Essas reuniões geraram inúmeros trabalhos e relatórios dentre eles o Relatório de Founex, o qual discute o binômio meio ambiente x desenvolvimento, traçando uma visão intermediária entre duas vertentes, a abordagem reducionista do ecologismo intransigente e do economicismo estreito e rigoroso (SACHS, 1993).

Ignacy Sachs estabelece os princípios básicos dessa nova visão de política de desenvolvimento, resgata o termo *ecodesenvolvimento*, que fora introduzido por Maurice Strong em 1972, e o difunde amplamente a partir de 1974 (MONTIBELLER-FILHO, 2008). Nesses princípios básicos, ele integra aspectos que deveriam orientar os caminhos para o

desenvolvimento, os quais seriam: a satisfação das necessidades básicas; a solidariedade com as gerações futuras; a participação da população envolvida; a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas; e programas de educação.

Para Sachs (1997), o ecodesenvolvimento integra diversos aspectos, não se limitando a aspectos estritamente ambientais. Esse conceito incorpora, além do econômico, o social e o ambiental na busca do verdadeiro desenvolvimento, e desses conceitos e discussões iniciais o autor formula uma nova proposta de desenvolvimento, o “desenvolvimento sustentável”. Surge então o tripé do desenvolvimento sustentável descrito na frase hoje proclamada mundialmente: “O desenvolvimento deve ser socialmente justo, economicamente viável e ecologicamente correto” para ser considerado sustentável.

O termo desenvolvimento sustentável se estabelece e difunde com os debates divulgados pelo Relatório Brundtland – Nosso Futuro Comum – publicado em 1987. Este relatório reconhece oficialmente que o meio ambiente é definitivamente o limitante ao crescimento e foi então dado um lado “verde” para a proposta de desenvolvimento estabelecida até então.

Somente uma década mais tarde o conceito de desenvolvimento sustentável é amplamente disseminado e reconhecido nos cenários políticos. Precisamente com o advento da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio-92, a qual apresenta como um dos mais importantes produtos a Agenda 21, que consiste em um plano de ação elaborado com base nos objetivos do desenvolvimento sustentável.

Em 2002, a Organização das Nações Unidas (ONU) buscou avaliar os avanços dos países comprometidos na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio-92 com o desenvolvimento sustentável, organizando a “Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável” em Johannesburg, África do Sul. Esse evento demonstrou que ainda não estávamos prontos, que os interesses comerciais e econômicos continuavam se sobrepondo aos direitos humanos e à preservação ambiental, ou seja, que ainda prevaleciam os interesses individuais de países ou blocos de países (CAMARGO, 2007).

## **Desenvolvimento rural sustentável**

Para se fundamentar a relação humanidade/natureza com propostas de desenvolvimento socioeconômico há que se prever um caminho de transição para, em longo prazo, minimizar o esgotamento dos recursos não renováveis e reorientar o aproveitamento dos recursos renováveis. Assim, poder-se-á garantir um desenvolvimento econômico, cujo produto terá uma utilização social justa, aliada a uma preocupação ecologicamente consciente e sustentável. Nesse sentido, há que se trabalhar para levar o maior número de comunidades a se educarem e se organizarem, tendo em vista a valorização e o uso dos recursos do ecossistema no qual elas estejam inseridas, para que assim possam vir a atender as suas necessidades fundamentais, sem o comprometimento do meio natural.

Ao tratar o tema desenvolvimento sustentável não se pode deixar de fora a discussão de produção e consumo, já que a lógica mundial hoje se caracteriza por produção e consumo sempre crescentes, tendo como resultado o esgotamento e a contaminação dos recursos naturais, criação de abismos sociais entre as nações, bem como dentro delas.

Diante de tal cenário é de se imaginar que mudanças na produção e consumo, englobando sistemas produtivos, tipos de tecnologias, mercado e modos de vida, podem levar a mudanças das estruturas socioeconômicas e político-institucionais. Em relação a um novo padrão ambiental, que se possa chamar de sustentável, este deverá ser baseado na produção e consumo trabalhados, tendo-se em mente: (i) uma nova racionalidade para o uso dos recursos naturais e humanos buscando uma valorização da cultura local; (ii) diversidade buscando melhorar o aproveitamento das potencialidades naturais e humanas de cada lugar com a valorização das peculiaridades locais/regionais; e (iii) a



descentralização, ou seja, a ocupação espacial diferenciada baseada nas decisões de quem ocupa o espaço (BECKER, 1996).

Diante do exposto, pode-se considerar que o âmbito local é o espaço privilegiado para se atingir um Desenvolvimento Rural Sustentável com racionalidade. Isto porque as ações que levarão a esse desenvolvimento serão respostas da comunidade local aos problemas vividos e as soluções que ela irá apresentar para os seus problemas de produção, consumo, ocupação do espaço e aproveitamento local de suas potencialidades naturais e humanas. SACHS (1997) apresenta uma abordagem da importância do empoderamento das comunidades locais e o reconhecimento de suas iniciativas para o desenvolvimento dentro de comunidades rurais.

É certo que o ser humano é um fator de transformação, tanto dos ecossistemas como das estruturas econômicas, socioculturais e políticas, ou seja, que ele é um agente antrópico, modificador da paisagem de seu espaço de vivência. Por isso, é necessário basear as suas ações em formas de desenvolvimento que busquem harmonizar os critérios de sustentabilidade social, econômica, ecológica, cultural e geográfica.

Tendo presente tal pressuposto, entende-se que a agroecologia é um caminho para orientar o desenvolvimento na agricultura (em nível de nichos isolados) de forma harmoniosa, por ter suas bases em princípios de sustentabilidade ecológicos, sociais, culturais, espaciais e econômicos, os quais permitem inter-relacionar todos esses princípios com eficiência.

Segundo SACHS (1993), as dimensões fundamentais para um desenvolvimento sustentável, entendendo que se aplicam perfeitamente para o desenvolvimento rural sustentável, são basicamente:

**Dimensão ecológica:** o objetivo principal seria melhorar a qualidade do meio ambiente e a preservação das fontes de recursos energéticos e naturais. Para tanto, seria primordial que as atividades se realizassem com vistas a: (i) produção com respeito aos ciclos ecológicos dos ecossistemas; (ii) prudência no uso de recursos não renováveis; (iii) prioridade à produção de biomassa e ao uso de insumos naturais renováveis; (iv) redução do uso/consumo de energia e sua conservação; (v) uso de tecnologias e processos produtivos de baixo índice de resíduos e de forma geral, com os devidos cuidados ambientais.

**Dimensão espacial ou geográfica:** o objetivo principal seria evitar excessos de aglomerações. Para tanto, seria necessário: (i) desconcentração espacial de atividades; (ii) descentralização e democratização local e regional do poder; e (iii) relação cidade-campo equilibrada.

**Dimensão social:** o objetivo principal, embora não único, seria a redução das desigualdades sociais. Tal dimensão estaria envolvida com atividades que visassem à: (i) criação de postos de trabalho que permitam renda individual adequada à melhor condição de vida e melhor qualificação profissional; e (ii) produção de bens dirigida, prioritariamente, às necessidades básicas sociais.

**Dimensão cultural:** o objetivo principal é evitar conflitos culturais. Para tal dimensão as soluções para o desenvolvimento devem: (i) ser adaptadas a cada ecossistema; e (ii) respeitar a formação cultural comunitária.

**Dimensão econômica:** o principal objetivo é o aumento da produção e da riqueza social sem dependência externa. Para tanto, tal dimensão necessitaria de: (i) fluxo permanente de investimentos públicos e privados, estes últimos com especial destaque para o cooperativismo; (ii) manejo eficiente dos recursos; (iii) absorção, pelas empresas, dos custos ambientais; e (iv) endogeneização, ou seja, contar com suas próprias forças.

Essas dimensões apresentadas por Sachs são básicas quando se tem em mente ou se pretende indicar conceitos de sustentabilidade para qualquer tipo de proposta de desenvolvimento, quando essa visa melhorar as condições de vida das comunidades humanas e, ao mesmo tempo, respeitar os limites da capacidade dos ecossistemas.

Sachs (1993) salienta ainda que ao planejarmos o desenvolvimento de uma sociedade/comunidade com vistas em uma proposta de sustentabilidade há que se considerar todas as dimensões apresentadas acima de forma integrada.

Logo, o desenvolvimento rural sustentável deve ser baseado em um planejamento participativo cujas diretrizes se orientem por respeito: ao potencial produtivo dos sistemas ecológicos; ao uso e ocupação do espaço; à produção de bens dirigida às necessidades básicas sociais; aos valores culturais; e a uma produção de riqueza social com foco em uma gestão participativa das comunidades para um desenvolvimento endógeno autodeterminado.

Para se atingir esse desenvolvimento sustentável pretendido há que se elaborar um planejamento de médio e longo prazo.

## Planejamento e processos participativos

A organização do espaço sempre foi uma premissa para grupos de pessoas que se propõem a viver em estado gregário, sob objetivos e normas comuns, e essa disposição e necessidade podem ser notadas desde a Antiguidade, quando já se observavam formas primitivas de planejamento (SANTOS, 2004), com vistas a garantir o futuro.

Ao longo do Tempo, as sociedades e organizações comunitárias estiveram voltadas a estabelecer condições básicas para seu usufruto e bem-estar, o que lhes demandava a necessidade de pensar sobre o planejamento do espaço em que se encontravam. Surgia, assim, a noção de que é possível antever com clareza alguns eventos que acontecerão, porque estão sob controle são consequências previsíveis de atos e decisões passadas ou estão dentro de um calendário de acontecimentos regulares.

Assim, seja o futuro previsível ou incerto, as comunidades, organizações ou associações precisam se preparar para enfrentá-lo, visando assumir os riscos certos e aproveitar as oportunidades que ele, futuro, oferece. É este processo de preparar as ações e o próprio futuro que se chama *planejamento*.

Planejar é estabelecer um processo racional de definição de objetivos determinando: (i) formas, ações e instrumentos, que são os meios; e (ii) modos de organização, que são os métodos para atingi-los de forma eficiente e eficaz. Neste processo não se pode admitir qualquer meio para atingir os fins estabelecidos.

Planejar consiste em tomar decisões antecipadamente e apresenta três finalidades principais: antecipação a situações previsíveis, predeterminação de acontecimentos e preservação da lógica entre eventos. Por isso, ao realizar seu planejamento, comunidade, organização ou associação deve buscar manter o controle sobre seu próprio futuro não o deixando ao acaso. O planejamento procura definir um caminho a ser seguido para evitar surpresas garantindo a permanência das decisões, equilíbrio, melhor desempenho e o otimismo do grupo (FARIA, 1996).

Vale ressaltar que até o fim da década de 1970, o resultado do processo de planejamento, ou seja, o Plano costumava ser feito sem a participação popular como forma de garantir o cumprimento de seus objetivos de desenvolvimento econômico. Ele era entendido como responsabilidade do governo.

A partir de meados da década de 1980 tem início no Brasil um processo de redemocratização, momento no qual o termo e o conceito “participação” ganharam magnitude em todos os setores, bem como nos processos de planejamento, e passaram a ser comum em textos, projetos e debates.

O desenvolvimento de um processo de planejamento participativo prevê a interação interdisciplinar e entre diversos setores, facilitando o surgimento de soluções criativas e adequadas à realidade dos atores envolvidos no processo.

Para Bustelo (*apud* GANDIN, 2001), o planejamento participativo se estabelece como, prática e teoricamente, para responder às necessidades do “planejamento social” de órgãos governamentais, instituições (partidos políticos, sindicatos, igrejas, escolas, ONGs), movimentos e grupos criados para contribuir com a construção da sociedade ou que tenham escolhido isso no decorrer de sua existência.

No que se refere ao processo de planejamento participativo para o desenvolvimento rural sustentável, este deve ser proposto dentro de uma lógica que visa orientar e promover

a transformação multidimensional do espaço utilizado como unidade de ação em um período de tempo maior do que uma década. E esse perfil temporal surge por definição própria do desenvolvimento sustentável e pelo tempo necessário para o amadurecimento de que necessitam os processos produtivos, organizativos e políticos de transformação (SEPÚLVEDA, 2005).

O enfoque participativo do planejamento implica uma ampla e permanente inclusão dos atores locais e não locais considerados estratégicos para a construção do processo de planejamento participativo.

## Participação

Dentro da lógica do desenvolvimento, local sustentável, o processo participativo ganha uma importância vital, pois a sustentabilidade do desenvolvimento pretendido somente será garantida se a participação social ocorrer efetivamente. Mas o que vem a ser participação social? E como ela ocorre?

A participação social pode ser entendida como sendo condição intrínseca à atividade social consciente dos indivíduos, própria da consciência pessoal e em favor do próprio indivíduo e de sua coletividade; ela pode ser considerada a condição para o desenvolvimento pessoal. A participação social está relacionada ao comportamento pessoal voltado para a atividade coletiva e solidária visando à superação dos problemas sociais e humanos. Participação é, portanto, uma forma de exercer direitos políticos e sociais, os quais são garantidos pela Constituição.

A participação política caracteriza-se pelas ações coletivas ou individuais, de apoio ou de pressão, que são direcionadas a selecionar governos e a influenciar as decisões tomadas por eles. Trata-se de uma participação ativa dos cidadãos nos processos políticos, sociais e comunitários, e tem como objetivo influenciar as decisões que contemplem os interesses coletivos e o exercício da cidadania (AMORIN, 2007).

Existem várias possibilidades de participação, as quais são caracterizadas pelos tipos e níveis de participação dos atores envolvidos. Segundo Gandin (2001), a participação pode ser exercida em três níveis. O primeiro nível é o da colaboração, praticado com maior frequência hoje, em que participantes são chamados para colaborar com ideias, apoio, trabalho, mas o processo serve apenas para legitimar decisões tomadas pelos detentores de poder. O segundo nível é o chamado nível de decisão, em que algumas questões são levadas a grupos, ou às plenárias para que esses decidam. Já o terceiro nível é o chamado de construção em conjunto, é a prática mais rara de se ver em ação. Acontece quando ocorre a participação ampla e ativa dos cidadãos nos processos políticos, sociais ou comunitários e tem como objetivo influenciar as decisões que contemplem os interesses coletivos.

Para Boef; Pinheiro (2007), existem vários tipos de participação, os quais podem ser: a) passiva: quando o processo serve apenas para informar algo já estabelecido, ou seja, quando uma comunidade recebe informações sobre determinado assunto e suas respostas e opiniões não serão consideradas; b) participação tendo como resultado a transferência de informação: a comunidade é apenas objeto de pesquisa repassando informações, por meio de respostas a questionários, entrevistas não tendo oportunidade de influenciar os resultados encontrados durante o planejamento; c) participação funcional: a comunidade encontra-se organizada em grupos para debates de objetivos predeterminados relacionados ao planejamento; d) participação interativa: a comunidade participa de todo o processo de planejamento, da análise em comum, que orienta os planos de ação, a montagem de grupos locais ou os ajustes nos existentes; e) automobilização: a comunidade toda se torna o agente de mobilização, participa tomando iniciativa independente das instituições externas para o sistema de troca de conhecimentos, informações e riquezas.

Na participação interativa a interdisciplinariedade torna-se parte do processo. Nela as metodologias utilizadas buscam perspectivas múltiplas e fazem uso sistemático de processos que salientam a importância da aprendizagem dos grupos e influenciam a

participação destes na tomada de decisão, dando assim às pessoas um papel importante na manutenção e na evolução das estruturas e práticas criadas. Já na automobilização, a participação passa a ser intrínseca à comunidade torna-se, efetivamente, emancipatória e caracteriza o exercício de cidadania.

Percebe-se certa proximidade entre os níveis de participação apresentados por Gandin (2001) e os tipos de participação apresentados por Boef; Pinheiro (2007). Para eles, fica claro que as nuances de participação e a escolha do tipo de participação vai demonstrar a intenção do grupo que está liderando o processo de planejamento no desenvolvimento. Porém o que mais se pratica entre as organizações é a participação denominada por Gandin de “primeiro nível” e por Boef; Pinheiro como “passiva”, nas quais os participantes são chamados a colaborar com ideias, apoio, trabalho, mas o processo serve apenas para legitimar decisões tomadas pelos detentores de poder.

Diante da importância da participação em processos de construção de proposta de futuro, e da fragilidade dos tipos e níveis de participação que se pode praticar, e tendo o entendimento de que a escolha do tipo e o nível de participação dependem do interesse de quem conduz o processo participativo, surge a questão: “Como garantir que ela, participação, ocorra conforme o terceiro nível, chamado de construção em conjunto por Gandin (2001), ou os tipos de participação descritos por Boef; Pinheiro (2007), como a participação interativa ou a automobilização e se torna efetivamente emancipatória e um exercício de cidadania?”

Aprofundando a reflexão sobre a questão acima, Demo (2001) apresenta a participação como sendo uma conquista, pois ele entende que o espaço de participação precisa ser conquistado e que todos os processos participativos efetivos tendem a ser lentos.

Quando Demo (2001) declara que “participação é uma conquista”, ele busca tirar do conceito de participação o tom vago, para nos mostrar que é um processo. Assim, a participação é em essência autopromoção e existe como conquista processual. Demo salienta ainda que não há participação suficiente, nem acabada, ou seja, ela existe como processo contínuo de exercício de cidadania. ‘*A participação, nunca está completa e quando se entende que a participação está completa, ela então começa a regredir*’ (DEMO, 2001).

Ainda para Demo (2001), a participação não pode ser entendida como dádiva, como uma permissão ou como algo já preexistente, conforme ele explica:

[...] *Não pode ser entendida como dádiva*, porque não seria produto de conquista, nem realizaria o fenômeno fundamental da autopromoção; seria de todos os modos uma participação tutelada e vigente na medida das boas graças do doador, que delimita o espaço permitido. *Não pode ser entendida como concessão*, porque não é fenômeno residual ou secundário da política social, mas um dos seus eixos fundamentais; seria apenas um expediente para obnubilar o caráter de conquista, ou de esconder no lado dos dominantes, a necessidade de ceder. *Não pode ser entendida como algo preexistente* porque o espaço de participação não cai do céu por descuido, nem é o passo primeiro. (DEMO, 2001, p. 18).

Organizar-se para conquistar seu espaço, para gerir seu próprio destino, para ter vez e voz é o fundamento da participação (DEMO, 2001). A participação torna-se, assim, a peça fundamental de qualquer processo de desenvolvimento e emancipação de comunidades, principalmente deve ser entendida como exercício de cidadania e uma conquista de comunidades organizadas.

Ao ser encarada da maneira como Demo descreve a participação, os processos de planejamento participativo serão considerados participativos se utilizarem metodologias que contemplem o terceiro nível chamado de construção em conjunto de Gandi (2001), e os tipos de participação apresentados por Boef; Pinheiro (2007), como interativa e automobilização essa proposta de participação deve ser assumida pelas equipes responsáveis pela elaboração dos PDAs.

## Espaços de Participação

O processo de redemocratização do Brasil iniciada nos primeiros anos da década de 1980 foi marcado pela ampliação das formas de organização social e pelas reivindicações de maior participação da população nos processos de decisão política. Os movimentos sociais formados nesse período tiveram papel fundamental para a ampliação de espaços democráticos no país, uma vez que foram capazes, em muitos casos, de encaminhar propostas e influenciar nas deliberações da Assembleia Nacional Constituinte. Nesse sentido, o conteúdo da Constituição Federal de 1988 reflete em muito, lutas históricas em vistas de direitos fundamentais apontando, ainda, para uma série de instrumentos de gestão democrática. Em outros termos, a Carta Constitucional de 1988 possui como elemento substancial a democracia participativa.

Com este novo aparato jurídico, iniciou-se a partir da década de 1990 um amplo processo de desconcentração e descentralização política que tem possibilitado uma série de experiências e práticas participativas no âmbito dos governos federal, estadual e municipal.

Essas experiências refletem, sobretudo, a criação de espaços institucionais para o exercício da democracia, como fóruns de debates, colegiados territoriais, audiências, plebiscitos, projetos de lei de iniciativa popular, orçamento participativo, conferências, congressos e conselhos, estes ligados principalmente à discussão de políticas setoriais como saúde, assistência social, educação e direitos da criança e do adolescente entre outras.

A abertura desses institutos de participação tem como objetivo promover o controle social da gestão pública por meio da fiscalização, ampliação do debate, do monitoramento e da deliberação sobre políticas públicas, assim como mediante a destinação dos recursos financeiros para a efetivação dessas políticas. Dessa forma, busca-se construir políticas públicas que sejam mais eficientes e inclusivas. Para Sérgio de Azevedo (2004), a institucionalização da democracia passa, sobretudo, pelo poder local, uma vez que, no plano nacional, ela se refere fundamentalmente ao sistema jurídico-legal, e, portanto, a ampliação das instâncias democráticas e de cidadania está atrelada à prática da democracia em todas as esferas de governo.

Nessa perspectiva, a gestão democrática objetiva a abertura do Estado, para os diferentes setores da sociedade, aumentando assim o grau de envolvimento, da população com a cidade, o estado ou a nação. A abertura de espaços de participação e controle social deve ser capaz de produzir cidadãos mais críticos, mais interessados pelo espaço público e pela produção de uma nova cultura política e participação no país.

A participação da sociedade na elaboração de planos de desenvolvimento sejam eles Planos Diretores, Planos Territoriais de Desenvolvimento Rural Sustentável ou Plano de Desenvolvimento Sustentável de Assentamentos de Reforma Agrária, é um pré-requisito para sua aprovação. Contudo, não basta um bom plano técnico, este deve ser elaborado conjuntamente com a população, que será alvo direta ou indiretamente desse planejamento. Isto significa reconhecer que a sociedade não é um todo orgânico, mas que existem grupos com interesses diversos e difusos.

Portanto, o processo participativo durante a elaboração dos planos de desenvolvimento deve explicitar publicamente os conflitos e os diferentes interesses que estão em jogo, para, assim, propiciar acordos sobre os fundamentos da política de desenvolvimento.

Quando se fala em participação na esfera da sociedade civil, parte-se do princípio da existência de um grupo organizado que compartilha interesses, necessidades e ideais. Tal grupo, uma vez organizado formal ou informalmente, vai à busca da concretização de suas aspirações e pode ser chamado de organização da sociedade civil.

Um grupo passa a ser reconhecido como uma organização da sociedade civil a partir do reconhecimento de seus interesses, ou seja, ele toma consciência das relações de poder e dos diversos interesses que estão em conflito, seja na sociedade de forma geral, seja no ramo específico da atuação de sua organização (associações, cooperativas, sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais).

Hoje existem vários espaços de participação, porém há que se considerar a qualidade política deles. Pedro Demo (2001) aponta alguns critérios para analisar a qualidade política em espaços democráticos. Dentre os critérios, destaca: (i) a representatividade formada a partir da superação do vício histórico de que a participação vem de cima para baixo e que os líderes não podem ser os donos do poder representando a si mesmo; (ii) a legitimidade – a liderança é estabelecida ao longo do processo participativo e reconhecida a partir de acordo coletivo sobre as normas que regulamentam o processo de decisão e organização dos espaços democráticos; (iii) participação da base – sendo considerado não o número de participante de uma associação e sim, a intensidade participativa, a coesão organizada e compromissada ideologicamente e a realização conjunta de um projeto, sentido e definido como comum, na vibração de identidade de propósito, de passado e de futuro; e (iv) autossustentação, para a qual considera a emancipação como demanda especificamente de organização política, que deve aparecer no funcionamento cotidiano da associação, o que geralmente se consegue mediante a contribuição de seus associados.

Diante da importância da participação da comunidade nos processos de planejamento, há que se conhecer as metodologias de planejamento participativo e saber quais devem ser utilizadas para a elaboração dos planos.

### **Metodologias de planejamento participativo**

Tal como em qualquer planejamento se requer metodologias, aqueles de processos participativos demandam metodologias participativas. Para esses casos, uma das premissas consistiria em não tatar apenas de aspectos técnicos de levantamento de dados, pois, segundo BROSE (2010): “(...)quando se trabalha com o enfoque participativo, a atenção não deve estar centrada nos instrumentos, métodos e técnicas, mas naquilo que constitui a questão central da participação: *o poder e as disputas sobre este poder*”. (BROSE, 2010, sem grifo no original).

O autor salienta ainda que “instrumentos participativos têm como função principal ajudar a estruturar as disputas sobre o poder entre atores sociais, torná-las mais transparentes e, dessa forma, contribuir para uma distribuição mais equitativa deste poder”.

Logo, a participação deve ser considerada muito mais que o ato de estar presente, ela significa tornar-se parte do processo de planejamento, emitir opinião, acordar e discordar. Deve haver respeito às ideias de todos, e toda e qualquer contribuição deve ser valorizada, considerada e voluntária. Durante todo o processo é fundamental que hajam atitudes e posturas adequadas, transparência e total acesso a todas as informações (CORDIOLI, 2010).

Por entender a participação como um processo emancipatório e de empoderamento, Eduardo Pereyra afirma: Promover la participación es mas que dar la posibilidad de hablar, implica iniciar un proceso de aprendizaje horizontal, que necesariamente promueva el compromiso a partir del reconocimiento de su realidad (PEREYRA, 2010, p. 103).

Ele defende que ao se utilizar dessa ferramenta metodológica, seja oportunizado que o sujeito tome consciência de sua realidade e se torne agente de sua transformação. Dessa maneira, promover-se-á o mais importante aprendizado na participação popular.

Para Gandin (2001), o planejamento participativo é considerado um método dentro do campo de propostas de ferramentas para intervir na realidade. Na concepção do autor, o planejamento participativo tem uma filosofia própria e em torno dele são desenvolvidos conceitos, modelos, técnicas e instrumentos específicos.

Como especificidades do planejamento participativo Gandin (2001) destaca ainda que: (i) ele foi desenvolvido para contribuir com a construção da realidade social de instituições, grupos e movimentos, e serve como ferramenta adequada para organizar os processos de intervenção na realidade destas instituições; (ii) ele parte da verificação de que não existe participação real em nossas sociedades, ou seja, há pessoas e grupos dentro da

sociedade que não dispõem dos recursos necessários ao seu mínimo bem-estar; (iii) serve como ferramenta para que instituições, grupos e movimentos possam planejar suas ações para influir na construção externa da realidade; e (iv) constrói um conjunto de conceitos, de modelos, de técnicas e de instrumentos que permite utilizar processos científicos e ideológicos e organizar a participação para intervir na realidade, na direção conjuntamente estabelecida.

Existe uma grande variedade de técnicas, métodos e instrumentos para se desenvolver um planejamento participativo como pode ser visto abaixo. Facilitar ou não o envolvimento e a efetiva participação dos atores no processo de planejamento, dependerá da escolha de uma dessas ferramentas.

Cabe ressaltar que muitos fatores podem interferir na efetiva participação comunitária. O técnico ou pesquisador tendo conhecimento desses fatores, ao se propor a fazer uso de processo participativo, deverá ter bem claro quais são os seus objetivos e as disponibilidades físicas e materiais para desenvolver um trabalho com metodologias de planejamento participativo, minimizando a interferência de fatores que venha, a alterar os resultados pretendidos.

Dentre os instrumentos mais utilizados está o Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) e suas variadas técnicas. Esse é um instrumento que pode fazer a diferença em se respeitando seus princípios e trabalhando em conformidade com os seus pilares estruturais – participação, comportamento e técnicas de campo.

A principal vantagem do DRP é proporcionar atividades que trazem respostas rápidas para problemas vividos pelos grupos e permitirem um levantamento e a análise de dados. O DRP e suas técnicas são usados normalmente por: trabalhar com uma linguagem comum; facilitar o diálogo entre equipe e pessoas do local; despertar a discussão sobre os problemas e situações; permitir levantamento e análise do conhecimento coletivo do grupo; trabalhar com percepções locais; facilitar a verificação da informação; permitir a participação de alfabetizados ou não no mesmo momento; e facilitar a mobilidade dos elementos conforme a discussão.

Em contrapartida o método DRP apresenta limitações como: ocultar informações – algumas técnicas podem retratar o universo local próximo, deixando de lado grupos distantes que podem estar influenciando na realidade; o número elevado de participantes – que pode dificultar a efetiva participação uma vez que – normalmente as atividades são realizadas com grupos grandes; o número de técnicos – na maioria das vezes não é compatível com o número de participantes; e disputa por liderança/poder – podem causar inibição nos participantes.

Um estudo sobre a utilização do DRP como instrumento metodológico para elaboração de diagnóstico e planejamento participativo em PDAs de assentamentos rurais realizado em Minas Gerais Souza (2009) mostrou que esse instrumento e suas variadas técnicas contribuíram para a promoção do protagonismo dos assentados. Alertou porém, que esse instrumento não pode ser considerado apenas um conjunto de técnicas a serem utilizadas indiscriminadamente, ao contrário, deve ser utilizado de forma criteriosa e participativa pela equipe técnica responsável pela elaboração do PDA.

A metodologia de grupos de discussão é uma forma de investigação social que trabalha com a palavra e pode ser utilizada no planejamento participativo, pois nela o que é dito no grupo é assumido como ponto crítico, pelo qual o social se reproduz e troca ideias (DELGADO; GUTIÉRREZ, 1994). Tal metodologia fornece elementos para a avaliação, aplicação e qualificação de metodologias de planejamento participativo e construção de indicadores para o monitoramento do planejamento. Essa é uma metodologia que deve ser amplamente utilizada na elaboração de PDAs, pois enriquece o processo e envolve os participantes em todo o processo.

Há uma variação nos métodos e verifica-se que todos seguem uma estrutura básica, na qual muitos acabam por se assemelhar como pode ser observado em diversas propostas de métodos como: “Métodos dos Dez Passos” de Markus Brose; no “Planejamento Estratégico Situacional”; nos “Onze Passos do Planejamento Estratégico Participativo” de Marcos José Pereira da Silva; no Método ZOPP (Zielorientierte Projektplanung – iniciais em

alemão para Planejamento de Projeto Orientado por Objetivos) para Planejamento e Gestão de Projetos, dentre outros. O interessante nesses métodos e técnicas é que todos direta ou indiretamente usam o instrumento do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) para coleta de informações como primeira etapa do processo do planejamento, mas apenas para fins de diagnóstico, e valorizam as etapas de elaboração proposta e plano de ação.

Diante do exposto torna-se necessário que o planejamento participativo seja elaborado e implementado em sua totalidade, na busca do aprofundamento da democracia participativa, do fortalecimento da cultura da gestão social, da ampliação das redes sociais de cooperação, da dinamização socioeconômica a partir da articulação e coesão das políticas públicas nas esferas federais, estaduais e municipais.

## Considerações Finais

A importância do processo participativo baseia-se no entendimento de que a efetivação de um planejamento se dá pela apropriação dos atores envolvidos no seu processo de elaboração, para tanto esses atores devem se enxergar no produto final do planejamento. A participação efetiva em cada fase do processo torna-se a principal forma de possibilitar tal apropriação e emancipação dos atores envolvidos na elaboração de plano.

Pode-se considerar que um desenvolvimento rural sustentável se dará em esfera local quando as ações que levarem a este desenvolvimento forem respostas da comunidade aos problemas vividos no seu espaço direto de atuação. E o desenvolvimento comunitário depende inteiramente da participação dos atores envolvidos na elaboração de suas propostas para o desenvolvimento sustentável.

Existem muitos instrumentos a serem utilizados em processos de planejamento participativo, mas para obter-se a efetiva participação, o empoderamento e a emancipação de uma comunidade, o método escolhido deverá garantir, minimamente: espaço para se fazer uma avaliação coletiva da realidade da comunidade; condições para analisar essa realidade, em busca da realidade desejada; planejar as ações para a implementação da realidade desejada; e promover a concepção de um projeto coletivo para o desenvolvimento local sustentável. Também é essencial construir indicadores para avaliação e monitoramento do planejamento em médio e longo prazo, bem como efetivamente monitorar o planejamento desenvolvido.

O técnico ou pesquisador ao fazer uso de processo participativo deverá ter bem claro os seus objetivos e as disponibilidades físicas e materiais, escolher a metodologia adequada ao grupo a ser trabalhado para desenvolver um planejamento efetivamente participativo que colabore para o empoderamento e desenvolvimento da comunidade alvo desse planejamento.

É facilmente comprovável que os PDAs com o tempo perdem seu caráter e proposta de sustentabilidade. A superação dessa fragilidade passaria tanto pela escolha da metodologia e tipo de participação, quanto pela atuação do técnico ou pesquisador durante a elaboração do PDA.

Diante do exposto o caminho para o desenvolvimento sustentável dos assentamentos conforme pretendido na proposta da reforma agrária passa impreterivelmente pela apropriação do PDA pelos atores protagonistas “os agricultores assentados da reforma agrária”.

## Referências bibliográficas

AMORIN, Maria Salete Souza de. Cidadania e Participação Democrática. In: **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. Florianópolis: UFSC, 2007. P. 366-379.



AZEVEDO, Sergio. **Governança Democrática e Poder Local**. Rio de Janeiro: Revan/Fase. 2004.

BECKER, D. F. **Competitividade**: um novo padrão ambiental de desenvolvimento regional. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 107-112, 1996.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BOEF, Walter Simon de; PINHEIRO, Sérgio Leite Guimarães. Um novo profissional na pesquisa de desenvolvimento agrícola participativo. In: BOEF, Walter Simon de, [et al.] (editores) **Biodiversidade e Agricultores**: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre: L&PM, 2007. p.68-103.

BRASIL. **Norma de Execução/INCRA/Nº02/2001**. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. 2001.

BROSER, Markus. **Metodologia participativa**: uma introdução a 29 instrumentos. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010. 326p.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento sustentável**: dimensões e desafios. Campinas, SP: Papirus, 2003.

CORDIOLI, Sergio. Enfoque participativo no trabalho com grupos. In: **Metodologia Participativa**: uma introdução a 29 instrumentos. BROSER, Markus Org. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010. p.21-42.

DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciências sociales**. Madrid. Editorial Síntesis, 1994. 669p.

DEMO, Pedro. **Participação é Conquista**: Noções de política social participativa. São Paulo. Ed. Cortez. 2001.

FARIA, José Henrique de. **Planejamento democrático institucional**: para além do estratégico. Curitiba: UFPR, 1996. 43p.

GANDIN, Danilo. A posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Interação na Realidade. In: **Currículo Sem Fronteiras**. v.1, n.1, pp. 81-95, Jan/Jun 2001. ISSN 1645-1384 (online) [www.curriculosemfronteiras.81.2010](http://www.curriculosemfronteiras.81.2010).

GUZMÁN CASADO, Gloria; GONZALES de MOLINA, Manuel; SEVILLE, Eduardo. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madri: Mundi-Prensa, 2000.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Acervo Fundiário**. Disponível em <http://www.incra.gov.br> . Acesso em 24/06/2010

\_\_\_\_\_. **Norma de Execução INCRA nº 39**, de 30 de Março de 2004.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo. Ed. Cortez. 2006. 240p.

\_\_\_\_\_. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 7ª Edição. Petrópolis. Ed. Vozes. 2009. 494p.

MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável**: Meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. 3ª Edição Revisada Atualizada. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 316p.

PEREYRA, Eduardo. Diagnóstico rápido económico participativo – DREP: Uma experiência integradora. In: **Metodologia Participativa: Uma introdução a 29 instrumentos**. BROSER, Markus Org. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010. p.99-106.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento: Crescer sem destruir**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

\_\_\_\_\_. **L'Écodéveloppement: stratégies pour le XXI siècle**. Nouv. ed. Paris: Syros, 1997.

SANTOS, Rozely Ferreira dos. **Planejamento ambiental: teoria e prática**. São Paulo: Oficina de Textos, 2004. 184p.

SEPÚLVEDA, Sérgio. **Desenvolvimento microrregional sustentável: métodos para planejamento local** / Sérgio Sepúlveda. Tradução de Dalton Guimarães. Brasília: IICA. 2005. 291p.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. A Utilização de Metodologias de Diagnóstico e Planejamento Participativo em Assentamentos Rurais: O Diagnóstico Rural/Rápido Participativo (DRP). **Em Extensão**. Uberlândia, v.8, n.1, p. 34-74, jan./jul. 2009.

STROH, P. Y. **As ciências sociais na interdisciplinaridade do planejamento ambiental para o desenvolvimento sustentável**. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. 1992.

# Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo *Tekoha-Tekoharã*<sup>1</sup>

**Juliana Grasiéli Bueno Mota**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente  
Bolsista FAPESP  
e-mail: jugeo@ymail.com

## Resumo

A proposta deste artigo visa compreender os Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul em sua luta para retomar seus territórios tradicionalmente ocupados - *Tekoha-Tekoharã* -, entendendo-os enquanto sujeitos de um movimento étnico-socioterritorial. Trazemos alguns apontamentos iniciais das lutas Guarani e Kaiowa frente ao avanço da territorialização do agronegócio sucroalcooleiro. Nesta luta, temos os *Tekoharã* e/ou “acampamentos” de retomadas e as grandes assembleias e/ou reuniões - *Aty Guasu* - enquanto territórios de resistência, na perspectiva de entendê-los nos delineamentos das disputas territoriais e da conflitualidade. A metodologia de pesquisa utilizada é a observação participante e, também, a utilização das fontes orais para entendimento do espaço-tempo dos modos de vida Guarani e Kaiowa nos preceitos do *Teko Porã* e/ou *Ñande Reko* – Bem Viver.

**Palavras-chave:** território, “acampamentos” indígenas, *tekoharã*.

## Resumen

### Movimiento étnico-socioterritorial Guarani y Kaiowa en el estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriales en los "campamentos" de retomas por el *Tekoha-Tekoharã*

Este artículo tiene como objetivo comprender las etnias Guarani y Kaiowa en el estado de Mato Grosso do Sul, en su lucha por recuperar sus territorios tradicionalmente ocupados – *Tekoha-Tekoharã* -, entendiéndolos como sujetos de un movimiento étnico-socioterritorial. Presentamos algunos apuntes iniciales de la lucha Guarani y Kaiowa frente al avance de la territorialización del agronegocio de producción de alcohol y azúcar a partir del monocultivo de la caña de azúcar. En esta lucha tenemos los *Tekoharã* y/o “campamentos” de retomas y las grandes asambleas y/o reuniones - *Aty Guasu* - como territorios de resistencia, en la perspectiva de entenderlos desde las disputas territoriales y la conflictualidad. La metodología de investigación es la observación participante y, también, la utilización de las fuentes orales para la comprensión del espacio-tiempo de los modos de vida Guarani y Kaiowa en los preceptos del *Teko Porã* y/o *Ñande Reko* – *Bien Vivir*.

**Palabras-clave:** territorio, “campamentos indígenas”, *tekoharã*.

## Abstract

<sup>1</sup> Este artigo foi construído enquanto trabalho final da disciplina: Teoria dos Territórios e da Questão Agrária, ministrada por Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes e Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano.

## Movement ethnic socio-territorial Guarani and Kaiowa in the state of Mato Grosso do Sul: taken over by the territorial dispute *Tekoha-Tekoharã*

The purpose of this article is to understand the Guarani and Kaiowa in Mato Grosso do Sul in their struggle to regain their territories traditionally occupied - *Tekoha-Tekoharã* - understanding them as subjects of an ethnic and socio-territorial movement. We bring some of the initial notes about Guarani and kaiowa struggle against the advance and territorialization of the sugarcane agribusiness. In this struggle, we have *Tekoharã* and/or "camps" of recovery and large assembles and/or meetings - *Aty Guasu* - while territories resistance from the perspective of understanding them in the context of territorial disputes and conflicts. The research methodology used is participant observation, and also the use of oral sources for understanding the spacetime of lifestyles and Kaiowa Guarani considering the comprehension of *Teko Porã* and/or *Ñande Reko* – Living Well.

**Keywords:** territory, "indigenous camps", *tekoharã*.

### Apontamentos iniciais

*“Índio Kaiowa Guarani tem uma história muito bonita... mas é triste também. A gente não tem mais nenhum pedacinho de terra para plantar e o que tem é muito pouco. A gente tá sendo engolido pelo branco, é isso que estou te falando, o branco tá acabando com índio... a gente nem sabe como vai ser a vida de nossos parentes, dessa gurizada toda aí... Eu fico triste com esta história do nosso povo”.*

(Jovem Kaiowa da Reserva Indígena de Dourados/Aldeia Bororó, aluna do Projovem Campo – Saberes da Terra, 2011).

*“Se a gente fecha o olho dá até para lembrar como vivia os antigos”*  
Ñanderu Kaiowa (2012).

As etnias Guarani<sup>2</sup> e Kaiowa são falantes da língua guarani, pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani com variações dialetais entre o Guarani e/ou Kaiowa. Os mesmos se encontram territorializados em vários estados brasileiro (Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul) e países da América Latina (Paraguai e Argentina), segundo Instituto Socioambiental (2011). No estado de Mato Grosso do Sul, os Guarani e Kaiowa somam uma população estimada de 41.500 indivíduos (SESAI, 2010) para uma população total indígena de aproximadamente 73.295 indivíduos<sup>3</sup>, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

Neste estado, a atual situação de vida Guarani e Kaiowa deve ser analisada por meio de um elemento histórico chave, o contato com a sociedade não indígena e/ou “branca” – *Karáí*, a partir da Guerra contra o Paraguai e/ou Tríplice Aliança, também conhecida como “Guerra do Paraguai”, no final do século XIX, entre os anos de 1864-1870. Após a guerra se consolidou a primeira atividade comercial nos territórios Guarani e Kaiowa

<sup>2</sup> Guarani é uma auto-identificação específica do estado de Mato Grosso do Sul que se refere aos Guarani Ñandeva .

<sup>3</sup> Estes dados são referente às etnias Guarani, Kaiowa, Terena, Kinikinawa, Kamba, Ofaié, Guató, Kadiwéu e Atikum.

com a exploração da erva matte pela Companhia Matte Larangeiras<sup>4</sup>. É neste momento que os Guarani e Kaiowa passam a perder o controle e a exclusividade sobre seus territórios<sup>5</sup>.

O contato com a sociedade não indígena impôs novas redefinições nas territorialidades Guarani e Kaiowa. A intensificação destas mudanças passa a ocorrer bruscamente a partir da década de 1950, com as novas frentes de ocupação e colonização das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil, momento este que os Guarani e Kaiowa passam de forma mais intensa a “perder” seus territórios. Entretanto, é necessário elencar que já no início do século XX, entre os anos de 1915 a 1928, o Serviço de Proteção ao Índio – SPI, atual Fundação Nacional do Índio - FUNAI, criou oito reservas indígenas para abrigar os Guarani e Kaiowa que estavam sendo expulsos de seus territórios. As oito reservas e/ou aldeias foram criadas como sendo o *lugar do índio* na sociedade, enquanto seus territórios eram liberados para ocupação e colonização não indígena<sup>6</sup>.

Exemplo desta territorialização imposta é a Reserva Indígena de Dourados. Reservada em 1917 pelo SPI, é a atual Terra Indígena<sup>7</sup> mais populosa do estado de Mato Grosso do Sul com aproximadamente 13.020 indivíduos, segundo a Fundação Nacional de Saúde - FUNASA (2007), para uma extensão territorial de aproximadamente 3.475 hectares. A densidade demográfica nesta reserva é de aproximadamente 0,26 hectares de terras. Apresenta ainda, índices alarmantes de suicídios e homicídios, principalmente entre jovens entre 15 a 25 anos de idade. Juliana Grasiéli Bueno Mota (2011) ao analisar os Relatórios de Violência contra os Povos Indígenas do Brasil - Conselho Indigenista Missionário – CIMI, assinala que durante o período de 2003 a 2009 foram registradas 59 ocorrências de suicídios e 75 ocorrências de homicídios nesta reserva. Ao analisar estes dados em escala nacional, têm-se a seguinte conjuntura: “[...] as ocorrências de suicídios em todo o Brasil correspondem a 168 durante os anos de 2003 a 2009, destas, 163 foram registradas no Mato Grosso do Sul [...]. Referente aos assassinatos no Brasil, correspondendo a 288 ocorrências do total, o estado de Mato Grosso do Sul registra 216 ocorrências”. (MOTA, 2011, p. 209).

A partir destas colocações, elencamos que as discussões deste artigo parte do *olhar* geográfico sobre os Guarani e Kaiowa a partir do pensamento da questão agrária brasileira construída em interface com a antropologia<sup>8</sup>. Este diálogo interdisciplinar nos permite compreender a complexidade que envolve os modos de vida Guarani e Kaiowa no passado, antes da chegada dos não indígenas e/ou “brancos” - *Karáí* - e, no presente, na imposição de novos modos de viver, fundamentalmente, no contexto de sua luta por seus territórios tradicionalmente ocupados.

Neste contexto de diálogo com outras formas de saber e viver, Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 22) elenca que “as disciplinas e seus paradigmas são condicionantes tanto

<sup>4</sup> As concessões de terras à Companhia Matte Larangeiras ocorrem desde 1882, tendo sua primeira concessão de terras feita pelo estado de Mato Grosso, através do Decreto Imperial nº 8.799 (9/12), a Tomaz Larangeira, passando este a deter a exploração dos ervais “[...] nos limites da Província do Paraguay, entre os rios Amambahy e Verde, e pela linha que desses pontos for levado para o interior, na extensão”. (CORRÊA FILHO *apud* MORENO, 2007, p. 87).

<sup>5</sup> A Cia Matte Laranjeiras não tinha direitos de propriedade sobre o território, mas sim o direito de uso dos ervais, ou seja, tinha a monopolização do território. Esta condição possibilitou que os Guarani e Kaiowa continuassem em seus territórios, embora as condições de permanência tivessem passado por grandes alterações. Uma destas é o trabalho destas sociedades na exploração dos ervais.

<sup>6</sup> O termo reserva-aldeia foi disseminado durante processo de esbulho dos indígenas de seus territórios no contexto da política indigenista no início do século XX. O propósito era trazer os índios para as aldeias-reservas criadas pelo Estado brasileiro enquanto seus territórios – *Tekoha* - eram liberados para ocupação e colonização não indígena (PEREIRA, 2004; MOTA, 2011).

<sup>7</sup> Terra Indígena é um termo jurídico-administrativo de definição dos territórios indígenas gerenciadas sobre e pela responsabilidade do Estado brasileiro.

<sup>8</sup> Em especial, faço referência ao antropólogo Levi Marques Pereira e a importância de suas reflexões e diálogos que nos possibilita entender as múltiplas modalidades de territorialização Guarani e Kaiowa, assim como os *apontamentos iniciais* sobre a compreensão do *Tekoha* e *Tekoharã* que será discutido neste artigo.

de nosso olhar como de nosso ouvir [e interpretação da realidade]<sup>9</sup>. Ainda é importante elencar que as disciplinas e os paradigmas constroem diferentes formas de pensar o mundo, ou seja, os modelos explicativos no/do fazer geográfico. Bernardo Mançano Fernandes (2005; 2008), sobre o campesinato, considera a existência de dois paradigmas de análise sobre a questão agrária: Paradigma da Questão Agrária e Paradigma do Capitalismo Agrário: O primeiro, parte do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo que permite a criação e recriação camponesa. Analisando o campo a partir do conflito, da disputa, da contradição, da luta de classes e da superação do capitalismo como meta. E, o segundo, impossibilita a compreensão das contradições no/do capitalismo, parte da premissa de que tudo e todos tendem a ser envolvidos e integrados na lógica capitalista de produção.

Nosso olhar sobre o indígena se dá em **aproximação** ao entendimento de Bernardo Mançano Fernando diante do Paradigma da Questão Agrária, nos imbricamentos da recriação e a reinvenção dos modos de ser e viver dos indígenas na sociedade capitalista. Neste debate, consideramos que a atual situação indígena brasileira deve ser entendida a partir da **questão agrária brasileira**, sendo que a consolidação de sua estrutura fundiária, marcada pelo latifúndio, é o principal responsável pela desterritorialização Guarani e Kaiowa de seus *Tekoha*.

O *Tekoha* é uma expressão nativa da língua guarani que demarca uma noção de mundo que pode ser exemplificada da seguinte forma: o prefixo *Teko* expressa um modo de vida, uma forma de ser e fazer-se humanamente, enquanto, o sufixo *Ha* dá sentido de lugar, indica a ação em que o modo de vida Guarani e Kaiowa pode e é realizado. Esta relação de pertencer ao *Tekoha* pode ser exemplificada por uma *Nandesy*<sup>10</sup> Kaiowa, ao dizer o seguinte: “é no *Tekoha*, no nosso lugar que Guarani Kaiowa era índio de verdade, vivia feliz naquele lugar que foi roubado pelo fazendeiro” (dados de pesquisa de campo, 2012).

Nesta expressão é elucidativo que a identidade Guarani e Kaiowa se faz a partir de um lugar em que seu modo de vida é possível de ser realizado. Diante desta narrativa, é necessário dizer que a expressão *Tekoha* deve ser localizada no espaço e no tempo, pois está diretamente relacionada ao processo de perda da exclusividade e controle territorial destas sociedades em seus territórios. Ainda que, é a partir da década de 1970 que o significado da palavra *Tekoha* passa a ser, fundamentalmente, uma expressão política e ideológica para as reivindicações Guarani e Kaiowa pelo território. Também, que a compreensão da territorialidade indígena a partir das condições atuais vividas por estes povos deve ser entendida para além do *Tekoha*, mas partir da dimensão multiterritorial que compreende também o *Tekoha Guasu* - território extenso. Pois, diante destas novas formas de viver e a necessidade de retomar os *Tekoha*, o *Tekoha Guasu* se constitui enquanto território-rede, expressa nas redes de sociabilidade nas redes de parentesco e alianças políticas de um conjunto de *Tekoha* (PEREIRA, 2004; MOTA, 2011). Nesta relação, uma liderança Guarani considera as condições do presente em contraponto aos modos de viver no *Tekoha*, antes da chegada do *Karái*.

Antigamente não tinha esse negócio de fronteira que branco fala, que precisa demarcar a terra nossa... Porque aqui nesta região [falando da cidade de Dourados até Rio Brillhante] não tem lugar que não tinha índio Você andava, andava e não acabava nunca... Agora a gente vive assim, é

<sup>9</sup> Para Thomas Samuel Kuhn (1994, p. 109) a ciência se move a partir da dinâmica de construção-destruição-reconstrução de paradigmas, na perspectiva de que “uma vez encontrado um primeiro paradigma [...] já não se pode mais falar em pesquisa sem qualquer paradigma. Rejeitar um paradigma sem simultaneamente substituí-lo por outro é rejeitar a própria ciência [...]”.

<sup>10</sup> *Nandesy* (para as mulheres), *Nanderu* (para os homens) e/ou *Xamã* (utilizado tanto para homens como para mulheres) são aqueles que detêm o conhecimento do universo Guarani e Kaiowa. Levi Marques Pereira (2004) a trabalhar com a denominação de *Xamã* considera que são aqueles que tudo enxergam e podem dizer o que está certo e o que não está. Também tem o poder de desvendar o futuro, quebrar os feitiços e, fundamentalmente, é aquele que consegue falar com *Nandejará* e/ou *Nanderuvussu* (Deus grande).

preciso demarcar um pouquinho de terra para o índio... (dados de pesquisa de campo, 2012).

Esta narrativa demonstra a importância da demarcação a partir das condições do presente em garantir condições de vida futura. Esta garantia se faz sempre em relação ao passado, em comparação aos modos de viver dos antigos e/ou ancestrais em seus *Tekoha* diante do *tekoha Guasu*. Fundamentalmente, porque esta condição de passado é que dá direito ao índio sobre seus territórios, também explicado por um *Nanderu Kaiowa* (2012) da seguinte forma: “[...] a gente tá morrendo quando o branco apareceu... Sem nosso *Tekoha* a gente morre... Lá no *Tekoha* é o lugar que os antigos falaram para gente como deve viver... Se tiver de novo nosso *Tekoha* vive melhor”.

A luta Guarani e Kaiowa pela retomada<sup>11</sup> de seus *Tekoha* deve ser entendida a partir do processo de desterritorialização de seus *Tekoha* e o “fim” dos últimos refúgios em fundos de fazendas<sup>12</sup> e de famílias que não conseguiram se adaptar aos modos de viver nas reservas e/ou aldeias criadas pelo SPI. Neste contexto, diante destas novas formas de viver após a “perda” dos *Tekoha*, os Guarani e Kaiowa se encontram territorializados em situações adversas no estado de Mato Grosso do Sul, tais como: reservas indígenas (criadas no início do século XX); em Terras Indígenas – TI, que se constituíram por meio das retomadas Guarani e Kaiowa a partir da década de 1980; nas periferias das cidades, que aparecem como espaços luminosos<sup>13</sup>; em fazendas<sup>14</sup>, que pode ser exemplificado na presença de famílias que ficaram trabalhando para o fazendeiro em seus antigos *Tekoha*; em acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária; em “acampamentos” de retomadas e acampamentos que podem não ter cunho reivindicatório por terra<sup>15</sup>. *A priori*, podemos compreender que estas territorializações participam de estratégias para terem acesso a terra-território<sup>16</sup>.

Para o entendimento destas novas formas de territorialização, que é inerente ao processo de desterritorialização dos *Tekoha*, a pesquisa se construiu da seguinte forma: Análise bibliográfica para o enriquecimento do arcabouço teórico e metodológico, que fundamentalmente se deu pelas discussões na disciplina “Teorias dos Territórios e da Questão Agrária”; análise de fontes documentais impressas e virtuais que contemplaram a compreensão das disputas territoriais entre indígenas e os fazendeiros-empresários do agronegócio. Ainda, a partir das inquietações que perpassaram a construção da dissertação de mestrado “Território e territorialidades Guarani e Kaiowa: da territorialização precária na

<sup>11</sup> Expressão Guarani e Kaiowa na luta pelo retorno ao *Tekoha*.

<sup>12</sup> A intensificação da perda do território Guarani e Kaiowa se dá a partir da década de 1950. Este processo deu origem aos “índios de fundos de fazendas”, cuja maior intensidade se deu até a década de 1970, relacionado ao processo de inserção da mão de obra indígena no processo de formação das fazendas. A partir deste momento, as áreas de refúgio, - a mata - (nos fundos da fazenda) foram se transformando em fazenda, impondo aos Guarani e Kaiowa a condição de índios reservados e/ou aldeados (PEREIRA, 2006, 2007; MOTA, 2011).

<sup>13</sup> Os *espaços luminosos* são aqueles que possuem um acúmulo considerável de técnicas e informações, como: telecomunicações e transporte (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

<sup>14</sup> Os indígenas que permaneceram nas fazendas, seus antigos *Tekoha*, demonstram, fundamentalmente as estratégias múltiplas de continuarem em seus territórios, embora não tenham controle territorial sobre o mesmo. Referente aos índios nas cidades e fazendas, alguns apontamentos sobre esta situação se encontra no artigo: “*Mudanças socioterritoriais e territorialização precária Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul*”, publicado no anais do “*II Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Enologia e Etno-história*”, 2012.

<sup>15</sup> Há dois acampamentos no município de Bataguassu/MS. As famílias nestes acampamentos vivem da venda de artesanato e do trabalho em fazendas próximas ao acampamento. É necessário compreender esta modalidade de territorialização por meio de pesquisas de campo com período maior de convivência com a comunidade. Estivemos nestes acampamentos por duas vezes, e a partir de algumas conversas estamos trazendo para o debate este tipo de acampamento indígena.

<sup>16</sup> Também, consideramos as famílias que estão retomando *Tekoha* e não estão acampadas, mas vivem nas reservas indígenas. Na Reserva Indígena de Dourados há muitas famílias nesta situação, esperando os processos de identificação e demarcação de seus territórios (MOTA, 2011).

Reserva Indígena de Dourados à Multiterritorialidade”, defendida em 2011. E, também, fundamentalmente, participa da construção de tese de doutorado intitulada *a priori* “Entre o *Tekoha* e o *Tekoha Guasu*: os “acampamentos” de retomadas territoriais Guarani e Kaiowa no Estado de Mato Grosso do Sul”.

As discussões parte do trabalho de campo para compreendermos a multidimensionalidade dos modos de ser, viver e saber Guarani e Kaiowa. Sobretudo, por meio da observação participante e fontes orais que nos permitiu uma análise etnogeográfica no “*estar lá*” – no trabalho de campo e “*escrever aqui*” - a construção do trabalho científico. Nesta relação, surge a pesquisa etnogeográfica que se constitui enquanto o estudo da etnicidade em relação a sua espacialidade, fundamentalmente, “uma reflexão sobre a diversidade dos sistemas de representação e de técnicas pelas quais os homens agem sobre o mundo e modelam o espaço à sua imagem e em função de seus valores e aspirações”. (CLAVAL, 1997, p. 114).

A partir de nosso trabalho com a observação participante, Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p.12) traz importantes contribuições ao considerar a sua importância para a construção da pesquisa, e que sua construção metodológica se faz nos imbricamentos do pesquisador e pesquisadora saber “[...] Olhar. Ouvir. Escrever. – como atos cognitivos que são –, além de trazerem em si responsabilidades intelectuais específicas, formam, pela dinâmica de sua interação, uma unidade irredutível”. Assim, a pesquisa é construída no “*estar lá*” e o “*escrever aqui*”, estes são dois momentos indissociáveis.

No “*escrever aqui*” o pesquisador e a pesquisadora devem ser cautelosos no processo de representar e/ou apresentar os homens e mulheres que participaram ativamente da pesquisa no compartilhamento de suas trajetórias de vida, pois constroem a pesquisa aprendendo outras formas de saber e modos de viver. Neste contexto, “se as palavras dos outros [indígenas] têm um poder de transformar as nossas palavras [pesquisador e pesquisadora] e vice-versa, é justamente pelo fato de que são engendradas e fabricadas a partir de uma relação entre sujeitos, essência mesma do fazer etnografia [e/ou etnogeografia]” (GONÇALVES, 2010, p. 08). Deste modo, a observação participante nos possibilita se envolver com os homens e mulheres Guarani e Kaiowa participando de sua vida cotidiana, aprendendo com eles no “*estar lá*”, na troca de saberes e experiências de vida.

Ainda, no “*estar lá*” e “*escrever aqui*” as fontes orais nos possibilitou registrar as memórias Guarani e Kaiowa diante do processo de desterritorialização de seus territórios e as novas formas de viver, assim como as estratégias de luta pelo *Tekoha* por meio de entrevistas. É por meio da narrativa que conseguimos dialogar com os Guarani e Kaiowa, participar do processo de construção da memória que se dá na interação entre memória individual e memória coletiva, entre passado e presente pela necessidade de “*passar a cultura*”, expressão recorrente entre os Guarani e Kaiowa. Ao demonstrarem a importância de registrar suas trajetórias e histórias torna-se perceptível o que também considerou Eder Sader (1988, p. 57) referente aos trabalhadores e trabalhadoras de São Paulo, ao dizer que “o discurso que revela a ação revela também o seu sujeito”. Deste discurso é importante que saibamos localizar o sujeito no espaço-tempo, desvendando a complexidade dos homens e mulheres que narram sobre suas vidas na interação indissociável entre passado e presente... Este desvendamento é apenas um modo de *olhar*, assim ele não está acabado, está em permanente processo de construção.

## **Movimentos socioterritoriais e conflitualidade: contribuição da Geografia para pensar as lutas Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul**

*Tudo está em movimento, sobretudo o movimento...*  
Juliana Mota

O conceito de movimento social é frequentemente utilizado pelos geógrafos e geógrafas. É um importante conceito para compreendermos a dinâmica da sociedade em



movimento e que se movimenta a partir das demandas reivindicatórias por direitos e/ou manutenção do *status quo* das classes ou grupos dominantes. *A priori* é necessário partir de uma pergunta recorrente, o que são movimentos sociais? Apesar de não termos a intenção de demonstrar as múltiplas concepções de movimentos sociais, é necessário pontuar algumas questões que permeiam este debate.

Para Maria da Gloria Gohn (1997) a noção de movimento social está presente em diferentes espaços sociais, “do erudito, acadêmico, passando pela arena política das políticas e dos políticos, até o meio popular. Na teoria e/ou na prática, todos têm uma representação do que seja um movimento social”. Deste modo, a concepção de movimento social depende de uma diversidade de paradigmas explicativos que definem movimentos sociais. Nosso entendimento parte da seguinte prerrogativa, toda organização social que se coloca contra a ordem vigente e/ou manutenção do *status quo* é movimento social. Ainda, é necessário elencar que os “movimentos sociais são uma das formas possíveis de mudança e transformação social”, como elencado por Maria da Gloria Gohn (1997, p. 248 - grifo nosso).

Para Marilena Chauí (1988, p. 13) “os movimentos sociais operam como fontes populares de informação, aprendizado e conhecimento político que tendem a ser ampliados e redefinidos pela própria prática e sua dinâmica”. Ou seja, é no contexto da luta que há o *fazer* do movimento, é no estar lá, na ação, enquanto movimento social, que os homens e mulheres constroem suas demandas reivindicatórias. É no movimento social que o espaço político das discussões sobre a demanda de sua luta tende a ser ampliado, é nele que ocorre a reinvenção de outra forma de fazer política, como considerado por Eder Sader (1988). Neste aspecto, “a ‘política reinventada’ dos movimentos [tende a] se enfrentar com a ‘velha política’ ainda dominante no sistema estatal” (SADER, 1988, p. 21). Ou seja, os movimentos sociais se esbarram sempre na política burocrática do Estado, assim como na política da sociedade burguesa que impede a transformação social das demandas dos movimentos para a manutenção de seu *status quo*.

Em torno do debate do que é o movimento social, Bernardo Mançano Fernandes (2005; 2008) propõe novas formas analíticas para pensar os movimentos sociais na geografia, trazendo para o debate os conceitos de movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais a partir de sua categoria geográfica central, o espaço. Parte da premissa de que todo movimento social produz espaço no contexto de sua organização social, partindo da perspectiva elaborada por Henri Lefebvre no livro “A produção do espaço”, ao dizer que “o espaço social é a materialização da existência humana”.

É necessário partir da premissa que todo movimento social produz espaço, o que faz dele um movimento socioespacial no contexto de suas demandas reivindicatórias, sobretudo, porque entendemos que “o espaço [assim como o território] é multidimensional, pluriescalar ou multiescalar, em intenso processo de completibilidade, conflitualidade e interação”, como apontado por Bernardo Mançano Fernandes (2005, p. 26). Desta forma, está sendo disputado por homens e mulheres organizados politicamente enquanto movimento social a fim de garantirem suas demandas reivindicatórias, sendo necessário considerar a importância da intencionalidade, pois sendo “uma visão de mundo, ampla, todavia una, é sempre uma forma, um modo de ser, de existir” (FERNANDES, 2005, p. 27) em disputa pela/na sociedade. Fundamentalmente, porque, “A intencionalidade expressa, portanto, um ato político, um ato de criação, de construção”, como afirma Bernardo Mançano Fernandes (2008, p. 04).

Todavia, no contexto das disputas e conflitualidades que regem as intencionalidades dos homens e mulheres, o que distingue movimento socioespacial de movimento socioterritorial? Os movimentos socioterritoriais têm o território como *trunfo* na reivindicação de garantias de direitos. Pode ser exemplificado nas lutas pela criação de assentamentos de Reforma Agrária, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, nas demandas reivindicatórias de reconhecimento e regularização de territórios quilombolas e nas lutas indígenas pela demarcação de seus territórios tradicionalmente ocupados.

Nestes movimentos de luta se configuram demandas reivindicatórias perante o Estado brasileiro, a partir de correlações de forças, que na luta indígena por seus territórios

se dá com o objetivo de transformar as terras reivindicadas sobre o domínio não indígena em Terras Indígenas, cabendo ao Estado demarcá-las<sup>17</sup>. No caso Guarani e Kaiowa, a luta pelo território se dá no contexto da necessidade de retomar os *Tekoha*. Esta reivindicação dos indígenas gera uma disputa territorial com as oligarquias agrárias sul-matogrossenses, pois a demarcação de Terras Indígenas diverge do modelo de produção para o campo brasileiro, com base no agronegócio<sup>18</sup>. Hoje, com o avanço do setor sucroalcooleiro para a produção de agrocombustíveis, o estado de Mato Grosso do Sul vem passando por uma intensa substituição de áreas de cultivo de soja e atividade agropecuária para a atividade sucroalcooleira, segundo dados do IBGE (2010, p. 31).

O Estado do Mato Grosso do Sul apresentou um crescimento na produção de 37,9% em relação a 2009, ultrapassando Alagoas no *ranking* nacional. Este aumento é justificado pela expansão da área colhida, que cresceu 113 415 hectares (39,6%), alcançando 399 408 hectares. O estado é o que mais tem aumentado as áreas de canaviais nos últimos anos, atraindo os produtores com terras férteis e mais baratas em comparação às de São Paulo. As novas áreas de cana-de-açúcar vêm ocupando mais intensamente as pastagens, e algumas áreas de lavoura localizadas próximas às usinas. Destaca-se o Município de Rio Brilhante como maior produtor do estado e segundo maior do Brasil, que teve um crescimento de 8,3% em 2010.

A expansão do setor sucroalcooleiro tem se dirigido prioritariamente às bacias hidrográficas do Ivinhema, Amambaí (com maior intensidade) e Iguatemi, que compreende aos territórios de ocupação tradicional Guarani e Kaiowa. Este novo modelo de produção trouxe grandes transformações territoriais gerando a atual situação de conflito que envolve as disputas territoriais entre os indígenas e o agronegócio. Estas disputas não devem se limitar a sua dimensão econômica, como considerado por Bernardo Mançano Fernandes (2009, p. 04),

[...] as disputas territoriais se desdobram em todas as dimensões, portanto, as disputas ocorrem também no âmbito político, teórico e ideológico, o que nos possibilita compreender os territórios materiais e imateriais. As políticas de dominação e de resistência utilizam o conceito de territórios para *delimitar tanto os espaços geográficos disputados, quanto de demarcar os pleiteados*. O sentido da disputa está na essência do conceito de território, que contém como princípios: soberania, totalidade, multidimensionalidade, pluriescalaridade [e/ou multiterritorialidade], intencionalidade e conflitualidade. (grifo nosso).

<sup>17</sup> O processo de demarcação consta do Decreto 1.775, de 8.1.1996, anteriormente era previsto no Decreto 22/1991. A demarcação dos territórios indígenas é fundamentada em trabalhos desenvolvidos por antropólogo de qualificação reconhecida, que elaborará, no prazo determinado, estudo antropológico de identificação, incumbindo-se um grupo técnico especializado, coordenado por antropólogo, dos estudos complementares de natureza etno-histórica, sociológica, jurídica, cartográfica, ambiental e o levantamento fundiário necessário à delimitação das terras. Concluídos os trabalhos de identificação e delimitação, o grupo técnico apresentará relatório circunstanciado ao órgão federal de assistência ao índio, caracterizando a Terra Indígena a ser demarcada (SILVA, 2008).

<sup>18</sup> Antônio Thomaz Junior (2010) utiliza o conceito de agrohidronegócio para considerar a importância da terra e da água para a reestruturação do setor canavieiro. A expansão do agronegócio tem ocorrido numa região denominada pelo autor de polígono do agrohidronegócio, que abrange o Oeste de São Paulo, Noroeste do Paraná, Triângulo Mineiro, Sul-Sudoeste de Goiás e Leste do Mato Grosso do Sul. Para o autor, dispor de terra e água é garantir as condições para expansão territorial do capital sobre as melhores terras no campo, pois requer “reproduzir-se e apropriar-se dos meios de produção e controlar o tecido social, mediante o acionamento dos dispositivos das esferas da produção, da circulação, da distribuição, do consumo, bem como especulativos”. (THOMAZ JUNIOR, 2010, p. 06).

No contexto de disputa pelo território está intrínseco projetos de sociedades antagônicas que está diretamente relacionado ao modo com que as sociedades, em sua multiplicidade, organizam-se socioterritorialmente para reproduzir-se humanamente. A luta Guarani e Kaiowa por seus territórios parte de uma forma de organização socioterritorial plural, que diverge em muitos aspectos da territorialização do agronegócio sucroalcooleiro. Segundo Clifford Andrew Welch e Bernardo Mançano Fernandes (2008), as principais bases do agronegócio, ao distingui-lo do sistema agrícola camponês, se dão por meio da acumulação, do monocultivo, do trabalho assalariado, do uso intensivo de agrotóxicos e da produção em grande escala, principalmente para a exportação.

Ainda, Bernardo Mançano Fernandes (2008, p. 38) salienta que a “construção da imagem do agronegócio oculta seu caráter concentrador, predador, expropriatório e excludente para dar relevância somente ao caráter produtivista, destacando o aumento da produção, da riqueza e das novas tecnologias. Todavia, a questão estrutural permanece”. Nesta perspectiva, Carlos Walter Porto Gonçalves (2004, p. 227) considera que o agronegócio se apresenta enquanto um modelo de produção moderno devido a sua capacidade produtiva. Mas,

[...] na verdade atualiza o que há de mais antigo e colonial em termos de padrão de poder ao estabelecer uma forte oligárquica entre: (1) as grandes corporações financeiras internacionais; (2) as grandes indústrias-laboratórios de adubos e de fertilizantes, de herbicidas e de sementes; (3) as grandes cadeias de comercialização ligadas aos supermercados e farmácias; e (4) os grandes latifúndios exportadores de grãos. Esses *latifúndios* produtivos são, *mutatis mutandis*, tão modernos como o foram as grandes fazendas e seus engenhos de produção da principal *commodity* dos séculos XVI e XVII: a cana-de-açúcar, no Brasil e nas Antilhas. À época não havia nada de mais moderno.

Desta forma, o agronegócio se reproduz entre o moderno e o arcaico ao manter sua estrutura agrária pautada no monocultivo e no latifúndio. No passado e no presente este modelo de produção foi e é um dos precursores em reproduzir uma multidão de miseráveis há medida que avança sobre os territórios camponeses e indígenas, destruindo outros modos de viver. Devido a estas características, o agronegócio pode ser considerado como a representação, simultânea, da “barbárie e modernidade”, como afirmou Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2003). Embora tenha estas características, este modelo tem convencido a sociedade, em diferentes etapas da história, que é o melhor modelo de desenvolvimento para o campo, representando a modernidade.

Neste aspecto, o modelo do agronegócio diverge da proposta de construção do *Tekoha* Guarani e Kaiowa. A luta pelo retorno aos seus territórios é para reprodução da vida, em aproximação aos modos em que se organizavam territorialmente antes da chegada dos não indígenas, respeitando os princípios da sociobiodiversidade. No *Tekoha* tinha-se uma organização socioterritorial com espaços delimitados para atividades cotidianas, ou seja, espaços de mata para atividades de caça, coleta e pesca; espaços de cursos d’água, normalmente próximos ao espaço familiar da casa, representado pelo conjunto indissociável da família nuclear; espaços habitados pelos deuses em que os homens e mulheres devem pedir permissão sobre qualquer atuação de transformação da natureza, no caso os *Jará*, que são uma espécie de espírito que fazem a mediação entre as relações humanas e não humanas<sup>19</sup>. Também, contava com uma rede de sociabilidade ainda mais ampla que

<sup>19</sup> Levi Marques Pereira (1999, 2004, 2010) ao dizer sobre as novas formas de viver Guarani e Kaiowa, assinala que devido ao processo de desmatamento, como consequência das frentes de ocupação e colonização, principalmente a partir da década de 1950, tem provocado um intenso desencantamento com a natureza, já que os seres míticos desapareceram juntamente com as matas. Neste contexto, “[...] o que está em questão aqui não é só a diminuição dos recursos de flora e fauna, mas também de seres míticos e das possibilidades de relação entre eles e os humanos [...]” (PEREIRA, 2010, p.127).

formavam um conjunto de *Tekoha*, que é uma rede extensa de parentes e/ou aliados políticos, o *Tekoha Guasu*.

Percebe-se que a organização socioterritorial Guarani e Kaiowa e a organização socioterritorial sucroalcooleira são divergentes. Esta condição demonstra a conflitualidade existente entre estes modos distintos e antagônicos de apropriação do território e que deve ser compreendida para além dos dilemas do momento do conflito que envolve a luta indígena com os fazendeiros-empresários do agronegócio que pretendem manter seu *status quo*. Para Bernardo Mançano Fernandes (2008, p. 02) “A conflitualidade é um processo constante alimentado pelas contradições e desigualdades do capitalismo. O movimento da conflitualidade é paradoxal ao promover, concomitantemente, a territorialização – desterritorialização – reterritorialização de diferentes relações sociais”.

O modelo de produção do agronegócio sucroalcooleiro está amparado pelo discurso da energia limpa, renovável e promotora do desenvolvimento sustentável, buscando por meio deste discurso convencer a sociedade, não proprietária de terra e nem fazendeira e/ou empresária rural, que as reivindicações Guarani e Kaiowa promovem o conflito pela posse e uso da terra, prejudicando o desenvolvimento do campo. Busca-se convencer a sociedade que a atual situação de conflito tem como culpado os índios e não o modelo de produção da sociedade capitalista. Neste contexto de disputa, trazemos três aspectos da conflitualidade entre indígenas e expansão do setor sucroalcooleiro:

O que existe é uma pretensão da FUNAI em *expandir* as áreas indígenas e uma resistência por parte dos proprietários rurais. O poder público municipal deve ficar atento, especialmente para os reflexos desta situação. Entende-se que o impacto econômico será enorme caso se concretize o projeto de criação de novas áreas indígenas em territórios de 26 municípios, algo inaceitável e que exige uma posição firme por parte dos administradores municipais, afirmou o assessor jurídico da ASSOMASUL (Associação dos municípios de Mato Grosso do Sul). (BRASIL 247, 2011)<sup>20</sup>.

Índios da tribo Guarani, no Brasil, exigiram que a gigante da energia, Shell, pare de usar suas terras ancestrais para produção de etanol. Ambrosio Vilhalva<sup>21</sup>, um Guarani de uma das comunidades afetadas, disse à Survival International, “A Shell tem que sair das nossas terras... as empresas têm que parar de trabalhar na terra dos indígenas. Queremos a justiça, e a demarcação das nossas terras.” A Shell se tem unido com a Cosan, empresa brasileira de etanol, em um empreendimento conjunto chamado Raízen. Parte do etanol da Raízen, que é vendido como biocombustível, é produzido a partir de cana de açúcar cultivada em terras ancestrais dos Guarani. Em uma carta para as empresas, os índios advertem que “depois que começou a funcionar a usina [referente à usina Nova América], a saúde ficou ruim para todos - crianças, adultos e animais”. (ECODEBATE, 2011)<sup>22</sup>.

A Raízen, gigante brasileira do setor sucroalcooleiro formada pela união das empresas Cosan e Shell, confirmou nesta quarta-feira que firmou um acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) pelo qual se compromete a não mais comprar cana de açúcar cultivada em áreas pertencentes a comunidades indígenas.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://brasil247.com/pt/247/brasil/29030/Empres%C3%A1rios-%C3%ADndios-s%C3%A3o-entrevistados-para-Centro-Oeste.htm>>. Acesso em: 27 de abr. 2012.

<sup>21</sup> Liderança do *Tekoha Guiraroka*, localizado no município de Caarapó/MS.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2011/09/08/indios-brasileiros-ordenam-que-shell-deixe-suas-terras/>>. Acesso em: 08 set. 2011.

A decisão ocorre em meio à polêmica envolvendo a reserva indígena Guyraroká, pertencente à tribo guarani, no município de Caarapó, no Mato Grosso do Sul. (BBC, 2012)<sup>23</sup>.

O ponto de partida para entendimento da luta Guarani e Kaiowa deve ser o entendimento da conflitualidade como um elemento inerente a sociedade de classe. Isto é evidenciado quando compreendemos que a expansão do setor sucroalcooleiro se coloca como um dos entraves para a conquista de retorno ao *Tekoha*, gerando conflitos diante da sua territorialização em áreas demarcadas e/ou em processo de demarcação. Temos, por um lado, o discurso hegemônico, por meio dos fazendeiros-empresários do agronegócio: “o impacto econômico será enorme caso se concretize o projeto de criação de novas áreas indígenas em territórios de 26 municípios”. E, de outro lado, o discurso indígena não hegemônico: “Queremos a justiça, e a demarcação das nossas terras”. E, ainda, neste estado de conflito há uma proposta de “resolução” que não atinge a essência do problema: “A Raízen [...] se compromete a não mais comprar cana de açúcar cultivada em áreas pertencentes a comunidades indígenas”.

O debate da expansão do setor sucroalcooleiro deve ser entendido para além das resoluções de problemas conjunturais, mas sim a partir da estrutura deste modelo de produção, pois ultrapassa o fato destas empresas estarem monopolizando os territórios Guarani e Kaiowa por meio de arrendamentos e/ou compra da cana de açúcar de fazendas que estão sofrendo processo demarcatório<sup>24</sup>. Esta situação deve ser entendida na perspectiva de que “[...] a terra é essencial para o desenvolvimento capitalista porque propicia uma acumulação de capital com base no tributo e na especulação, isto é, com base na renda da terra”. (MARTINS, 1994, p. 129). Neste sentido, é necessário adentrar o conceito de conflitualidade, ao considerar “as contradições e os paradoxos em que na solução de conflitos emerge tanto o desenvolvimento quanto novos conflitos” (FERNANDES, 2008, p. 26).

Exemplo desta contradição são as novas demandas reivindicatórias Guarani e Kaiowa que tem aumentado o número de *Tekoha* reivindicados para demarcação. Neste contexto, o agronegócio tem buscado disseminar a ideia de ampliação das reservas indígenas, enquanto um meio político e ideológico de negativizar a luta indígena, ao considerar que “índio tem muita terra, mas não trabalha” (dados de pesquisa de campo, 2012). Entretanto, as novas demandas reivindicatórias Guarani e Kaiowa pelos *Tekoha*, denuncia o modo em que os indígenas foram desterritorializados de seus territórios e, que hoje, diante de garantias de direitos perante o Estado brasileiro, estas sociedades podem reivindicar seus territórios. O aumento do número de *Tekoha* reivindicados torna representativo a conflitualidade existente no estado de Mato Grosso do Sul. Somente no ano de 2011, no município de Dourados, surgiram dois novos “acampamentos” de retorno ao *Tekoha*, que criaram novos tensionamentos sobre a posse e uso da terra, disseminando o medo do indígena perante o projeto de desenvolvimento do agronegócio<sup>25</sup>.

23

Disponível

em:

<[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120613\\_raizen\\_indios\\_lgb.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120613_raizen_indios_lgb.shtml)>. Acesso em: 13 de jun. 2012.

<sup>24</sup> Por meio do TAC (Termo de Ajustamento de Conduta), firmado em 12 de novembro de 2007 pelo Ministério Público Federal (MPF) e FUNAI, o estado de Mato Grosso do Sul tem 39 áreas indígenas em processo demarcatório, referentes à identificação e delimitação Terras Indígenas.

<sup>25</sup> Um destes acampamentos é o *Ñu Verã*, que tem conseguido cada dia mais aglutinar um número maior de pessoas para que seu *Tekoha* seja demarcado pelo Estado brasileiro enquanto Terra Indígena.

Foto 1: Fazenda com cana de açúcar cercada com concreto no município de Dourados/MS



Fonte: dados de pesquisa de campo, 2012.

Figura 1: Famasul<sup>26</sup> sugere segurança armada contra as invasões

**Diário** Segunda-feira, 23 de março de 2009 • CIDADE 07

## Famasul sugere segurança armada contra as invasões

Índios estão de olho em 19.980 fazendas no Estado, das quais, 70% são pequenas propriedades

**De Campo Grande**

A decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) a favor de demarcação continua na reserva Raposa/Serra do Sol, em Roraima, deixou os produtores de Mato Grosso do Sul em alerta, em razão do processo de demarcação que pode afetar pelo menos 26 áreas ocupadas por fazendeiros. As áreas estão passando por vistorias e se forem consideradas como terras indígenas, muito provavelmente os fazendeiros serão desalojados.

A Famasul (Federação de Agricultura e Pecuária do Mato Grosso do Sul) criou uma comissão para avaliar os impactos que a decisão do STF pode trazer para o Estado. O presidente da Famasul, Ademar Silva Júnior, se diz preocupado com os desdobramentos.

No caso de Roraima, o STF aprovou a demarcação definitiva de 1 milhão 700 mil hectares da reserva Raposa/Serra do Sol e decidiu que os índios serão os únicos donos da terra. A área era alvo de disputas entre grupos indígenas e agricultores. Com essa decisão os não-índios terão que se retirar da região.

O caso de Roraima passa a ser parâmetro para outras decisões sobre áreas supostamente indígenas, já que foram estabelecidas 19 condições que também servirão de base para futuras demarcações e para as que caíam em andamento no país. Pela decisão sobre Raposa/Serra do Sol, as Forças Armadas e Polícia Federal não dependem de autorização da Funai para entrar em reservas indígenas e todas as classes en-

volvidas têm direito a acionar judicial o processo de demarcação.

Os produtores só viram um ponto positivo na decisão do Supremo – a proibição de ampliação de terras indígenas já demarcadas, inclusive as que foram reconhecidas antes da constituição de 1988. Isso pode ajudar a resolver o impasse entre brancos e índios em Mato Grosso do Sul. Segundo o advogado José Alexandre de Lima, a ressalva é importante porque tranquiliza o setor produtivo. Segundo a Famasul, 26 municípios estão relacionados na Portaria da Funai sobre vis-

torias para eventuais demarcações. As áreas concentram 19.980 propriedades rurais que totalizam uma área de 10 milhões de hectares. Cerca de 70% das terras são exploradas por pequenos produtores.

Mato Grosso do Sul tem a segunda maior população indígena do País. São 75 mil índios vivendo em 72 aldeias

**SEGURANÇA ARMADA**

A Famasul pretende orientar os proprietários quanto ao uso de segurança privada para proteger seus bens. A segurança privada é regulamentada pela legislação federal. "Não queremos conflitos, mas que o produtor possa defender seu patrimônio que tanto suou para ter", disse Ademar, ao anunciar que a entidade está prevenindo as invasões de terras durante o mês de abril. A Famasul ressalva que não se trata de confronto com os índios, mas "com a manipulação, que cada vez se faz mais evidente".

**Prevenindo Invasões em abril, fazendeiros são orientados a contratar segurança privada para proteger suas propriedades**

Fonte: Jornal Diário/MS (MOTA, 2011).

<sup>26</sup> Federação da Agricultura e Pecuária do Mato Grosso do Sul.



Neste contexto de luta, na constituição de novos “acampamentos” de retomadas, há um aumento expressivo de fazendas com cana de açúcar que estão sendo cercadas, inclusive com concreto, para impedir novas retomadas dos indígenas (Foto I). Ainda, há um aumento abusivo de capangas-pistoleiros, revestidos de segurança, para garantirem o direito da propriedade privada e impedir o movimento de luta Guarani e Kaiowa pelo *Tekoha* (Figura I). Esta situação, como assevera Bernardo Mançano Fernandes (2008, p. 26-27), demonstra que “Os acordos, pactos e tréguas definidos em negociações podem resolver ou adiar conflitos, mas não acabam com a conflitualidade, porque esta é produzida e alimentada dia-a-dia pelo desenvolvimento desigual do capitalismo”. Ou seja,

A conflitualidade é uma propriedade dos conflitos e está relacionada, essencialmente, à propriedade da terra, à renda da terra, à reprodução capitalista do capital, conseqüentemente à concentração da estrutura fundiária e aos processos de expropriação dos camponeses e assalariados por diversos meios e escalas e bases sociais, técnica econômica e política. A resposta é a luta pela terra, reforma agrária [demarcação de Terras Indígenas], resistência na terra e a perspectiva de superação da questão agrária.

A luta Guarani e Kaiowa pelo *Tekoha* ultrapassa os delineamentos de demarcação pontual de territórios tendo como intencionalidade a conquista de uma política que garanta condições de reprodução de vida destas sociedades e o direito de retomarem os territórios que estão sendo reivindicados. Evidentemente, esta luta deve ser entendida como resultante de uma conflitualidade inerente a questão agrária brasileira. Intrínseco a estas reivindicações está a necessidade de constituição de um novo modelo de produção para o campo, de modo que o Estado brasileiro terá que alterar a estrutura fundiária e o seu modelo de produção pautada no monocultivo para exportação. Neste aspecto, é condizente dizer, como demonstra José de Souza Martins (1994, p. 12-13) que:

Na verdade a questão agrária engole a todos e a tudo, quem sabe e quem não sabe, quem vê e quem não vê, quem quer e quem não quer. O conjunto da trama social de algum modo passa por ela, por sua mediação: das deformações na representação política no Congresso Nacional e suas insistentes práticas fundadas na dominação patrimonial à disseminada cultura do favor e às nossas ingenuidades políticas cotidianas.

A conflitualidade é inerente à construção do território e, por isso, ela é parte integrante da disputa que envolve os indígenas e fazendeiros-empresários do agronegócio em Mato Grosso do Sul. De acordo com Bernardo Mançano Fernandes (2008, p. 26), “Um conflito pode ser “esmagado” ou pode ser resolvido, entretanto a conflitualidade não”. Ou seja, o conflito é um aspecto da conflitualidade, mas a resolução de problemas, referente à posse e uso da terra, é muito mais complexa do que a aparente demarcação de uma ou outra Terra Indígena. De modo que a luta Guarani e Kaiowa não deve ser analisada a partir de uma perspectiva conjuntural somente, mas, sim, por meio do entendimento da existência de um modelo hegemônico de desenvolvimento do capitalismo no campo denominado de agronegócio.

Em oposição a este modelo hegemônico de produção no campo, a luta Guarani e Kaiowa por seus *Tekoha* está sendo construída pela utopia de que outro mundo é possível. Na construção de outras formas de viver ao retornarem aos seus territórios, nas bases do *Teko Porã* e/ou *Ñande Reko*, esta possibilidade é inerente aos modos em que viviam os antigos em seus territórios. Ou seja, retomar os *Tekoha* se dá pela busca de reproduzirem o modo correto de viver e ser Guarani e Kaiowa em aproximação e comparação aos modos de vida dos antigos e dos ensinamentos por eles deixados. Para isto, é necessário “juntar as pessoas e retomar nossas terras”, segundo aponta uma *Ñandesy* (2012). Deste modo é por meio de uma organização coletiva, unindo forças, que a luta Guarani e Kaiowa está sendo construída pela/na retomada de seus *Tekoha*.

## Entre o que era e o que é: as *Aty Guasu* e a construção do *Tekoharã*

“*Tekoharã é o que vai ser*”  
(Liderança Kaiowa)

“*A gente tem que retomá nosso Tekoha que foi roubado pelo branco... a gente tá querendo construir nosso jeito de viver Guarani Kaiowa*”.  
(*Nandesy Kaiowa*)

A partir da narrativa acima é possível afirmar que a luta Guarani e Kaiowa pelo retorno ao *Tekoha* é marcada por três momentos de suas trajetórias-histórias. A primeira, como os antigos viviam em seus territórios, ou seja, o modo em que se organizavam socioterritorialmente no *Tekoha* em relação e interdependência ao *Tekoha Guasu*. Deste modo, as relações vividas no *Tekoha* expressam o modo correto de viver e ser Guarani e Kaiowa, o lugar onde era possível reproduzir o *Teko Porã* e/ou *Ñande Reko*, ou seja, seu modo de vida.

O segundo momento é o processo de transformação de seus modos de viver em comparação a organização socioterritorial no *Tekoha* vivida pelos antigos, se dá a partir da representação do *impacto da perda da terra* para os Guarani e Kaiowa, expressão utilizada por Antonio Jacó Brand (1997). Ainda, inaugura as novas formas de viver “fora” do *Tekoha* e a imposição do *Teko Vai* – o modo incorreto de viver e/ou modo não indígena de ser e viver. Neste contexto, as novas formas de criação e recriação de sua existência passam por estas transformações, como demonstra uma Kaiowa “o jeito que a gente tá vivendo não é bom, Kaiowa Guarani perde a cultura, não vive mais como os antigos vivia... tá querendo viver igual branco”.

E, o terceiro momento, representa a imposição dos modos de viver a partir das condições do presente, assim como a utopia de outras possibilidades de vida, de novamente conseguirem reproduzir o *Teko Porã* e/ou *Ñande Reko*, o modo correto de viver. Representa o que pode ser construído diante da possibilidade de retomarem seus *Tekoha* e produzirem seus modos de viver em comparação e/ou aproximação aos modos em que viviam os antigos, ou seja, a construção do *Tekoharã* (que será discutido adiante).

Para entender a luta Guarani e Kaiowa pelo *Tekoha*, é necessário compreendermos que esta luta tem como base a exclusividade e controle de uma rede social de parentesco, pois como expressa uma liderança Kaiowa “o *Tekoha* é o lugar que a gente estava com os parentes. Não estava tudo esparramado”. Ainda, como esclarece uma liderança Kaiowa, se dá na perspectiva de “juntar os parentes... a luta é retomá nossa terra. Não é toda terra, é só nosso *Tekoha*” (dados de pesquisa de campo, 2011; 2012).

Para isto, os Guarani e Kaiowa se organizam a partir das *Aty Guasu*, que é uma denominação nativa da língua guarani, que significa “grande assembleia e/ou grande reunião”, sendo um movimento político-religioso, como considerado pelo Kaiowa Tonico Benites<sup>27</sup>. A base de sua organização tem como centro a religiosidade, pois é a partir dela que as questões políticas são discutidas, assim como possibilita o discernimento de tomadas de decisões, na perspectiva de que tudo dê certo. Neste sentido, é por meio da reza que os Guarani e Kaiowa buscam pedir para *Ñandejarã* e/ou *Ñanderuvussu*, - Deus Grande -, para amansar o “branco”.

É por meio da *Aty Guasu* que os Guarani e Kaiowa discutem a atual situação que estão vivendo, referente a condições de saúde, educação, alimentação e a retomada de seus *Tekoha*. Estas assembleias e ou reuniões tem sido um importante meio reivindicatório de garantias de direitos, sobretudo, sobre seus territórios ao reivindicá-la perante a sociedade nacional e o Estado brasileiro. A *Aty Guasu* é articulada a partir de uma rede de sociabilidade, já que estas reuniões acontecem alternadamente em várias reservas e/ou aldeias, Terras Indígenas e “acampamentos” de retomadas. A escolha dos locais onde

<sup>27</sup> Palestra ocorrida durante o Congresso de Arqueologia, Etnologia e Etnohistória – CIAEE, durante os dias 05 a 08 de junho de 2012, na Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD.



ocorrerão as *Aty Guasu* está diretamente relacionada às demandas reivindicatórias, prioritariamente nos lugares em que esteja acontecendo algum tipo de conflito, de modo que esta reunião, marcada pela religiosidade, possa de alguma forma, a partir da reza “amansar o conflito com o branco”, expressão de uma *Ñandesy* da Reserva Indígena de Dourados.

Ainda, uma questão relevante nas *Aty Guasu* é a participação das crianças em todos os espaços de discussão política e religiosa. Sua importância é demonstrada da seguinte forma, principalmente pelos *Ñanderu* e *Ñandesy*: “criança fica com a família, participa de tudo”, “aprender sobre o que é ser índio de verdade”; “aprender com os velhos como reza de verdade”; “tem que saber da luta nossa”; “saber da nossa luta para retoma nossa terra”, “a criança que não participa não sabe da cultura”; “se não passar a cultura, perde a cultura...” (dados de pesquisa de campo). Deste modo, a importância das crianças nas *Aty Guasu* esclarece nosso entendimento de que os saberes-fazeres dos modos de ser e estar Guarani e Kaiowa se constrói pela sua prática (em aproximação a consideração de Paul Claval, 2011).

A partir da foto abaixo, durante uma reza em uma *Aty Guasu*, marcada pelo poder dos *Ñanderu* e *Ñandesy*, podemos notar que estes são espaços de sociabilidade das crianças, pois é no estar neles que os meninos e meninas Guarani e Kaiowa constroem suas relações de pertencimento com os *Tekoha* e, como considera uma liderança, podem “continuar nossa luta”.

**Foto 2: *Aty Guasu* no *Tekoha* Passo Piraju**



**Fonte:** dados de pesquisa de campo, 2010.

É a partir da *Aty Guasu* que se pode visualizar a necessidade de agregar parcerias para terem maior força social para lutarem por suas demandas reivindicatórias, fundamentalmente, na luta por seus *Tekoha*. O conceito de força social, discutido por Maria da Glória Gohn (1997, p. 258), elucida a importância de agregar parcerias para fortalecer a luta, ao dizer que “A força social é obtida a partir da análise do cenário do processo político mais amplo em que o movimento se desenrola, pela análise de suas redes e articulações, ou seja, de seus princípios articulatórios interno e externo”.

Nas *Aty Guasu* se torna representativo a necessidade de juntar as pessoas a partir de interesses comuns, assim como obter força social por meio da participação e apoio de estudantes, professores universitários, organizações não governamentais, deputados, senadores, entidades de apoio, como Conselho Indigenista Missionário e Comissão Pastoral da Terra, entre outros. A necessidade de obter esta força é demonstrada por um *Nanderu Kaiowa*: “Precisamos de força na nossa luta. A gente tá organizado. Estamos discutindo os nossos problemas, problema da terra, das coisas da nossa aldeia... Nós precisamos da terra nossa. [...] Tem branco que apoia nossa luta. Quanto mais gente melhor, né” (dados de pesquisa de campo, 2011).

Neste contexto, é por meio da *Aty Guasu* que os Guarani e Kaiowa conseguem articular as comunidades por meio de interesses comuns e discutir as demandas reivindicatórias que serão priorizadas em sua luta. Neste aspecto, nos permite dizer que as *Aty Guasu* se constroem enquanto territórios de encontros, no compartilhamento de ideias e estratégias de luta, pois é a partir dela que os Guarani e Kaiowa conseguem se fortalecer e articular os parentes e aliados à luta, se fortalecendo enquanto movimento étnico-socioterritorial político-religioso, criando territórios-rede e/ou uma multiterritorialidade construída pela/na luta.

Neste contexto de resistência e novas possibilidades de existir e ser Guarani e Kaiowa, consideramos a existência de mais de 35 acampamentos indígenas no estado de Mato Grosso do Sul. Estes acampamentos têm organizações socioterritoriais específicas e distintas entre si, alguns deles, existem há mais de 30 anos (dados de pesquisa de campo)<sup>28</sup>. Atualmente, o estado de Mato Grosso do Sul tem uma estimativa de 27 “acampamentos” de retomadas Guarani e Kaiowa que se encontram localizados nas margens de rodovias e vicinais, próximos, ao arredor e/ou dentro do que compreende seus *Tekoha* reivindicados sobre o controle territorial dos não índios<sup>29</sup> (dados de pesquisa de campo, 2009; 2010; 2011; 2012).

O que estamos denominando de “acampamentos” de retomadas, com aspas, se deve a seguinte prerrogativa: o conceito de acampamento está atrelado à luta pela terra dos movimentos socioterritoriais pela Reforma Agrária, fundamentalmente, o MST. Mas, entendemos que a multidimensionalidade da terminologia acampamento requer que deva ser entendida e discutida no envolvimento com os indígenas, no “estar lá”, partindo do entendimento das múltiplas formas de territorialização Guarani e Kaiowa. No que concerne aos territórios de retomadas, *a priori*, apontamos a terminologia *Tekoharã* referente aos *Tekoha* reivindicados.

Segundo Levi Marques Pereira (2012), na década de 1980, o termo utilizado para estes territórios reivindicados se dava por meio da expressão áreas em conflitos<sup>30</sup>. Atualmente, este termo é uma expressão utilizada pelos meios de comunicação, aparece de forma corriqueira nos jornais regionais do estado de Mato Grosso do Sul, que busca demonstrar os tensionamentos entre indígenas e não indígenas, fundamentalmente, referente aos fazendeiros-empresários do agronegócio em disputa pelo território. Também, apontamos a apropriação deste termo pelos indígenas, muito utilizado na década de 1980,

<sup>28</sup> Consideramos que nem todos os acampamentos Guarani e Kaiowa buscam retomar *Tekoha*, pois muitas vezes os mesmos não são provisórios e devem ser entendidos no processo de esbulho de seus *Tekoha*, de modo que *a priori* os acampamentos podem não ter cunho reivindicatório à demarcação de Terras Indígenas. Todavia, há necessidade de maiores averiguações sobre a realidade vivida nestes acampamentos, assim como as estratégias de luta Guarani e Kaiowa que muitas vezes possibilita a seguinte reflexão: estes acampamentos são formas socioterritoriais de continuarem a viver em seus territórios e/ou nas proximidades dos mesmos “fora” dos padrões civilizatórios impostos aos indígenas que vivem em condição de reserva.

<sup>29</sup> Juliana Grasiéli Bueno Mota (2011) se equivocou ao dizer que existem aproximadamente 12 acampamentos de retomadas. Estes são referentes aos acampamentos que foram mapeados juntamente com CIMI, no ano de 2010.

<sup>30</sup> Levi Marques Pereira tem contribuído substancialmente neste debate. É a partir do diálogo com ele que estamos construindo estes apontamentos iniciais referente aos termos “áreas em conflito” e *Tekoharã*.

ainda é uma expressão recorrente no tocante as retomadas pelo *Tekoha*, mas que tem passado por transformações no contexto de seu uso. Exemplo deste uso é esta expressão, áreas em conflitos, aparecer em uma placa elaborada pelos indígenas em um território de retomada, no *Tekoha Ñu Porã*.

**Foto 3:** Área em conflito *Tekoha Ñu Porã*.



**Fonte:** dados de pesquisa de campo, 2012.

O surgimento da expressão *Tekoharã* deve ser entendido da seguinte forma: Para Levi Marques Pereira (2012), a expressão áreas em conflitos traz uma conotação pejorativa, contrapondo-se a organização socioterritorial Guarani e Kaiowa que tem como campo mítico a reprodução do *Teko Porã e/ou Ñande Reko* – Bem Viver. Estas duas palavras na língua guarani são inerentes ao modo de ser e viver Guarani e Kaiowa, como elenca uma *Ñandesy Kaiowa*: “*Teko Porã* é o jeito de ser Kaiowa. Índio Kaiowa não gosta de briga...” (dados de pesquisa de campo, 2012).

Neste aspecto, o termo áreas em conflitos tensiona a compreensão Guarani e Kaiowa sobre o modo correto de viver, fundamentalmente, marcado pela expressão recorrente que “Kaiowa [e Guarani] não gosta de briga”. A partir desta premissa, é possível entender as transformações nos modos em que os Guarani e Kaiowa têm compreendido a conflitualidade que envolve a luta pelos *Tekoha* buscando positivá-la a partir do significado da expressão *Tekoharã*.

Como já considerado, *Teko* dá sentido a um modo de vida, enquanto o sufixo *Harã* traz a conotação de futuro na língua guarani. Assim, o *Tekoharã* pode ser entendido da seguinte forma: o que será construído com a demarcação de seus *Tekoha e/ou* o que poderá ser vivido no *Tekoha* a partir das relações em que participam as relações com o passado, referente ao modo de vida dos antigos, e os novos modos de viver, do tempo presente. Levi Marques Pereira (2012) considera o seguinte, referente ao aparecimento da expressão *Tekoharã*: “A partir de 2010 ou 2011 comecei a ouvir o termo “*tekoharã*”, para

denominar as terras reivindicadas. [...] “tekoharã” expressa uma conotação positiva, aponta para o futuro, para um espaço de construção de relações mais harmônicas<sup>31</sup>”.

Ainda, é notória a presença desta expressão na Carta do Povo Kaiowa e Guarani do Mato Grosso do Sul, referente ao I Encontro dos Indígenas Acampados e/ou I Encontro de *Tekoharã*, que ocorreu em novembro de 2011, no *Tekoha Itay*, no município de Douradina/MS. Por meio desta carta é possível dizer que o *Tekoharã* é um termo que está sendo utilizado para os *Tekoha* que estão sendo reivindicados, como apontado por Levi Marques Pereira. Assim, está sendo utilizado para referenciar o que muitos não indígenas têm traduzido como “acampamentos” de retomadas, termo este que não tem sido reconhecido por algumas lideranças, *Ñanderu* e *Ñandesy* que estão reivindicando *Tekoha*. Pois, como esclarece uma liderança (2012) *Tekoha Ñu Verã*, localizado no município de Dourados: “aqui não é acampamento, aqui é o lugar que o índio vivia [...]. Acampamento é outra coisa, não é coisa do índio, aqui neste lugar, é nosso *Tekoha Ñu Verã*. Agora a gente tá voltando a viver no nosso lugar de verdade, a gente foi expulso pelo fazendeiro”. Deste modo, a expressão *Tekoharã* possibilita dizer que esta é uma nova forma de denominar os “acampamentos” de retomadas, ao mesmo tempo em que se refere ao que poderá ser construído ao retomarem seus *Tekoha*.

Podemos considerar que os Guarani e Kaiowa têm apresentado a partir desta expressão novas definições espaciais para pensar os *Tekoha* reivindicados no contexto de disputa pelo território. Ainda, seu surgimento pode ser entendido no contexto das representações pejorativas dos não indígenas em deslegitimar a luta Guarani e Kaiowa pelo território, a partir de discursos como “*MS não será terra de índio*”, disseminada pelo governador de Mato Grosso do Sul, André Puccinelli<sup>32</sup>. Neste contexto de disputa busca-se estigmatizar a luta dos índios, ao atrelá-los à condição de passado, arcaico e atrasado, a fim de deslegitimar o direito indígena sobre seus territórios tradicionalmente ocupados. Por sua vez, enaltece o modelo de desenvolvimento agronegócio a partir dos ideais de futuro, trabalho e progresso (MOTA, 2011).

Deste modo, nestas disputas pelo território, *Tekoharã* traz a representação do que pode ser construído a partir deste tensionamento, a partir de relações mais harmônicas de viver. Talvez, o que os Guarani e Kaiowa estejam nos querendo dizer é que as relações vividas antes da chegada do não indígena não serão possíveis de ser realizadas como faziam os antigos, já que seus *Tekoha* passaram por grandes transformações espaciais. Como expressa um *Ñanderu* Kaiowa (2011) ao demonstrar as transformações em seu *Tekoha*: “cará [é um tubérculo, uma espécie de batata] tinha de toda cor, agora não tem mais, difícil achar isso daí... O matinho que índio se escondia, agora é cana. Mudou muita coisa no nosso *Tekoha*, a gente está acompanhando a mudança, a gente vai lá vigiar nosso *Tekoha*...”.

Os Guarani e Kaiowa conseguem perceber as mudanças socioterritoriais em seus *Tekoha*, assim como as transformações em seus modos de viver. *A priori* podemos dizer que os Guarani e Kaiowa estão lutando para fazer valer seu direito sobre seus territórios, de modo que o primeiro passo da luta é a retomada dos *Tekoha* e a construção do *Tekoharã* nas bases do *Teko Porã* e/ou *Ñande Reko*.

Neste contexto, as expressões *Tekoha* e *Tekoharã* devem ser analisadas a partir da atual situação vivida por estas sociedades no tocante às disputas que envolvem os índios e os fazendeiros-empresários do agronegócio. Assim, se por um lado, são expressões que participam do arcabouço mítico-religioso Guarani e Kaiowa, por outro, não pode deixar de ser entendido enquanto um meio político-ideológico de luta.

## Apontamentos finais

<sup>31</sup> Diálogos com Levi Marques Pereira via e-mail em fevereiro de 2012.

<sup>32</sup> Jornal “O Progresso”, dia 04 de agosto de 2008.

As utopias Guarani e Kaiowa estão, fundamentalmente, marcadas pela necessidade de retorno ao *Tekoha* e a construção do *Tekoharã* nos preceitos do *Teko Porã* e/ou *Ñande Reko*. Para isto, o caminho de reivindicação de seus territórios passa necessariamente pela mudança da estrutura fundiária sul-matogrossense, que atualmente tem sido apropriada pela expansão do agronegócio sucroalcooleiro em territórios Guarani e Kaiowa.

A questão chave desta luta é a busca por outras formas de viver em contraponto a precariedade em que vivem hoje. A *Aty Guasu*, com certeza, é importante elemento aglutinador de força social necessária para os Guarani e Kaiowa seguirem lutando por seus *Tekoha*, assim como para reivindicarem o direito a ter direitos e fortalecer os direitos já reconhecidos.

Em suma, *Tekoha* e *Tekoharã* são indissociáveis para entender os modos em que os Guarani e Kaiowa estão criando-criando seus modos de viver a partir das condições atuais, assim como *Tekoha-Tekoharã* estão imbricados um ao outro e devem ser entendidos em sua complementaridade. Por meio deste artigo trouxemos alguns apontamentos iniciais que esperamos solidificar no processo de construção da pesquisa de doutorado: “Entre o *Tekoha* e o *Tekoha Guasu*: os “acampamentos” de retomadas Guarani e Kaiowa no estado de Mato Grosso do Sul”. Para finalizar, por meio das palavras de uma liderança Kaiowa, “*A gente segue caminhando, não pode parar*”. Isso serve para a construção da pesquisa e, fundamentalmente, para a luta Guarani e Kaiowa em construção do *Tekoha-Tekoharã*.

## Referências bibliográficas

BRASIL247. **Empresários do DF: índios são entrave para Centro-Oeste.** Disponível em: <<http://brasil247.com/pt/247/brasil/29030/Empres%C3%A1rios-%C3%ADndios-s%C3%A3o-entrave-para-Centro-Oeste.htm>>. Acesso em: 27 de abr. 2012.

BBC. **Parceria Shell-Cosan desiste de comprar cana de açúcar de Terras Indígenas.** Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120613\\_raizen\\_indios\\_lgb.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120613_raizen_indios_lgb.shtml)>. Acesso em: 13 de jun. 2012.

BRAND, Antonio Jacó. **O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra.** 1997. Tese (Doutorado em História) - PUC, Porto Alegre, 1997.

CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In: SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 09-16.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES; Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Explorações geográficas: Percursos no fim do século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-118.

\_\_\_\_\_. Geografia vernaculares e conhecimento do meio: grades de observação e sistemas de informação geográfica. In: \_\_\_\_\_. **Epistemologia da geografia.** Florianópolis: EdUFSC, 2011. p.33-37.

ECODEBATE. **Índios brasileiros ordenam que Shell deixe suas terras.** Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2011/09/08/indios-brasileiros-ordenam-que-shell-deixe-suas-terras/>>. Acesso em: 08 set. 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: BUAINAIN, A. M. (Editor). **Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil.** Editora da Unicamp, 2008.



FERNANDES, Bernardo Maçano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, ano 8, n. 6, ano, p. 14-34, jan./jun de 2005.

FERNANDES, Bernardo Maçano. Entrando nos territórios do território. *In*: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Org.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 273-301.

FERNANDES, Bernardo Maçano. Sobre a tipologia de territórios. *In*: SAQUET, Marco Aurélio; SPÓSITO, Eliseu Sáverio (Org.). **Territórios e territorialidade**: teoria, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-215.

GOHN, Maria da Gloria. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GONÇALVES, Marco Antonio. Parte I: Analogia e escrita etnográfica. *In*: \_\_\_\_\_. **Traduzir o outro**: etnografia e semelhança. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. p. 17-51.

KUHN, Thomas Samuel. A resposta à crise. *In*: \_\_\_\_\_. **A estrutura das revoluções científicas**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1994. p. 109.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2012). **Os indígenas no censo demográfico 2010**: primeiras considerações com base no requisito cor e raça. Rio de Janeiro: IBGE.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas do Brasil – 2006/2010**. São Paulo: ISA, 2011.

MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MORENO, Gislaine. **Terra e poder em Mato Grosso**. Cuiabá: EDUFMT, 2007.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios e territorialidades Guarani e Kaiowa**: da territorialização precária na Reserva Indígena de Dourados à multiterritorialidade. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFGD, Dourados, 2011.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, ano 19, v. 2, n. 21, p. 113-156, jul./dez. 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Primeira Parte: O conhecimento antropológico. *In*: \_\_\_\_\_. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: EdUNESP, 2000, p. 17-36.

PEREIRA, Levi Marques. **Parentesco e organização social Kaiowa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – IFCH, UNICAMP, Campinas, 1999.

PEREIRA, Levi Marques. **Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno**. Tese (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, USP, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Levi Marques. Assentamentos e formas organizacionais dos Kaiowá atuais: o caso dos “índios de corredor”. **Revista Tellus**, Campo Grande: UCDB, Ano 6, n. 10, p. 69-81, 2006.

PEREIRA, Levi Marques. Mobilidade e processos de territorializações entre os Kaiowá atuais. **Revista História em Reflexão**, Dourados: UFGD, vol. 1, 2007.

PEREIRA, Levi Marques. Demarcação de terras kaiowa e guarani em MS: ocupação tradicional, reordenamentos organizacionais e gestão territorial. **Revista Tellus**, Campo Grande: UCDB, ano 10, n. 18. p. 115-137, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de; MARQUEZ, Marta Inês Medeiros. **O campo no século XXI: Território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa Amarela; Paz e Terra, 2004. p. 207-254.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, José Afonso da (2008). **A consulta: Demarcação de Terra Indígena**. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/inst/esp/raposa/?q=node/260>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TAC – **Termo de Ajustamento de Conduta MPF/FUNAI**, 2007. (Documento digitalizado).

THOMAZ JUNIOR, Antonio. O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. **Revista Campo Território**, Uberlândia, v.5, n.10. p. 01-30. 2010.

WELCH, Clifford Andrew; FERNANDES, Bernardo Mançano. Agricultura e Mercado: campesinato e agronegócio da laranja nos EUA e Brasil. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Org). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 161-190.

# Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro<sup>1</sup>

## Onélia Carmem Rossetto

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela UnB  
Professora do Departamento de Geografia da UFMT – *Campus* de Cuiabá  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMT – *Campus* de Cuiabá  
Líder do Grupo de Pesquisas Geografia Agrária e Conservação da  
Biodiversidade do Pantanal – GECA(UFMT)  
e-mail: carmemrossetto@gmail.com

## Eduardo Paulon Girardi

Doutor em Geografia pela Unesp – *Campus* de Presidente Prudente  
Professor do Departamento de Geografia da Unesp – *Campus* de Presidente Prudente  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMT – *Campus* de Cuiabá e  
do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp de Presidente Prudente  
Vice-líder do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA (Unesp)  
e pesquisador do Grupo de Pesquisas Geografia Agrária e Conservação da  
Biodiversidade do Pantanal – GECA (UFMT)  
e-mail: girardi@fct.unesp.br

## Resumo

Neste artigo apresentamos uma análise da dinâmica agrária do Pantanal brasileiro com foco na porção mato-grossense e, para isso, tomamos como referência a sustentabilidade socioambiental. A abordagem da dinâmica agrária a partir da sustentabilidade socioambiental é particularmente útil neste caso por se tratar o Pantanal de uma região com importante peso do rural e de ecossistema frágil e particular, cuja maior parte das terras está sob o domínio privado, e que tem apresentado sinais de intensificação da antropização pela atividade econômica dominante – a pecuária. Com este artigo esperamos contribuir de alguma forma para o entendimento da dinâmica agrária do Pantanal, região bastante negligenciada pelos estudos desta natureza.

**Palavras-chave:** dinâmica agrária, sustentabilidade socioambiental, Pantanal, pecuária.

## Resumen

### Dinámica agraria y sustentabilidad socioambiental en el Pantanal brasileño

En este artículo se presenta un análisis de la dinámica agraria del *Pantanal* brasileño centrado en la fracción del estado de Mato Grosso y para ello tomamos como referencia la sustentabilidad socioambiental. Un enfoque de la dinámica agraria a partir de la sustentabilidad socioambiental es particularmente útil en este caso, por tratarse el *Pantanal* de una región con un peso importante de lo rural, con un ecosistema frágil y particular, cuya mayor parte de la tierra es de dominio privado, y que ha presentado signos de intensificación de la antropización por la actividad económica dominante: la actividad pecuaria. Con este

---

<sup>1</sup>Pesquisa desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisas em Geografia Agrária e Conservação da Biodiversidade do Pantanal – GECA/UFMT, vinculado ao Centro de Pesquisas do Pantanal – CPP – e ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas – INAU. Apoio Ministério de Ciência e Tecnologia – MCT.



artículo se espera contribuir de alguna manera a la comprensión de la dinámica agraria del *Pantanal*, región bastante descuidada en los estudios de esta naturaleza.

**Palabras clave:** dinámica agraria, sustentabilidad socioambiental, Pantanal, pecuaria.

## Résumé

### Dynamique agraire et durabilité socio-environnementale dans le *Pantanal* brésilien

Dans cet article nous présentons une analyse de la dynamique agraire du *Pantanal* brésilien, plus spécifiquement de sa portion dans l'état de *Mato Grosso* et pour cela nous prenons comme référence la durabilité socio-environnementale. L'approche de la dynamique agraire à partir de la durabilité socio-environnementale est particulièrement utile dans ce cas, s'agissant le *Pantanal* d'une région avec un poids important du rural et d'un écosystème fragile et particulier, où la plupart des terres se trouvent dans le domaine privé, et qui présente des signes d'intensification de l'anthropisation par l'activité économique dominante – l'élevage. Avec cet article nous espérons contribuer de quelque façon à la compréhension de la dynamique agraire du *Pantanal*, région assez négligée dans les études de cette nature.

**Mots clés:** dynamique agraire, durabilité socio-environnementale, *Pantanal*, élevage.

## Introdução

Existem diversas compreensões sobre a tentativa de compatibilizar crescimento econômico, desenvolvimento e baixo impacto ambiental. Para subsidiar as análises neste artigo identificamos, de forma geral, duas abordagens: a primeira defendida por teóricos que acreditam no surgimento de uma nova ética caracterizada pelo reconhecimento e respeito ao outro, na geração de uma política de diálogo e consenso, através de trocas institucionais mobilizadas por novos valores e racionalidades; a segunda abordagem contesta os termos desenvolvimento e sustentável considerando-os como opostos e sua realização conjunta, embora necessária, uma utopia.

Adepto da primeira abordagem, Leff (2000) afirma que a tomada de consciência sobre a necessidade do desenvolvimento sustentável reflete o confronto de diversos tempos: o tempo da degradação antrópica, das crises econômicas, dos ciclos da natureza, da inovação tecnológica e das trocas institucionais. Logo, as diversas temporalidades resultam na construção de novos paradigmas relativos aos comportamentos sociais, políticos e econômicos dos países.

Integrante do segundo grupo, Rodrigues (1998) refere-se a esse termo como uma falsa utopia, ressaltando a contradição entre o termo desenvolvimento e o termo sustentável. O primeiro é considerado pelo autor como um *slogan*, um tema da ideologia oficial que se relaciona à ideia de progresso vinculado ao crescimento econômico, industrial e ao avanço do domínio técnico-científico sobre a natureza, que resultou em sua degradação. O segundo termo – sustentável – está atrelado ao equilíbrio do meio físico, ecológico e social, impossível de ser alcançado, caso permaneçam as atuais características de desenvolvimento. Assim, o termo desenvolvimento sustentável é substituído por sociedade sustentável, apresentando como essência o desenvolvimento social, considerado a verdadeira utopia.

O referencial analítico deste artigo tem como referência a primeira abordagem e está centrado nos aspectos da sustentabilidade socioambiental preconizados por Sachs (1992), que postula a possibilidade de harmonização dos objetivos sociais e econômicos com a gestão racional dos elementos naturais, desde que os recursos potenciais de cada ecossistema sejam valorizados mediante técnicas adequadas e sejam aplicados os

princípios do ecodesenvolvimento, de forma que a sustentabilidade social seja considerada com o mesmo grau de importância que o crescimento econômico. Contudo, não rejeitamos completamente as defesas da segunda abordagem, dado o gigantesco desafio de alcançar a sustentabilidade socioambiental no capitalismo.

O desenvolvimento sustentável é multidimensional, agrupa aspectos sociais, ecológicos, econômicos, políticos, institucionais e culturais. Essas dimensões devem ser entendidas como um sistema articulado, incluindo elementos antagônicos ou que concorrem entre si. Daí a necessidade da gestão de conflitos baseados em uma nova abordagem de desenvolvimento econômico que comporta

[...] um núcleo ético que adota a forma de imperativo de solidariedade sincrônico com os nossos contemporâneos, e diacrônico com as gerações futuras. Estamos, pois, no oposto da sociedade de dupla velocidade e do economicismo míope que privilegia o conhecimento na e pela desigualdade social. (SACHS, 1992, p. 123).

A partir deste referencial sobre a sustentabilidade socioambiental, iremos analisar, neste artigo, o caso do Pantanal brasileiro. Contudo, longe de pretender analisar todas as dimensões inerentes à sustentabilidade socioambiental, analisamos especificamente os elementos da formação e dinâmica agrárias do Pantanal brasileiro, o que fazemos, porém, tendo como referência o quadro geral da sustentabilidade socioambiental.

O Pantanal é uma região com características ambientais peculiares e de frágil ecossistema, cuja ocupação foi baseada na pecuária extensiva, que, ainda hoje, é sua base econômica, porém em transformação no que diz respeito às formas de uso da natureza. É na análise dessas transformações recentes, na prática pecuária e seus desdobramentos ambientais e sociais que centraremos nossos esforços, com o objetivo de avaliar quais são os aspectos positivos e/ou negativos para o estabelecimento/manutenção da sustentabilidade socioambiental da região.

O Pantanal é o bioma brasileiro com menor extensão – 138.183 km<sup>2</sup> no território brasileiro – segundo Vila da Silva e Abdon (1998), mas se estende também pela Bolívia e pelo Paraguai. Suas diversidades biológica, paisagística e ecossistêmica são, assim como nos demais biomas, de inquestionável interesse para conservação. O Pantanal brasileiro está localizado nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que compreendem, respectivamente, 35,3% e 64,6% da área do bioma. Apenas cinco por cento da área do Pantanal estão protegidos na forma de reservas ambientais, sendo as restantes, áreas privadas. Embora existam outras atividades econômicas ligadas aos centros urbanos, mineração, pesca e turismo, a pecuária bovina de corte é a principal atividade desenvolvida no Pantanal, estando na base de sua ocupação pós-cabralina.

As sesmarias deram origem às fazendas pantaneiras, cujos proprietários até hoje utilizam as características ambientais para justificar as grandes extensões territoriais e o manejo bastante extensivo do rebanho. Tal argumentação tem como base o fato de que, periodicamente, as fazendas são inundadas pelas águas das chuvas e dos rios e, portanto, o manejo do gado requer áreas maiores que atendam às necessidades da pecuária durante as diferentes estações climáticas.

Nas últimas duas décadas, com a intensificação dos movimentos socioterritoriais de luta pela terra e, em consequência, da política nacional de reforma agrária, a região pantaneira tem passado por uma sutil reorganização territorial causada pela criação de assentamentos rurais. O Pantanal e a Bacia do Alto Paraguai são as regiões de Mato Grosso com a maior concentração de manifestações pela reforma agrária. Os assentamentos não têm sido criados na região de forma diferenciada, como alguns exemplos na Amazônia, constituindo mais uma questão para a sustentabilidade socioambiental. Isso porque esses assentamentos possuem os problemas comuns à maioria dos assentamentos brasileiros, o que não permite a vida digna dos assentados; também porque não são incitadas formas ecologicamente adequadas de agropecuária para a região. Outros fatores que têm contribuído para a reorganização agrária no Pantanal são o

processo de modernização da agricultura, o desmembramento ou alienação das terras por herança, o “fechamento” da fronteira agropecuária na Amazônia e a ampliação de lavouras de cana-de-açúcar em outras regiões do país, que expulsa a pecuária para outros locais, demandando seu crescimento em áreas como o Pantanal.

O modelo da pecuária pantaneira tem passado por alterações, presenciando a introdução de novos instrumentos e técnicas de manejo, a principal delas o plantio de pastagens exóticas, de forma que a vegetação nativa, com grande porcentagem de pastagem natural, outrora conservada e utilizada como principal fonte alimentícia do gado bovino, está sendo retirada e substituída por outras espécies, transformando o ambiente natural ainda mais. As inovações nas técnicas de manejo implicam em um uso mais intensivo da terra e, por conseguinte, mais degradante. Esses elementos alteram a estrutura agrária tanto na relação de propriedade da terra quanto nas dinâmicas sociais de trabalho e poder. Essas alterações impactam diretamente na forma como a natureza é utilizada pela sociedade, estabelecendo novos padrões de impacto ambiental.

Nosso referencial analítico é a sustentabilidade socioambiental, o que nos permite indagar sobre as contribuições positivas e negativas da atividade pecuária para o ambiente natural do Pantanal e para a população da região. Neste sentido, questionamos sobre quais são as perspectivas desta atividade dominante e se ela pode contribuir, de alguma forma, para reverter o quadro de estagnação regional com base em estruturas sociais – principalmente agrária – menos concentradas e, por isso, mais próximas da sustentabilidade. Também questionamos sobre o papel da pecuária extensiva para a conservação do bioma e se este papel ainda permanece ou tende a mudar.

Diante da problemática e dos pressupostos apresentados, este texto busca uma abordagem multiescalar de análise. São elencados elementos nas escalas global, nacional e restritos ao contexto do Pantanal brasileiro, composto pelos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Para possibilitar maior aproximação da realidade sob investigação, realizamos em algumas análises um recorte espacial, delimitando o Pantanal de Mato Grosso, especificamente os municípios de Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço e Santo Antônio de Leverger. Esses municípios foram analisados mais proximamente, inclusive com a realização de trabalhos de campo.

## **Importância ambiental do Pantanal**

O Pantanal caracteriza-se pelas condições naturais marcadas pela sazonalidade das estações climáticas que determinam um período anual de cheia e outro de seca (às vezes severa), entremeados pela vazante. Essas características naturais influenciam na dinâmica da fauna, da flora, das atividades econômicas e no modo de vida dos seus habitantes, principalmente das áreas rurais.

O Pantanal brasileiro está inserido na Bacia do Alto Paraguai, com 361.666 quilômetros quadrados, dos quais 38,21% são terras pantaneiras (VILA DA SILVA; ABDON, 1998). A planície pantaneira brasileira representa 3% das áreas úmidas da Terra e é definida como a maior planície de inundação continental do planeta. Sua paisagem natural caracteriza-se pela rara beleza da flora e da fauna, distribuídas em um mosaico de áreas alagáveis, não alagáveis ou sazonalmente inundadas. Os habitats pantaneiros passam, durante um ciclo hidrológico anual, “de uma área seca, sujeita a estresse por falta de água, para uma área úmida com solo encharcado, ou para um lago raso e, até mesmo, para um lago de alguns metros de profundidade e vice-versa.” (JUNK; SILVA, 1999, p. 19).

A grande diversidade biológica do Pantanal deve-se principalmente aos seguintes fatores: a) a combinação de habitats terrestres e aquáticos; b) a baixa altimetria do relevo, que possibilita as inundações periódicas e; c) a localização geográfica no limite entre três grandes regiões naturais: o Cerrado, no Brasil central, o Chaco, na Bolívia, e a Amazônia, ao norte. A paisagem natural pantaneira caracteriza-se por várias fitofisionomias que integram um conjunto de habitats: ilhas circulares de matas mais elevadas que a planície inundável; cordilheiras, cordões arenosos com altura de um a três metros acima da planície

alagável, ambos recobertos por vegetação de cerrado, cerradão e mata; lagoas permanentes (baías), corixos e vazantes (JUNK; SILVA, 1999).

Ab'Saber (1988) descreve a paisagem natural pantaneira como um mosaico integrado de paisagens e considera o Pantanal

[...] como um notável interespaço de transição e contato comportando fortes penetrações de ecossistemas dos cerrados; uma participação significativa de floras chaquenhãs; inclusões de componentes amazônicos e pré-amazônicos; ao lado de ecossistemas aquáticos e subaquáticos de grande extensão nos “pantanais”, de suas grandes planícies de inundação. (p. 40).

Tarifa (1986) classifica o clima do Pantanal como tropical, ressaltando a necessidade de observar a influência de aspectos como sua localização, altimetria e geomorfologia, na definição das características de temperatura, precipitação e umidade. Dessa forma, a latitude tropical e a continentalidade do Pantanal, associadas à sua topografia plana, são determinantes na ocorrência de altas temperaturas com máximas que variam de 35° C a 40° C, e mínimas que podem chegar até 10° C. A distribuição das chuvas não é uniforme em todo o Pantanal e variam entre 800 a 1.500 mm anuais (SETTE, 2000, p. 90). Estudos feitos na região pantaneira revelam ciclos de intensidade das chuvas (altos e baixos) que duram entre dez e vinte anos. Assim, pode-se distinguir dois tipos de ciclos: um anual e outro de décadas ou plurianuais.

As condições ambientais do Pantanal, na atualidade, representam a síntese dos contextos históricos e das formas de apropriação da natureza e produção do espaço geográfico. De acordo com artigo 225 da Constituição Federal, o Pantanal brasileiro é declarado Área de Patrimônio Nacional e o uso de seus recursos tem que ser regulamentado por leis que garantam a proteção do ambiente. Como área úmida de importância internacional, o Pantanal integra o conjunto de áreas protegidas pela Convenção de Ramsar, que exige dos países signatários estratégias de proteção específica, a descrição das suas estruturas e funções e a elaboração de planos para o seu uso sustentável.

Apesar de ser um bioma com condições legais e ambientais específicas, de maneira geral, o Pantanal está sujeito às mesmas regras e regulamentos aplicados aos outros biomas brasileiros e as políticas e programas direcionados a ele nem sempre consideram as peculiaridades das suas características naturais. Esta é uma consequência do fato de que apenas cinco por cento da área do Pantanal não serem privadas, o que coloca a propriedade privada das terras como um grande dificultador do processo de ação do Estado, embora este tenha poder para suplantar o mando particular absoluto, mas não o faça como é ideal para a conservação da região.

As características morfológicas do Pantanal dependem da relação entre planalto e planície (tabela 01), assim, qualquer ação nociva ao meio ambiente realizada no planalto, principalmente aquelas que afetam os sistemas hídricos, resulta em impactos na planície. Por isso, políticas públicas restritas apenas ao planalto ou à planície apresentam limitações no que se refere à sustentabilidade do Pantanal brasileiro. Sendo assim, é importante que o planalto na Bacia do Alto Paraguai seja foco de atenção.

Mato Grosso e Mato Grosso do Sul compreendem a totalidade da área do Pantanal, que está inserida em 18 municípios, como pode ser visto na tabela 01. A população total desses municípios somava 473,9 mil habitantes em 2010, sendo 22,5 % deles habitantes da zona rural. Esta porcentagem é superior à taxa de ruralização brasileira, de 15,4%, demonstrando o peso do rural na região.

<b>Tabela 01 – Participação do Pantanal na área (km<sup>2</sup>) dos municípios pantaneiros</b>					
<b>Unidade territorial</b>	<b>Área municipal no planalto<sup>1</sup></b>	<b>Área municipal no Pantanal<sup>2</sup></b>	<b>Área municipal total</b>	<b>% da área municipal no Pantanal</b>	<b>% da área total do Pantanal dentro do município</b>
Barão de Melgaço	83	10.782	10.865	99,2	7,80
Cáceres Curvelândia <sup>3</sup>	11.051	14.103	25.154	56,1	10,21
Itiquira	6.751	1.731	8.482	20,4	1,25
Lambari D'Oeste	1.439	272	1.711	15,9	0,20
Nossa Senhora do Livramento	4.019	1.115	5.134	21,7	0,81
Poconé	3.434	13.972	17.406	80,3	10,11
Santo Antônio de Leverger	4.393	6.890	11.283	61,1	4,99
<b>Total - Mato Grosso<sup>4</sup></b>	<b>31.170</b>	<b>48.865</b>	<b>80.035</b>	<b>61,0</b>	<b>35,36</b>
Aquidauana	3.936	12.929	16.865	76,7	9,36
Bodoquena	2.500	46	2.546	1,8	0,03
Corumbá	2.858	61.819	64.677	95,6	44,74
Coxim	4.351	2.132	6.483	32,9	1,54
Ladário	311	66	377	17,5	0,05
Miranda	3.421	2.106	5.527	38,1	1,52
Sonora	3.598	719	4.317	16,7	0,52
Porto Murtinho	12.739	4.717	17.456	27,0	3,41
Rio Verde de MT	3.479	4.784	8.263	57,9	3,46
<b>Total - Mato Grosso do Su<sup>4</sup></b>	<b>37.193</b>	<b>89.318</b>	<b>126.511</b>	<b>70,6</b>	<b>64,64</b>
<b>Total</b>	<b>68.363</b>	<b>138.183</b>	<b>206.546</b>	<b>66,9</b>	<b>100</b>

Fonte: Adaptado de Vila da Silva e Abdon (1998-a, p. 1709).

1- Planalto: são as áreas não inundáveis e que possuem características fisiográficas diferentes do Pantanal;

2- Pantanal: definido por Vila da Silva e Abdon (1998) como a planície intermitentemente inundada pela Bacia do Alto Paraguai e que possui características de inundação, relevo, solo e vegetação típicos do Pantanal.

3- O município de Curvelândia foi criado a partir do município de Cáceres em 1998 e, no momento da elaboração do estudo de Vila da Silva e Abdon (1998), ainda eram uma mesma unidade territorial;

4- Os totais de Mato Grosso e Mato Grosso do sul consideram apenas os municípios desses estados que possuem alguma áreas dentro do Pantanal.

As áreas contempladas pela Convenção de Ramsar são áreas úmidas de extrema importância para a manutenção da qualidade de vida dos habitantes do planeta. As áreas alagadiças envolvem uma ampla variedade de ecossistemas aquáticos, entre eles rios, zonas costeiras/marinhas e zonas úmidas artificiais, tais como lagos, açudes e represas. Existem inúmeras definições do termo “áreas úmidas”, algumas baseadas em critérios essencialmente ecológicos, outras mais relacionadas ao seu manejo. Junk e Silva (1999) conceituam as áreas úmidas (*wetlands*) como aquelas que não se enquadram em águas lênticas (lagos) e nem tampouco em águas lóxicas ou de correnteza (rios, córregos, igarapés entre outras), constituindo-se em áreas intermediárias, como os diferentes tipos de pântanos e brejos. A Convenção sobre as áreas úmidas ocorrida em 1971 adota o seguinte conceito:

Toda a extensão de pântano, charco ou turfa, ou superfícies cobertas de água, de regime natural e artificial, permanente ou temporárias, com água parada ou corrente, doce, salobra ou salgada. As áreas marinhas também são consideradas úmidas contanto que a profundidade da maré baixa não exceda a seis metros. As áreas úmidas podem compreender as regiões ribeirinhas ou costeiras adjacentes, assim como as ilhas ou extensões de áreas marinhas de uma profundidade superior aos seis metros em maré baixa (WORD WILDLIFE FUND – WWF, 1999, p. 06).

Os ecossistemas das áreas úmidas desenvolvem importantes processos hidrológicos e ecológicos. Entre os processos hidrológicos ressalta-se a recarga de aquíferos quando a água acumulada pelas inundações atinge os lençóis subterrâneos, aumentando as reservas de água potável. Esse aspecto é uma forte justificativa para a conservação das áreas úmidas, posto que a obtenção de água potável surge como um dos problemas mais graves para as próximas décadas.

As áreas úmidas são consideradas depositárias de grande diversidade biológica, são importantes para a estabilidade climática e estão entre as áreas mais produtivas do mundo. As populações que nelas habitam desenvolvem a pecuária, a agricultura, o turismo, a recreação, além de utilizarem os elementos naturais, tais como, água, materiais para construção, lenha e alimentos. Portanto, o valor econômico direto das áreas alagadiças é incontestável e pode ser avaliado através do uso que se faz dos seus elementos naturais, dos bens e serviços que oferecem. O valor econômico indireto está associado ao controle de enchentes, retenção de nutrientes, estabilização de zonas costeiras e conservação da biodiversidade.

As preocupações com as áreas úmidas surgem na pauta dos eventos ambientais em 1968, na Conferência Intergovernamental de Especialistas sobre as Bases Científicas para Uso e Conservação Racionais dos Recursos da Biosfera, ou Conferência da Biosfera, realizada em Paris. (McCORMICK, 1992). Naquele momento, discutia-se, entre outros temas, o impacto humano sobre a biosfera, incluindo os efeitos nocivos da poluição do ar e da água, a retirada em excesso da cobertura vegetal e a drenagem das áreas alagadiças. A referida conferência enfatizou o caráter inter-relacionado do meio ambiente, abordando os efeitos nocivos da urbanização e industrialização aceleradas, entre eles, o êxodo rural crescente, o desaparecimento de tradições, direitos costumeiros e mudanças em estilos de vida.

Em dois de fevereiro de 1971 ocorreu a Convenção de Ramsar (Irã), na qual foi celebrado o primeiro tratado específico para as áreas alagadiças. Os pressupostos resultantes desse evento entraram em vigor em 21 de dezembro de 1975 e estavam centrados inicialmente na proteção de uma cadeia global de áreas alagadiças, utilizadas por aves aquáticas em seus movimentos migratórios anuais. McCormick (1992) enfatiza que a Convenção de Ramsar se diferencia das demais conferências ambientais por defender o uso sustentável das áreas alagadiças em contraposição ao pressuposto da separação das áreas destinadas exclusivamente à proteção, tendência presente à época.

Até o século XX a ocupação do estado de Mato Grosso esteve ligada ao estabelecimento de fortificações e povoados com o objetivo de assegurar os limites do território brasileiro a oeste, com incursões em busca de ouro e pedras preciosas, a pecuária, o extrativismo vegetal da erva mate, da poaia, da borracha e a produção de açúcar; esta última, principalmente ao longo do rio Cuiabá. Neste período, a região ocupada foi basicamente a região do Alto Paraguai, com exceção da ocupação proporcionada pela extração da borracha, que avançou sobre regiões da bacia amazônica em território matogrossense. No século XX, a ocupação de Mato Grosso foi intensificada, sobretudo a partir da década de 1930, com programas federais cujo objetivo era interiorizar a população “excedente” de outras regiões – a chamada marcha para o oeste –, já que não se realizou a reforma agrária. Foram implantadas várias colônias agrícolas oficiais e particulares, principalmente no sul do estado, na Bacia do Alto Paraguai e proximidades. Este foi o primeiro momento em que Mato Grosso serviu como alternativa para prorrogar a reforma agrária nas outras regiões já consolidadas do país, sendo esta região do Alto Paraguai particularmente afetada. (HIGA, 2005).

Os principais programas governamentais implantados em Mato Grosso a partir da década de 1960, e que impactaram de forma direta ou indireta o Pantanal, foram o Plano de Integração Nacional (PIN), o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste (Proterra), o Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Prodeste), o Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (Poloamazônia), o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro) e o Programa

Especial de Desenvolvimento do Pantanal (Prodepan) (MORENO, 2005). A meta principal da maioria desses programas era o desenvolvimento da agropecuária, para o que a incorporação de novas terras à estrutura fundiária era indispensável e feita a qualquer custo social e ambiental.

Os anos 90 caracterizaram-se pelo grande impulso na compreensão da problemática ambiental, principalmente através da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, Rio-92 ou Cúpula da Terra. Na década de 90, os programas e políticas públicas, voltados aos municípios pantaneiros, continuavam visando crescimento econômico, contudo, evidenciavam preocupação com a utilização racional dos elementos naturais, mencionando nos textos o termo “desenvolvimento sustentável”. Essa nova perspectiva sofreu a influência do movimento ambientalista e da implementação das instituições públicas ambientais no Brasil.

De acordo com artigo 225 da Constituição Federal, o Pantanal brasileiro é declarado Área de Patrimônio Nacional e o uso de seus recursos tem que ser regulamentado por leis que garantam a proteção do ambiente. Como área úmida de importância internacional, o Pantanal integra o conjunto de áreas protegidas pela Convenção de Ramsar, que exige dos países signatários estratégias de proteção específica, a descrição das suas estruturas e funções e a elaboração de planos para o seu uso sustentável.

Em 21 de janeiro de 2008 foi publicada a Lei nº 8.830, denominada Lei do Pantanal, que instituiu a política do estado de Mato Grosso visando a gestão e a proteção da Bacia do Alto Paraguai (BAP) com base nos princípios das sustentabilidades ambiental, econômica e social de forma integrada com o estado de Mato Grosso do Sul e a União. Entre as ações consideradas vedadas nos limites da Planície alagável da Bacia do Alto Paraguai de Mato Grosso estão “a implantação de projetos agrícolas, exceto a atividade agrícola de subsistência e a pecuária extensiva.” (MATO GROSSO, 2008). Ao permitir o desenvolvimento apenas da pecuária extensiva, o poder público estadual desconsidera o processo de modernização da pecuária no Pantanal e as inovações nas técnicas produtivas que compreendem, principalmente, a substituição das pastagens nativas pelas exóticas aliadas a técnicas de pecuária intensiva. Assim, a legislação sancionada pouco contribui com o processo de conservação ambiental e a sustentabilidade do bioma, pois está direcionada a um modelo de utilização da natureza no Pantanal que não existe mais. Essa normativa só seria adequada se regulamentasse, inclusive com instrumentos punitivos, os impactos da pecuária intensiva, principalmente o desmatamento.

Segundo o Código Estadual de Meio Ambiente do Estado de Mato Grosso, Lei nº 038 de 21/11/1995, em seu artigo 62, “[...] para a planície alagável do Pantanal não será permitido nenhum tipo de desmatamento, com exceção daqueles feitos para agricultura de subsistência e limpeza de pastagens nativas e artificiais.” (MATO GROSSO, 1995). Ao analisar a referida lei, constata-se que não existe um esclarecimento do que significa a “limpeza do pasto” e em que esta ação se difere do desmatamento. Considerando que grande parte da vegetação pantaneira constitui-se em pastagens naturais, pode-se deduzir que a ação de reformar o pasto consiste em sua retirada e substituição por forrageiras exóticas. Por outro lado, o Código mencionado particulariza a planície alagável. Portanto, o desmatamento nas áreas de planalto se torna irrelevante para a lei, embora as ações nas partes altas afetem sobremaneira a planície pantaneira. Daí a necessidade de processos regulatórios direcionados à planície e também ao seu entorno. O reflexo dos múltiplos entendimentos da legislação está no avanço dos índices de desmatamento.

Outro impacto importante no Pantanal e que está associado à pecuária é a interferência no alcance dos pulsos de inundação através de obras como estradas, aterros e represas. Os percentuais de áreas dos territórios municipais que são inundados anualmente influenciam a atividade econômica desenvolvida. Contudo, os avanços tecnológicos e o advento do capitalismo globalizado revelam que, paulatinamente, as técnicas de manejo da pecuária pantaneira são transformadas com vistas à maior lucratividade, gerando impactos na dinâmica natural. Pesquisas recentes revelam que os recursos hídricos da Bacia do Paraguai estão correndo risco em consequência da degradação ambiental ocasionadas pela necessidade de infraestrutura da população (rodovias, pontes, portos, hidrovias,

barramentos, hidrelétricas e gasodutos); pelas atividades econômicas (agricultura, pecuária, mineração, extração de gás e petróleo) e pela degradação ambiental (queimadas e desmatamento) (WWF, 2011).

O Zoneamento Agroecológico da Cana-de-açúcar, oficializado em 2009 por meio do Decreto Presidencial 6.961/2009, proíbe a expansão do cultivo da cana-de-açúcar para fins industriais na Amazônia e Bacia do Alto Paraguai (que inclui o Pantanal). Esta medida foi importante porque impede a introdução desta cultura altamente intensiva, principalmente nas regiões de planalto da Bacia do Alto Paraguai, já que a região pantaneira de planície não é apta para a cultura. Contudo, como a expansão da cana ocorre principalmente no estado de São Paulo e nas regiões limítrofes daquele estado com Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Paraná, e também na porção sul do estado de Goiás, e por serem essas regiões detentoras de uma parte significativa do rebanho bovino brasileiro, a criação de gado é pressionada para outras regiões do país. Dentre essas regiões de destino da pecuária estão a fronteira agropecuária no Cerrado, na Amazônia e o Pantanal. Isso quer dizer que a pressão pelo uso mais intensivo da terra provocada pela cana afeta o Pantanal (GIRARDI; SILVEIRA, 2012).

O novo Código Florestal brasileiro restringe o uso econômico dos elementos naturais do Pantanal e atribui aos órgãos ambientais dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul a autorização de atividades econômicas. Classificado como área de “uso restrito”, na planície pantaneira passa a ser permitida a exploração ecologicamente sustentável. Dessa forma, novas retiradas de vegetação nativa ficam condicionadas à autorização do órgão estadual do meio ambiente, com base nas recomendações técnicas dos organismos oficiais de pesquisa. Os desdobramentos da referida lei ainda estão em discussão.

É neste quadro ambiental frágil e de reconhecida importância, inclusive pela legislação, e cujas terras são 95% propriedades particulares, que a pecuária é desenvolvida como principal atividade econômica da região e tem passado por mudanças recentes que indicam o aumento do impacto ambiental da atividade. Analisar esta situação é o foco principal deste artigo.

## **Formação agrária**

Na história da ocupação do território brasileiro pela sociedade pós-cabralina, a pecuária teve importante papel na inserção de diversas porções do território na economia nacional. Em alguns casos, como no período da cana-de-açúcar no Nordeste do país e da mineração no interior, a pecuária foi desenvolvida como atividade subsidiária da atividade principal, fornecendo carne e tração animal. No estabelecimento da pecuária, quando não há a disponibilidade de pastos naturais, faz-se necessária a remoção da vegetação arbórea natural para a criação de pastagens plantadas. No Brasil, os pastos naturais ocorrem com maior abundância em dois biomas: o Pampa e o Pantanal.

No caso do Pantanal, a pecuária de corte, que é a finalidade predominante do rebanho da região até hoje, foi inserida como subsidiária e paralela às atividades mineradoras de ouro e pedras preciosas a partir do século XVIII, e da atividade extrativista da erva mate e da poaia, no final do século XIX e início do XX. O início da ocupação efetiva do estado de Mato Grosso foi baseado nessas atividades e teve início no Pantanal e bacia do Alto Paraguai, de forma que os primeiros estabelecimentos pecuaristas da região foram concedidos sob o regime das sesmarias, que constituem a origem fundiária do Pantanal. Além do aspecto econômico, a ocupação da região também teve papel estratégico na definição dos limites do território brasileiro a oeste, pelo fato configurar uma vasta fronteira com o domínio espanhol e depois Paraguai e Bolívia. O evento mais marcante da característica estratégica da região foi a Guerra do Paraguai, entre 1865 e 1870.

O regime hidrológico e a baixa fertilidade natural dos solos foram os principais responsáveis pelo estabelecimento de uma pecuária extensiva relativamente pouco impactante no meio natural do Pantanal, porém não os únicos. Para a manutenção deste quadro, também contribuíram outros elementos da questão agrária brasileira, como a forma



de apropriação privada da terra, que remonta ao período colonial; a expansão da agropecuária brasileira para o Cerrado e a Amazônia; o baixo preço da terra e os laços tradicionais das centenárias famílias pecuaristas na região.

O processo apropriação da terra do Pantanal mato-grossense pelos habitantes não índios remete ao sistema político de doação das sesmarias, vigente no país a partir de 1532 e efetivado em Mato Grosso a partir de 1727. Tal sistema permitia a posse de grandes extensões de terras de forma gratuita por pessoas que comprovassem condições financeiras para explorá-las. A sazonalidade climática e as condições do relevo que impõem a inundação de parte das propriedades durante determinadas épocas do ano influenciava no tamanho das propriedades e legitimava a grande extensão das fazendas no Pantanal, que comumente não possuíam cercas divisórias entre os estabelecimentos. Os proprietários raramente possuíam os títulos de posse como documento material, entretanto suas divisas eram respeitadas pelos vizinhos e marcadas por acidentes geográficos.

Entre 1892 e 1930 as terras públicas de Mato Grosso passaram à condição de propriedade privada através do processo de regularização das concessões das sesmarias e legitimação das posses; concessões gratuitas a imigrantes nacionais e estrangeiros e concessões especiais a colonizadoras e empresas particulares; arrendamento e aforamento para indústria extrativa de vegetais e contrato de compra e venda de terras devolutas. Este processo manteve a concentração da terra, priorizando a grande propriedade através de mecanismos de burla por meio de corrupção das formas mais variadas, como mostra o trabalho de Moreno (2007). Apesar disso, os governos federal e estaduais imprimiam o discurso de que a regularização fundiária era parte de uma reforma agrária nacional e regional.

Em 1973, novas ações de regularização fundiária incidem sobre a região pantaneira através da ação do INCRA, que estabeleceu uma espécie de zoneamento do estado, criando projetos fundiários para seis regiões, entre elas a de Cáceres, no Pantanal mato-grossense. Tais projetos representavam instrumentos chamados de reforma agrária pelo governo militar, possuíam autonomia administrativa e eram geridos por recursos federais. Em meados da década de 1980, o INCRA voltou a atuar com intervenções para a reorganização fundiária do Pantanal e alguns camponeses adquiriram a titulação legítima das terras que habitavam, entretanto, permaneceram atrelados a uma posição subalterna, necessitando do trabalho acessório com a venda da sua força de trabalho como diaristas nas grandes propriedades. Até 1996, a política de reforma agrária influenciou de forma incipiente na desconcentração fundiária no Pantanal mato-grossense.

Rossetto (2004) enfatiza a influência das famílias pantaneiras no processo de reorganização fundiária recente. Até meados da década de 90 era usual que, após a morte de um dos proprietários, não se consolidassem inventários para legitimar a posse e/ou propriedade das terras pelos herdeiros, assim evitava-se despesas de separação judicial da propriedade, que continuava concentrada nas mãos de uma única família, evitando inclusive sua comercialização e mantendo a concentração da terra. Por ocasião dos casamentos, os descendentes diretos e suas respectivas famílias residiam na mesma casa. Nas famílias mais ricas, os filhos e filhas casados eram mantidos em regime patrilocal por alguns anos, até que formassem sua própria fazenda. Já nas famílias mais pobres, todos permaneciam sob o mesmo teto por tempo indeterminado.

Contudo, a partir da metade da década de 1990 os desmembramentos das fazendas, por conta dos direitos de herança, começaram a ser mais recorrentes, de forma que as grandes propriedades passaram a ser juridicamente desconcentradas, embora as terras continuassem geralmente nas mãos de uma mesma família quando não eram vendidas a terceiros. Este processo é comumente chamado pelos fazendeiros locais de “reforma agrária familiar”, fazendo menção a uma suposta reforma agrária ocorrida por conta da sucessão hereditária das terras. Esses fazendeiros assumem realmente esta sucessão como uma “reforma agrária”.

Quanto às relações sociais de produção, os empregados e seus familiares geralmente moravam na mesma fazenda dos patrões, às vezes até na mesma casa e por gerações consecutivas, todos congregados sob o regime do proprietário e desempenhando

a função de agregados. Este tipo de relação vem diminuindo, mas pode ser verificada com frequência na região. Além desses empregados diretos, há um tipo específico de trabalhador das fazendas pantaneiras que não é nem empregado nem agregado. Este sujeito se estabelece com sua família em áreas das fazendas com a anuência do proprietário, tendo acesso à terra, moradia e ao empréstimo de animais. Nesta forma de relação de produção, surgem relações pessoais de confiança, compadrio e subserviência. Em contrapartida aos favores recebidos, em momentos em que o fazendeiro precisa de mão-de-obra suplementar, este trabalhador é solicitado e, quando é recompensado diretamente pelo seu trabalho, geralmente não recebe em forma de dinheiro, mas de produtos. Este sujeito é, na verdade, um camponês dependente e sem-terra. Nesta relação, cada proprietário impõe as condições; alguns desses camponeses podem plantar roças e criar gado, entretanto, têm a obrigação de atender ao chamado do fazendeiro em caso de necessidade. Esse grupo social que permaneceu por longas décadas habitando as propriedades rurais pantaneiras, ainda é bastante comum, mas tem declinado em virtude da maior observância da legislação trabalhista.

Esta relação social de produção, presente nas origens da produção capitalista das fazendas de gado do Pantanal, é exemplo claro do desenvolvimento contraditório do capitalismo na pecuária pantaneira, de forma que a produção capitalista origina e faz uso de relações não-capitalistas de produção, criando, recriando e mantendo o campesinato de forma subordinada. Esta característica contraditória do capitalismo agrário é comum em toda a história agrária do Brasil e ainda existe no campo pantaneiro – embora de forma bastante reduzida atualmente, e com tendência de declínio devido às fiscalizações trabalhistas –, tardando a desaparecer e restando por um tempo maior do que verificado na formação agrária de outras regiões, a exemplo da frente cafeeira e da fronteira agropecuária. Este é um ponto particular na estrutura agrária pantaneira.

De modo geral, a formação agrária do Pantanal brasileiro seguiu o modelo geral brasileiro de concentração da terra, privilegiando o latifúndio e a terra de produção capitalista. Os grupos sociais também claramente diferentes: os possuidores dos meios de produção e os despossuídos camponeses, que orbitavam e ainda orbitam o poder dos proprietários das fazendas, servindo com sua mão de obra em troca de um acesso restrito à terra para o provento parcial das necessidades de sua família. Trata-se de um caso ao mesmo tempo comum à formação agrária brasileira, mas com uma temporalidade mais lenta na supressão das relações de dependência dos camponeses em relação aos fazendeiros se comparados com outras regiões do país.

## **Estrutura agrária atual e pecuária**

Neste tópico, analisamos os principais elementos da estrutura agrária do Pantanal. Para isso, realizamos um exercício multiescalar de análise que aborda a dinâmica agrária brasileira, mato-grossense, do bioma Pantanal e de quatro municípios do Pantanal mato-grossense que estudamos mais de perto e nos quais realizamos trabalhos de campo, que são Barão de Melgaço, Cáceres, Poconé e Santo Antônio do Leverger.

Apesar da prática da agricultura, da exploração do turismo e das atividades ligadas à pesca profissional, a atividade econômica comum a todos os municípios pantaneiros é a pecuária. O gado bovino pantaneiro é oriundo da Península Ibérica, local com condições climáticas bastante diferentes das áreas tropicais dos pantanais. As raças foram adaptando-se às condições ecológicas da região, passando por mudanças comportamentais e físicas. Segundo Mazza; Mazza; Sereno (1994), através do processo de adaptação evolutiva e da ação da seleção natural, os bovinos de origem ibérica originaram um tipo local, característico da baixada paraguaia, regionalmente conhecido como gado pantaneiro, com predominância nos dias atuais da raça nelore com aproveitamento para a pecuária de corte.

A antropização de novos espaços ou a intensidade da sua antropização é um processo complexo que não pode ser relacionado unicamente com uma atividade isolada;

ele deve ser considerado no contexto geral da produção do espaço de um país, de suas políticas econômica, internacional, regional, territorial e populacional. Por isso, a ocupação (passada e atual), por exemplo, do Pantanal, está ligada a outros processos nacionais e internacionais que influenciam a sua dinâmica, de forma que ela não é imutável e as formas de apropriação da natureza podem passar por transformações, sendo mais ou menos depredatórias. Com isso, queremos dizer que a antropização no Pantanal foi de baixo impacto até o momento porque, no conjunto da questão agrária brasileira, outras terras puderam ser exploradas de forma mais intensa e, não sendo isso mais possível, o Pantanal sofrerá impactos maiores no futuro. O conjunto de fatores que permitiu o tipo de pecuária desenvolvida historicamente no Pantanal dá sinal de mudanças, o que pode alterar a relação de baixo impacto ambiental que a atividade tem tido com o Pantanal por séculos, indicando, assim, a necessidade de ações mais diretas para a conservação do bioma, como, por exemplo, a criação de Unidades de Conservação.

Atualmente, o Brasil é o maior exportador de carne bovina do mundo, com 28% de sua produção destinada à exportação. O país possui vantagens para o setor como a disponibilidade de terras baratas e a vasta extensão territorial. Esses elementos influenciam diretamente no custo da produção, de US\$ 1,60 por quilo no Brasil. Outros países com importante produção possuem os seguintes custos de produção: Uruguai US\$ 1,60, Argentina US\$ 1,50, Austrália US\$ 2,45 e Estados Unidos US\$ 3,20, de acordo com dados de Assad e Pinto (2008).

Inserido nesse contexto e influenciado pelas políticas de incentivo à pecuária, observa-se que, entre 2005-2010, o volume de exportações da carne bovina providas do Pantanal mato-grossense aumentou em 53,54%, com a maior quantidade exportada no ano de 2007, com cerca de 9.779 toneladas destinadas à Ásia, Oriente Médio e União Europeia. Hong Kong teve 28,08% do total da participação, no valor de US\$ 2.501.630, seguido pelo Vietnã, com 15,80% de participação, no valor de US\$ 1.407.037, e pelo Egito, que representou 13,59% de participação, no valor de US\$ 1.210.479<sup>2</sup>.

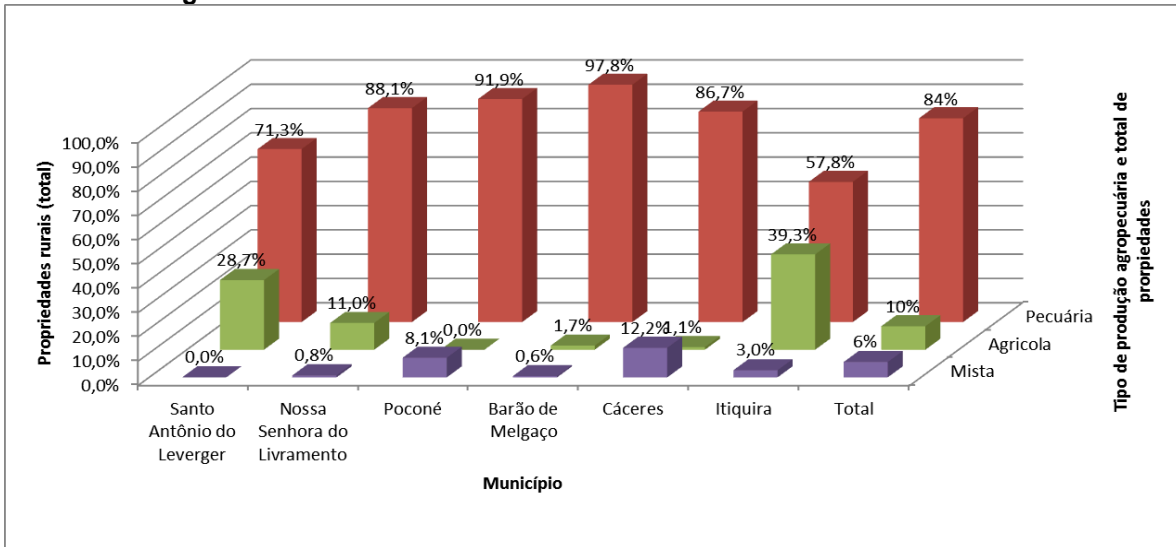
O Brasil tem o maior rebanho bovino comercial do planeta, que, segundo os dados do Censo Agropecuário de 2006, era de 171,6 milhões de cabeças. Deste total, apenas quatro milhões estavam em sistema de confinamento. Para manter este rebanho no sistema extensivo, dos 329,9 milhões de hectares dos estabelecimentos agropecuários brasileiros, 167 milhões (50,6% da área) eram de pastagens, contra apenas 59,8 milhões de hectares ocupados com lavouras. Em 2009, a Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE informa que o rebanho bovino brasileiro era de 205,3 milhões de cabeças, o que já ultrapassa a quantidade de habitantes do país em 2010, de 190,7 milhões de habitantes.

Como pode ser visto no gráfico 01, a pecuária é predominante nos estabelecimentos agropecuários do Pantanal. Em 2010, entre os municípios do Pantanal mato-grossense, 84% dos estabelecimentos agropecuários eram voltados exclusivamente para a pecuária, apenas 10% para a agricultura e seis por cento para ambas as atividades. Sobre o direcionamento dos estabelecimentos para a pecuária destacam-se os municípios de Barão de Melgaço (97,8%), Poconé (91,9%) e Nossa Senhora do Livramento (88,1%). Quando comparamos a tabela 01 e o gráfico abaixo, constatamos que, com exceção de Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio do Leverger, a ordem de grandeza da porcentagem da área do município na planície é relativa à proporção de estabelecimentos agropecuários destinados exclusivamente à pecuária. Em relação à agricultura, destaca-se o município de Itiquira (39,3%), que possui apenas 20,4% da sua área sujeita às inundações periódicas. Assim, como as áreas de planalto não são encobertas pelas águas, nelas são desenvolvidas as monoculturas de soja e cana-de-açúcar, principalmente. Em 2006, essas produções foram de 540.000 e 360.000 toneladas, respectivamente. O mapa 01 também evidencia a relação entre planalto-agricultura e planície-pecuária nos municípios da Bacia do Alto Paraguai.

---

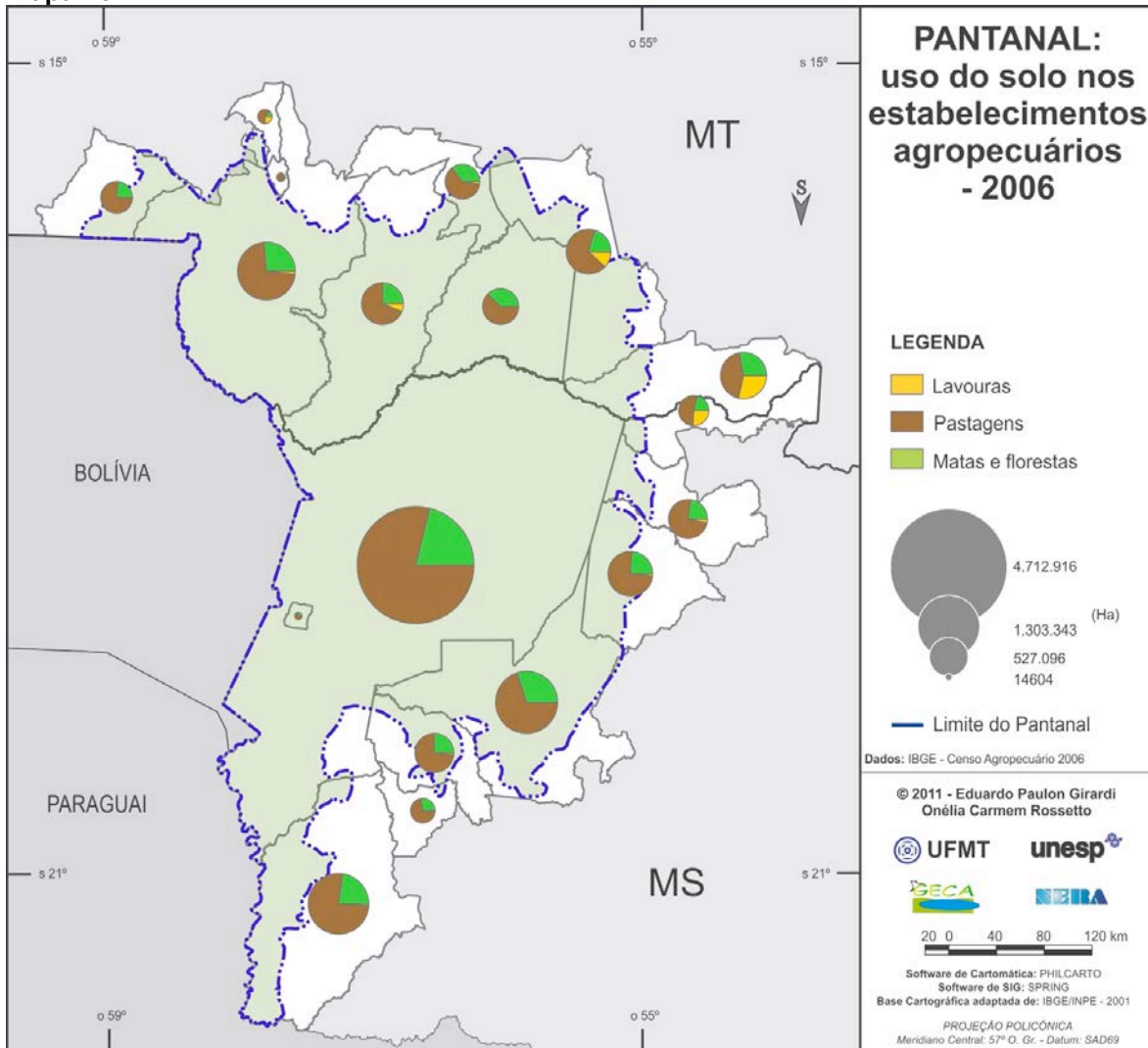
<sup>2</sup>Informações coletadas na Secretaria de Comercio Exterior – SECEX - Ministério do Desenvolvimento Industrial e Comercio Exterior. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/>. Acesso em 11/12/2012.

**Gráfico 01 – Tipo de produção agropecuária das propriedades rurais dos municípios do Pantanal mato-grossense em 2010**



Fonte: Base de Dados do Instituto de Defesa Agropecuária e Animal de Mato Grosso – INDEA / MT, 2010. Org.: ROSSETTO; GIRARDI, 2012.

**Mapa - 01**



A partir dos trabalhos de campo em quatro municípios do Pantanal mato-grossense (Barão de Melgaço, Cáceres, Poconé e Santo Antônio do Leverger) e da tabela 02, vejamos alguns aspectos da evolução atual da agropecuária no Pantanal.

**Tabela 02 – Rebanho bovino, uso do solo e desflorestamento nos municípios analisados**

MUNICÍPIO	REBANHO BOVINO (cabeças)		PASTAGENS (hectares)						ÁREA MÉDIA DE PASTO POR BOVINO (hectares)	DESFLORESTAMENTO (hectares)	
	Total 2006	Evolução 1995-2006	Total 2006	Naturais 2006	Plantadas 2006	% Plantadas 2006	Evolução Plantadas 1995-2006	% Evolução Plantadas 1995-2006		Desflorestamento entre 2002 e 2008	Área total desflorestada em 2008
Barão de Melgaço	104.979	- 42.484	270.084	168.991	101.093	37,4	26.905	36,3	2,6	22.200	79.200
Cáceres	583.728	93.317	826.825	434.364	392.461	47,5	85.196	27,7	1,4	63.300	446.600
Poconé	196.766	- 34.512	413.756	282.521	131.235	31,7	- 4.433	-3,3	2,1	13.100	131.900
Santo A. do Leverger	322.590	36.778	457.154	258.372	198.782	43,5	- 5.562	-2,7	1,4	27.400	192.100
<b>TOTAL</b>	<b>1.208.063</b>	<b>53.099</b>	<b>1.967.819</b>	<b>1.144.248</b>	<b>823.571</b>	<b>41,9</b>	<b>102.106</b>	<b>14,2</b>	<b>1,6</b>	<b>126.000</b>	<b>849.800</b>

Dados: Censos Agropecuários 1995 e 2006 - IBGE ; Ministério do Meio Ambiente

A demanda por novas pastagens no Brasil nos últimos dez anos ocorre por duas razões: a primeira é o crescimento da produção de cana-de-açúcar em São Paulo e estados vizinhos, expulsando a pecuária para outras regiões, como já explicamos neste artigo. Em segundo lugar está o aumento constante da demanda e do preço da carne bovina, ambos subsidiados por políticas governamentais intensas. O preço pago ao pecuarista praticamente dobrou desde 2005, chegando a US\$ 55 por arroba no final de 2010. A conjunção desses fatores incentivou os pecuaristas a aumentar a produção, o que pode ocorrer pelo melhoramento genético e de manejo ou pela ampliação da área de pastagens – este segundo caso é mais comum no Brasil.

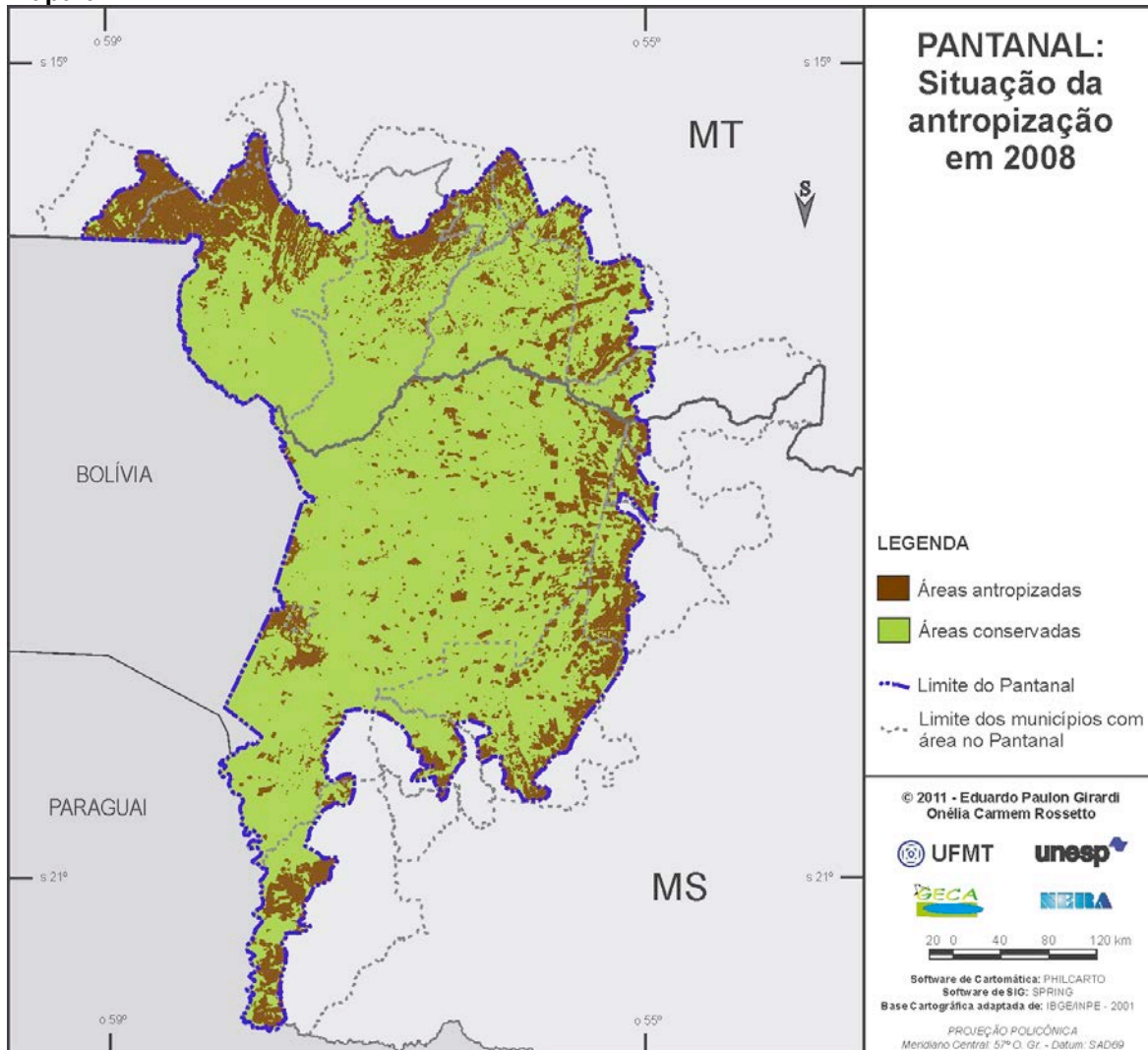
Embora o Pantanal seja uma área já colonizada há muito tempo e, por isso, consolidada, o rebanho bovino nos quatro municípios do Pantanal mato-grossense estudados teve acréscimo de 4,6% entre 1995 e 2006, aumentando em 53 mil cabeças. Os dados mostram que em Barão de Melgaço e Poconé houve diminuição do rebanho bovino, mas Cáceres e Santo Antônio do Leverger apresentaram crescimentos significativos que contribuíram para o saldo positivo para a região estudada. Os dados negativos de evolução do rebanho bovino em Barão de Melgaço e em Poconé são conflituosos quando comparamos com a evolução da área de pastagem plantada e desflorestamento nesses municípios. Uma hipótese é de que esteja havendo o abandono das áreas mais baixas do Pantanal nesses dois municípios que possuem maior proporção dessas áreas. Assim, os pecuaristas estariam investindo na formação de pastagens artificiais nas partes mais altas. Os dados de Barão de Melgaço são aqueles que mais podem subsidiar a apresentação desta hipótese. Os dados de Poconé também contribuem, mas deixam uma lacuna porque houve diminuição da área de pastagens plantadas. Se os dados da evolução do rebanho não corroboram com nossa hipótese e verificação de campo sobre a pecuária promovendo desflorestamento, o cruzamento de dados sobre desflorestamento e pastagem plantada nos subsidia, como demonstraremos mais a frente.

Em comparação com o efetivo da década de 1970, o rebanho bovino brasileiro dobrou. Isso ocorreu principalmente pela abertura da fronteira agropecuária no Cerrado e na Amazônia, também a partir da década de 1970. A atividade pecuária no Pantanal é anterior a este período, de forma que o crescimento de 28,5% entre 1975 e 2006 do rebanho dos quatro municípios estudados ocorreu não pela ocupação de novas áreas, mas pela melhoria da qualidade do gado e mudança no manejo. Uma das ações realizadas para a melhoria da produtividade é a substituição de pastos naturais e de florestas por pastagens plantadas, o que é proibido no Pantanal pela legislação atual, mas é praticado.

No período 2002-2008, o Pantanal brasileiro sofreu desflorestamento de 4,3 milhões de hectares (2,8% da área total do bioma) e acumulava, em 2008, cerca de 23 milhões de hectares desflorestados – 15,2% da área do bioma. O desflorestamento verificado no período de seis anos corresponde a 23% de toda a área desflorestada durante mais de duzentos anos de ocupação da região pela pecuária extensiva tradicional, o que indica mudanças negativas da pecuária em relação à conservação do bioma. A liberação de CO<sub>2</sub> na atmosfera neste período pelo desflorestamento foi de 270,9 milhões de toneladas. Os

desflorestamentos ocorreram principalmente nas bordas do bioma, em áreas mais elevadas, onde o plantio de pastagens é mais produtivo. Desta forma, a pressão da pecuária na década passada não impactou somente a Amazônia, mas também o Pantanal, com a destruição de áreas naturais para formação de pastagens. O mapa 02 mostra a situação da antropização (remoção e substituição da vegetação nativa) do Pantanal em 2008.

Mapa 02



Nos quatro municípios mato-grossenses analisados, o total desflorestado em áreas do Pantanal em 2008 era de 849,8 mil hectares, quantidade muito semelhante à área de pastagem plantada nesses municípios em 2006, que totalizava 823,6 mil hectares. Nos municípios de Barão de Melgaço e Cáceres, a evolução da área de pastagem plantada no período 1995-2006 é semelhante à área desflorestada no período 2002-2008, se considerarmos a diferença dos períodos e o caráter declaratório do Censo Agropecuário. O total de desflorestamento no período 2002-2008 nos quatro municípios foi de 126 mil hectares, com a emissão de 7,9 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> na atmosfera. Na lista de municípios que mais desflorestaram no Pantanal brasileiro entre 2002 e 2008, Cáceres e Santo Antônio do Leverger estão em terceiro e quarto lugar, respectivamente, ficando atrás somente de Corumbá e Aquidauana, em Mato Grosso do Sul.

O rebanho bovino dos quatro municípios pantaneiros era, em 2006, de 1,2 milhões de cabeças, perfazendo uma média de 1,6 ha para cada cabeça de bovino, enquanto a média nacional é de 0,97 hectares/bovino. Barão de Melgaço é o município com a maior área média por bovino, de 2,6 ha para cada animal, seguido por Poconé, com 2,1 ha,

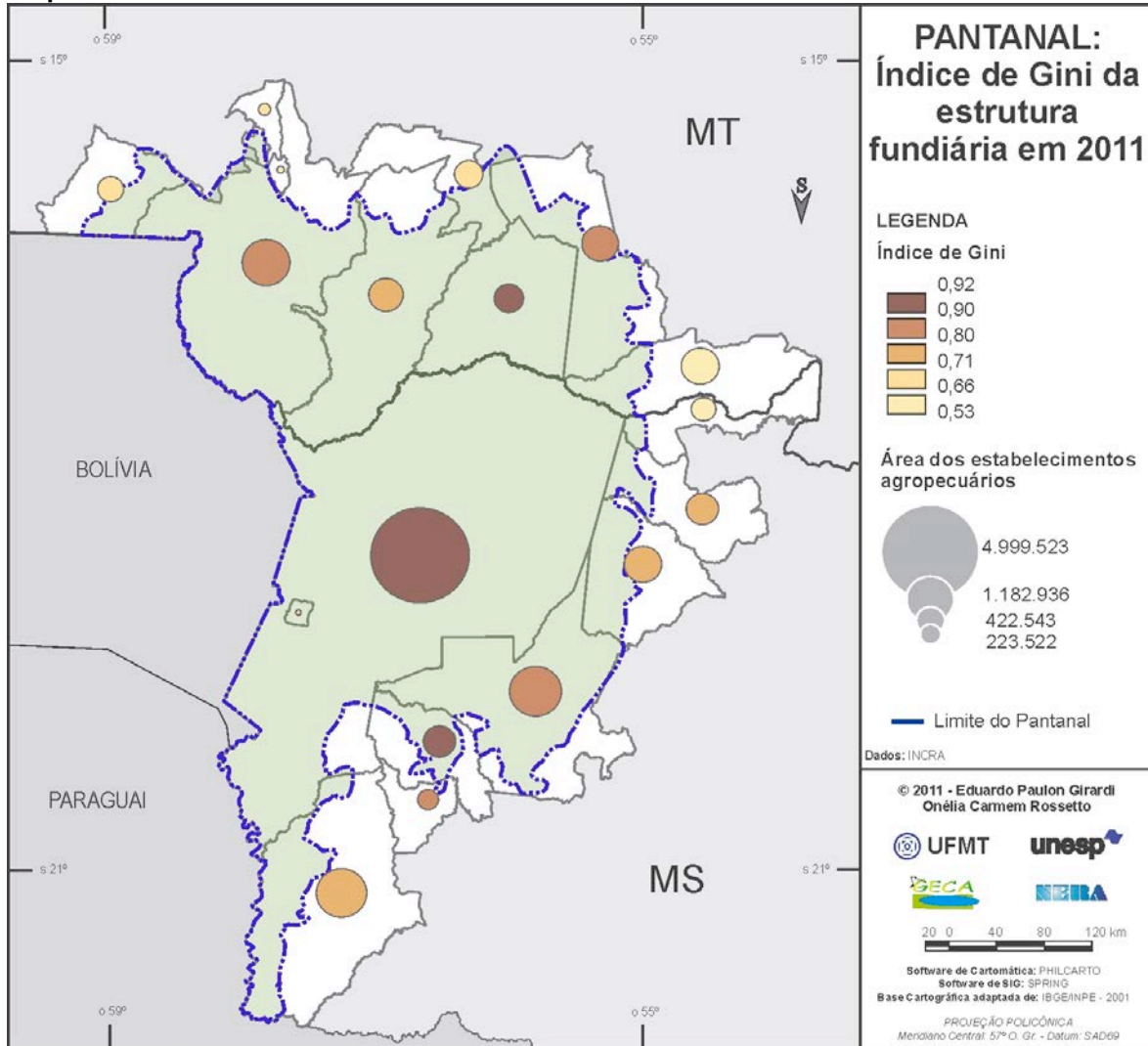
médias muito superiores à média nacional. Cáceres e Santo Antônio do Leverger têm média de 1,4 ha, mais próxima da média brasileira.

Uma das explicações para a elevada área de pastagem per capita de bovino em Barão de Melgaço e Poconé é a localização de suas terras em regiões mais baixas do Pantanal, sendo mais afetadas pelas inundações no período de cheia. Isso inutiliza o pasto no período das cheias, sendo necessário levá-lo para terras mais altas. Também são esses municípios que apresentam menor porcentagem de pastagens plantadas, já que esta prática não é adequada para áreas que sofrem alagamento intenso. Contudo, Barão de Melgaço apresentou o maior crescimento proporcional de pastagens plantadas entre 1995 e 2006. No período, a área de pastagem plantada cresceu 14,2% no conjunto de municípios analisados. Os municípios de Poconé e Santo Antônio do Leverger apresentaram pequena redução, que pode estar ligada ao caráter declaratório dos dados do Censo Agropecuário, mas Cáceres e Barão de Melgaço apresentaram crescimento significativo na área de pastagem plantada. Este é um importante indicativo da mudança pela qual passa a pecuária no Pantanal.

O Pantanal é uma das regiões do Brasil com a maior concentração de terra. Segundo dados do INCRA, analisados pelo DATALUTA – Mato Grosso, no relatório 2011 (GIRARDI et al., 2011), a média do índice de Gini em 2011 era de 0,749. De acordo com os dados do Censo Agropecuário 2006 do IBGE, 79,7% das terras dos estabelecimentos agropecuários dos municípios que fazem parte do Pantanal brasileiro eram de estabelecimentos de 2.500 ha; 10,6% de estabelecimentos de 1.000 a menos de 2.500 ha; 6,8% em estabelecimentos de 200 a menos de 1.000 ha e somente 2,8% em estabelecimentos de menos de 200 ha. Adicionalmente, também em 2006, a área dos estabelecimentos camponeses/familiares correspondia a apenas 2,1% da área total dos estabelecimentos dos municípios do Pantanal brasileiro e a dos estabelecimentos capitalistas detinha 96,9% das terras. A quase totalidade das terras dos estabelecimentos agropecuários é explorada pelo próprio proprietário, sendo esta a condição de 94% da área. No mapa 03 podemos verificar que os municípios com menor porcentagem de área na planície pantaneira possuem índices de Gini menos elevados.

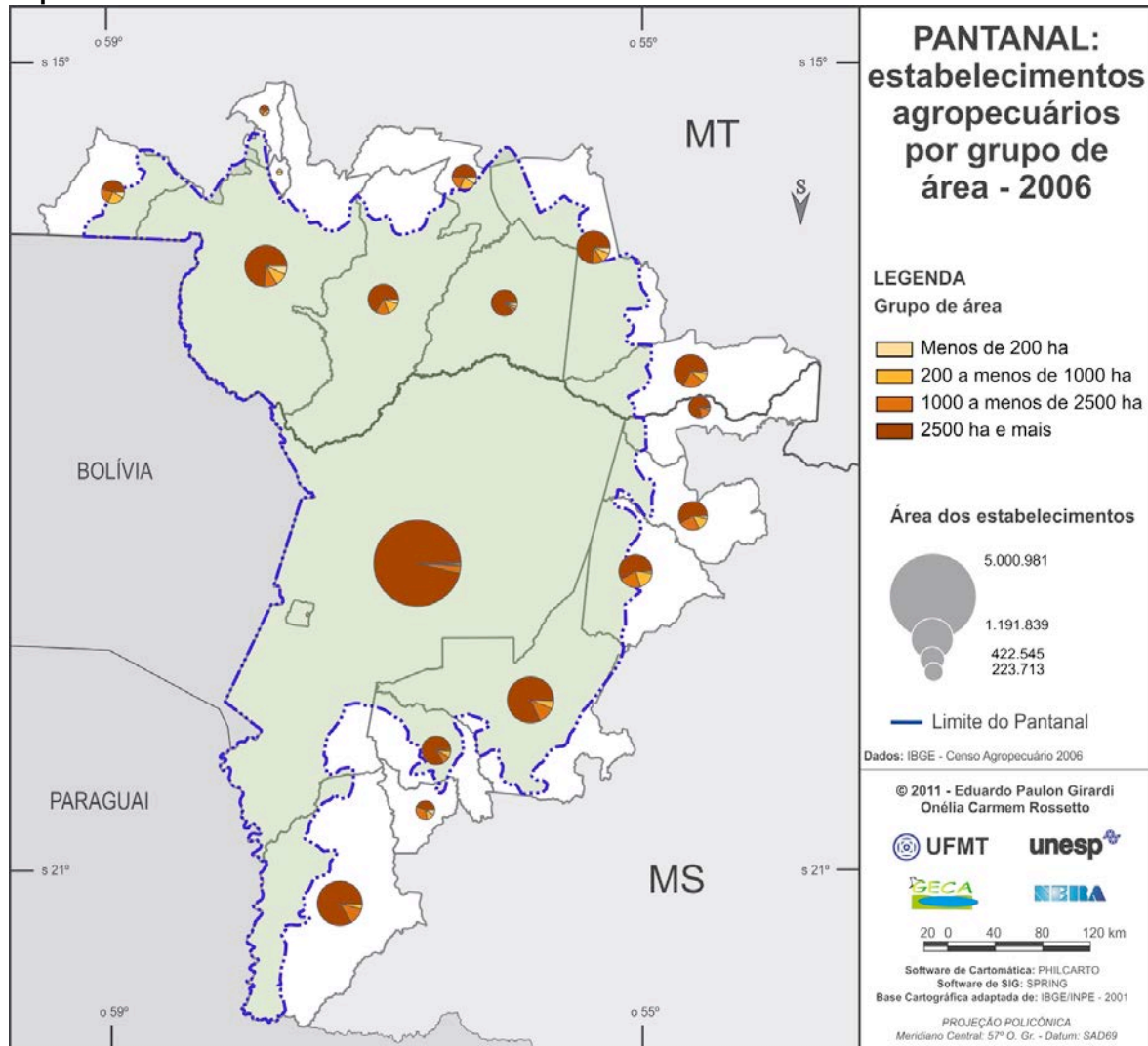


Mapa 03





Mapa 04



A mesma concentração da terra não ocorre, porém, com o rebanho bovino. A comparação dos dados das tabelas 03 e 04 mostram que, ao contrário do que se podia esperar, os estabelecimentos agropecuários pequenos e médios têm maior participação no rebanho do que na terra. Por exemplo, no conjunto dos quatro municípios do Pantanal matogrossense analisados, os estabelecimentos pequenos e médios compreendem 16% das terras, mas são responsáveis por 33,9% do rebanho bovino. Desta constatação surgem as seguintes hipóteses: os estabelecimentos pequenos e médios são mais eficientes na atividade pecuária porque a) as fazendas pequenas e médias estão em locais mais altos e com melhor qualidade de pastagem; b) os estabelecimentos pequenos e médios precisam otimizar a atividade pecuária para obter maior lucro por unidade de área.

**Tabela 03 – Estrutura fundiária dos municípios analisados - 2006**

CLASSES DE ÁREA	Barão de Melgaço			Cáceres			Poconé			Santo Antônio do Leverger			Total dos quatro municípios		
	Estabelecimentos	Área (ha)	% Área	Estabelecimentos	Área (ha)	% Área	Estabelecimentos	Área (ha)	% Área	Estabelecimentos	Área (ha)	% Área	Estabelecimentos	Área (ha)	% Área
<b>TOTAL</b>	<b>834</b>	<b>441.535</b>	<b>100</b>	<b>2.524</b>	<b>1.182.936</b>	<b>100</b>	<b>1.509</b>	<b>613.851</b>	<b>100</b>	<b>1.877</b>	<b>694.759</b>	<b>100</b>	<b>6.744</b>	<b>2.933.081</b>	<b>100</b>
Mais de 0 a menos de 0,1 ha	3	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	6	-	-
De 0,1 a menos de 0,2 ha	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
De 0,2 a menos de 0,5 ha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
De 0,5 a menos de 1 ha	23	12	0,0	3	2	0,0	2	-	-	5	3	0,0	33	17	0,0
De 1 a menos de 2 ha	73	77	0,0	24	31	0,0	30	34	0,0	81	83	0,0	208	225	0,0
De 2 a menos de 3 ha	40	82	0,0	52	114	0,0	59	120	0,0	91	186	0,0	242	502	0,0
De 3 a menos de 4 ha	32	97	0,0	33	110	0,0	35	108	0,0	70	215	0,0	170	530	0,0
De 4 a menos de 5 ha	19	77	0,0	48	211	0,0	18	72	0,0	44	180	0,0	129	540	0,0
De 5 a menos de 10 ha	81	532	0,1	124	904	0,1	92	636	0,1	175	1.169	0,2	472	3.241	0,1
De 10 a menos de 20 ha	127	1.662	0,4	297	4.480	0,4	357	5.163	0,8	300	4.344	0,6	1.081	15.849	0,5
De 20 a menos de 50 ha	146	4.523	1,0	1.106	32.632	2,8	266	7.577	1,2	566	17.105	2,5	2.084	61.837	2,1
De 50 a menos de 100 ha	92	6.163	1,4	294	20.328	1,7	106	7.047	1,1	168	10.947	1,6	660	44.485	1,5
De 100 a menos de 200 ha	64	7.998	1,8	152	21.101	1,8	79	10.283	1,7	89	11.509	1,7	384	50.891	1,7
<b>PEQUENO (menos de 200 ha)</b>	<b>700</b>	<b>21.223</b>	<b>4,8</b>	<b>2.134</b>	<b>79.913</b>	<b>6,8</b>	<b>1.047</b>	<b>31.040</b>	<b>5,1</b>	<b>1.589</b>	<b>45.741</b>	<b>6,6</b>	<b>5.470</b>	<b>177.917</b>	<b>6,1</b>
De 200 a menos de 500 ha	28	9.069	2,1	152	48.522	4,1	87	27.331	4,5	106	31.128	4,5	373	116.050	4,0
De 500 a menos de 1000 ha	12	8.382	1,9	94	67.743	5,7	80	55.428	9,0	65	43.265	6,2	251	174.818	6,0
<b>MÉDIO (de 200 a menos de 1000 ha)</b>	<b>40</b>	<b>17.451</b>	<b>4,0</b>	<b>246</b>	<b>116.265</b>	<b>9,8</b>	<b>167</b>	<b>82.759</b>	<b>13,5</b>	<b>171</b>	<b>74.393</b>	<b>10,7</b>	<b>624</b>	<b>290.868</b>	<b>9,9</b>
De 1000 a menos de 2500 ha	11	19.557	4,4	67	104.969	8,9	57	90.829	14,8	49	75.408	10,9	184	290.763	9,9
De 2500 ha e mais	26	383.307	86,8	75	881.789	74,5	46	409.223	66,7	50	499.219	71,9	197	2.173.538	74,1
<b>GRANDE (1000 ha e mais)</b>	<b>37</b>	<b>402.864</b>	<b>91,2</b>	<b>142</b>	<b>986.758</b>	<b>83,4</b>	<b>103</b>	<b>500.052</b>	<b>81,5</b>	<b>99</b>	<b>574.627</b>	<b>82,7</b>	<b>381</b>	<b>2.464.301</b>	<b>84,0</b>
Produtor sem área	57	-	-	2	-	-	192	-	-	18	-	-	269	-	-

Dados: Censo Agropecuário 2006 - IBGE

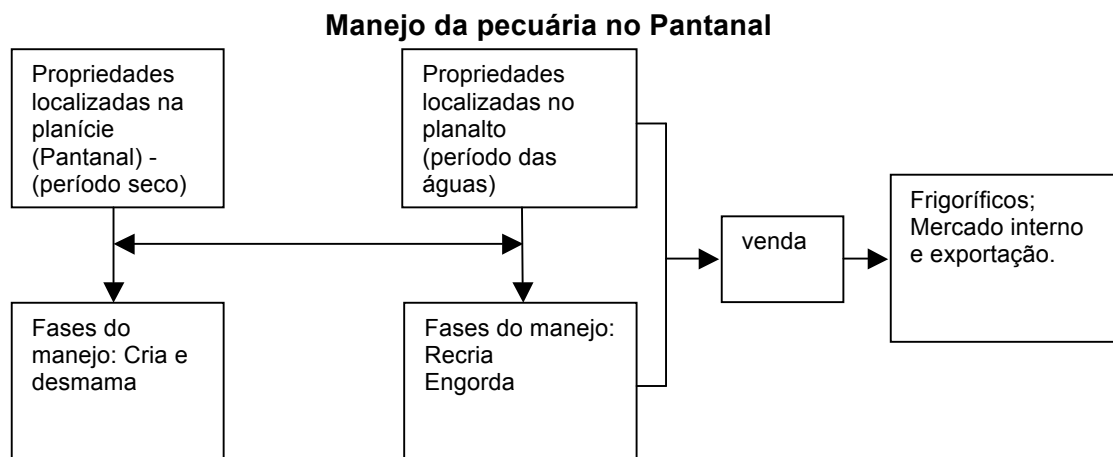
**Tabela 04 – Distribuição dos bovinos nas classes de área dos estabelecimentos agropecuários nos municípios analisados – 2006**

Classes de área dos estabelecimentos agropecuários	Barão de Melgaço		Cáceres		Poconé		Santo Antônio do Leverger		Total dos quatro municípios	
	Cabeças	%	Cabeças	%	Cabeças	%	Cabeças	%	Cabeças	%
<b>TOTAL</b>	<b>104.979</b>	<b>100,0</b>	<b>583.728</b>	<b>100,0</b>	<b>196.766</b>	<b>100,0</b>	<b>322.590</b>	<b>100,0</b>	<b>1.208.063</b>	<b>100</b>
Mais de 0 a menos de 0,1 ha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
De 0,1 a menos de 0,2 ha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
De 0,2 a menos de 0,5 ha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
De 0,5 a menos de 1 ha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
De 1 a menos de 2 ha	827	0,8	96	0,0	42	0,0	56	0,0	1.021	0,1
De 2 a menos de 3 ha	87	0,1	443	0,1	69	0,0	133	0,0	732	0,1
De 3 a menos de 4 ha	211	0,2	561	0,1	112	0,1	189	0,1	1.073	0,1
De 4 a menos de 5 ha	420	0,4	542	0,1	32	0,0	212	0,1	1.206	0,1
De 5 a menos de 10 ha	1.598	1,5	2.112	0,4	445	0,2	1.226	0,4	5.381	0,4
De 10 a menos de 20 ha	3.928	3,7	7.237	1,2	2.909	1,5	4.374	1,4	18.448	1,5
De 20 a menos de 50 ha	6.328	6,0	34.035	5,8	4.876	2,5	13.081	4,1	58.320	4,8
De 50 a menos de 100 ha	5.458	5,2	25.273	4,3	3.934	2,0	10.537	3,3	45.202	3,7
De 100 a menos de 200 ha	5.104	4,9	26.093	4,5	6.439	3,3	7.862	2,4	45.498	3,8
<b>PEQUENO (menos de 200 ha)</b>	<b>23.961</b>	<b>22,8</b>	<b>96.392</b>	<b>16,5</b>	<b>18.858</b>	<b>9,6</b>	<b>37.670</b>	<b>11,7</b>	<b>176.881</b>	<b>14,6</b>
De 200 a menos de 500 ha	5.616	5,3	56.534	9,7	17.677	9,0	23.473	7,3	103.300	8,6
De 500 a menos de 1000 ha	4.593	4,4	62.958	10,8	26.035	13,2	36.496	11,3	130.082	10,8
<b>MÉDIO (de 200 a menos de 1000 ha)</b>	<b>10.209</b>	<b>9,7</b>	<b>119.492</b>	<b>20,5</b>	<b>43.712</b>	<b>22,2</b>	<b>59.969</b>	<b>18,6</b>	<b>233.382</b>	<b>19,3</b>
De 1000 a menos de 2500 ha	9.750	9,3	77.780	13,3	43.892	22,3	38.068	11,8	169.490	14,0
De 2500 ha e mais	61.029	58,1	289.985	49,7	89.908	45,7	186.746	57,9	627.668	52,0
<b>GRANDE (1000 ha e mais)</b>	<b>70.779</b>	<b>67,4</b>	<b>367.765</b>	<b>63,0</b>	<b>133.800</b>	<b>68,0</b>	<b>224.814</b>	<b>69,7</b>	<b>797.158</b>	<b>66,0</b>
Produtor sem área	-	-	-	-	380	0,2	125	0,0	505	0,0

Dados: Censo Agropecuário 2006 - IBGE

As possíveis hipóteses que justificariam a eficiência da produção pecuarista nos estabelecimentos pequenos e médios poderiam residir na explicação da localização dessas propriedades em locais mais altos e, portanto, com melhor qualidade de pastagem, inclusive maior porcentagem de pastagem plantada, como pode ser visto no mapa 02. Outra possível explicação é que estes estabelecimentos, por serem menores, precisariam otimizar a atividade pecuária para obter maior lucro por unidade de área. Entretanto, tais hipóteses devem ser contextualizadas, uma vez que no Pantanal, o mesmo proprietário que possui uma propriedade na planície (Pantanal) e desenvolve a pecuária, para complementar o ciclo produtivo e obter maior lucro deve possuir ou arrendar propriedades nas partes altas – um indicador de que a atividade pecuária e a terra são ainda mais concentradas do que expressam os dados. Isso ocorre porque durante a cheia os rebanhos são remanejados para partes mais altas, no Planalto. O esquema de manejo da pecuária no pantanal é apresentado na figura 01.

**Figura 01 – Esquema representativo do manejo do gado entre propriedades da parte alta (planalto) e da parte baixa (Pantanal)**



Geralmente, as fazendas localizadas nas partes baixas são maiores que as na parte alta, sendo que nessas últimas o manejo é intensivo e se investe vultosas somas de capital nas pastagens cultivadas, utilizadas na fase final da cadeia produtiva aumentando o preço do produto. Dessa forma, a leitura linear das tabelas 3 e 4, que buscam evidenciar a concentração de terras e a produção pecuarista, possibilita o vislumbre de apenas uma tendência, pois, no Pantanal brasileiro, as grandes, médias e pequenas propriedades podem pertencer a um único proprietário ou a proprietários de uma mesma família que realizam o manejo de forma integrada.

Quanto à tecnificação da pecuária nos municípios analisados, os dados e os trabalhos de campo indicam índices muito baixos, porém crescentes. Por exemplo, se tomarmos os dados do Censo Agropecuário 2006 sobre um indicador mínimo de tecnologia, que é a prática de inseminação artificial, em Barão de Melgaço, apenas um dos 233 estabelecimentos com mais de cinquenta cabeças de bovino pratica; para Cáceres são 27/868, Poconé 11/328 e Santo Antônio do Leverger 23/387. A suplementação animal com outros produtos que não o sal mineral (ração, grãos e subprodutos industriais) também não é uma prática comum. Em Barão de Melgaço são apenas 12 dos 233 estabelecimentos com mais de 50 cabeças que fornece suplementação ao gado, em Cáceres, apenas 250 dos 868, Poconé 78/328 e Santo Antônio do Leverger são 158 dos 387 estabelecimentos.

Outro indicador de tecnologia é a rastreabilidade, sistema de controle que registra todas as ocorrências relevantes ao longo da vida do animal, desde o seu nascimento até o abate com a finalidade de garantir a origem e a sanidade do gado. A porcentagem de rebanho rastreado ainda é baixa, realizada em dois estabelecimentos agropecuários de Barão de Melgaço, 224 de Cáceres, 23 de Poconé e 43 de Santo Antônio do Leverger. A análise conjunta desses dados mostra que os municípios com práticas mais modernas de pecuária são Cáceres e Santo Antônio do Leverger, que possuem maior proporção de terras altas; já Poconé e Barão de Melgaço são caracterizados por práticas pecuárias mais tradicionais, provavelmente porque uma grande proporção de sua área seja afetada de forma mais intensa pelas cheias.

A pecuária na porção mato-grossense do Pantanal brasileiro, especificamente nos municípios de Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço e Santo Antônio do Leverger ainda apresenta indicadores de baixo impacto ambiental no que concerne à tecnificação. Entretanto, com a intensificação desse processo a sustentabilidade socioambiental encontra-se ameaçada. Tal situação pode ser evidenciada pelas transformações ocorridas na estrutura fundiária devido a desagregação do patrimônio familiar (ROSSETTO, 2004) que influencia no tamanho das propriedades. Com a diminuição das áreas, as técnicas de manejo são mais aprimoradas e exigem a melhoria da qualidade nutricional das pastagens que no sistema anterior eram nativas e atualmente são cultivadas. A substituição das

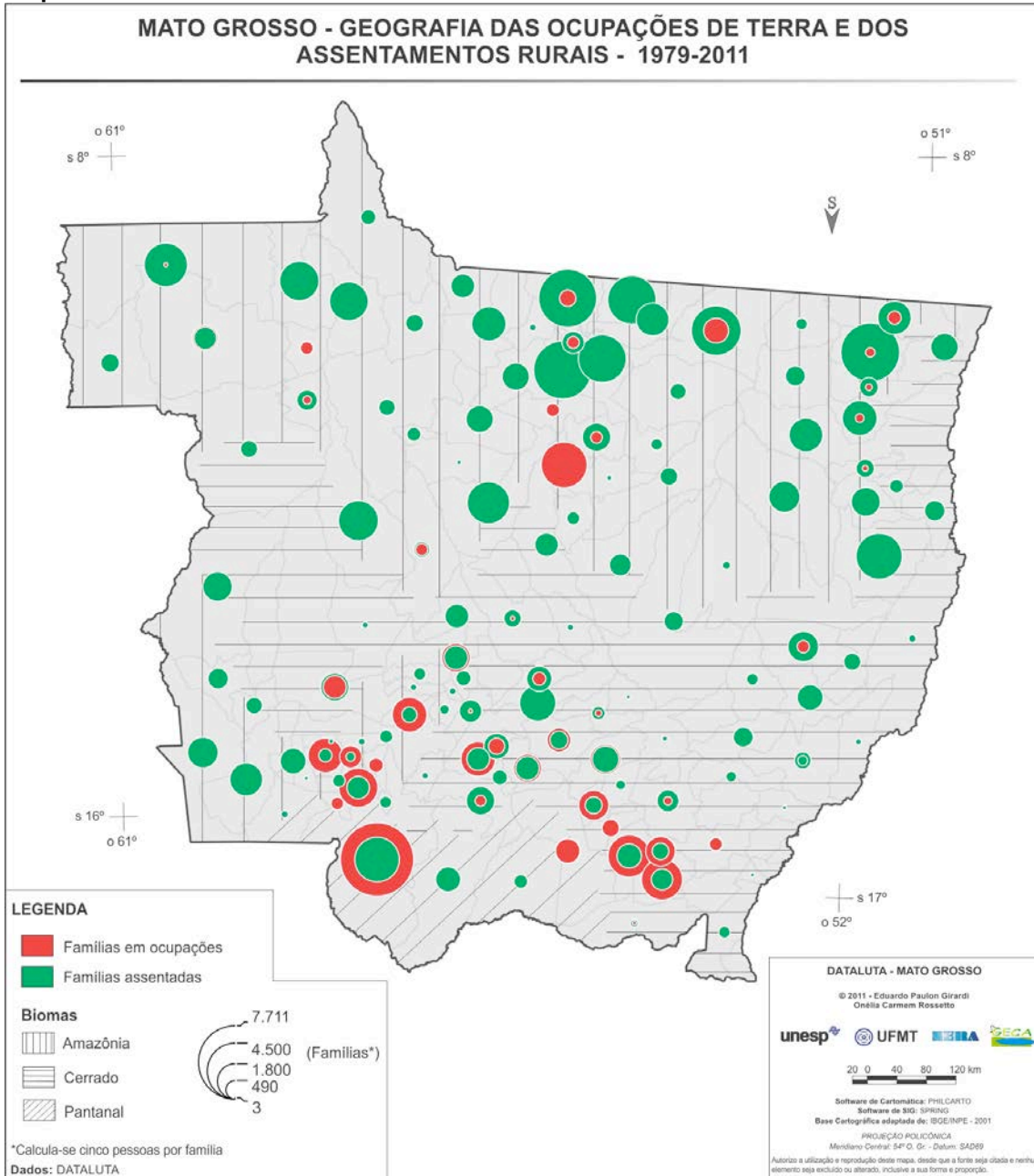
pastagens naturais pelas exóticas é o principal indicador da modernização da pecuária no Pantanal brasileiro e implica em impactos positivos e negativos nas múltiplas dimensões da sustentabilidade socioambiental.

Por um lado, a substituição das pastagens nativas pelas exóticas resulta em maior produtividade e rentabilidade econômica, por outro, as características naturais dessa área úmida paulatinamente sofrem alterações podendo influenciar na sazonalidade climática e na manutenção do equilíbrio ecológico dessa importante área alagadiça. Para a população da região, principalmente para os trabalhadores assalariados rurais, as transformações nas técnicas de manejo resultam em desemprego e baixo índice de qualidade de vida, evidenciados através das taxas de IDH dos municípios em questão. Assim, o quadro de estagnação regional apontado pelas pesquisas de campo tende a se manter, uma vez que as políticas públicas pouco influenciam para o desenvolvimento socioeconômico sustentável do Pantanal.

### **Mudanças recentes e desenvolvimento humano**

Atualmente a política nacional de assentamentos rurais vem influenciando o processo de desconcentração da posse da terra em Mato Grosso e especificamente no Pantanal. Rossetto (2011) realiza estudo comparativo dos dois últimos censos agropecuários 1995-96 e 2006 e constata que nos municípios do Pantanal localizam-se 11,9% dos assentamentos rurais do estado de Mato Grosso e, no eixo da BR-163, área de forte expansão do agronegócio, apenas 3,6%. Os resultados apontam também que no eixo da BR-163, o número de assentamentos da reforma agrária é 231,56% menor que no Pantanal mato-grossense. Da mesma forma, a área ocupada pelos assentamentos no eixo da BR-163 é 38% menor que a área ocupada pelos assentamentos localizados no Pantanal. Como pode ser visto no mapa 05, as ações dos movimentos socioterritoriais de luta pela terra ocorrem, sobretudo, na porção sul do estado de Mato Grosso, inclusive Pantanal. Os assentamentos do sul do estado são decorrência das ações desses movimentos, porém, os assentamentos do norte mato-grossense são resultado das ações de colonização do período ditatorial entre as décadas de 1970 e 1980.

Mapa 05



A desconcentração fundiária, que ocorre pela criação de assentamentos no Pantanal, não tem os resultados sociais esperados. Um primeiro problema é que os assentamentos, assim como a maioria nacional, não apresentam condições básicas necessárias para o apoio ao desenvolvimento pleno da agricultura camponesa. Em segundo lugar, há assentamentos no Pantanal em que o pulso de inundação recobre algumas áreas. Na perspectiva da sustentabilidade econômica e social, a desconcentração da posse da terra no Pantanal é um indicador positivo, pois possibilita ao camponês o acesso a posse da terra e, em alguns casos às políticas de crédito, entretanto, é notória a ausência de sinergia entre as políticas de reforma agrária e as políticas ambientais.

Em 1997, o Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA – passa a tornar obrigatória a solicitação de licenciamento ambiental para assentamentos rurais, e em 25 de outubro de 2001 foi aprovada a Resolução CONAMA nº 289 que busca entre outros objetivos, estabelecer diretrizes com vistas a disciplinar a utilização dos recursos naturais, reduzir as desigualdades sociais e proteger o meio ambiente nos assentamentos da reforma agrária. O referido documento foi revogado pela Resolução CONAMA nº 387 de 27 de

dezembro de 2006, que simplifica as etapas e os documentos exigidos para o licenciamento ambiental e orienta a elaboração do Plano de Desenvolvimento do Assentamento – PDA, que deverá observar a “diversidade de casos compreendida pelos diferentes biomas existentes, com destaque para os seus aspectos fisiográficos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, sendo instrumento básico à formulação de projetos técnicos e todas as atividades a serem planejadas e executadas nas áreas de assentamento” (BRASIL, 2006). Isso não é colocado em prática nos assentamentos do Pantanal.

O excesso de burocracia presente nas legislações aliado à ineficiência das equipes técnicas e ao desmonte das instituições públicas, dificultam a concretização das leis. De Carli (2010) afirma que embora ocorra a obrigatoriedade do licenciamento em todos os assentamentos da reforma agrária, dos 6.316 assentamentos existentes no Brasil em 2008, apenas 1.602 possuíam a licença ambiental. Em Mato Grosso, segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, havia em 2010 cerca de 547 assentamentos, com apenas um licenciado: o Assentamento Ena, localizado no município de Feliz Natal, no Bioma amazônico. A autora atribui esse fato a diversos entraves e ressalta como o principal deles a ausência de diálogo e de agendas conjuntas entre os órgãos responsáveis pela sustentabilidade ambiental e os órgãos responsáveis pelo espaço agrário, fato que compromete a sustentabilidade socioambiental da reforma agrária. Isso, porém não é motivo para a defesa do fim das políticas de reforma agrária, mas, sim, para lutar para que essas sejam efetivamente sustentáveis socioambientalmente.

No Pantanal brasileiro, os assentamentos da reforma agrária são implantados com base em escassos subsídios sobre a viabilidade econômica, ambiental e demais informações que consolidam o PDA, como correlato, ocorre a criação de assentamentos em áreas impróprias criando passivos ambientais difíceis de serem sanados e colaborando para o abandono das áreas e insucesso da reforma agrária. No Assentamento Corixinha, localizado no pantanal de Cáceres-MT, é possível constatar que, no período da cheia, parte da área fica submersa e, na época da seca, a produção agropecuária é prejudicada pela falta de água, assim, a alternativa de sobrevivência para os assentados reside na venda da mão-de-obra temporária para os fazendeiros do entorno ou na retirada e comercialização de espécies da vegetação nativa muito utilizadas na construção de cercas e de currais, não raro encontradas nas áreas de preservação permanente que circundam os rios da região. A má gestão do processo de reforma agrária compromete a sustentabilidade ambiental, econômica e social do bioma pantaneiro.

A reorganização da estrutura fundiária no Pantanal apresenta, também, características do agronegócio baseado na exploração de outras monoculturas que não a pecuária/pastagem e que envolve capital nacional e internacional, principalmente nas terras localizadas nas áreas de planalto. No município de Cáceres, localiza-se a empresa Floresteca, considerada a maior empresa privada do mundo especializada no manejo da teca (*Tectonagrandis*), espécie utilizada principalmente para a construção de navios e móveis de alto padrão. A Floresteca abastece o mercado brasileiro e exporta sua produção para a Europa e a Ásia. A madeira é, principalmente, exportada para a China, onde é trabalhada por marceneiros que fabricam móveis que são vendidos na Europa e Estados Unidos. As condições climáticas do Pantanal são propícias ao cultivo, pois a espécie necessita de áreas que registrem precipitações pluviométricas médias anuais entre 1.200 e 2.500 mm, e que tenham uma estação seca bem definida, de 3 a 5 meses anuais.

No âmbito local, a referida empresa monocultora influencia diretamente uma comunidade tradicional denominada Distrito do Limão, localizada nas margens do Rio Jauru, pertencente à bacia hidrográfica do Paraguai. Na localidade residem famílias compostas por camponeses ribeirinhos que diversificavam suas atividades econômicas na pesca, no plantio de roças e na pecuária para subsistência. Com a presença da empresa monocultora, as atividades econômicas tradicionais foram substituídas pelo emprego com carteira assinada usualmente em atividades que exigem pouca instrução e conhecimento tecnológico, como o trabalho de controle de pragas por meio da utilização de agroquímicos e outras atividades do manejo. Ao transitar pela localidade, observa-se que os quintais e roças, antes ocupados

por árvores frutíferas, mandioca, milho entre outros, estão sendo utilizados para o plantio de teca.

Nas áreas de planalto do município de Itiquira destaca-se o grupo Amaggi, especializado na produção e exportação de soja, apoiado na agricultura modernizada. No pantanal sul mato-grossense, constata-se a presença de empresas minero-industriais que exploram o cimento no município de Bodoquena e minérios de ferro e seus concentrados (manganês, ferro fundido bruto, cimentos). Na porção sul do Pantanal é expressiva a consolidação de uma base econômica regional amparada nas atividades de mineração e de siderurgia por meio das atividades da Companhia Vale do Rio Doce, Companhia Cimento Itaú, Votorantim Cimentos, Mineração Corumbaense Reunida, entre outras. Essas atividades incidem de forma ainda mais drástica no equilíbrio ambiental do bioma.

## Considerações finais

A sustentabilidade ecológica do Pantanal depende da relação entre planalto e planície. Assim, qualquer ação nociva ao meio ambiente realizada no planalto, principalmente aquelas que afetam os sistemas hídricos, resulta em impactos negativos na planície inundável, podendo comprometer a manutenção dos camponeses ribeirinhos, além de influenciar nas relações sociais e no modo de vida. Sachs (2000) aponta que para se alcançar níveis satisfatórios de sustentabilidade econômica e ecológica se faz necessário o desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado; segurança alimentar; capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção e preservação do potencial do capital natureza na sua produção de recursos renováveis. No Pantanal brasileiro, as transformações observadas desvelam o desequilíbrio entre a reestruturação agrária e seus impactos no meio ambiente e nos grupos sociais que, de maneira geral, são mais negativos que positivos. Para os trabalhadores rurais assalariados, as transformações nas técnicas de manejo resultam em desemprego.

A argumentação que tenta justificar a grande extensão das fazendas pantaneiras através das características ecológicas do Pantanal cai por terra quando analisamos os dados das grandes propriedades da região, com rebanhos numerosos e áreas que excedem às necessidades de manutenção de uma família, de acordo com a concepção geral de unidade camponesa ou familiar como constante nas discussões sobre a reforma agrária e também como consta na legislação do país sobre o tema. Desta forma, considerando a sustentabilidade como multidimensional e, entendendo que a estrutura agrária é uma importante dimensão para a sustentabilidade socioambiental especialmente no Pantanal, devemos considerar que a superação ou minimização desta concentração é um dos elementos a serem implementados para a promoção da sustentabilidade socioambiental no Pantanal. Com isso, queremos dizer que as grandes propriedades do Pantanal devem ser consideradas, no *aspecto fundiário*, iguais às demais grandes propriedades do país, como um fato de concentração de poder e riqueza e como meio de produção capitalista. Porém, no que diz respeito às características ambientais, o uso do solo das terras no Pantanal deve ser considerado em suas particularidades, o que demanda proposições mais cautelosas para sua destinação, seja para a produção capitalista ou camponesa.

Com a expansão de atividades relacionadas ao plantio de forrageiras e as transformações nas técnicas de manejo do gado, a oferta de emprego para os trabalhadores assalariados está cada vez mais escassa e a mão-de-obra deve apresentar outras qualificações, como, por exemplo, a habilidade de dirigir tratores, consertar máquinas e demais implementos utilizados no desmatamento e formação de pastagens, tais como tratores de esteira, semeadeiras e roçadeiras mecânicas. Aos trabalhadores assalariados, antigos peões pantaneiros, restam como alternativas: qualificar-se para desempenhar as novas funções em um mercado onde a oferta de trabalho é bastante restrita; migrar para as cidades e subordinar-se às condições de moradia nas periferias urbanas ou ingressar na luta pela reforma agrária.



A geração de postos de trabalho (seja na forma de emprego, da agricultura familiar ou de atividades autônomas) é um desafio para os municípios pantaneiros no contexto da sustentabilidade em uma economia capitalista com os atuais fundamentos e comportamentos do capital. A maioria dos municípios do Pantanal mato-grossense apresenta características marcantes de estagnação econômica e baixa qualidade de vida. Dentre os 141 municípios mato-grossenses, os municípios do Pantanal estão em posições bastante desfavorecidas: Itiquira – 31º lugar e IDH 0,767; Cáceres 59º / 0,737; Santo Antônio do Leverger 86º / 0,717; Poconé 121º / 0,679; Barão de Melgaço 123º / 0,672; Nossa Senhora do Livramento 125º / 0,655.

É possível afirmar que as tradicionais identidades pantaneiras estão sendo dissolvidas através da uniformização das novas técnicas produtivas e da absorção dos valores da modernidade. Nas palavras de Hall (2001, p. 75), “[...] quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens [...] pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas, desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos [...]”. Cabe ressaltar que, no contexto da inserção plural dos pantaneiros na modernidade, as noções de tradição estão paulatinamente perdendo sua função nos códigos de conduta no grupo social. Contudo, essa alteração não parece invalidar a identidade do grupo das duas gerações, visto que, ainda prevalece o sentimento de pertencimento ao lugar e o orgulho de ser pantaneiro. Na memória coletiva das gerações mais jovens, mantém-se o reconhecimento das paisagens pantaneiras como um lugar de retorno, herdado das gerações anteriores, assim, ocorre certa sustentabilidade na dimensão cultural do processo de desenvolvimento, ou seja, a perspectiva da continuidade, o respeito à tradição e a inovação (ROSSETTO, 2004).

O processo de desenvolvimento do Pantanal brasileiro caracteriza-se pelo conflito entre a modernização das atividades econômicas e a busca da sustentabilidade socioambiental nas suas múltiplas dimensões. A perspectiva do desenvolvimento sustentável do Pantanal ainda está ligada ao lugar social de cada grupo de atores que habita as paisagens pantaneiras, portanto, ainda não revela os interesses coletivos. É importante ressaltar a urgência de políticas e programas voltados ao equilíbrio ecológico e social, com caráter abrangente e efeito multiplicador.

Na ótica da sustentabilidade ambiental, as porções de terras inundáveis do Pantanal deveriam ser recuperadas e protegidas por meio de legislação específica, reduzindo as áreas destinadas à pecuária. Contudo, ocorreriam também perdas econômicas em uma escala que talvez o Estado não tivesse como assumir, dado o volume de verbas destinadas a indenizações e à diminuição da receita advinda da diminuição das exportações de carne bovina. Por outro lado, o incentivo a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural – RPPNs – ainda é pouco atraente, pois apenas isenta o proprietário do Imposto Territorial Rural – ITR – e restringe o uso das áreas revertendo em baixa lucratividade econômica. Este é o preço e a barreira que o capital impõe à conservação.

É urgente a transformação do modelo predador de uso dos elementos naturais do Pantanal para um modelo sustentável que inclua as diferentes dimensões da sustentabilidade, entre elas a dimensão social, caracterizada por Sachs (2000, p. 85) como o “[...] alcance de um patamar razoável de homogeneidade social; distribuição de renda justa; emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente; igualdade ao acesso aos recursos e serviços sociais.”

Por fim, é necessário que ações sejam feitas imediatamente no sentido de impedir que o Pantanal configure na atualidade uma fronteira adormecida da agropecuária moderna, de forma que, com o esgotamento da fronteira agropecuária na Amazônia e no Cerrado, o Pantanal seja a próxima fronteira a ser ocupada pelo agronegócio e suas técnicas que, com a inversão vultuosa de capitais subsidiados pelo Estado, conseguem suplantam grande parte dos impeditivos à realização da agricultura moderna que configura o Pantanal na atualidade. Isso manteria as desigualdades sociais e provocaria maior desequilíbrio ambiental, deixando ainda mais distante a sustentabilidade socioambiental para a região. É necessário conceber que políticas de incentivo ao capital agrário não vão



conseguir este objetivo, sendo necessárias ações em sentido oposto pelo Estado. Isso, porém, parece longínquo, já que o Pantanal não tem o mesmo apelo que a Amazônia e as políticas públicas de desenvolvimento sustentável são praticamente inexistentes no bioma.

### Referências bibliográficas

AB’SÁBER, A. N. O Pantanal mato-grossense e a teoria dos refúgios. **Revista Brasileira de Geografia**, número especial, tomo 2. Rio de Janeiro: IBGE, 1998, p. 9-57.

ASSAD, E.; PINTO, H. P. **Aquecimento global e a nova geografia da produção agrícola no Brasil**. Brasília/Campinas: Embrapa/Unicamp, 2008. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/publicacoes/institucionais/titulos-avulsos/aquecimentoglobal.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Resolução CONAMA nº 387 de 27 de dezembro de 2006**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res06/res38706.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2012

DE CARLI, S. A. **Licenciamento ambiental em assentamento da Amazônia matogrossense e suas implicações**: um estudo de caso nos assentamentos da Gleba Ribeirão Grande – Nova Mutum/MT. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2010.

GIRARDI, E. P. et al. **DATALUTA – Mato Grosso – Relatório 2011**. Presidente Prudente/Cuiabá: FCT/Unesp – UFMT, 2011. Disponível em: <[www.fct.unesp.br/nera](http://www.fct.unesp.br/nera)>

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, M. F. B. Da. Mapeamento da territorialização do cultivo de cana-de-açúcar no estado de São Paulo no período 2000-2011. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 17, 2012, Belo Horizonte. **Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos**. Belo Horizonte: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2012. p. 1-10.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HIGA, T. C. S. Processo de ocupação e formação territorial. In: MORENO, G. e HIGA, T. C. S. **Geografia de Mato Grosso**: território, sociedade e ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005. p. 18-33.

JUNK, W. J.; SILVA, C. J. da. O conceito de pulso de inundação e suas implicações para o Pantanal de Mato Grosso. In: II SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL – MANEJO E CONSERVAÇÃO, 1996, Corumbá. **Anais do II Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal – Manejo e Conservação**. Corumbá: Embrapa Pantanal, 1999. p. 17-28.

LEFF, E. Tiempo de sustentabilidad. **Ambiente e Sociedade**. Campinas: Oficinas gráficas da Universidade Estadual de Campinas, nº. 6-7, ano III, 2000, p. 5-14.

MATO GROSSO. **Lei Estadual Complementar n. 038 de 21/11/1995. Código Estadual do Meio Ambiente**. Disponível em: <[www.fema.gov.br](http://www.fema.gov.br)>. Acesso em: 12 set. 2012.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.830, de 21 de janeiro de 2008**. Disponível em: <[www.sema.mt.gov.br/index.php](http://www.sema.mt.gov.br/index.php)>. Acesso em 15 nov. 2012>.

MAZZA, M. C. M.; MAZZA, C. A. S.; SERENO, J. R. B. **Etnobiologia e conservação do bovino pantaneiro**. Corumbá: EMBRAPA-CPAP, Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994.

McCORMICK, J. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MORENO, G. Políticas e estratégias de ocupação. In: MORENO, G.; HIGA, T. C. S. **Geografia de Mato Grosso: território, sociedade e ambiente**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005. p. 34-51.

\_\_\_\_\_. **Terra e poder em Mato Grosso: política e mecanismos de burla – 1892-1992**. Cuiabá: UFMT/Entrelinhas, 2007.

RODRIGUES, A. M. A utopia da sociedade sustentável. In. **Ambiente e sociedade**. Campinas: Unicamp, n. 2, jan.-jun., 1998, p. 133-138.

ROSSETTO, O. C. **“Vivendo e mudando junto com o Pantanar...”**: um estudo das relações entre as transformações culturais e a sustentabilidade ambiental das paisagens pantaneiras. 223 f. Tese. (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. Dinâmica agrária e resiliência camponesa: estudo comparativo entre o lócus do agronegócio e o Pantanal mato-grossense. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, v. 68-69, p. 48-63, 2011. Disponível em: < <http://www.ihgmt.org.br/revistas/REVISTA%2068-69.pdf> >

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

\_\_\_\_\_. Qual desenvolvimento para o século XXI? In: BARRÈRE, M. (coord.). **Terra: patrimônio comum (a ciência a serviço do meio ambiente e do desenvolvimento)**. São Paulo: Nobel, 1992. p.117-130.

SETTE, D. M. **O Holloritmo e as interações Trópico-Extratropical na gênese do clima e as paisagens do Mato Grosso**. São Paulo: USP, 2000. 394 f. Tese (Doutorado em Geografia Física), Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.

TARIFA, J. R. O sistema climático do pantanal: da compreensão do sistema à definição de prioridades de pesquisa climatológica. In: I SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1, 1984, Corumbá. **Anais do I Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal**. Brasília: Embrapa, 1986. p. 120-50.

VILA DA SILVA, J. S.; ABDON, M. M. Delimitação do pantanal brasileiro e suas sub-regiões. **Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira**. v. 33, Número Especial. Brasília: Embrapa, 1998, p. 1703-11.

WORD WILDLIFE FUND – WWF. **Análise do risco ecológico da Bacia do Rio Paraguai: Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai**. Brasília: WWF, 2011.

\_\_\_\_\_. **Programa de Conservação da Biodiversidade**. Convenção Ramsar de Áreas Úmidas. Brasília: WWF, 1999.

# Contradições do programa sergipano de biodiesel

**Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque Omena**

Universidade Federal de Sergipe – UFS  
e-mail: luiza.omena@gmail.com

**Roberto Rodrigues de Souza**

Universidade Federal de Sergipe – UFS  
e-mail: rrsouza@ufs.br

**Maria José Nascimento Soares**

Universidade Federal de Sergipe – UFS  
e-mail: marjonaso@ufs.br

## Resumo

Diante da emergência de substituição de matriz energética em escala mundial a biomassa tem se apresentado como uma alternativa viável para o Brasil na produção de combustíveis para transportes. No entanto, em razão dos desdobramentos e conflitos que envolvem a política bioenergética nos domínios nacional, regional e estadual, nos propomos neste ensaio a refletir sobre algumas contradições que envolvem o Programa Nacional para Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) e se refletem no conjunto dos estados brasileiros por meio dos programas implantados com o mesmo objetivo, a exemplo do programa sergipano de biodiesel (Probiose). As incoerências que os circundam envolvem diversos aspectos, mas tem como base o modelo de políticas públicas rurais adotadas no país, que desarticuladas e desvinculadas do contexto, se voltam ao desenvolvimento agrícola, em detrimento da questão agrária. Somado a outros fatores, tal conflito representa ameaça à sustentabilidade do programa.

**Palavras-chave:** Probiose, biocombustíveis, agricultura familiar, estrutura fundiária, soberania alimentar.

## Resumen

### Contradicciones del programa de biodiesel Sergipe

Antes de la aparición de la energía sustitución de fuentes de biomasa en todo el mundo se ha convertido en una alternativa viable a Brasil en la producción de combustibles para el transporte. Sin embargo, debido a divisiones y conflictos que afectan a políticos campos bioenergéticos nivel nacional, regional y estatal, se propone en este trabajo para reflexionar sobre algunas contradicciones que implican el Programa Nacional de Producción y Uso de Biodiesel (PNPB) y se reflejan en el conjunto de estados de Brasil a través de programas implementados con el mismo objetivo, como el programa de biodiesel Sergipe (Probiose). Las inconsistencias que rodean a involucrar muchos aspectos, pero se basa en el modelo de las políticas públicas adoptadas en el país rural, desarticulado y desconectado del contexto, a su vez al desarrollo agrícola a costa de la cuestión agraria. Además de otros factores, tal conflicto es una amenaza para la sostenibilidad del programa.

**Palabras-clave:** Probiose, los biocombustibles, la agricultura familiar, estructura de la tierra, la soberanía alimentaria.

## Abstract

### Contradictions of Sergipe biodiesel program

According to substitution emergency of the energetic matrix at world level, the biomass presents as viable alternative to Brazil on fuel production for transportation. But, due to implications and conflicts relationship to bioenergetics politics at level national, regional and local, we purpose reflections about some contradictions references to National Program for Production and Use of Biodiesel (NPPUB) and its reflections on states set in Brazil by means of fixed programs with same purpose, for example, sergipano program in Biodiesel (Probiose). Rural public politics models adopted direct to agricultural development instead of the agrarian problem. All factors addiction, such conflict represents threat to the sustainability program.

**Keywords:** Probiose, biofuels, family farming, agrarian structure, food sovereignty.

### Introdução

Diante da iminente necessidade global de substituição de matrizes fósseis de energia (petróleo, carvão e gás natural) por fontes renováveis, a exemplo da eólica, solar, geotérmica e de biomassa, entre outras, tem-se intensificado no país as pesquisas voltadas ao emprego de matérias primas que além de apresentar um bom desempenho em relação ao potencial energético também tenham outras finalidades. Os biocombustíveis líquidos (bioetanol e biodiesel) para uso em transportes se inserem nesse cenário.

O reconhecimento de que a transformação de matriz energética a partir de alternativas mais limpas e renováveis representa uma oportunidade significativa para integrar as agendas sociais, econômicas e ambientais do Brasil, aliado à idéia de que numa conjuntura na qual as nações buscam alcançar um novo patamar no cenário geopolítico internacional o país tem chance de se afirmar como nação soberana, levou o Governo brasileiro a lançar, no ano de 2004, o Programa Nacional para Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), cujas diretrizes incluem a atenuação das disparidades regionais e o equacionamento de questões como a geração de emprego e renda.

Como extensão do programa nacional os estados também têm investido em iniciativas voltadas ao aproveitamento energético da biomassa vegetal. No estado de Sergipe o Programa para Produção de Biodiesel (Probiose) foi lançado no ano de 2007, contando com uma participação de 85% do total de produtores ligados ao MST. Seguindo o mesmo desenho institucional do PNPB, também consta das diretrizes do programa sergipano a garantia de participação do pequeno produtor familiar na cadeia produtiva, a assistência técnica e a oferta de parte da matéria prima para a referida produção.

No entanto, ainda que se vislumbre um panorama favorável para o Brasil na produção massiva de combustíveis a partir da cultura de oleaginosas e que se reconheça o forte apelo social dos programas que vêm sendo implantados nas diversas regiões do país, não se pode olvidar que a produção bioenergética prescinde de elementos que por sua complexidade não podem deixar de ser discutidos e aprofundados.

Constituem-se elementos essenciais ao programa: disponibilidade de terras agricultáveis (que conflita com a questão agrária), acesso à água (recurso escasso em algumas regiões), condições edafoclimáticas adequadas (essenciais à produção de alimentos), inserção do pequeno produtor rural (cujo modo de produção foge à lógica do capital), intervenção no território (fenômeno responsável pela geração de fluxos migratórios), além de passar, prioritariamente, pela exploração vegetal (componente da biodiversidade), considerada uma questão estratégica da atualidade.

Considerando os aspectos contraditórios que envolvem tais elementos e a dimensão que vem sendo alcançada pelo programa de biodiesel no estado de Sergipe, este ensaio

tem como objetivo incitar reflexões sobre algumas questões que reforçam os conflitos no meio rural e se apresentam como limitação ao cumprimento das diretrizes estabelecidas no Probiose, a exemplo da posse da terra.

O ensaio está organizado em três seções. Na primeira se apresenta um panorama da estrutura fundiária do país, fazendo um recorte do estado de Sergipe, na tentativa de avaliar suas implicações para o desenvolvimento do Probiose. Na segunda ressalta-se o jogo de interesses ocultos que permeia o programa e contrastam com as diretrizes propostas. Da última seção constam os comentários finais.

## **Breve panorama da estrutura fundiária brasileira**

A estrutura fundiária do Brasil é extremamente incoerente. Ainda que o país seja o quinto maior do mundo em extensão, um grande contingente populacional não tem acesso à terra para viver e produzir. Tal configuração tem origem no processo de produção do espaço agrário brasileiro, que como afirma Moreira et al. (2010) esteve assentado no trabalho escravo, na produção do monocultivo para exportação e no monopólio da terra, sendo presidido pelo sistema canavieiro, cuja adoção dos sistemas de capitania hereditária e de sesmarias representou fator determinante para uma estrutura fundiária extremamente concentrada, com reflexos em toda a organização de poder.

O Censo Agropecuário 2006, divulgado em 2010, apontou que se excluídos os 33 milhões de hectares de terra representados pelos corpos d'água e pelas áreas urbanizadas os outros 851,4 milhões de hectares de área territorial total brasileira encontram-se ocupados por unidades de conservação (72,3 milhões), terras indígenas (126 milhões), estabelecimentos rurais (330 milhões) e "áreas com outras ocupações" (309 milhões). Para Oliveira (2010) esta última parcela pode tratar-se de terras públicas devolutas, ainda que grande parte delas esteja cercada e não possua documentos legais de posse.

Acrescidas aos 120 milhões de hectares de terras públicas improdutivas, indicados no 2º Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) de 2003, a extensão de terra classificada como "áreas com outras ocupações" contabiliza 429 milhões de hectares de área que podem estar sob controle de mega latifundiários, justificando a segunda posição ocupada pelo país no *ranking* mundial de concentração de terras, o que lhe faz perder somente para o Paraguai.

Paradoxalmente, a agricultura familiar continua se caracterizando pela ocupação de minifúndios, com uma média de 50 hectares de extensão, fator que contribui para que em algumas localidades do país a terra deixe de cumprir a sua função social – direito a alimentação – contrastando com o latifúndio improdutivo, que reúne em uma mesma figura o capitalista e o proprietário de terra.

Embora a condição seja incômoda, não há como precisar onde e de que forma tem se dado a expansão da propriedade fundiária no país, uma vez que o Censo Agropecuário 2006 apresenta incoerências conceituais, tanto em face da metodologia utilizada no trabalho, com base em informações que não tem valor jurídico, posto que não podem ser checadas, quanto pelas distorções apresentadas na pesquisa, a exemplo das parcelas arrendadas dentro de uma única propriedade que foram enquadradas pelo IBGE como estabelecimentos independentes, e ainda no que se refere ao conjunto de áreas totais de estabelecimentos, que foi estratificado em 18 grupos, entre 0 e 2.500 hectares e acabou deixando de fora os grandes fazendeiros.

Na interpretação do IBGE o fenômeno de concentração fundiária no período compreendido entre 1996 e 2006 teria ocorrido majoritariamente nos estabelecimentos que se encontram na faixa entre 100 a menos de 1.000 hectares, embora, paradoxalmente, esses estabelecimentos apareçam no Censo Agropecuário como os que tiveram maior redução no número de áreas, como se pode observar na Tabela 1, a seguir, onde se constata que reduziram 45.058 em número de estabelecimentos e 10.845.039 em área.

**Tabela 1 – Brasil: número de estabelecimentos e área total por grupos de área – 1996-2006**

Grupos de Área	1996		2006	
	Estabelecimentos	Área	Estabelecimentos	Área
Total	<b>4.859.865</b>	<b>353.611.246</b>	<b>5.175.489</b>	<b>329.941.393</b>
Menos de 10 ha	2.402.374	7.882.194	2.477.071	7.798.607
10 a menos de 100 há	1.916.487	62.693.585	1.971.577	62.893.091
Menos de 100 ha	4.318.861	70.575.779	4.448.648	70.691.698
100 a menos de 1000 ha	<b>469.964</b>	<b>123.541.517</b>	<b>424.906</b>	<b>112.696.478</b>
1000 ha e mais	49.358	159.493.949	46.911	146.553.218

**Fonte:** IBGE - Censo Agropecuário 2006.

Por outro lado, a elevação do índice de Gini para 1,9% no período compreendido entre 1996 e 2006 indica que houve, de fato, crescimento de concentração de terras no país, dando indícios de ampliação do monopólio capitalista e da ineficácia na redistribuição de terra constante dos dois planos nacionais de reforma agrária, mesmo que a condição de ocupante constante do Censo Agropecuário 2006 tenha registrado um aumento no número de assentamentos no resultado final. Convém destacar que as pesquisas do IBGE não levaram em consideração a existência de assentados sem titulação definitiva, apesar de a terra ter sido cedida por órgãos fundiários.

Como consequência da estrutura fundiária e do modelo agropecuário adotado secularmente no país se verifica no campo uma condição de extrema desigualdade no acesso ao trabalho e à renda, sendo este um dos principais conflitos agrários brasileiro. Tal situação tem como alicerce a ação do Estado que devido aos compromissos assumidos com a elite agrária, historicamente tem atuado como mantenedor da propriedade privada da terra, quer seja mediante à compra de imóveis improdutivos, do apoio logístico, da redução de impostos ou ainda por meio da garantia de compra de produtos do agronegócio, que supervalorizados são vendidos ao Estado, proporcionando aos latifundiários a certeza da renda da terra.

Ramos Filho (2008) destaca que além da manutenção do rentismo fundiário e da ausência de uma política de reforma agrária efetiva, constituem-se elementos históricos da questão agrária brasileira: o trabalho degradante, a superexploração da mão de obra, a grilagem de terras, a degradação socioambiental e as lutas de resistência dos trabalhadores. Como elementos incorporados à questão agrária nas últimas décadas acrescentam: o agronegócio baseado na agricultura de precisão, a transgenia, a biotecnologia, a nanotecnologia e, mais recentemente, a transição da matriz energética para os agrocombustíveis.

Em relação ao nordeste, segundo o Censo Agropecuário 2006, a região concentra o maior percentual de estabelecimentos agropecuários (47,4%) e em termos de área ocupa a segunda posição na participação brasileira (22,9%). No tocante à área média o estabelecimento agropecuário nordestino possui apenas 30,80 hectares, sendo que Sergipe se destaca como o estado com menor área média por estabelecimento (14,7 hectares), seguido de Alagoas, cuja média é de 17,1 hectares (ALVES, 2011). A Tabela 2, abaixo, apresenta a condição de Sergipe no aspecto referente ao número de Estabelecimentos Agropecuários.

**Tabela 2 - Estabelecimentos agropecuários do estado de Sergipe**

Período	Menos de 10 ha	10 a menos de 100 ha	Menos de 100 ha	1000 a mais
1970	165.767	550.582	<b>716.349</b>	275.287
1975	178.563	563.599	742.162	288.669
1980	175.280	601.468	776.748	322.517
1985	195.766	602.407	798.173	294.539
1996	174.398	558.054	732.452	197.397
2006	181.314	564.231	<b>745.544</b>	152.637

**Fonte:** IBGE - Censo Agropecuário/séries estatísticas.

Como se verifica, a variação no número de estabelecimentos rurais sergipanos com menos de 100 hectares foi de 29.195 em mais de quatro décadas. Se considerado o crescimento demográfico do período e a posse privada da terra, o dado se mostra pouco expressivo e revela a ineficácia do Estado em relação à redistribuição fundiária. A situação chama ainda mais atenção se for levado em conta o fato de muitos produtores rurais que participaram da pesquisa do IBGE não terem a posse da terra, ou seja, estarem assumindo a mera condição de arrendatários.

De acordo com Sousa et al. (2007) não há uma metodologia consensual para quantificar os demandatários de terra no Brasil, sendo esses números tão controversos quanto os da reforma agrária. Em relação ao estado de Sergipe, em particular, os mesmos autores afirmam que há muito mais trabalhadores sem terra do que assentados e que os dados sobre a demanda por terra ao longo da história divergem conforme a fonte. Embora os números do INCRA sejam menores do que os apresentados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a demanda total pode chegar a 25.000 famílias.

Convém ressaltar que além de se apresenta como um desestímulo aos produtores, a condição de locatário traz consigo desvantagens tais como: dificuldade para obtenção de crédito e comercialização, limitações tecnológicas e menor assistência por parte das políticas governamentais dirigidas à agricultura. Cabe ainda chamar atenção para o fato de historicamente terem sido impostas aos pequenos agricultores que detêm a posse da terra no estado políticas agrícolas que pouco contribuíram para melhorar sua situação; tratam-se de pacotes prontos que pelo fato de desconsiderarem as particularidades socioterritoriais de cada localidade acabaram acarretando no endividamento, na perda da terra ou no êxodo rural.

Contraditoriamente, assim como no resto do país, as políticas rurais de Sergipe têm favorecido o paradigma do capitalismo agrário que se materializa cada vez mais por meio do agronegócio, reforçando a dicotomia terra de negócio - terra de trabalho, haja vista que:

[...] são regimes distintos de propriedade em aberto conflito um com o outro. Quando o capitalista se apropria da terra, ele o faz com o intuito do lucro, direto ou indireto. Ou a terra serve para explorar o trabalho de quem não tem terra; ou a terra serve para ser vendida por alto preço a quem dela precisa para trabalhar e não a tem. (MARTINS, 1980, p. 42).

Subordinados à terra de negócio por meio de mão de obra barata (mais valia) os pequenos produtores servem de matéria prima para o capital. Os que não se sujeita a essa condição geralmente adquirem dos grandes proprietários terras supervalorizadas (especulação). O fato é que no Brasil, de maneira geral, as questões envolvendo a estrutura fundiária (grilagem, apropriação indevida de terras devolutas, entre outras) têm reforçado o processo de contra reforma agrária que cada vez mais intensifica o capital no campo e culmina num jogo de forças sociais que revela tensões.

Sousa et al. (2007) mencionam como conflitos presentes na atual disputa pela terra em Sergipe a expansão da cana-de-açúcar e a especulação imobiliária. Segundo esses autores, referindo-se à região do estado onde predomina a atividade canavieira, os prejuízos a acampados e assentados vão desde a sujeição ao trabalho assalariado, passando pelo comprometimento da produção de alimentos básicos para consumo, até a venda de excedente.

Essas condições contrastam com o princípio da inclusão social de pequenos produtores anunciado nas políticas rurais do país, a exemplo do Programa para Produção e Uso do Biodiesel (PNPB/2004) e da sua versão estadual (Probiose/ 2008), que também trazem como emblema a garantia de incentivos fiscais, a assistência técnica para a produção de matérias-primas oleaginosas, a atenuação das disparidades regionais e o alcance da sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Embora o programa de biodiesel tenha um grande apelo socioambiental e suas intenções pareçam convincentes, as crenças nos seus benefícios não são consensuais. Do contrário, as opiniões tem se dividido entre aqueles que advogam fervorosamente em seu

favor sob a argumentação de ser um programa socioambiental e econômico de grande peso, destacando-se nessa linha de defesa economistas e políticos, e aqueles que o veem com desconfiança. Dentre os que suspeitam das suas reais intenções encontram-se nomes vinculados à geografia agrária e à sociologia, especialmente os de orientação marxista, que mesmo se distanciando dos geógrafos em algumas posições têm dado contribuições significativas para os debates que permeiam a questão agroenergética.

Sauer e Leite (2012), ambos sociólogos, acreditam que há um confronto direto entre a demanda mundial por terras e a demanda histórica por reforma agrária, tanto no sentido de disputar um bem finito, quanto provocando a alta do preço e o encarecimento das políticas públicas de acesso à terra. Para eles os investimentos crescentes em ativos fundiários ameaçam a segurança e a soberania alimentar, uma vez que concentram ainda mais a produção agropecuária em poucas commodities, favorecendo os monopólios na produção de alimentos e agroenergia.

Esse entendimento deixa clara a percepção da existência de um antagonismo entre reforma agrária e agronegócio, defendidos por dois diferentes paradigmas, o da questão agrária e o do capitalismo agrário, que na concepção de Felício (2011) é parte do desenvolvimento das relações capital/campesinato, cujas transformações são impulsionadas pelo dinamismo econômico cujo vigor é ampliado pelo avanço tecnológico, levando o campesinato a se desenvolver no capital sem fazer parte dele e o capital se desenvolver hegemonicamente sem conhecer limitações.

Felício (2011) afirma, no entanto, que é nas análises construídas com o paradigma da questão agrária que deve emergir os diferentes fins e recriações do campesinato, ou seja, a sua perspectiva está na luta contra o capital, uma vez que para os defensores do paradigma do capitalismo agrário não há antagonismo entre agronegócio e campesinato. Basta que o campesino lute ao lado do capital tecnificando-se e integrando-se no processo produtivo, que naturalmente será promovida a metamorfose do camponês em agricultor familiar.

Essa realidade acende outro debate que precisa ser ampliado em relação ao programa de biodiesel em todas as esferas (nacional, regional e estadual) – a possibilidade de coexistência do sistema agroenergético com o agroalimentar. Em relação a esse aspecto as posições também se dividem de acordo com as construções teóricas e metodológicas de cada pesquisador. Para aqueles que enxergam o programa com desconfiança, como é o caso de Weid (2009), os agrocombustíveis são vistos como ameaça à segurança alimentar.

Fazendo referência ao estudo publicado em setembro de 2008 pela revista *New Scientist*, esse autor anuncia que não existem mais do que 250 a 300 milhões de hectares de terra cultivável em todo o mundo e que para suprir 10% da demanda mundial de agro(bio)combustíveis até 2030 seriam necessários 290 milhões de hectares, enquanto a demanda mundial por alimentos demandaria mais 200 milhões.

Convém ressaltar que o ceticismo em torno da dicotomia agroenergia x agroalimentos não está desvinculado da questão paradigmática presente no campo. De acordo com Fernandes (2009) a produção de agrocombustíveis envolve duas lógicas distintas: uma baseada no paradigma do capitalismo agrário, que tenta integrar de maneira subordinada o campesinato ao agronegócio e, de outro lado, uma prática fundamentada no paradigma da questão agrária que visa construir uma produção autônoma do campesinato numa perspectiva de interação entre a produção de alimentos e a produção de energia. São lógicas que produzem territórios distintos com paisagens e territorialidades distintas.

## **O programa de biodiesel e suas contradições**

A construção do PNPB foi precedida da composição de um grupo de Trabalho Interministerial (GTI) que tinha entre outras missões evitar as distorções sociais e ambientais do Proálcool, equacionar questões como a geração de emprego e renda, reduzir as emissões de poluentes e diminuir os custos na área de saúde (MONTEIRO, 2007).



Nessa expectativa pequenos agricultores de todas as regiões brasileiras, especialmente os do nordeste, foram sendo tentados a inserir-se na corrida pelos biocombustíveis, que serve ao mesmo tempo para consolidar a liderança do país na produção de agrocombustíveis e para reforçar os interesses mercadológicos que incluem imensas perspectivas de lucro, inserção de empresas transnacionais e abertura ao capital estrangeiro (REDE BRASILEIRA PELA INTEGRAÇÃO DOS POVOS, 2008).

Para além desse paradoxo, é no nordeste onde subsistem os indicadores mais críticos de qualidade de vida e degradação ambiental. Küster e Martí (2006) destacam que em sua porção semiárida a produção agrícola continua se baseando em métodos predatórios, pouco sustentáveis e, segundo Melchers (2006), impróprios do ponto de vista da exposição do solo, atualmente com grandes áreas salinizadas em decorrência da monocultura e da implantação de sistemas de irrigação inadequados.

Esses aspectos se constituem limitações para o desenvolvimento do programa de biocombustíveis, que não difere de outras políticas agrícolas brasileiras, cujos instrumentos de regulação são frágeis, ocorrem de forma desarticulada das demais políticas e desconsideram as especificidades locais. Por tais razões, não raramente, favorecem o crescimento do agronegócio em detrimento da pequena produção rural.

No âmbito do estado de Sergipe as contradições que dizem respeito à articulação interinstitucional e intersetorial do programa são flagrantes. Basta mencionar que embora a inclusão social, juntamente como a inovação e o desenvolvimento econômico, figure como dimensões do Probióse para alcance do desenvolvimento sustentável, nem a Secretaria de Inclusão e Desenvolvimento Social (SEIDS) tampouco o Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEAN) integram a sua governança.

Ademais, historicamente o nordeste tem sido palco de políticas públicas desastrosas e sem vinculação com seu contexto. Leão et al. (2011) citam como exemplo desse tipo de intervenção a introdução de 42 espécies exóticas de peixes e crustáceos em aproximadamente 100 reservatórios de água doce da região, que resultou em perda da biodiversidade local. A ação fez parte de um programa de governo executado pelo Departamento de Obras Contra a Seca (DNOCS) do Ministério da Integração Nacional.

O caso citado serve para reforçar a ideia de que ao continuar concebendo políticas públicas que desprezem as especificidades regionais e que deixem de primar pela articulação institucional, o país estará persistindo na implantação de programas fadados ao insucesso. Cabe lembrar que para o nordeste como um todo, em função do atual cenário do Semiárido, recomenda-se que as intervenções no local estejam em consonância com o Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN-Brasil).

Faz-se necessário, portanto, atentar para a necessidade de que o programa de biodiesel se desenvolva de forma sintonizada com a referida recomendação. Do contrário, corre-se o risco de que venha a agravar ainda mais os problemas já existentes na região, além de contribuir para a elevação do preço da terra, dificultando a reforma agrária e contribuindo para a expulsão dos agricultores familiares do campo.

Em sua versão estadual, embora a estratégia de emissão do Selo Combustível Social (incentivo tributário para quem processa a matéria prima) traga a promessa de atuar como um freio ao agronegócio, a quantidade de oleaginosa produzida pelos pequenos produtores rurais sergipanos não tem sido suficiente para suprir a demanda prevista, quer em face da área utilizada com o cultivo de espécies bionergéticas (girassol), quer em função das limitações técnicas dos produtores.

Com efeito, a extensão da área para cultivo de oleaginosas pelos pequenos produtores rurais de Sergipe se apresenta como mais uma das contradições do programa, vez que tendo o espaço para plantio fixado em no máximo 1 hectare, limitação que se deu por pressão do MST no sentido de evitar a competição com o cultivo de espécies alimentares, e sem meios tecnológicos para aumentar a produtividade o pequeno agricultor não tem como concorrer de forma equitativa com os agricultores patronais.

Outro equívoco do programa, em ambos os níveis (nacional e estadual), é o estabelecimento de um modelo de agricultura baseado na dependência, considerando que

ao privilegiar a doação de sementes aos pequenos produtores ao invés de estimular o acesso aos programas de crédito para a aquisição desse insumo, o Estado assume uma posição assistencialista, que possivelmente se reverte em créditos no discurso político.

Assim, ainda que se tente incutir a idéia de protagonismo dos pequenos produtores, o programa apresenta diretrizes conflitantes e interesses que contrastam com uma política social. Também não há clareza em relação ao papel do pequeno produtor na sua composição, ou seja, não se encontra devidamente explicitado no arranjo institucional do programa o papel dos produtores e das respectivas famílias ao longo cadeia produtiva. Tal lacuna evidencia a intenção de que atuem exclusivamente como repassadores de matéria prima.

Para além das contradições já levantadas teme-se que o Probiose represente uma nova forma de apropriação da terra, vindo a descaracterizar a agricultura familiar, conflitando com a recém promulgada Lei nº 11.947/2009, que rege a alimentação escolar, e cujo artigo 14 obriga a utilização de no mínimo 30% do total dos recursos destinados a esse fim na aquisição de gêneros alimentícios originados do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, inclusive os assentamentos da reforma agrária.

Isto porque, no Nordeste a maior parte dos agricultores familiares não dispõe de área cultivável suficiente para gerar excedente de produção para a comercialização. Ferreira (2003) cita que por essa razão, muitas vezes o solo é utilizado até a exaustão no intuito de gerar renda superior ao nível de reprodução familiar.

Em síntese, na ausência de capital, sem terra suficiente e com dificuldade para absorver as ofertas das políticas públicas, os pequenos produtores acabam sendo atraídos pelo programa na ilusão da renda regular garantida. Presos a um contrato, mesmo via cooperativa, e recebendo gratuitamente sementes e assistência técnica, os agricultores se sujeitam a atuar de forma subordinada.

Tem-se ainda o receio de que o Programa estadual reproduza o quadro de insustentabilidade verificado nas políticas rurais de outros estados do Nordeste, como foi o caso da soja e da eucaliptocultura no Maranhão, que segundo Carneiro (2002) geraram grandes conflitos, vez que os trabalhadores foram levados a se confrontar com um conjunto novo de dificuldades, como linguagens desconhecidas, elaboração de projetos e relacionamento com instituições bancárias, entre outros, para os quais não estavam instrumentalizados.

Ademais, convém não perder de vista que à medida que passa a figurar na agenda internacional temas como segurança energética, hídrica e alimentar, a bioenergia começa a ser vista como uma mercadoria lucrativa e competitiva para ser comercializadas mundialmente, levando os acordos multilaterais a incidirem sobre as regiões consideradas potencialmente produtoras de biocombustíveis, como é o caso da América do Sul e da África, criando mais um importante tensionamento – a questão geopolítica.

Antunes (2007) alude que o fato de apresentar potencialidade para produzir biocombustíveis em volume mais que suficientes para o auto-abastecimento regional reforça a posição da América do Sul no contexto econômico e geopolítico mundial, em especial o Brasil, que começa a se projetar em proporção mundial devido à sua capacidade técnica, de produção e de distribuição de biocombustíveis e também na produção de motores multicompostíveis.

Isso tem contribuído para despertar no país a pretensão de elevar sua posição a potência do Sul. Nesse sentido, está se dando o estabelecimento de alianças estratégicas com países como China, Índia e África do Sul. Antunes (2007) ratifica a informação sobre o pacto de cooperação do Brasil com a África e acrescenta que o mesmo tem ocorrido com a América Latina, que em razão de comportar países situados em regiões tropicais, também se apresenta como potencial produtora ou provedora de biocombustíveis. Este autor enfatiza que o fato da UNASUL privilegiar o setor energético na integração regional tem possibilitado uma convergência política de todos os países sul-americanos.

A Rallt (2007) da mesma forma anuncia que está sendo promovida uma aliança entre Brasil e EUA para a criação de um mercado mundial de *commodities* agroenergéticas, que se traduz em um rearranjo do poder global. Através de um memorando de entendimento

com os norte-americanos, referente ao ano de 2007, foram firmados entendimentos entre as duas nações objetivando a cooperação em biocombustíveis em uma mesma base, prevendo a cooperação bilateral em matéria tecnológica (principalmente os combustíveis de segunda geração), a criação de melhores condições para mercados produtores e consumidores de biocombustíveis nos países da América Central e do Caribe e a transformação dos biocombustíveis em *commodities* internacionais (RODRIGUES, 2008).

Assumindo posição contrária a esses acordos, Terán (2008) ressalta que os espaços de articulação internacional estão sendo vistos com muita desconfiança por da parte de humanistas e ecologistas de todo o mundo. Denuncia o autor, que os países desenvolvidos têm formulado políticas públicas de longo prazo que podem ser prejudiciais aos países não desenvolvidos. No grupo do G8, por exemplo, a bioenergia está sendo convertida em um objeto das políticas de segurança militar, ambiental e humana, de forma que a discussão sobre a indústria da bioenergia requer ser concebida em considerações geopolíticas.

Diante desses acontecimentos, importa destacar que embora algumas interpretações deem conta de que o Brasil caminha para a liderança em matéria de energia derivada da biomassa, a ocupação desse espaço poderá não acontecer de forma pacífica. Para a Rallt (2007), um dos pontos polêmicos em relação aos acordos multilaterais, já em curso, reside no fato de alguns países terem sua agricultura muito bem protegida por meio de barreiras alfandegárias e elevados subsídios, constituindo tal condição em obstáculo para a abertura desses mercados à importação de biocombustíveis.

Diante do cenário que se apresenta, não faltam razões para questionar o modelo e as intenções do programa de biodiesel em curso no Brasil, e no estado de Sergipe, em particular, no intuito de que suas ações e diretrizes realmente sejam refletidas em ganhos sociais, econômicos, ambientais e institucionais, respeitando o direito à terra, à qualidade de vida e ao acesso a alimentação, garantidos por lei.

## Considerações finais

Como se verifica, são inúmeras as contradições que envolvem a política bioenergética do país, tanto na esfera nacional como em âmbito regional e estadual, sendo que o maior de todos os equívocos é, sem dúvida, a estrutura fundiária, que tem como desdobramentos, entre outras mazelas: a expansão do agronegócio e a exploração de mão de obra, a sujeição e a expropriação dos pequenos produtores.

Isso se deve ao fato de historicamente as políticas brasileiras impostas ao meio rural, especialmente no nordeste, estarem voltadas à questão agrícola, em detrimento da questão agrária e, como já mencionado, trazerem consigo uma grande carga de assistencialismo e comprometimento com as elites agrárias. Esses fatores, somados a outros não menos importantes, representam ameaça à sustentabilidade do programa.

Por essa razão, considerando a importância do aproveitamento da energia derivada da biomassa para o país e ainda pelo fato da região nordeste, e do estado de Sergipe, em particular, dispor de condições favoráveis para a produção de matéria prima para a produção de biodiesel, se faz necessário a adoção de ferramentas apropriadas para a medição do desempenho da gestão, capazes de orientar o estabelecimento de estratégias e a tomada de decisões, e que também se prestem ao monitoramento de todas as variáveis envolvidas no programa (socioambiental, econômica e institucional), uma vez que cabe ao Estado a formulação de políticas públicas coerentes com a necessidade real dos produtores.

## Referências bibliográficas

ALVES, Hellen Cristina Rodrigues. **Condição do produtor em relação às terras no nordeste**. Banco do Nordeste - Informe Rural Etene, Fortaleza, ano v, nº 4, p. 1-10, abril de 2011.

ANTUNES, Antônio José Cerqueira. **Infra-estrutura na América do Sul: situação atual, necessidades e complementaridades possíveis com o Brasil.** CEPAL (Escritório no Brasil). 2007. p. 151.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nºs 10.880, de 9 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei nº 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 jun. 2009. P. 2.

\_\_\_\_\_. **II PNRA – Plano Nacional de Reforma Agrária.** Brasília: MDA, 2003. Disponível em [http://sistemas.mda.gov.br/arquivos/PNRA\\_2004.pdf](http://sistemas.mda.gov.br/arquivos/PNRA_2004.pdf). Acesso em 14 de setembro de 2012.

CARNEIRO, Marcelo Sampaio. Ações de reforma agrária e sustentabilidade em assentamentos rurais no Maranhão: encontros e desencontros em torno de uma política pública. **Boletim Rede Amazônia**, ano 1, nº 1., p. 95-99, março de 2002.

FELICIO, Munir Jorge. **Contribuição ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário.** Presidente Prudente. Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2011 (Tese de Doutorado). 214f.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário.** Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=AGRO34>. Acesso em 20 de setembro de 2012.

KÜSTER, Ângela; MARTÍ, Jaime Ferre. Introdução: tecnologias para o semi-árido nordestino. In: KÜSTER, Ângela; MARTÍ, Jaime Ferre; MELCHERS, Ingo (Orgs). **Tecnologias apropriadas para terras secas: manejo sustentável de recursos naturais em regiões semi-áridas no Nordeste do Brasil.** Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, p.15-18, 2006.

LEÃO, Tarciso. C. C. et al. **Espécies exóticas invasoras no Nordeste do Brasil: contextualização, manejo e políticas públicas.** Recife: Cepan, 2011. p. 99.

MARTINS, José de Souza. Terra de negócio e terra de trabalho: contribuição para o estudo da questão agrária no Brasil. **Cadernos do CEAS**, Salvador, nº 67, p. 34-44, maio/junho de 1980.

MELCHERS, Ingo. Biodiesel e o combate à desertificação. In: KÜSTER, Ângela; MARTÍ, Jaime Ferre; MELCHERS, Ingo (Orgs). **Tecnologias apropriadas para terras secas: manejo sustentável de recursos naturais em regiões semi-áridas no Nordeste do Brasil.** Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, p.71-82, 2006.

MONTEIRO, Joyce Maria Guimarães. **Plantio de oleaginosas por agricultores familiares do Semiárido nordestino para produção de biodiesel como uma estratégia de mitigação e adaptação às mudanças climáticas.** Rio de Janeiro. UFRJ, 2007 (Tese de Doutorado). 302p.

MOREIRA, Emília et al. Organização da produção e do trabalho na agricultura camponesa de base familiar no semiárido paraibano. In: MOREIRA, Emília, TARGINO, Ivan (Orgs). **Desertificação, Desenvolvimento Sustentável e Agricultura Familiar: Recortes no Brasil, em Portugal e na África.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 101-125, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A questão da aquisição de terras por estrangeiros no Brasil:** um retorno aos dossiês. *Agrária*, São Paulo, nº 12, p. 3-113, 2010.

**PNPB – Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel.** Disponível em: [www.biodiesel.gov.br](http://www.biodiesel.gov.br). Acesso em 14 de setembro de 2012.

RALLT (Por Una América Latina Libre de Transgênicos). **A geopolítica dos agrocombustíveis.** Disponível em: [www.rallt.org](http://www.rallt.org). Acesso em 16 de junho de 2012.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **Questão agrária atual:** Sergipe como referência para um estudo confrontativo das políticas de reforma agrária e reforma agrária de mercado (2003 – 2006). Presidente Prudente. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, 2008 (Tese de Doutorado). 409f.

REDE BRASILEIRA PELA INTEGRAÇÃO DOS POVOS. **Agrocombustíveis e a agricultura familiar e camponesa:** subsídios ao debate. Rio de Janeiro: REBRIP/FASE, 2008. p. 141.

RODRIGUES, Rodrigo. A regulamentação das novas energias limpas e renováveis nacionais de origem agrícola. In: **Abastecimento e segurança alimentar:** o crescimento da agricultura e a produção de alimentos no Brasil. Brasília: Conab, p.187-202, 2008.

SAUER, Sérgio; LEITE, Sergio Pereira. Expansão agrícola, preços e apropriação de terra por estrangeiros no Brasil. **RESR**, Piracicaba-SP, vol. 50, nº 3, p. 503-524, Jul/Set de 2012.

SOUSA, Júnia Marise et al. Entre a demanda e a conquista: análise da luta pela terra e a reforma agrária em Sergipe. In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária “Jornada Orlando Valverde”, Londrina, PR: UFPEL, **Anais...** Simpósio Internacional de Geografia Agrária “Jornada Orlando Valverde”. Londrina, PR, 2007.

TERÁN, Juan Fernando. La economía de los biocombustibles: una mirada a los proyectos hegemônicos para América Latina. In: FERNANDES, Bernardo Mançano (org.). **Campesinato e agronegócio na América Latina:** a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular, p. 339-364, 2008.

WEID, Jean Marc Von der. Agro-combustíveis: Solução ou problema. In: ABRAMOVAY, Ricardo (org.). **Biocombustíveis:** a energia da controvérsia. São Paulo, Editora Senac, 2009.

# RESENHA: Vivir bien ¿paradigma no capitalista?<sup>1</sup>

**Hellen Charlot Cristancho Garrido**

Doctoranda en Geografía – FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente

e-mail: hellen.cristancho@gmail.com

RESENHA DE: FARAH, Ivonne; VASAPOLLO, Luciano (Coordinadores). **Vivir Bien ¿Paradigma no capitalista?** La Paz: Bolivia, Universidad Mayor de San Andrés (CIDES-UMSA), 2011, 437p.

El Vivir Bien o Buen Vivir es la traducción al español de las expresiones Suma Qamaña – en aymara –, Suma Kawsay – en quechua – y ñande reko – en guaraní –, cuyo contenido reivindica otras formas de ser y de estar en el mundo y fundamenta las luchas de comunidades campesinas e indígenas de América Latina. Frente a las devastadoras consecuencias humanas y ambientales del desarrollo capitalista, el Vivir Bien está siendo visibilizado desde lo académico y lo político como alternativa para la construcción de otro mundo posible. De cara al reto que representa el proyecto de cambio social, el libro tiene el objetivo de contribuir a la reflexión sobre la posibilidad de constitución de la noción del Vivir Bien como horizonte ético de un paradigma no capitalista.

La publicación abre con prólogo del presidente boliviano Evo Morales Ayma y una lúcida introducción de los coordinadores, quienes además de presentar esta compilación como un estado del arte sobre la propuesta del Vivir Bien, señalan algunos de sus desafíos más apremiantes. El libro cuenta con la participación de científicos sociales latinoamericanos, especialmente bolivianos, algunos europeos; que desde distintas disciplinas ofrecen análisis plurales -teóricos, críticos, propositivos- los cuales son agrupados en 5 segmentos temáticos titulados: i) Aproximaciones semánticas y filosóficas, ii) Horizontes utópicos del Vivir Bien, iii) Patrones de desarrollo en curso, iv) Generando conciencia del Vivir Bien, y v) Vivir Bien y política(s) en Bolivia.

Los artículos del apartado **Aproximaciones semánticas y filosóficas** ofrecen una explicación del Vivir Bien como un principio de vida presente en las comunidades indígenas andinas. También como filosofía fundada en un sistema de valores opuestos a los que sustentan la racionalidad económica y cultural dominante. En “*Acerca del Suma Qamaña*”, Javier Medina discute si el Suma Qamaña equivaldría al concepto occidental de desarrollo, mediante una aproximación conceptual, semántica comparativa a ambos términos. Con base en la explicación de los principios de la complementariedad de opuestos y de tercero incluido, - que según el autor han configurado la civilización amerindia -; intenta superar la simplificación de la traducción oficial del Suma Qamaña como Vivir Bien. El principio de tercero incluido plantea la posibilidad según la cual, más allá de una relación contradictoria entre dos polaridades antagónicas (civilizaciones occidental y amerindia), puede surgir una tercera que reflejaría una coexistencia/complementariedad. En el caso de la economía, funcionaría también la complementariedad entre dos principios, según Medina, contrapuestos: el intercambio (cuantitativo) y la reciprocidad (cualitativa). Finalmente invita a pensar en la creación de territorialidades que funcionen bajo estos principios.

Pablo Mamani Ramírez, en el artículo “*Qamir qamaña: dureza de “estar estando” y dulzura de “ser siendo”*”- coincide con Medina -, en que los términos Suma Qamaña, Suma Kawsay y ñande reko, son insuficientes para entender y pensar la complejidad de la

<sup>1</sup> El libro es resultado de la convocatoria conjunta entre el Postgrado en Ciencias del Desarrollo de la Universidad Mayor de San Andrés (CIDES-UMSA) y el Departamento de Economía de la Universidad de Roma “La Sapienza”, con auspicio de OXFAM. La primera edición del libro fue publicada en Italia, con el título: *Pachamama: l'educazione universale del Vivir Bien* (Luciano Vasapollo e Ivonne Farah, Roma, Octubre de 2010).

civilización andina. En ese sentido, Mamani expone en lo que llama *concepto-narrativa de vida en los Andes*, el significado de diferentes términos aymaras que complementan la comprensión de la expresión Vivir Bien (VB). En lo que denomina *condiciones socio-históricas y narrativa geográfica*, señala que la visión holística del mundo que porta el hombre-mujer de los Andes, se explica por las condiciones climáticas-geográficas y luego, por las condiciones político-históricas (colonia, república) que les permitieron crear contextos de auto-organización. El autor concluye que a pesar del desequilibrio que ha provocado que la dulzura del “ser siendo” se convierta en la dureza del “estar estando”, la dulzura del ser siendo, o el VB con todos, sigue siendo un principio de vida, frente al maltrato, la opresión, la explotación.

Hugo Romero Bedregal desarrolla un planteamiento sobre las *ecuaciones culturales* posibles alrededor de la cuestión sobre “¿cómo se alcanza la felicidad humana con el uso inteligente de los bienes y recursos contenidos en un territorio extenso de diversidad biológica, cultural y ecológica?”. El autor propone reordenar los componentes del Vivir Bien en la nueva Constitución Política del Estado boliviano, en una matriz de 3 x 3 (*operador general tiwanakota*). Esta matriz incluye por un lado, el territorio, el poder y la economía, y por otro, el control, la organización y el uso de los tres primeros, por parte de los movimientos sociales. Sostiene Romero que en Bolivia está operando una simbiosis de dos procesos civilizatorios: el LG (Life’s Good-la vida es buena) que promete el desarrollo tecnológico moderno y la semilla del Suma Qamaña (el Vivir Bien), que estaría dando lugar a la construcción de un nuevo proceso civilizatorio.

Por su parte, en el artículo “*Hacia una constitución del sentido significativo del Vivir Bien*”, Rafael Bautista expone la necesidad del Vivir Bien como posibilidad de alternativa en el presente y más allá de lo local. Al hablar del *sentido significativo* explora su constitución como concepto y la validez de sus contenidos, no como un “saber” particular local, -lo que, de acuerdo con el autor, anularía su legítima pretensión universal- sino, como conocimiento. Para Bautista, el sentido significativo del VB no puede entenderse sin la referencia explícita al sujeto que proyecta esta significación. Señala que es la toma de conciencia la que produce la crítica (la evaluación ética) al sistema mundo moderno y que el paso de la conciencia a la autoconciencia, es el paso del deseo de cambio al cambio efectivo, ya que sin transformación subjetiva o transformación del sujeto, no hay transformación real, estructural. En síntesis, el autor hace un llamado a recuperar una estructura ética que desde la memoria hecha conciencia, se proyecte hacia una alternativa de futuro comenzando por la transformación personal, es decir, tener la capacidad de ser y comportarse como sujeto para asumir la responsabilidad humana de construir una nueva forma de vida, un Vivir Bien.

En la segunda parte, ***Horizontes utópicos del Vivir Bien***, hay un reconocimiento del protagonismo de los movimientos sociales indígenas y campesinos en la crítica al sistema capitalista, la lucha antineoliberal de las últimas décadas y la constitución de formas de poder popular que están dando origen a transformaciones políticas (Bolivia, Ecuador). En esa dirección, los autores se preguntan por las decisiones políticas necesarias para orientar la sociedad hacia el VB, por la posibilidad de articular experiencias y teorizaciones fuera del mundo andino y rural que coinciden con el VB, y por la creación de espacios políticos contrahegemónicos que ayuden a disputar políticas públicas en favor de las apuestas del VB.

Para iniciar esta parte, el artículo “*Los indígenas y los nuevos paradigmas del desarrollo humano*”, de François Houtart destaca la contribución del pensamiento indígena en la construcción de alternativas al modelo de desarrollo económico, social y cultural, particularmente, los aportes para realizar lo que denomina el *Bien Común de la Humanidad*. En este contexto, Houtart revisa los fundamentos de la vida colectiva de la humanidad en el planeta y los redefine mediante la expresión de cuatro principios: Utilizar sostenible y responsablemente los recursos naturales; privilegiar el valor de uso sobre el valor de cambio; generalizar la democracia en todas las relaciones sociales e instituciones y la multiculturalidad. La propuesta incluye el esbozo de orientaciones específicas y medidas concretas que, de acuerdo con el autor, podrían ser objeto de movilizaciones populares y decisiones políticas.

Xavier Albó en el texto “*Suma qamaña = convivir bien. ¿Cómo medirlo?*”, indaga por la base lingüística y cultural aymara del concepto del Vivir Bien, reiterado en la Constitución Política vigente en Bolivia a partir del año 2009, y se pregunta cómo plasmarlo en indicadores medibles. Albó señala el VB referido a la buena convivencia entre las personas (reciprocidad, relaciones sociales cargadas de afecto y cariño) y entre estas con la Pacha Mama o Madre Tierra (disfrute de bienes materiales en armonía con la naturaleza). Sin embargo, advierte que más allá del mundo rural y aymara, concepciones y prácticas semejantes se encuentran en otros pueblos indígenas, en algunos sectores de las ciudades, y en diversas corrientes teóricas críticas del desarrollo. Finalmente, sugiere medir la calidad de las relaciones sociales y la calidad de relaciones con la naturaleza, mediante el diseño de indicadores cualitativos que sean acordes a cada realidad social y permitan averiguar si se cumplen o no relaciones deseables de convivencia. Cita al respecto las dimensiones incluidas en el indicador de Felicidad Nacional Generalizada, utilizado en Bután, y los criterios sugeridos por Medina para el caso de Bolivia.

Por otra parte, Nino Pagliccia presenta el ensayo “*Solidaridad: el renacimiento de un viejo concepto socialista*”, cuyo objetivo es explorar el resurgimiento de la solidaridad como herramienta política y de política exterior que apoya la realización de un paradigma alternativo al neoliberal y al capitalista en América latina. Parte de la premisa de que la contradicción fundamental del capitalismo es la dicotomía entre individualismo y bienestar. Se apoya en evidencia empírica para mostrar cómo el individualismo afecta la cohesión social, la salud pública y el bienestar colectivo. Seguidamente, hace una reconstrucción histórica del concepto de solidaridad y la define como consecuencia del desarrollo de una conciencia social y política basada en la convicción de que a través de la unidad y la lucha en torno a una causa común, los problemas sociales pueden ser resueltos. Pagliccia enfatiza en la importancia de que el término solidaridad se encuentre en las constituciones políticas de Venezuela, Ecuador, Bolivia y Cuba, en la medida en que ellas reflejan valores nacionales, y estos son los mismos valores que se promueven hacia otros países mediante la política exterior. En este sentido, sostiene que la noción de solidaridad estaría impulsando el cambio de paradigma en América Latina al favorecer relaciones internacionales basadas en la justicia social, en contravía a las políticas neoliberales y a la hegemonía de Estados Unidos en la región.

En el artículo “*Para un nuevo estilo de vida en América Latina: orígenes básicos de otro sistema del metabolismo social*”, Ricardo Antunes y Ruy Braga, con base en postulados de José Carlos Mariátegui sobre el papel de las comunidades indígenas en la emancipación, plantean que algunos de los valores básicos de la producción comunal y del modo de vida de los indígenas latinoamericanos están presentes en mayor o menor grado en la lucha actual por el socialismo del siglo XXI. Se proponen responder, apoyados en el legado de Marx, cuáles serían los elementos generales para construir un nuevo sistema de metabolismo social que sea contrario al mundo destructivo del capital. Exponen que, mientras las *mediaciones de primer orden*, están vinculadas a las funciones vitales de reproducción individual y social (intercambios entre sí y con la naturaleza), las denominadas *mediaciones de segundo orden* (Mészáros) corresponden a las funciones reproductivas del sistema del capital. Finalmente, concluyen que desde una perspectiva del trabajo, la emancipación requiere rechazar la separación entre el tiempo de trabajo necesario para la reproducción social y el tiempo de trabajo excedente para la reproducción del capital; rescatar el sentido del trabajo vivo -ejercicio de trabajo autónomo, tiempo orientado a actividades autónomas y autodeterminadas-, en contra del sentido (des)estructurante del trabajo abstracto para el capital.

Complementa la propuesta anterior, el artículo de Mariano Félix “*El fundamento de la política del vivir bien: la economía política de los trabajadores y las trabajadoras como alternativa*”, en el cual plantea que, debido a la búsqueda permanente de competitividad, los sectores dominantes exigen a los Estados medidas de ajuste macroeconómico, no sólo en momentos de crisis del desarrollo capitalista sino también en momentos de auge, por lo cual, la economía política del capital se erige entonces como política de Estado. Entre tanto, expone el autor, *la economía política de los trabajadores y las trabajadoras*, basada en las



experiencias del *pueblo trabajador* confronta radicalmente los presupuestos de la sociedad capitalista, mediante prácticas de cooperación, solidaridad, gestión colectiva de la riqueza social, creación de espacios comunes no mercantilizados y democracia popular. Así, si bien en América latina se encuentran estos procesos y se suman las articulaciones de prácticas de resistencia y luchas comunes “desde y entre los y las de abajo”, Félix asevera que en la construcción de la política del Vivir Bien, los movimientos populares tienen el desafío de transformar/destruir el Estado capitalista para convertirlo en un espacio de gestión social bajo el control del pueblo, que responda a sus necesidades antes que a las del capital.

La tercera parte, ***Patrones de desarrollo en curso***, está dedicada a revisar la incorporación de la dimensión ambiental en el Vivir Bien, en relación a la necesidad de abandonar las ideas clásicas de desarrollo, romper la dualidad naturaleza-sociedad y avanzar en el fortalecimiento de otras economías (solidarias, comunitarias, ecológicas), lo que ineludiblemente pasa por repensar la relación Estado-mercado-ciudadanía en el camino hacia un nuevo paradigma. De esta manera, Rafael Acosta, acude a la máxima “*Sólo imaginando otros mundos, se cambiará este*”, para presentar una serie de reflexiones sobre el Buen Vivir, como posibilidad para transitar al post-desarrollo. Una reflexión inicial se ofrece en torno a las fuentes de inspiración coincidentes con el Buen Vivir que se encuentran fuera del mundo indígena andino, tales como algunos principios filosóficos universales (aristotélicos, marxistas, ecologistas, humanistas, feministas, cooperativistas). Asimismo, diversos pensadores que desde la vertiente ambiental cuestionan la lógica perversa del desarrollo asociado a la idea de progreso material acumulativo e indefinido. Acosta, ubica a la naturaleza en el centro del debate sobre el Buen vivir, a propósito de la inclusión de los Derechos de la Naturaleza en la Constitución Política de Ecuador en el año 2008. En consonancia con Gudynas, reivindica la necesidad de diferenciar los Derechos Humanos de los Derechos de la Naturaleza, para notar que la naturaleza vale por sí misma, independientemente de su utilidad para el ser humano. Como consecuencia, los derechos humanos de tercera generación, se traducen en la llamada *justicia ambiental*, mientras los Derechos de la Naturaleza dan origen a la *justicia ecológica*. Presenta los alcances de ambos tipos de justicia y sus implicaciones en el ejercicio de la ciudadanía.

Otra mirada a la relación ambiente-cultura-desarrollo se encuentra en el texto “*La calidad de vida, la cuestión ambiental y sus interrelaciones*” de Héctor Sejenovich. El autor al señalar que en los postulados ambientales la elevación de la calidad de vida aparece como objetivo central, advierte que la calidad de vida es un concepto histórico, cambiante, integrado a la cultura y a las aspiraciones específicas de cada grupo social, por lo cual sugiere incorporar en su examen, el “*Análisis Crítico del Discurso*”. Sejenovich ofrece una revisión de las conceptualizaciones de la problemática ambiental y el desarrollo consignadas en diferentes Conferencias mundiales desde Estocolmo hasta la actualidad, y al respecto asegura que el incremento de la conciencia social -con la resultante transformación de comportamientos- es la vía para la solución de la cuestión ambiental.

Eduardo Gudynas en el artículo “*Las tensiones, contradicciones y oportunidades de la dimensión ambiental del Buen Vivir*”, desarrolla la tesis de que cualquier defensa del Buen Vivir, como alternativa al desarrollo, necesariamente debe basarse en una nueva ética ambiental que reconozca valores intrínsecos en la Naturaleza. Por esa vía, Gudynas hace un balance comparativo sobre cómo se incorpora la dimensión ambiental en relación al Buen Vivir/Vivir Bien (BV/VB), en las constituciones de Ecuador y Bolivia. Luego, amplía la mirada a América latina y manifiesta que las contradicciones para la consecución del VB se encuentran en lo ambiental, pues incluso en países con gobiernos progresistas, se incentivan actividades extractivas (minería/soja en Argentina y Brasil, hidrocarburos en Bolivia, Ecuador, Venezuela) como base del desarrollo económico, y fuentes para financiar programas de asistencia social. Ante la evidente incompatibilidad de la estrategia extractivista y los postulados del Vivir Bien, Gudynas presenta las coincidencias entre los principios del desarrollo sostenible superfuerte y el Buen Vivir como fundamento de una ética ambiental.

Verónica Hendel en el artículo “*De la respuesta a la creación. Re-creando el socialismo, la agricultura y la vida en América latina*” realiza un análisis histórico de los

vínculos entre programas de desarrollo rural y producción de alimentos durante los últimos 60 años en América latina. Además indaga cómo la noción del Vivir Bien cuestiona las prácticas y concepciones de estas políticas de desarrollo. Con base en la experiencia boliviana, establece la relación entre el Vivir Bien y la posibilidad de un desarrollo no capitalista en el agro. Al respecto refiere como principales desafíos: la convivencia de formas mercantiles y no mercantiles en el uso del territorio, la “inexorable” lógica de avance de los usos mercantiles y los debates al interior de los movimientos campesinos sobre quienes se verían beneficiados por la reforma agraria – en el marco de la denominada “Revolución Agraria Comunitaria” boliviana.

El cuarto segmento, **Generando conciencia del Vivir Bien**, agrupa reflexiones sobre las dimensiones cultural, política y económica del Vivir Bien. Recoge planteamientos sobre los procesos culturales ineludibles para la generación de conciencia y acción política en la construcción del VB. Con la idea de que es esencial un pensamiento crítico sobre la realidad apoyado en la dialéctica, inicia este apartado el artículo *“La construcción mancomunada y dialéctica de un nuevo proceso de conocimiento (socio-natural) para una nueva sociedad”* de Guido Galafassi. En él se realiza una exposición sobre la función de la racionalidad instrumental como soporte lógico del proceso de desarrollo, - que domina y explota la naturaleza y los seres humanos -, y como base de los complejos mecanismos de alienación de la sociedad moderna. Galafassi discute los procesos de acumulación primitiva y de reproducción ampliada a propósito del papel de América latina como territorio extractivo para la acumulación global. También repasa los momentos de rebelión anticapitalista en Europa y América latina. Considera que en la región, con la crisis del neoliberalismo, la dominación pasa a ser entendida no solo como económica y política, sino como cultural y étnica. Sostiene entonces, que el agregado de la revolución del VB radica en que, de un lado, al socialismo de occidente se incorporaría la visión de un socialismo originario de base comunitaria, y del otro, el Vivir Bien ayudaría a repensar el círculo vicioso necesidades-consumo a nivel individual.

Dora Lilia Márquez y Luis Humberto Márquez en el texto *“La formación de profesionales. Hacia una aproximación al vivir bien”* presentan una reflexión sobre la pertinencia de la formación de profesionales desde los contenidos del VB. Analizan algunas definiciones e interpretaciones de los conceptos de desarrollo y cultura para formular una nueva visión del desarrollo, centrado en la protección de la diversidad cultural del mundo, en contraste con la tendencia hacia la homogenización cultural de la globalización. Llamam la atención sobre el papel de la universidad como generadora de conocimientos, habilidades y valores necesarios para operar las transformaciones que demanda la sociedad. Respecto al Vivir Bien como propuesta que expresa la relación entre medio ambiente y cultura -aprender a vivir en armonía con los seres humanos y la naturaleza-, los autores señalan la importancia de asumirlo como tema transversal del currículo universitario, en tanto la transdisciplinariedad y el diálogo de saberes favorece la comprensión integral de los problemas de la realidad, y la actuación de futuros profesionales en contextos comunitarios.

En el ensayo *Vivir Bien versus hedonismo ético ¿Fin del dominio a través del consumo?*, Efraín Echevarría y Ana Isabel Navedo alertan sobre el papel que ha jugado la filosofía y la cultura del consumo (el Vivir mejor) en la desmovilización de la lucha anticapitalista. En contraste, proponen como retos de la filosofía del Vivir Bien: *quebrar la dominación cultural*, contrario a la homogenización cultural que impone patrones culturales y valoraciones determinadas; *destruir las bases teóricas del neoliberalismo*, para lo cual hacen un llamado a superar la crisis teórica del pensamiento crítico latinoamericano; *enfrentar el hedonismo y el consumismo*, pues éste es el eje fundamental de la modernidad y la cultura dominante en la mayoría de países del mundo, sin distinción de credos, religiones o sistemas políticos; y *romper la dependencia*. Las posibilidades del Vivir Bien son relacionadas con el rescate de una ética de la supervivencia, con la posibilidad de la vida más allá de la modernización capitalista y con su desarrollo local en lo táctico y su relación con el ideal comunista en lo estratégico. En este sentido, los autores recogen la tesis de Houtart: “el socialismo es un proyecto antes de ser un concepto”, así como los principios y estrategias planteadas por él para la construcción del socialismo del siglo XXI.

En el artículo “*Vivir Bien, ALBA y Socialismo del siglo XXI ¿Paradigmas opuestos?*”, Vicente E. Escandell parte de revisar los antecedentes de los procesos de integración latinoamericana y del Caribe, resalta que ésta ha sido limitada a una integración económica – tanto por la falta de unidad política en los gobiernos de la región, como por las consecuencias de las políticas neoliberales -, más que orientada por una agenda social o para la reducción de las disparidades entre países. Frente a ese panorama se pregunta por las posibilidades del ALBA (Alianza Bolivariana para las Américas) para: evitar las deficiencias y fracasos de otros proyectos de integración latinoamericana y del Caribe, lograr un cambio conceptual estratégico del desarrollo (plataforma programática), conseguir el acceso a los bienes materiales sin entrar en contradicción con la naturaleza y conjugar procesos de integración, socialismo y Vivir Bien. Así, el autor acopia de manera sintética las ideas acerca del qué y el cómo del socialismo del siglo XXI con base en los planteamientos de Itsván Mészáros y Michael Lebowitz. En relación al Vivir Bien, concluye que éste al reivindicar otras formas y principios de la vida social fundamenta la construcción de verdaderos procesos de integración – de y para los pueblos -, que en América latina solo podrán alcanzarse mediante procesos de integración socialista.

Cierra este bloque, Mayra Casas Vilardell, con el texto “*Una mirada económica hacia el Vivir Bien*”, en el que destaca el potencial crítico del Vivir Bien frente a la racionalidad económica predominante y plantea la necesidad de revisar la economía que debe sostener la noción del Vivir Bien. A partir de planteamientos de José Manuel Naredo y con alusión a diferentes informes internacionales que dan cuenta de la dramática crisis ambiental global, la autora hace un llamado a vincular los principios biofísicos dentro de la teoría económica. También rescata la hipótesis del umbral de la relación entre crecimiento económico y bienestar humano de Manfred Max Neef y considera algunas estrategias para la edificación de una sociedad socialista sostenible. Por último, concluye que el Vivir Bien se contrapone al desarrollo desde su connotación capitalista y también a la visión antropocéntrica clásica del socialismo, que busca la satisfacción de las necesidades humanas sin considerar los daños ecosistémicos. Asegura que “no se trata de salir de la crisis del capitalismo, sino de salir del capitalismo en crisis para lograr verdaderamente VIVIR BIEN”.

El quinto y último apartado del libro, ***Vivir Bien y política(s) en Bolivia***, agrupa análisis teóricos y metodológicos en los que se advierte la relevancia del reconocimiento constitucional del carácter plurinacional del Estado boliviano, las implicaciones normativas que tiene el VB como mandato constitucional y los requerimientos institucionales para la formulación e implementación de políticas públicas hacia el VB en Bolivia.

Este acápite inicia con el texto “*Vivir Bien y descolonización*”, en el que Rafael Puente realiza una síntesis de la historia política boliviana desde la colonia hasta nuestros días, para argumentar porqué el marco político global del proceso de cambio que vive Bolivia es la descolonización del Estado. La reflexión sobre la relación entre descolonización y Vivir Bien parte del concepto de “*bloques históricos*” de Gramsci para exponer las diferentes formas como el colonialismo ha funcionado en Bolivia, desde la conformación de oligarquías mineras, pasando por el intento de constitución de un único Estado nacional y las políticas desarrollistas, hasta la revolución democrática actual. Insiste Puente, que si bien –citando al presidente Evo Morales “el proceso es de todos y todas, no de un partido ni de una clase, ni solo de una etnia”, es preciso reconocer que no es casual ni arbitrario el protagonismo de los pueblos indígenas en la resistencia anti-neoliberal, en la crítica radical al desarrollismo y en la apuesta a la descolonización que se materializan en la propuesta del Vivir Bien. Se propone entonces explicar los hechos históricos que llevan a este protagonismo. Enfatiza en que además del saqueo efectivo de los recursos naturales y el empobrecimiento creciente, la colonización cultural de los pueblos originarios es el mayor desafío a la descolonización.

En el artículo titulado “*Vivir bien: un desafío viable para nuestras sociedades*” un equipo multidisciplinario de docentes investigadores bolivianos, ante la necesidad de superar la fragmentación de las propuestas de los movimientos sociales urbanos, de jóvenes, mujeres, trabajadores, campesinos, indígenas, negros, etc., formulan, entre otras cuestiones: “¿cómo en sociedades altamente heterogéneas y con profundas desigualdades

sociales, es posible el Vivir Bien?”, “¿cómo involucrar en el proceso a poblaciones urbanas/mestizas que quizás no se sientan representadas en este concepto?”. Su exposición se desarrolla a partir de cuatro elementos: inicialmente una recapitulación de los postulados del Vivir Bien planteados por David Choquehuanca – señalados también por Rafael Puentes -; lo que denominan el desafío educativo del Vivir Bien, basado en la intraculturalidad y en la interculturalidad; el reconocimiento de una economía plural y la propuesta de complementar la justicia actual con la justicia comunitaria mediante la *interlegalidad*. Hacen un llamado a traducir en decisiones realistas los avances conceptuales del Vivir Bien.

En el ensayo “*Una geopolítica de la complementariedad*”, Luis Tapia Mealla, reconceptualiza la democracia con base en la introducción de la dimensión geopolítica. Tapia acude a estudios que muestran cómo pueblos indígenas andinos, en contextos de finitud de recursos desplegaron una estrategia de *macro adaptación simbiótica e integral*, según la cual, la ocupación discontinua vertical del territorio andino (diferentes pisos ecológicos) respondió por un lado, al objetivo de producir y obtener bienes que no se producían en los centros poblados, y por otro, a un tipo de organización social y política que favorecía la autosuficiencia, y con ello, la autonomía política, es decir, el autogobierno. A partir de esta experiencia histórica, Tapia invita a pensar en la complementariedad como parte de una geopolítica interna y externa, con otros países y sociedades, en escenarios de relaciones democráticas basadas en la igualdad y en la configuración de formas de autogobierno. Argumenta que la noción de geopolítica permite vincular la relación con la naturaleza (noción de forma primordial) y la relación entre distintas formas de gobierno de países o sociedades (noción de intergubernamentalidad). Finalmente, propone una *geopolítica de la complementariedad democrática* que consistiría en la articulación de procesos de autogobierno entre países y toma de decisiones en pro de la complementariedad y no de la obtención de ganancias.

En el artículo titulado “*Desarrollo endógeno sustentable: camino para re-actualizar el “Vivir Bien” en el contexto de la revolución democrática y cultural de Bolivia*”, los autores Freddy Delgado, Stephan Rist y Cesar Escobar, reconocen la importancia de realizar una revisión crítica a las instituciones y a las formas de producción de conocimiento, como parte de la búsqueda de alternativas al modelo dominante de desarrollo. Sostienen que esta revisión es posible en el marco de alianzas entre comunidades académicas y movimientos sociales, con una perspectiva transdisciplinaria. En esa postura ubican sus reflexiones para presentar una síntesis de las experiencias y aprendizajes del Centro Universitario AGRUCO, que ha llevado a la consolidación de la propuesta de desarrollo endógeno sustentable (DES). Los autores también analizan la propuesta de construcción de un índice de Vivir Bien del gobierno boliviano, y presentan la experiencia de elaboración de indicadores de DES, como aporte a la construcción e implementación de políticas públicas para operativizar el “Vivir Bien”.

Beatriz Ascarrunz examina “*El Vivir Bien como sentido y orientación de las políticas públicas*” en Bolivia. Llama la atención sobre la necesidad de diferenciar dos dimensiones del Vivir Bien: la dimensión de la experiencia y la práctica, referida a las múltiples formas de gestión del Vivir Bien, y la dimensión ético-política, que requiere el establecimiento de acuerdos mínimos sobre el futuro común a ser construido. Desde ese punto de partida, la autora hace una crítica a los indicadores de línea de pobreza, PIB y desarrollo sostenible. En contraste, expone algunos principios que fundamentan el sentido de satisfacción/plenitud en el Vivir Bien (solidaridad social, complementariedad, producción en respeto y armonía con la naturaleza, etc.). Enfatiza en la idea de que el Vivir Bien es un horizonte compartido que fundamenta y da sentido al Estado Plurinacional, pero que como perspectiva de cambio social, requiere un Estado que garantice en el presente las condiciones básicas de la reproducción de la vida social en armonía con la naturaleza. En consecuencia, presenta algunos postulados que el Estado podría traducir en políticas públicas.

En su conjunto el libro cumple el objetivo de mostrar un panorama sobre los contenidos del Vivir Bien, sus posibilidades y desafíos académicos, institucionales y políticos para que se constituya en un paradigma alternativo. Para unos, alternativo al desarrollo,

para otros, alternativo al neoliberalismo (postneoliberal) y para algunos al capitalismo (postcapitalista). En suma, el VB aparece como un paradigma en construcción, que está en la palestra pública debido a los alcances discursivos y los cambios políticos impulsados por las luchas de las comunidades indígenas y campesinas andinas, principalmente en Bolivia y Ecuador. Su trascendencia dependerá de cómo se articulen las experiencias y prácticas de resistencia de los movimientos sociales, con el compromiso institucional traducido en decisiones políticas, y de cómo se acompañe e interprete este proceso desde la academia.

## COMPÊNDIO EDIÇÕES

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados.** Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1 – 32, 1998.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social.** Ano 1, n. 2 p. 33 – 50, 1998.

MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária.** Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68 – 94, 2000.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural.** Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42 – 49, 2004.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”: breve abordagem.** Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade.** Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

NEVES, Achilles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero.** Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico.** Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos.** Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária.** Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.

KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”: a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism.** Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005).** Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx.** Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.



CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso.** Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.

TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST.** Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.

BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX).** Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia.** Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.

MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la praxis desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST).** Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.

HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition.** Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar.** Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.

MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital.** Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária.** Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva.** Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária.** Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.

CHENG, T.J. **Overtime in China: law, practice and social exclusion.** Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos.** Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST.** Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia una Geografía útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España.** Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil.** Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS.** Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra.** Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas.** Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas.** Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”.** Ano 12, n. 15 p. 34– 65, 2009.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual.** Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização.** Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vitor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.

GÓMEZ, Sérgio. Urbanização e Ruralidade. **Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7– 21, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual.** Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya.** Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

PATIÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia.** Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.

VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala.** Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.

OLIVEIRA, Nallígia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas.** Ano 13, n. 17 p. 150-156, 2010.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.

JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.

SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo.** Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola.** Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais.** Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo.** Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campesinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14. n. 19 p. 44-58, 2011.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14. n. 19 p. 59-72, 2011.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico.** Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15. n. 20 p. 08-57, 2012.

VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglio jurídico.** Ano 15. n. 20 p. 99-130, 2012.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro.** Ano 15. n. 20 p. 131-155, 2012.

LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS.** Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.

CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul.** Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro.** Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 09 – 20, 2012.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais.** Ano 15, Edição Especial, p. 21 – 42, 2012.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, Edição Especial, p. 43 – 54, 2012.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 55 – 78, 2012.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, Edição Especial, p. 79 – 92, 2012.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Edição Especial, p. 93 – 102, 2012.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, Edição Especial, p. 103 – 126, 2012.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Edição Especial, p. 127 – 154, 2012.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, Edição Especial, p. 155 – 176, 2012.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Edição Especial, p. 177 – 184, 2012.



## COMPÊNDIO AUTORES

ACUÑA, Isaías Tobasura. **De campesinos a empresarios. La retórica neoliberal de la política agraria en Colombia.** Ano 12, n. 15 p. 07– 21, 2009.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Cultura, trabalho e lutas sociais entre trabalhadores agro-extrativistas do Rio Valparaíso na Amazônia acreana.** Ano 7, n. 5 p. 13 – 33, 2004.

ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Reflexões sobre a participação dos assentados nas eleições municipais.** Ano 8, n. 6 p. 59 – 74, 2005.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O conceito de região e a problemática dos assentamentos rurais.** Ano 1, n. 2 p. 74 – 93, 1998

ALMEIDA, Antônio Alves de. **A mística na luta pela terra.** Ano 8, n. 7 p. 22 – 34, 2005.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Análise preliminar da assistência técnica nos assentamentos de reforma agrária do Estado de Mato Grosso do Sul.** Ano 3, n. 3 p. 58 – 67, 2000.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 13, n. 16 p. 22-32, 2010.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar.** Ano 15, Edição Especial, p. 93 – 102, 2012.

AQUINO, Maria Lúcia Santos; LIMA, Eduardo Rodrigues Viana de; SILVA, Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e. **Manejo madeireiro na floresta estadual do Antimary, estado do Acre, Brasil.** Ano 14. n. 19 p. 104-135, 2011.

BAGLI, Priscilla. **O camponês nas análises de Rousseau, Michelet e Marx: diferenças e semelhanças.** Ano 7, n. 5 p. 63 – 72, 2004.

BARBAY, Claire. **Vers de nouvelles relations ville-campagne: les travailleurs ruraux et la création de nouveaux lieux.** Ano 9, n. 9 p. 1 – 27, 2006.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **A interdependência entre estado e MST na constituição de um assentamento de reforma agrária.** Ano 15. n. 20 p. 83-98, 2012.

BASU, Pratyusha. **Scale, place and social movements: strategies of resistance along India's Narmada river.** Ano 13, n. 16 p. 96-113, 2010.

BEM, Anderson; FABRINI, João Edmilson. **A comercialização informal de leite como componente de resistência camponesa em Marechal Cândido Rondon - PR.** Ano 8, n. 6 p. 14 – 23, 2005.

BENINI Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **Reforma agrária no contexto da economia solidária.** Ano 11, n. 13 p. 6 – 15, 2008.

BERNARDES, Júlia Adão. **Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica.** Ano 10, n. 10 p. 1 – 10, 2007.

- BEZERRA, Juscelino Eudâmidas. **Agronegócio e ideologia: contribuições teóricas**. Ano 12, n. 14 p. 112 – 124, 2009.
- BÔAS, Rafael Litvin Villas. **Terrorismo à brasileira: a retórica da vez da classe dominante contra o MST**. Ano 11, n. 13 p. 156 – 165, 2008.
- BRINGEL, Breno Marqués. **El lugar también importa. Las diferentes relaciones entre Lula y el MST**. Ano 9, n. 9 p. 28 – 48, 2006.
- BRUMER, Anita. ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar**. Ano 11, n. 12 p. 6 – 17, 2008.
- BRUMER, Anita. SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Estudos agrários no Brasil: modernização, violência e lutas sociais (desenvolvimento e limites da Sociologia Rural no final do século XX)**. Ano 9, n. 9 p. 49 - 73, 2006.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. **Conhecendo os camponeses-estudantes e o seus territórios no município de Paulicéia-SP: trabalho familiar, lazer e escola**. Ano 14, n. 18 p. 47-78, 2011.
- CANUTO, Antônio. **Agronegócio: a modernização conservadora que gera exclusão pela produtividade**. Ano 7, n. 5 p. 1 – 12, 2004.
- CAPOANE, Viviane; SANTOS, Danilo Rheinheimer dos. **Análise qualitativa do uso e ocupação da terra no assentamento Alvorada, Júlio de Castilhos – Rio Grande do Sul**. Ano 15. n. 20 p. 193-205, 2012.
- CARDOSO, Antonio Ismael; JOVCHELEVICH, Pedro; MOREIRA, Vladimir. **Produção de sementes e melhoramento de hortaliças para a agricultura familiar em manejo orgânico**. Ano 14. n. 19 p. 162-169, 2011.
- CARRASCO, Salvador Ferradás. **Desarrollo Local, Promoción y Publicidad: Criterios de Calidad Medioambiental y Territorial para la mejora de Ciudades Turísticas**. Ano 12, n. 15 p. 22–33, 2009.
- CARVALHO, Horácio Martins de. **Política compensatória de assentamentos rurais como negação da reforma agrária**. Ano 7, n. 5 p. 113 – 122, 2004.
- CAVALCANTE, Matuzalem. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso**. Ano 9, n. 8 p. 109 – 121, 2006.
- CAVALCANTE, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária**. Ano 11, n. 13 p. 16 – 25, 2008.
- CHENG, TJ. **Overtime in China: law, practice and social exclusion**. Ano 11, n. 13 p. 26 – 46, 2008.
- CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **O Movimento dos Atingidos por Barragem na Amazônia: um movimento popular nascente de “vidas inundadas”**. Ano 12, n. 15 p. 34–65, 2009.
- CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais**. Ano 14, n. 18 p. 79-105, 2011.

CUNHA, Paulo Roberto; MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de. **A terra prometida ainda é promessa... desapropriação da fazenda Nova Alegria pelo descumprimento do Código Florestal: conflito, impunidade e imbróglgio jurídico.** Ano 15, n. 20 p. 99-130, 2012.

DA ROS, César Augusto. **A política fundiária do governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul (1999-2002): diretrizes, luta política e resultados atingidos.** Ano 11, n. 13 p. 47 – 82, 2008.

DA ROS, César Augusto; PICCIN, Marcos Botton. **Os serviços de assessoria técnica e social aos assentamentos de reforma agrária: uma análise qualitativa das ações do projeto Lumiar no estado do Rio de Janeiro.** Ano 15, n. 20 p. 131-155, 2012.

DESMARAIS, Annette Aurélie. **La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses.** Ano 10, n. 10 p. 165 – 173, 2007.

Direção Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. **As mentiras do governo FHC sobre reforma agrária.** Ano 1, n. 1 p. 72 – 75, 1998.

DROULERS, Martine. **Brésil: l'enjeu des biocarburants.** Ano 11, n. 12 p. 18 – 30, 2008.

ECHENIQUE, Sergio Gómez. **Reflexiones sobre la dinámica reciente del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe.** Ano 15, n. 20 p. 08-57, 2012.

EDUARDO, Márcio Freitas. **O conceito de território e o agroartesanato.** Ano 11, n. 13 p. 83 – 101, 2008.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 9, n. 8 p. 29 – 51, 2006.

ELIAS, Denise. **Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão.** Ano 15, Edição Especial, p. 103 – 126, 2012.

ESTEVES, Benedita Maria Gomes. **A hierarquização dos espaços agrários na Amazônia Sul-Occidental: os assentados em áreas de preservação e os não assentados.** Ano 8, n. 7 p. 48 – 67, 2005.

ESTRADA, María de. **Geografía de la frontera: mecanismos de territorialización del agronegocio en frontera agropecuaria de Santiago del Estero, Argentina.** Ano 13, n. 17 p. 81-93, 2010.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 10, n. 11 p. 8 – 32, 2007.

FABRINI, João Edmilson. **A resistência camponesa para além dos movimentos sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 55 – 78, 2012.

FABRINI, João Edmilson; LUZ, Juan Artigas Souza; LACERDA, Celso Lisboa de. **A importância das culturas de milho e feijão para o desenvolvimento econômico de assentamentos de reforma agrária atendidos pelo projeto Lumiar – Paraná.** Ano 3, n. 3 p. 68 – 94, 2000.

FARIAS, Cleilton Sampaio; FARIAS, Cleisson Sampaio de Farias. **Os fundamentos e a expressão da questão agrária no Acre.** Ano 13, n. 17 p. 94-111, 2010.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária.** Ano 10, n. 11 p. 33 – 47, 2007.

FELICIANO, Carlos Alberto. **“Grilos” jurídicos no Pontal do Paranapanema: administrando os conflitos agrários.** Ano 10, n. 11 p. 48 – 60, 2007.

FELÍCIO, Munir Jorge. **Ação pastoral e questão agrária no Pontal do Paranapanema.** Ano 8, n. 7 p. 112 – 124, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A territorialização do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Brasil.** Ano 1, n. 1 p. 2 – 44, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural.** Ano 14, n. 18 p. 125-135, 2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 8, n. 6 p. 24 – 34, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos Sociais.** Ano 15, Edição Especial, p. 09 – 20, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de Reforma agrária.** Ano 1, n. 2 p. 1 – 32, 1998.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Assentamentos rurais no território da cana: controvérsias em cena.** Ano 10, n. 11 p. 61 – 80, 2007.

FILHO, José dos Reis Santos. **A instituição imaginária da Amazônia brasileira. Registros cognitivos e práticas sociais.** Ano 9, n. 9 p. 113 – 143, 2006.

FIRMIANO, Frederico Daia. **O novo colonialismo transnacional e a experiência brasileira do agronegócio.** Ano 13, n. 16 p. 48-62, 2010.

FREITAS, Alair Ferreira de; BOTELHO, Maria Isabel Vieira. **“Campepinato como ordem moral”: (re)visitando clássicos e (re)pensando a economia camponesa.** Ano 14, n. 19 p. 44-58, 2011.

GALAFASSI, Guido. **Economía regional y emergencia de movimientos agrarios. La región Chaqueña de los años setenta.** Ano 10, n. 10 p. 11 – 36, 2007.

GIARRACA, Norma. GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. **Estrategias de vida, estrategias de lucha: apuntes de un trabajo de campo: el MST, São Paulo, Brasil (Reunión del GTDR – CLACSO, agosto/setiembre de 2005).** Ano 8, n. 7 p. 141 – 155, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Cooperação, competição e resistência nas associações de municípios: a AMNAP e o desenvolvimento regional da Nova Alta Paulista.** Ano 11, n. 12 p. 31 – 56, 2008.

GIL, Izabel Castanha. FERNANDES, Bernardo Mançano. **Regiões contidas e desenvolvimento territorial: uma reflexão sobre o desenvolvimento contemporâneo da Nova Alta Paulista.** Ano 8, n. 6 p. 75 – 91, 2005.

GIL, Izabel Castanha. **Territorialidade e desenvolvimento contemporâneo.** Ano 7, n. 4 p. 5 – 19, 2004.

GÓMEZ, Sérgio. Urbanização e Ruralidade. **Os condomínios e os conselhos de desenvolvimento social.** Brasília: MDA, 2009 (resenha). Ano 12, n. 15 p. 136–138, 2009.

- GONÇALVES, Renata. **Impactos da reorganização espacial dos novos modelos de assentamentos nas relações de gênero.** Ano 7, n. 5 p. 43 – 55, 2004.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 9, n. 8 p. 1 – 28, 2006.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. CINTRÃO, Rosângela Pezza. **Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro.** Ano 15, Edição Especial, p. 127 – 154, 2012.
- HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Biofuels: five myths of the agro-fuels transition.** Ano 10, n. 10 p. 151 – 164, 2007.
- JESUS, José Novaes. **A pedagogia da alternância e o debate da Educação do/no campo no estado de Goiás.** Ano 14, n. 18 p. 7-20, 2011.
- JÚNIOR, José Arbex. **Você tem fome do que?** Ano 9, n. 8 p. 173 – 185, 2006.
- KARRIEM, Abdurazack. **“Marching as to war”:** a letter from Brazil to South Africa about landlessness, agrarian reform and social movement struggles against Neoliberalism. Ano 8, n. 6 p. 1 – 13, 2005.
- LARA JÚNIOR, Nadir. **Análise das principais influências ideológicas na constituição do MST.** Ano 15. n. 20 p. 156-174, 2012.
- LEITE, Sérgio. **Seis comentários sobre seis equívocos a respeito da reforma agrária no Brasil.** Ano 9, n. 9 p. 144 – 158, 2006.
- LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum.** Ano 8, n. 7 p. 125 – 140, 2005.
- MACEDO, Giovanni Raimundo de; BINSZTOK, Jacob. **Associações dos agricultores familiares, cafeicultura orgânica e comércio justo na Amazônia: dilemas e perspectivas.** Ano 10, n. 10 p. 37 – 56, 2007.
- MACHADO, Antonio Maciel Botelho; CASALINHO, Helvio Debli. **Crítica à pluriatividade e suas relações com o campesinato e a reforma agrária.** Ano 13, n. 17 p. 65-80, 2010.
- MARCOS, Valéria de. **Da luta para entrar na terra à luta para permanecer na terra: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos.** Ano 1, n. 2 p. 51 – 73, 1998.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 11, n. 12 p. 57 – 67, 2008.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** Ano 15, Edição Especial, p. 43 – 54, 2012.
- MARTÍN, Víctor O. Martín. **De cómo se evita hoy la aplicación de la reforma agraria en el Surde España.** Ano 10, n. 11 p. 81 – 108, 2007.
- MCMICHAEL, Philip. **Reframing development: global peasant movements and the new agrarian question.** Ano 10, n. 10 p. 57 – 71, 2007.
- MELLO, Neli Aparecida de. **E a política agrícola transforma-se em instrumento do desenvolvimento sustentável....** Ano 11, n. 12 p. 68 – 85, 2008.

MELLO-THÉRY, Neli Aparecida de; VAN TILBEURGH, Veronique. **Da teologia da libertação ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: os mecanismos políticos e sociais de sua interpretação.** Ano 14, n. 19 p. 59-72, 2011.

MENDES, Eduardo Roberto; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Algumas considerações sobre o geógrafo anarquista Piotr Kropotkin e a comunidade rural Yuba em Mirandópolis (SP).** Ano 10, n. 11 p. 109 – 121, 2007.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. ALMEIDA, Maria Geralda de. **Um olhar sobre as redes de sociabilidade construídas do território das fabriquetas de queijo.** Ano 9, n. 8 p. 133 – 150, 2006.

MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje.** Ano 9, n. 8 p. 151 – 172, 2006.

MONDARDO, Marcos Leandro. **A “territorialização” do agronegócio globalizado em Barreiras- BA: migração sulista, reestruturação produtiva e contradições sócio-territoriais.** Ano 13, n. 17 p. 112-130, 2010.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 10, n. 10 p. 72 – 93, 2007.

MOREIRA, Emilia; TARGINO, Ivan. **De território de exploração a território de esperança: organização agrária e resistência camponesa no semi-árido paraibano.** Ano 15, Edição Especial, p. 155 – 176, 2012.

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. **Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas.** Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2000.

MOREIRA, Vagner José. **A criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra: mundos dos trabalhadores, questão agrária e o “levante comunista” de 1949 em Fernandópolis-SP.** Ano 13, n. 16 p. 114-129, 2010.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação do Campo na encruzilhada entre emancipação versus reino do capital: uma leitura filosófica.** Ano 14, n. 18 p. 106-124, 2011.

NERA - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Projetos de Reforma Agrária. **DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra.** Ano 3, n. 3 p. 7 – 27, 2000.

NETO, Domingos José de Almeida. **O Método do discurso.** Ano 7, n. 5 p. 73 – 85, 2004.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos movimentos sociais aos sócio-espaciais e socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos “movimentos” pela perspectiva geográfica.** Ano 7, n. 5 p. 35 – 42, 2004.

NEVES, Delma Pessanha. **Campesinato e reenquadramento sociais: os agricultores familiares em cena.** Ano 8, n. 7 p. 68 – 93, 2005.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues; SERRANO, José Antonio Segrelles. **Análise agrária da multifuncionalidade da terra na província de Alicante-Espanha.** Ano 12, n. 14 p. 28 – 47, 2009.

OCADA, Fabio Kazuo; MELO, Beatriz Medeiros de. **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva**. Ano 11, n. 12 p. 117 – 136, 2008.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Prescrições agroecológicas para a crise atual**. Ano 13, n. 16 p. 33-47, 2010.

OLIVEIRA, Gustavo de L. T. **Uma descrição agroecológica da crise atual**. Ano 12, n. 15 p. 66– 87, 2009.

OLIVEIRA, Nallgia Tavares de. **Entrevista com Valmir Ulisses Sebastião – Ocupações de terra: mudanças e perspectivas**. Ano 13, n. 17 p.150-156, 2010.

ORIGUÉLA, Camila Ferracini. **O partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro**. Ano 15. n. 20 p. 206-207, 2012.

PASQUETTI, Luis Antônio. **O MST como uma empresa social**. Ano 1, n. 2 p. 33 – 50. 1998.

PATIÑO, Luís Carlos Agudelo. **Campesinos sin tierra, tierra sin campesinos: territorio, conflicto y resistencia campesina en Colômbia**. Ano 13, n. 16 p. 81-95, 2010.

PAULA, Elder Andrade de. **O movimento sindical dos trabalhadores rurais e a luta pela terra no Acre: conquistas e retrocessos**. Ano 7, n. 5 p. 86 – 101, 2004.

PAULA, Elder Andrade de. SILVA, Silvio Simione da. **Floresta, para que te quero? Da territorialização camponesa a nova territorialidade do capital**. Ano 11, n. 12 p. 86 -97, 2008.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes**. Ano 11, n. 13 p. 102 – 117, 2008.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 9, n. 8 p. 52 – 73, 2006.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Capitalismo rentista e luta pela terra: a fragilidade do parâmetro de renda monetária no estudo dos assentamentos rurais**. Ano 15, Edição Especial, p. 21 – 42, 2012.

PAVAN, Dulcinéia. **O caminho feminino para a reforma agrária**. Ano 3, n. 3 p. 28 – 44, 2000.

PERCÍNCULA, Analia; JORGE, Andrés; CALVO, Claudia; MARIOTTI, Daniela; DOMÍNGUEZ, Diego; ESTRADA, Maria de; CICCOLELLA, Mariana; BARBETTA, Pablo; SABATINO, Pablo; ASTELARRA, Sofia. **La violencia rural en la Argentina de los agronegocios: crónicas invisibles del despojo**. Ano 14. n. 19 p. 08-23, 2011.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005)**. Ano 8, n. 6 p. 92 – 117, 2005.

PICCIN, Marcos Botton et al. **Análise do processo de constituição e desestruturação da cooperativa de agricultores assentados Terra Vida – COOPERVIDA, RS**. Ano 12, n. 14 p. 72 – 96, 2009.

PONTE, Karina Furini da. **(Re) Pensando o Conceito do Rural**. Ano 7, n. 4 p. 20 – 28, 2004.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx**. Ano 8, n. 7 p. 35 – 47, 2005.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **A educação do campo no Brasil e a construção das escolas do campo**. Ano 14, n. 18 p. 37-46, 2011.

QUIJANO, María Adelaida Farah. CORREA, Edelmira Pérez. **Mujeres rurales y nueva ruralidad en Colombia**. Ano 9, n. 9 p. 73 – 88, 2006.

RAMALHO, Cristiane Barbosa. **Quem são os sem-terra? Uma questão relevante para a compreensão da luta pela terra no Brasil**. Ano 1, n. 1 p. 59 – 72, 1998.

RAMÍREZ, Milena Barrera. **Aproximación histórica al cooperativismo y su relación con la praxis desarrollada por el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST)**. Ano 10, n. 10 p. 94 – 114, 2007.

RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato**. Ano 8, n. 6 p. 46 – 58, 2005.

REITER, Bernd. **A genealogy of Black organizing in Brazil**. Ano 12, n. 14 p. 48 – 62, 2009.

RIBAS, Alexandre Domingues. **MST: reorganização político-territorial dos assentamentos e a consolidação do sistema cooperativista dos assentados**. Ano 1, n. 1 p. 45 – 58, 1998.

RINCÓN, Luis Felipe. **¡Hombres de maíz! Una mirada a la actualidad organizativa campesina en Guatemala**. Ano 13, n. 17 p. 49-64, 2010.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Memória e atualização de sentidos em três atos do discurso jornalístico**. Ano 7, n. 5 p. 56 – 62, 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Muito além de giz e lousa: análise do litígio discursivo em torno da questão agrária**. Ano 11, n. 12 p. 98 – 107, 2008.

ROOS, Djoni. **Lutas camponesas e diferentes atividades associativas nos assentamentos de sem-terra**. Ano 12, n. 14 p. 97 – 111, 2009.

ROSSETTO, Onélia Carmem. **Sustentabilidade Ambiental do Pantanal Mato-Grossense: Interfaces entre Cultura, Economia e Globalização**. Ano 12, n. 15 p. 88–105, 2009.

ROSSI, Virginia. **La producción familiar en la cuestión agraria uruguaya**. Ano 13, n. 16 p. 63-80, 2010.

SANTONJA, Jordi Tormo i. **Hacia una Geografía útil: el papel de la Geografía en el siglo XXI en España**. Ano 12, n. 14 p. 7– 27, 2009.

SANTOS, Anderson Luiz Machados dos; DE DAVID, Cesar. **Luta pela terra e disputas territoriais na região da campanha gaúcha: o processo de formação do assentamento Conquista do Caiboaté em São Gabriel – RS**. Ano 15. n. 20 p. 175-192, 2012.



SANTOS, Maria Edilúzia Leopoldino. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Ano 9, n. 9 p. 89 – 112, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio; MONDARDO, Marcos Leandro. **A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais.** Ano 11, n. 13 p. 118 – 127, 2008.

SAUER, Sérgio. TUBINO, Nilton Luis Godoy. **A sustentação financeira de organizações do patronato rural brasileiro.** Ano 10, n. 11 p. 131 – 148, 2007.

SEGRELLES, José Antonio. **La ecología y el desarrollo sostenible frente al capitalismo: una contradicción insuperable.** Ano 11, n. 13 p. 128 – 143, 2008.

SHANIN, Teodor. **Definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista.** Ano 8, n. 7 p. 1 – 21, 2005.

SHIMBO, Júlia Zanin; JIMÉNEZ-RUEDA, Jairo Roberto. **Zoneamento geoambiental como subsídio aos projetos de reforma agrária. Estudo de caso: assentamento rural Pirituba II.** Ano 10, n. 10 p. 115 – 133, 2007.

SILVA, Emerson Xavier da. **Entrevista a James Cockcroft.** Ano 10, n. 11 p. 149 – 169, 2007.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 13, n. 16 p. 7-21, 2010.

SILVA, José Graziano; GÓMEZ, Sergio; CASTAÑEDA, Rodrigo. **“Boom” agrícola e persistência da pobreza na América Latina: algumas considerações.** Ano 15, Edição Especial, p. 79 – 92, 2012.

SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. **Do sonho à devastação onde tudo se (RE)constrói: experiências e memórias nas lutas por terra da região do Cariri-CE.** Ano 12, n. 14 p. 125 – 141, 2009.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. MARTINS, Rodrigo Constante. OCADA, Fábio Kazuo. GODOI, Stela. MELO, Beatriz Medeiros de. VETTORACCI, Andréia. BUENO, Juliana Dourado. RIBEIRO, Jadir Damião. **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado.** Ano 9, n. 8 p. 74 – 108, 2006.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 7, n. 4 p. 42 – 49, 2004.

SILVA, Silvio Simione da. **O espaço agrário acreano nas últimas décadas do século XX.** Ano 15, Edição Especial, p. 177 – 184, 2012.

SILVA, Simone Rezende da. **A trajetória do negro no Brasil e a territorialização quilombola.** Ano 14. n. 19 p. 73-89, 2011.

SILVA, Tânia Paula da. **As redefinições do “rural”: breve abordagem.** Ano 7, n. 4 p. 50 – 55, 2004.

SIMONETTI, Mirian Claudia Lourenção. **A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo.** Ano 10, n. 11 p. 122 – 130, 2007.

- SOARES, Jorge Luís Nascimento. **Assentamentos de reforma agrária na defesa e conservação do cerrado: o caso da região sul do Maranhão.** Ano 11, n. 13 p. 144 – 155, 2008.
- SOARES, Jorge Luís Nascimento; ESPINDOLA, Carlos Roberto. **Geotecnologias no planejamento de assentamentos rurais: premissa para o desenvolvimento rural sustentável.** Ano 11, n. 12 p. 108 – 116, 2008.
- SOARES, Venozina de Oliveira; ROCHA, Luciana Oliveira. **A evolução da estrutura agrária do município de Barra do Choça-BA.** Ano 13, n. 17 p. 131-149, 2010.
- SORZANO, Angelina Herrera; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva. **O papel e os desafios da organização camponesa em Cuba: entrevista com o dirigente da Associação Nacional dos Agricultores Pequenos (ANAP), Mario La O Sosa.** Ano 14. n. 19 p. 136-151, 2011.
- SOUZA, Francilane Eulália de. **Os colégios rurais agrupados na Espanha: lugar de fortalecimento do campesinato?** Ano 14, n. 18 p. 21-36, 2011.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Nota: a permanência na transformação e a transformação da permanência.** Ano 13, n. 17 p. 157-159, 2010.
- SUZUKI, Júlio César. **Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação.** Ano 10, n. 10 p. 134 – 150, 2007.
- TEUBAL, Miguel. **La renta de la tierra en la economía política clásica: David Ricardo.** Ano 9, n. 8 p. 122 – 132, 2006.
- THÉRY, Hervé et al. **Geografias do trabalho escravo contemporâneo no Brasil.** Ano 13, n. 17 p. 7-28, 2010.
- VANDEN, Harry E. **Novos movimentos sociais, globalização e democratização: a participação do MST.** Ano 12, n. 14 p. 63 – 71, 2009.
- VELTMEYER, Henry. **Dynamics of agrarian transformation and resistance.** Ano 13, n. 17 p. 29-49, 2010.
- VELTMEYER, Henry. **El itinerario de desarrollo como un idea.** Ano 14. n. 19 p. 24-43, 2011.
- VIDAL, Déa de Lima; ALENCAR, João Vítor de Oliveira. **Diferenciação camponesa na Depressão Sertaneja Semi-Árida do Ceará.** Ano 12, n. 15 p. 106–135, 2009.
- VIEIRA, Flávia Braga. **Lutas camponesas na escala internacional: um estudo sobre a Via Campesina.** Ano 15. n. 20 p. 58-82, 2012.
- VIEIRA, Noemia Ramos. **O conhecimento geográfico veiculado pelos parâmetros curriculares nacionais de geografia e o espaço agrário brasileiro: reflexões para uma geografia crítica em sala de aula.** Ano 7, n. 4 p. 29 – 41, 2004.
- VILLELA, Fábio Fernandes. **Práticas educativas comparadas em educação do campo e os desafios da formação omnilateral na América Latina.** Ano 14. n. 19 p. 90-103, 2011.
- WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; MACIEL, Carlos Alberto da Rosa; NEVES, Anderson Souto. **A influência dos processos contemporâneos na alimentação: uma proposta de reflexão.** Ano 14. n. 19 p. 152-161, 2011.

WELCH, Clifford Andrew. **Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional.** Ano 8, n. 6 p. 35 – 45, 2005.

WELCH, Clifford Andrew. **Movement histories: a preliminary historiography of the Brazil's landless laborers' movement (MST).** Ano 9, n. 9 p. 159 – 168, 2006.

WELCH, Clifford Andrew. **Peasants and globalization in Latin America: a survey of recent literature.** Ano 7, n. 5 p. 102 – 112, 2004.

WITTMAN, Hannah. **Agrarian reform and the production of locality: resettlement and community building in Mato Grosso, Brazil.** Ano 8, n. 7 p. 94 – 111, 2005.